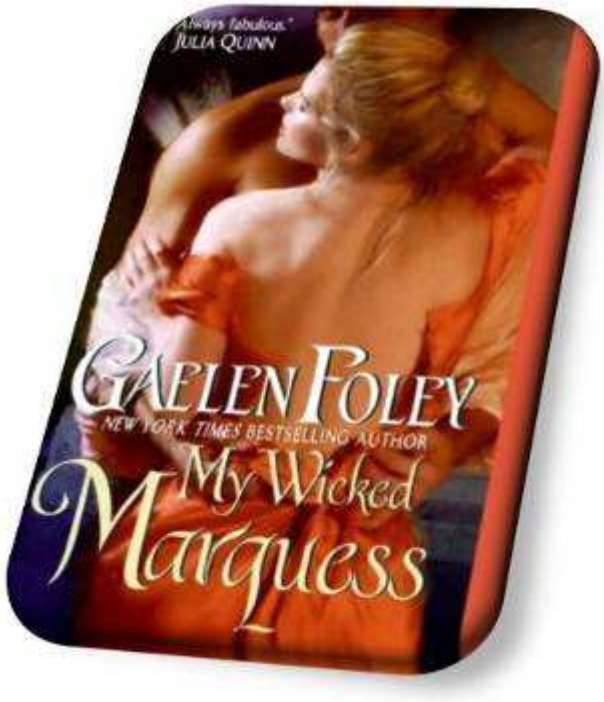
TWKliek apresenta:



Gaelen Foley

Meu Perverso Marquês

Série O Clube Inferno 01

Para a aristocracia londrina, o Clube Inferno é uma escandalosa sociedade composta por membros aos que nenhuma dama que se aprecie gostaria de conhecer. Mas apesar de que são publicamente célebres por dedicar-se à libertinagem em todas suas formas, em privado são guerreiros que fariam tudo para proteger a seu rei e a sua pátria. O Marquês de Rotherstone decidiu que chegou o momento de recuperar o bom nome da família. Mas como membro do Clube Inferno, sabe que o único modo de redimir-se ante os olhos da sociedade é casar-se com uma dama de beleza e linhagem impecáveis, cuja reputação esteja acima de toda recriminação. Alguém muito diferente de Daphne Starling. Certo que é uma bonita tentação, mas um pretendente despeitado arruinou virtualmente sua reputação. Mesmo assim, Max não pôde resistir a seu encanto... ou a provocação de demonstrar que os rumores que circulam por Londres se equivocam. Assim fará o possível para ganhar sua mão... e demonstrar que até mesmo um perverso marquês pode ser o marido perfeito.

Disp em Esp: *MR*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Waleria*
Revisão Final: *Matias Jr.*
Formatação: *Greicy*
TWKliek

Comentário da Revisora Waleria: Adorei o livro. A princípio dá vontade de estrangular a mocinha, mas depois fica muito legal. Tem cenas hot, suspense e ação. No final dá um gostinho de quero mais.

Comentário do Revisor Matias Jr.: Um livro empolgante... Não tem violência explícita e não é muito "hot", mas, é sensual. Os personagens nos cativam desde o início e nos faz ler até o final o mais rápido possível. Como é meio longo, é um passatempo para vários dias de boa leitura.

Prólogo

1 de Setembro de 1815.

Apreciado lorde Rotherstone:

Se está lendo isto, então devo lhe dar com supremo gosto a bem-vinda a Londres depois de suas longas e perigosas viagens. Em sua ausência me encomendou uma tarefa nada desprezível, mas avancei com ímpeto e agora me agrado em apresentar os frutos de meu trabalho. Depois de meses de realizar as averiguações que solicitou e de utilizar os insólitos métodos de investigação que me ensinou, confeccionei a lista que desejava: cinco das aristocratas casadoiras mais cobiçadas de Londres para que você as estude.

Ouso dizer que estas cinco excelentes jovens damas cumprem com todo rigor seus requisitos de saúde, juventude, educação, beleza, temperamento agradável, boa família e, acima de tudo, uma reputação irrepreensível. Os nomes de suas possíveis noivas são os seguintes:

1. Senhorita Zoe Simms: dezenove anos, excelente voz para o canto, altamente qualificada. Sobrinha do duque de Rowland.

2. Senhorita Anna Bright: dezoito anos. Filha do bispo de Norwell. Ensaísta em florações com uma primeira obra publicada: Virtudes de uma jovem dama.

3. Senhorita Hypatia Glendale: vinte e um anos. Conhecida por ser uma apaixonada esportista e caçadora. Participa de caçadas de raposas.

4. Senhorita Adora Walker: dezesseis anos. Embora mal acaba de sair da academia para senhoritas, é considerada a maior beleza que a sociedade viu em muitos anos e, portanto, em um prêmio cobiçado.

5. A honorável senhorita Daphne Starling: vinte anos. Uma beldade destacada da sociedade, conhecida por sua bondade com os estranhos... mas problemática, milord. Tome cuidado! (Veja-se pós-escrito.)

Estou a seu serviço para falar de minhas indagações com maior detalhe, embora suponha que sua senhoria desejará prosseguir com a investigação em pessoa a partir deste ponto. Todos

meus arquivos a respeito estão a seu dispor assim que deseje que os envie. (Tal como ordenou, elaborei um expediente de cada jovem que contém informação biográfica mais pormenorizada, assim como um calendário social vindouro e os habituais horários semanais. Isto deveria facilitar a sua senhoria a observação de cada uma delas segundo sua conveniência.)

Com todos meus respeitos, seu seguro servidor,

Sr. Oliver Smith

Advogado e homem de negócios.

Pós-escrito: A respeito da dama número cinco, senhor, possivelmente deseje riscá-la de sua lista sem demora, pois no curso das passadas semanas Daphne Starling se viu salpicada por um desafortunado escândalo. O motivo não é outro que o recente rechaço da jovem a um pretendente, um distinto dandi que responde no nome de lorde Albert Carew. Portanto, temo que a senhorita Starling começa a granjear a reputação de cabeça-de-vento.

Capítulo 1

Entrou no reino das almas perdidas em uma carruagem descoberta de duas rodas levado por um só cavalo. Acompanhada por um lacaio e sua donzela, deixou atrás a segurança da transitada Strand e se aventurou no sombrio labirinto.

O cavalo sacudiu a cabeça a modo de protesto, mas obedeceu ao incentivo de William, entrando com passo nervoso no beco entre os abarrotados edifícios. Por cima deles, parcialmente obscurecidos pela densa névoa matutina, elevavam-se imponentes os grandes blocos de casas vicinais, tão formidáveis como torra medievais. O som dos cascos de seu fiel castrado ressonava em qualquer parte nos imundos tijolos e pedras, mas pouco mais se escutava a essas horas. Aquele bairro mal afamado ganhava vida só de noite. Não havia a menor dúvida de que se encontravam longe dos verdes e cuidados jardins da elegante vila de seu pai.

Aquele não era lugar para uma dama.

Não obstante, naqueles momentos, preocupava-lhe cada vez menos o que o mundo pensasse de Daphne Starling. Perder sua reputação resultou ser estranhamente liberador. Proporcionou-lhe uma nova perspectiva das coisas, e a impulsionou a centrar sua atenção naquilo que mais importava: ajudar as crianças a sair daquele mundo de pesadelo.

Farrapos de névoa passavam junto a sua pequena carruagem descoberta, carregado de sacos com provisões para o orfanato que juntou desde sua visita na semana anterior.

Apesar de levar um tempo frequentando aquele lugar, as condições do bairro continuavam escandalizando-a. Um cão vira-lata, com as costelas marcadas sob a pele, escavava em um montão de lixo em busca de comida. Um fedor insalubre impregnava o ar e nem a brisa fresca nem o sol podiam penetrar nos estreitos e sinuosos becos. As pessoas viviam ali sumidas em uma constante penumbra devido à proximidade dos edifícios, cujas janelas quebradas representavam as vidas de todos aqueles que, simplesmente, renderam-se.

Aqui e lá se viam mendigos dormindo: vultos inertes, sem forma, dispersados junto às

valetas. Uma lúgubre atmosfera de desespero se abatia sobre aquele lugar. Daphne sentiu um calafrio e se encolheu no casaco. Possivelmente não deveria estar ali; às vezes se sentia como se levasse uma vida dupla. Mas sabia o que era ficar órfã ainda criança. Ao menos ela ainda tinha o carinho de seu pai, um lar seguro e um prato de comida na mesa. Em qualquer caso, foi sua mãe quem lhe inculcou desde pequena seus deveres para os mais desfavorecidos, como mulher de boa posição que era.

E sobre tudo, no fundo de seu coração, sabia que se alguém não entrasse nos lugares escuros do mundo e desse um pouco de amor àqueles que não têm ninguém, a vida não tinha verdadeiro sentido. Muito menos a vida excessivamente indulgente da qual ela sempre gozou por ser a única filha de um visconde de grande fortuna e de uma estirpe tradicional. Apesar disso, por muitos que fossem os privilégios que seu nascimento a outorgou, não desejava acabar convertendo-se em uma daquelas criaturas egoístas e enganosas, como muitas das que havia na sociedade, que ultimamente lhe viraram as costas sem o menor problema.

Em sua mente apareceu a fugaz imagem do rosto jactancioso de Albert Carew, mas cada vez que pensava em sua romântica proposição, lhe dava vontade de gritar.

O distinto dandi e a célebre beldade; um casal perfeito! O que me diz? A arrogância do Albert fazia com que este fosse felizmente inconsciente de quão detestável chegava a ser.

Na vida de Albert Carew, só havia espaço para um amor verdadeiro: ele mesmo. Daphne chiou os dentes e o expulsou da mente enquanto William virava para o Bucket Lane, onde o lúgubre orfanato se elevava em meio da miséria. Bucket Lane, ou O Balde dos Desperdícios, tal e como os toscos residentes a apelidavam zombeteiramente, era uma rua onde o pecado rivalizava de forma aberta com a virtude. Por desgraça, a escuridão parecia estar ganhando.

Apesar disso a uma pequena igreja que ainda apresentava uma batalha ao final da rua, como um último anjo de pedra desmoronado que contemplava o lugar com abatimento, havia um enorme e buliçoso bordel na esquina, um botequim do outro lado da via e uma casa de jogo clandestino umas portas mais à frente. No mês anterior ocorreu um assassinato no beco. Dois agentes do Bow Street foram fazer perguntas, mas foi impossível encontrar a alguém disposto a cooperar, por isso os representantes da lei não retornaram por ali.

A vida no Bucket Street continuava como de costume.

— Poderia me repetir o que estamos fazendo aqui, senhorita? — Sua donzela, Wilhelmina, jogou uma olhada enquanto seguiam percorrendo a rua.

— Vamos a caça, imagino — balbuciou William, o irmão gêmeo da Wilhelmina.

Embora podia haver algo de verdade nisso, Daphne o olhou com desaprovação. A aqueles dois irmãos, criados no campo, os conhecia na residência dos Starling como os dois Willies. Eram bondosos e extremamente leais, tal e como demonstravam acompanhando-a todas as semanas ao orfanato.

— Olhe para a janela, William. — Daphne levantou a cabeça enquanto saudava com a mão enluvada. — Eles são a razão de que estejamos aqui.

Carinhas cheias de excitação olhavam atentamente através das sujas janelas, devolvendo a saudação com suas mãozinhas.

William pigarreou sonoramente.

— Suponho que tem razão, senhorita.

Daphne ofereceu um sorriso de aprovação ao lacaio.

— Não se preocupe, Will. Não demoraremos muito. Possivelmente uma hora.

— Meia hora? — Implorou ele quando a carruagem chegou ao orfanato. — Hoje não temos Davis conosco, senhorita.

— Certo.

Normalmente levava dois lacaios consigo, mas esse dia sua madrasta, sem dúvida de propósito, insistiu em que o corpulento Davis ficasse em casa para ajudá-la a trocar a disposição dos móveis do salão. *Pela enésima vez*. A intrometida da Penelope era a rainha das tarefas inúteis, assim como dos cabeças de vento. O desastre de Albert foi a ideia de sua madrasta desde o começo, uma descarada tentativa de fazer de casamenteira em sua impaciência para tirar Daphne de casa.

— Muito bem — concedeu a contra gosto. — Farei o que puder para não me exceder a meia hora.

William lhe lançou um olhar agradecido e puxou o freio.

— Senhorita Starling! Senhorita Starling! —gritou uma voz estridente quando Daphne desembarcou do veículo. Jogou uma olhada e viu correr por volta dela a um dos garotos mais velhos que deixou o orfanato no ano anterior.

— Jemmy! — Era magro e se vestia com farrapos, mas mesmo assim era capaz de esboçar um alegre sorriso. Saudou-o com um abraço maternal. — OH, perguntava-me o que aconteceu com você! Onde esteve?

— Aqui e lá, senhorita!

A jovem o agarrou pelos ombros e viu que era quase tão alto como ela.

— Cresceu desde a última vez que te vi! Quantos anos tem já?

— Acabo de fazer treze! — repôs com orgulho.

Daphne lhe sorriu.

— Existe alguma possibilidade de que tenha mudado de opinião e queira trabalhar como aprendiz? Conheço um estabelecimento de reparação de rodas no que procuram um moço honrado.

O jovem se mofou e logo, ao ver que ela franzia o cenho muito séria, lembrou-se de pôr em prática as maneiras que o ensinaram.

— Sinto muito, senhorita. — Baixou a cabeça. — Pensarei.

— Faça-o. — Ainda não estava preparada para catalogar a Jemmy como um de seus fracassos, mas o menino ia pelo mau caminho. Já deixou dois empregos que conseguiu para ele, assanhado com a vida fácil dos criminosos aos que admirava. — Não rompa meu coração, Jem. Se os agentes da lei o pegam cometendo maldades, não serão clementes contigo. Pouco os importa que não seja mais que um menino. O enviarão a Austrália.

— Eu não fiz nada mau! — exclamou com a faísca de um sedutor inato; o moço não era mau ator.

— Quase te acredito.

Olhou-o com dissimulação e em seguida reparou no homem que estava de pé ao outro lado da rua enquanto o bando local vigiava. O desalinhado valentão, que fumava um charuto e permanecia apoiado na entrada do botequim, não lhe tirava a vista de cima. Tocou a asa do chapéu quando ela o inspecionou e a brindou com um amplo sorriso lascivo mais ameaçador que amistoso. Seu olhar fez que ficasse tensa, dando-se conta de que era melhor que voltasse para dentro.

Não obstante, devolveu a saudação com um rígido gesto de assentimento, sem atrever-se a demonstrar falta de respeito naquele lugar. Em geral não a incomodavam porque sabiam que não estava ali para causar problemas, a não ser para ajudar aos filhos deles mesmos que haviam abandonado. Os pequenos residentes do orfanato estavam catalogados como órfãos, e embora alguns dos progenitores haviam falecido em realidade, à maioria dos meninos simplesmente foram abandonados.

Daphne não sabia o que era pior.

A única coisa que sabia com certeza era que precisava tirar essas crianças dali o quanto antes possível. Esteve ocupada procurando uma melhor localização para o orfanato durante um ano e meio, pressionando a todos seus velhos amigos para que contribuíssem à boa causa. Inclusive achou uma propriedade ideal a venda, um antigo internato que poderia ter abrigado o orfanato, mas apesar de seus esforços não conseguiu a soma que pediam por ela.

Bem, mais me vale que ocorra algo logo, pensou enquanto Wilhelmina e ela descarregavam um saco da parte posterior do veículo. Os jovens cresciam muito rápido naquele lugar e, se ninguém interviesse, os moços como Jemmy estavam virtualmente obrigados a converter-se em membros dos violentos bandos locais. Um destino pior, muito horrível para imaginar, aguardava as bonitas meninas. Daphne lançou um olhar de ódio por cima do ombro para o bordel da esquina. A seu modo de ver aquilo era pior que os botequins, pois o que acontecia em seu interior se iludia do amor.

O amor era a única esperança que tinham aqueles meninos... ou qualquer outro, para o caso.

Bom, pois Por Deus que nenhuma de suas meninas ia acabar naquele lugar onde se comercializava com a vida da mulher. Simplesmente teria que trabalhar com maior afinco. Encontraria um modo. Acima de tudo, não podia permitir o luxo de que Albert infligisse mais dano a sua reputação, pois compreendia muito bem que, se ele conseguisse que a alta sociedade lhe voltasse as costas, todos seus esforços por arrecadar dinheiro para transferir o orfanato a um local mais seguro seriam em vão.

Essas crianças dependiam dela. Em poucas palavras: não tinham a ninguém mais. Daphne carregou o saco no ombro e esboçou um sorriso despreocupado pelo bem dos pequenos, que a receberam ao entrar com uma buliçosa saudação de agudas vozes que lhe chegou à alma.

Que demônios está fazendo essa jovem ali? A possível noiva número cinco não deixava de surpreendê-lo. *Trinta minutos* Jogou uma olhada a seu relógio de bolso para confirmar a hora e ato seguido voltou a fechá-lo. Sacudindo suavemente a cabeça para si, Max St. Albans, marquês de Rotherstone, o guardou no bolso superior do colete negro e prosseguiu com a vigilância.

No prosseguimento de uma minuciosa investigação, a seguiu até aquele buraco esquecido por Deus na zona mais miserável de Londres, e se postou em frente ao edifício onde foi a jovem. Ignorou à prostituta que lhe mordiscava a orelha enquanto espiava com sua pequena luneta de bolso através das vulgares cortinas do terceiro andar do bordel.

— Reservou o quarto durante uma hora, encanto, e está tudo incluído. Está seguro de que não quer brincar?

— Muito seguro — murmurou enquanto estudava a carruagem da senhorita Starling e a seu lacaio, um corpulento moço que deixou aos cuidados dos cavalos.

Curiosamente, antes de entrar, a senhorita Starling girou e elevou a vista para o bordel, como se pudesse sentir que a estavam observando. Um excitante estremecimento percorreu o corpo de Max em resposta.

A ampla asa do chapéu ocultava o seu rosto; naturalmente, usava como disfarce preventivo para não mostrar seus encantos naquele lugar. O simples vestido de passeio de cor bege e o envolvente chapéu obedeciam sem dúvida a esse propósito. Mas aquele breve instante, deixou o que com um maior anseio, se cabia, de contemplar sua famosa beleza dourada.

De momento achou prudente não tirar a vista de cima do solitário lacaio. Deus bendito, aquele corpulento granjeiro estava fora de seu elemento. Era aquele todo o amparo com quem supostamente ela contava? Até mesmo Max, que recebera adestramento nas artes do combate, tão exóticas como mundanas, não se aventurava em lugares como aquele tranquilamente.

No reduzido círculo da luneta pôde ver o jovem servente jogar uma olhada com inquietação à estreita e suja rua. O robusto criado se mantinha firme, mas parecia ligeiramente aterrorizado, e razões não lhe faltavam. Por sorte, o espevitado moço de aspecto descuidado que abraçou a senhorita Starling andava ainda por ali, talvez para prestar apoio moral ou disposto a falar em favor dos benfeitores, esperava Max, em caso de que algum rufião incomodasse ao trio.

O moço não só parecia mais fanfarrão que o lacaio, mas sim além disso, pensou Max com certa tristeza, recordava a si mesmo quando tinha sua idade. Todo farrapos e arrogância, com os bolsos vazios e andar desafiante. Também ele cresceu sendo pobre, embora em seu caso foi mais uma questão de vergonha que de autêntica necessidade, algo ao que certamente estava acostumado o moço. Mesmo assim, estudando ao jovem, mal podia acreditar que não era maior que ele quando o recrutou a Ordem. Quando seu pai o entregou para que fosse moldado em... aquilo no que se converteu.

Expulsou o passado de sua mente. Tudo aquilo se acabou: o juramento de sangue de seu antepassado foi satisfeito; a selvagem guerra secreta da Ordem foi ganha, e por fim chegara o momento de seguir com sua maldita vida.

A primeira tarefa de sua agenda como civil era limpar a infame reputação de sua família. A diminuição de sua fortuna durante várias gerações e uma série de antepassados licenciosos e

ineptos que assumiram o título de lorde Rotherstone acabaram arrastando pela lama seu sobrenome. Por isso fazia tempo que decidira que aquilo seria a primeira coisa que faria. Não ia ser simples, muito menos depois de ter representado durante tanto tempo o falso papel do decadente Distinto Viajante. Isso, unido a sua ligação ao célebre Clube Inferno, fazia com que confrontasse sua nova missão em uma posição de desvantagem.

Mas aquilo carecia de importância. Conhecia bem a natureza humana. Logo teria toda a sociedade comendo na palma de sua mão, pois sabia exatamente que tipo de ação o levaria até seu desejado objetivo com maior eficiência. Em uma palavra: o matrimônio.

Uma esposa adequada era o instrumento perfeito que o ajudaria a mudar por completo a desgraçada fama do sobrenome Rotherstone. E assim iniciou uma nova perseguição... só que, nesta ocasião, não se tratava de um agente inimigo. Sua nova missão era encontrar esposa. O qual não explicava absolutamente o que estava fazendo naquele lugar.

De um ponto de vista estritamente lógico, estava esbanjando o tempo. Era óbvio que não podia escolher Daphne Sterling, o último nome de sua útil lista. E, entretanto, depois de ler o relatório, foi incapaz de resistir a tentação. Viu-se impulsionado a ir até ali simplesmente para dar uma rápida olhada a jovem. Sem dúvida aquilo não podia ter nada de mau. Uma vez que sua curiosidade ficasse satisfeita, Max estava seguro de que retornaria para casa e faria a escolha correta, provavelmente a virtuosa filha do bispo. Ou, talvez, a vivaz amazona; não era capaz de suportar a uma tímida florzinha. Não escolheria uma menininha de dezesseis anos, certamente, dado que ele tinha idade para ser seu pai, mas qualquer das outras serviria, desde que não fosse Daphne Starling.

Sobrava e bastava com um membro marcado pelo escândalo na família e ele ostentava já tal distinção. Necessitava de uma esposa com uma reputação irrepreensível que rebatesse sua infame notoriedade.

Pessoalmente, Max não ligava o que pensavam sobre ele, mas era inflexível quanto a que seus futuros filhos acabassem sendo alvo como aconteceu a ele. Reparar a reputação de sua família significava dar a seus herdeiros todas as oportunidades na vida. A grande fortuna que acumulou a base de esforço durante a última década, só era a metade da equação: o dinheiro por si só não podia comprar nem o respeito nem a plena aceitação da sociedade londrina. As grandes famílias da burguesia podiam dar fé disso.

Não, a chave era escolher uma esposa, e mãe de seus futuros Rotherstone, que procedesse de uma linhagem impecável e contasse com o favor inquebrável da alta sociedade.

Até muito pouco tempo, a senhorita Starling teria completado os requisitos. Mas *agora, devido a seus atuais problemas,* meditou Max, *Oliver acertara ao recomendar que a riscasse no ato da lista.* Em qualquer caso, o interesse inicial que despertara não supunha mais que um entretenimento. Ao menos isso era o que repetia a si mesmo. A faísca o fez saltar para ler o pós-escrito de seu advogado. Max ficou atônito e logo se pôs a rir ao descobrir que o pretendente rechaçado não era outro que seu arqui-inimigo da infância.

O maldito Albert Carew.

Sacudiu a cabeça com sardônica diversão, olhando ainda pela janela à espera de que ela

saísse do orfanato e sem fazer caso da prostituta que agora massageava os seus ombros e acariciava o cabelo e ao mesmo tempo passava em sua mão para o tentar a que fizesse o serviço.

O velho Alby! Ai, Deus. Max teria encantado dizer que depois de vinte anos, sendo já um homem adulto, esqueceu todo o relacionado com seu oponente da infância e sua feroz rivalidade. *Mas, por desgraça, recordava-o muito bem.* Os irmãos Carew eram filhos do agora defunto duque do Holyfield; seus vizinhos, asquerosamente ricos, viviam na propriedade que limitava com a sua em Worcestershire onde ele cresceu. À exceção de Hayden, o tímido irmão mais velho e atual duque, foram um grupo de pequenos monstros cujo passatempo favorito se constituía em surrar Max.

E isso não era difícil, pois a residência palaciana dos Carew não se encontrava muito longe da ruinosa mansão senhorial de seu pai e Max precisava atravessar as terras do duque todos os dias a caminho da casinha de seu idoso tutor. A maioria das ocasiões o emboscavam perto dos pastos ou junto ao velho pinheiral. Albert, o segundo filho e líder de seus irmãos menores, foi seu nêmeses particular. Sacudiu a cabeça com sarcasmo ao recordar suas lutas de poder... e seu obstinado orgulho.

Mesmo que sempre o superassem em número, Max se negava a tomar uma rota alternativa.

Não era de se estranhar que tivesse atraído a atenção da Ordem, com o instinto guerreiro de seus ancestrais normandos[1] tão óbvio nele, mesmo sendo tão jovem.

Bom, por sorte para o querido Alby, as vinganças transgrediam o código da Ordem. Evidentemente fazia muito que renunciou a toda esperança de poder levar a cabo uma vingança juvenil. Por outra parte, livre ao fim da pesada carga da guerra, era um luxo permitir-se entretenimentos tão corriqueiros. Não podia evitar sentir prazer ao escutar que a jovem Starling derrotara ao altivo Albert Carew.

OH, o que teria dado para ser uma mosca na parede durante aquele encontro...

Max, como criatura competitiva que era, perguntou-se imediatamente se ele poderia ter melhor sorte com uma jovem tão exigente.

Certamente que sim, pensou imediatamente. Fazia muito tempo que superou a falta de confiança em si mesmo, típica da juventude. *Senhor, que tentação!* Todo aquele assunto resultava extremamente cômico. Em seguida soube que precisava conhecer aquela jovem. Tinha, ao menos, que dançar com ela diante de Alby. Talvez a Ordem proibisse a vingança, mas o código não mencionava que estivesse proibido retorcer um pouco a adaga que outro cravara previamente.

Assim escreveu a seu advogado sem demora solicitando o expediente da dama número cinco. Oliver o enviou com rapidez, quando Max se serviu um brandy e tomou assento disposto a lê-lo, não esperava encontrar-se com algo semelhante. O leu várias vezes na noite anterior, familiarizando-se com cada detalhe. Havia um ponto em particular que destacava por cima de outros: a senhorita Starling era conhecida em sociedade com o apelido de padroeira dos recém chegados.

---

[1] *Os normandos foram um povo medieval estabelecido no norte da França, cuja aristocracia descendia em grande parte de Vikings da Escandinávia.*

Era célebre por fazer-se amiga de desconhecidos e daqueles que chegavam sem muitas influências. Tomava sob sua proteção, apresentava-os em sociedade e se certificava de que os incluíra em tudo. Como antigo pária aos olhos de muitos, Max conhecia o valor de semelhante ato de bondade. O certo era que estava intrigado. O motivo principal de que esse dia estivesse ali, residia, em parte, que queria vê-la com seus próprios olhos e averiguar de primeira mão como era ela quando acreditava que ninguém a observava.

Prevalecia ainda o inconveniente de sua reputação, certamente, mas agora que sabia que Albert estava comprometido, Max duvidava seriamente de que nada daquilo fosse culpa da jovem. Conhecendo os métodos ocultos do Albert entendeu imediatamente que, ao não conseguir o que queria, esse patife malcriado não duvidaria em rebaixar-se e recorrer às calúnias para aliviar sua vaidade ferida. Foi então quando uma fatal ideia lhe veio à cabeça: se a senhorita Starling estava sendo atacada de forma injusta... possivelmente necessitava de ajuda.

Ah, maldição!, pensou Max com uma sensação inquietante e a irresistível necessidade inata de proteger a qualquer moça em apuros. Principalmente quando também sabia o que era ser o alvo da maldade de Carew. Desde aquele momento foi impossível tirar Daphne Starling da cabeça. Que tipos como Albert Carew manchassem a sagrada honra de uma dama inocente e de bom coração era uma injustiça que atentava contra sua natureza cavalheiresca. Manteve-se acordado durante horas a noite passada, olhando o teto e ardendo em desejos de golpear a alguém.

Assim, aí estava. Apesar de saber perfeitamente que a escolha de uma esposa era um tema muito importante para apoiar-se em meras emoções. Aquilo só demonstrava que a senhorita Daphne Starling exercia um efeito preocupante sobre seu cérebro. Nem sequer a conhecia ainda e, de algum modo, já mostrava certo dom para nublar sua fria razão.

Não era de se admirar que optou por observá-la de uma distância segura e objetiva para poder partir depois como uma sombra. Ela jamais saberia que esteve ali. É obvio, vendo aquele bairro sem lei, alegrava-se em dobro de ter ido. Alguém precisava vigiar essa moça. Francamente, acaso lorde Starling ignorava as verdadeiras condições do lugar onde sua filha realizava suas obras de caridade? Max não o aprovava absolutamente.

Justo segundo o previsto, tal e como se especificava no relatório, ela apareceu na hora de costume para sua visita semanal ao orfanato: sexta-feira pela manhã, às nove em ponto. Ao que parece, Daphne Starling era a classe de pessoa a que seguia uma rotina.

Max gostava de mulheres pontuais. Do mesmo modo, a inalterável conduta rotineira da jovem fazia que resultasse extremamente simples que qualquer um naquele lugar pudesse prever sua chegada, e disso não gostava absolutamente.

Um sem-fim de perguntas a respeito dela revoava em sua cabeça como as esferas de um astrolábio, mas sua maquiada anfitriã no quarto superior do bordel estava voltando-se petulante ante sua falta de atenção.

— Por que está vigiando a essa dama? — exigiu saber.

— Porque estou considerando me casar com ela — respondeu Max de maneira pausada e sardônica, mantendo a luneta apontada.

A prostituta deixou escapar uma gargalhada de surpresa e ato seguido moveu as saias ante

ele.

— Tá brincando!

— Absolutamente — negou com um tom frívolo, embora nem sequer ele estava seguro de até que ponto falava a sério.

— Bem, pois tem um estranho modo de cortejá-la, não parece?

— Não é fácil mudar os velhos costumes — disse entre dentes.

A mulher lhe deu uma cotovelada zombadora no braço, sem saber o que pensar dele.

Poucos sabiam.

— Vamos, senhor, nenhuma mulher quer que seu marido a espie!

— Neste momento pouco me importa o que ela queira.

— Que frieza! — brigou-lhe.

— É prático — replicou ele, olhando por cima do ombro com um sorriso cínico nos lábios. — Alguns gostam de saber onde se metem.

A prostituta soltou um bufado sem deixar de observá-lo.

— É claro que sim.

— Tranquila. Terá seu dinheiro.

— A julgar por seu aspecto, preferiria ganhar a atenção. — aproximou-se sigilosamente, lhe passando a mão por cima do ombro. — Os homens como você não vêm frequentemente por aqui.

Max a olhou de soslaio, perguntando-se se referia a assassinos adestrados de uma organização que não existia oficialmente ou a marqueses vestidos de maneira informal com um título que se remontava séculos atrás.

— Possivelmente deva te alegrar disso — disse.

A mulher guardou silêncio, examinando afligida sua expressão hermética.

— Quem é você?

Depende de quem pergunta. Max a olhou com desaprovação.

— Ah, é muito preparada para perguntar isso a seus clientes. — Assinalou para a janela com a cabeça. — A conhece?

— À senhorita Starling? Por aqui todos a conhecem. Salva almas, conforme acredito. Uma perda de tempo. — Sua breve gargalhada desdenhosa o dizia tudo. — Não aprova às que são como eu.

— Suponho-o.

Maldição, *quanto tempo se demorava para entregar uns poucos brinquedos baratos?* Protegeu-se contra os ecos do longínquo passado que provocavam nele uma dolorosa sensação de afinidade com os meninos pobres e sem amor que viviam atrás daqueles imundos muros, e percebeu sua crescente inquietação enquanto esperava que Daphne Sterling saísse de novo.

Normalmente tinha a paciência de um santo, mas já desperdiçara muito tempo... Vinte anos de sua vida sacrificados pela Ordem.

Tamborilou os dedos sobre o batente da janela reprimindo um grunhido.

— Quanto tempo costuma ficar?

— Como vou saber? — xclamou a prostituta, logo alargou a mão com atrevimento e lhe

tocou o braço. — Posso entretê-lo enquanto espera.

Max ficou quieto observando, com cautela, como ela tomava a iniciativa. O que queria era a o ponto vantajoso do quarto do canto do terceiro andar do bordel, não à mulher que vinha com ele. Não obstante, permitiu-se um fugaz instante de prazer ante sua carícia.

Aquilo, que Deus o ajudasse, era ao que estava acostumado no referente aos assuntos de quarto. Desde enfastiadas adulteras de nobre berço até custosas cortesãs, passando pelas moças mais bonitas de algumas casas de prazer de má fama, tudo se reduzia à prostituição. Durante muito tempo teve que conformar-se com relações anônimas desse tipo ou, por seu trabalho, com seduções de natureza estritamente calculada, e isso por regra geral o fazia perguntar-se quem era a puta em realidade.

Agora que a guerra acabara, via-se obrigado a enfrentar-se ao fato de que se sentia terrivelmente sozinho. Aqueles miseráveis anos indo de um lado para outro, sempre sem companhia, consumiram devagar sua alma.

Ansiava encontrar algo diferente, algo que não o fizesse sentir sujo depois.

Entretanto, nesses momentos, aquela deliciosa sensação de sujeira era algo bem-vindo e familiar, e enquanto a mão da prostituta descia com admiração por seu peito, Max se deixou tentar por aquela conduta imoral em silêncio, enquanto que sua possível futura esposa tirava brilho a sua inquebrável virtude no orfanato ao outro lado da rua. Possivelmente não fosse aquele o começo mais prometedor para nenhum matrimônio.

Nesse instante, certo movimento fora atraiu novamente sua atenção para a janela. Daphne Starling saía do orfanato.

Afastou a mão da prostituta e se inclinou para frente, olhando com maior atenção entre as cortinas. A senhorita Starling saiu pelas pesadas portas do edifício com o chapéu na mão, e quando cruzou até sua carruagem, seguida por sua donzela, ele pôde vislumbrar brevemente seu deslumbrante semblante angelical.

Nem a suja rua nem o mortiço resplendor cinzento da nublada manhã podiam apagar o incandescente brilho de seu cabelo dourado, como se tivesse luz própria. Então ela colocou o chapéu de novo, apressando-se em cobrir sua beleza antes de que chamasse a atenção naquele lugar.

Max nem sequer piscou.

A prostituta observava a Daphne por cima do ombro do Max.

— É bonita — reconheceu.

— Mmm — concordou evasivo, mas prosseguiu com a vista cravada na rua, hipnotizado, dirigindo por volta dela os ávidos anos de solidão que viveu.

Seus movimentos eram enérgicos e eficientes. Completamente alheia à vigilância a que estava sendo submetida, Daphne Starling se deteve a conversar com seus criados quando, de repente, escutou-se um grito rua abaixo.

As duas mulheres e o lacaio se voltaram a olhar, como o fez Max.

— Ei!

Problemas. Max entrecerrou os olhos quando cinco tipos com aspecto de criminosos saíram

com parcimônia do botequim e se aproximaram da carruagem.

Os homens de Bucket Lane lançaram amplos sorrisos a jovem.

— Mas se não é nosso anjo da caridade, verdade, encanto?

— Mas se trouxe sacos com coisas para os mucosos! Não trouxeste nenhum presente para nós? Acredito que vou começar a chorar!

Max franziu o cenho. Não se via nem rastro da autoridade, em caso de que se atrevesse a patrulhar por ali. De onde estava quase podia ouvir como o lacaio tragava saliva preso do medo, sentia como retumbava o coração da senhorita Starling.

Os homens se aproximaram com ar arrogante.

— Vamos, ceuzinho, deve ficar alguma coisinha para nós.

— Por exemplo, um beijo!

— Sim!

Max avaliou a situação abrangendo com o olhar toda a zona. Os homens se dirigiam para a carruagem pela frente, bloqueando o caminho da jovem. A rua era muito estreita para dar meia volta à carruagem com a rapidez necessária para escapar ilesos.

Uma manobra de distração. Se conseguisse afastá-los dela, a senhorita Starling poderia pôr-se a correr e passar ao longo da igreja. Naturalmente era algo simples de conseguir mas, *maldito seja!* Esse dia sua única intenção era a de observar a distância. Agora se via forçado a agir. A lógica ditava que nem sequer deveria estar ali, debatendo-se consigo mesmo enquanto contemplava a uma dama que não era quem mais lhe convinha. Mas naquele momento lhe importava um nada.

Ela necessitava ajuda e, ao fim e ao cabo, esse tipo de ação era sua especialidade.

— Me desculpe. — Fazendo a um lado à prostituta, levantou-se e se alisou a jaqueta negra de caminho à porta.

— Senhor, espere!

— O que acontece? — deteve-se, voltando a vista para a mulher.

— Tome cuidado com eles! Esta rua é seu domínio! Todas as lojas lhes pagam em troca de proteção.

— Hum — respondeu Max. Inclinou a cabeça e continuou andando. Ao sair jogou mais alguns guinés de ouro sobre a andrajosa cama.

Ao cabo de um momento, enquanto percorria o escuro corredor, escutou, procedente do quarto, a exclamação de prazer da prostituta quando contou o donativo. Com um brilho severo nos olhos, Max desceu com naturalidade a escada do bordel. Não obstante, deteve-se quando ao cruzar o vestíbulo se viu refletido no espelho.

Hora de disfarçar-se.

Sim. Um antigo e familiar jogo.

Em um abrir e fechar de olhos transformou seu aspecto: desatou a gravata para que pendurasse em torno do pescoço, desabotoou o colete, desordenou a roupa e passou os dedos pelo cabelo para despenteá-lo. Logo tomou uma garrafa de vinho vazia que algum bêbado deixara sobre o vão da janela depois da farra da noite anterior.

Maldição, pensou, jogando uma olhada a sua nova imagem, seguro que agora encarnava ao

Distinto Viajante, um depravado libertino ao que o mundo conhecia como o inútil marquês de Rotherstone. Não era o modo em que gostaria de apresentar-se ante Daphne Starling. A primeira impressão podia deixar rastro, embora isso carecia de importância: ela estava em perigo e não tinha outra alternativa que intervir.

Tirou a bolsa das moedas e afrouxou as cordas com uma ligeira careta de arrependimento. Aquilo seria uma isca perfeita.

Sem mais demora, encaminhou-se para a saída e, levantando os braços, prorrompeu na rua através da porta principal, mais preparado e disposto que nunca a armar um bom alvoroço.

Capítulo 2

O bando de Bucket Street começara a rodear a carruagem entre assobios e uivos, ofensivas olhadas lascivas, gargalhadas e convites. Daphne não demorou muito em dar-se conta de que aqueles homens se encontravam ainda sob os efeitos da genebra da noite anterior.

Tentou negociar com eles, mas a voz começou a tremer:

— Vamos, por favor! Afastem-se — tentou convencê-los. — Temos que ir...

Quando um deles agarrou a brida do cavalo, William espetou:

— Larguem!

— E o que vai fazer a respeito?

O canalha se encaminhou para ele, mas, naquele momento, na distância se ouviu um bramido rua abaixo.

— Tragam minha maldita carruagem... Agora!

Aquele ensurdecedor rugido fez que cessasse todo movimento.

Os toscos indivíduos que rodeavam o veículo se voltaram a olhar; Daphne e seus criados seguiram seu exemplo.

Um homem alto, arrumado, elegantemente embelezado de negro e, sobre tudo, muito ébrio, a julgar por seu andar ziguezagueante e a garrafa que ainda pendurava de sua mão, acabava de sair dando tombos do bordel, entreabrindo os olhos para protegê-los da luz do dia.

— Ai! — Proferiu um grunhido de dor ao mesmo tempo que colocava a mão sobre os olhos a modo de viseira para esquadrinhar a rua. — Você! — Assinalou de repente com a garrafa ao homem que segurava as rédeas do cavalo. — Ei, você! — Vociferou de novo, com altiva exigência em que pese a arrastar as palavras. — Traz minha carruagem. Já acabei aqui — adicionou com uma gargalhada travessa que delatava que também ele estava ébrio e que, além disso, parecia insinuar que não se dignou a abandonar a casa de infame reputação até não ter provado a última condenada mulher do estabelecimento. *Santo Deus!*

Daphne ficou olhando-o, completamente desconcertada pela escandalosa conduta daquele libertino, pertencente sem dúvida à aristocracia, e o que era pior, pela aura de pura masculinidade que exsudava. Possuía um magnetismo inconfundível mesmo com seu aspecto desalinhado, com a camisa aberta e por fora das calças e o cabelo despenteado, como se acabasse de descer da coberta ventosa de um navio. Um cavanhaque curto e cuidado emoldurava a boca severa, definia

o queixo quadrado e lhe conferia um ar um tanto diabólico, temia Daphne.

Olhando-o fixamente, encontrou-o muito mais que arrumado. Resultou ser irresistível, perigoso. Uma sensação desenfreada corria por suas veias. Baixou a vista sobressaltada quando ele se aproximou um passo, desafiando ao grosseiro rufião que ainda segurava a brida do cavalo.

— Está surdo, homem? — insistiu, arriscando o pescoço sem ser consciente disso ao ofender a aqueles homens.

O membro do bando ao que se dirigiu gargalhou e, assombrado, lançou um olhar indignado a seus companheiros.

— Quem demônios é este imbecil?

— Nega-te a cumprir uma ordem de alguém que é superior? — desafiou-lhe o ébrio cavalheiro; o desprezo tingia seu aristocrático acento.

— OH, não — sussurrou Daphne, atrevendo-se a jogar uma fugaz olhada ao arrumado e bêbado demônio.

Wilhelmina a agarrou pelo braço, compartilhando o mesmo temor que sua senhora. As duas mulheres trocaram um olhar. *Acaso tenta que o matem?* Aquele não era lugar para pistolas prudentemente mal calibradas a vinte passos, algo a que um libertino estava acostumado. Era um lugar onde os homens podiam te cortar o pescoço se não os agradasse a forma em que os olhava.

— Está falando comigo? — bramou o rufião em resposta, soltando a brida e aproximando uns passos dele.

— É obvio que falo com você, pedaço de excremento — repôs o cavalheiro com voz pastosa e ébria solenidade. — Falo com todos vós! Que alguém me traga mi... maldita seja!

Com a estupidez fruto do álcool, de repente derramou a bolsa das moedas no chão. Uma cascata de reluzentes guinés de ouro se dispersou por todo o pavimento, rodando em qualquer parte em torno de suas reluzentes botas negras.

O homem amaldiçoou sucessivamente em diversos idiomas com suma elegância enquanto se agachava, lento e cambaleante, a recolher a fortuna perdida. Os membros do bando do Bucket Street cravaram seu selvagem olhar no dinheiro com grande intensidade. Viram-se atraídos como um ímã pelo ouro, esquecendo-se no ato de perseguir Daphne.

Um sorriso malvado se desenhou em suas caras ao encontrar uma vítima tão fácil a seu alcance. Movendo-se ao uníssono como uma matilha de lobos, encaminharam-se com cautela para o homem, que parecia alheio a sua proximidade.

— Senhor! — gritou Daphne de repente.

Wilhelmina a agarrou pelo braço outra vez.

— Perdeu o juízo? Saiamos daqui!

— Sim — respondeu o irmão, com o semblante ainda pálido por conta do enfrentamento enquanto subia ao assento do condutor.

— Mas não podemos deixá-lo aí! — espetou Daphne, voltando-se para eles alarmada. — Matarão a esse pobre néscio! Está muito bêbado para defender-se!

— Não é nosso assunto — balbuciou William. — Vamos daqui antes de que voltem por nós!

O coração de Daphne palpitava com força.

— É seu dinheiro o que querem — raciocinou. — Que fiquem. Ainda podemos salvar sua vida se o levarmos em nossa carruagem. Senhor! — começou a chamá-lo de novo.

— Não, senhorita! Não seja boba! — sussurrou sua donzela, puxando ela para que se sentasse. — Mesmo que pudéssemos fazê-lo subir no veículo, não podem vê-la em sua carruagem com um homem assim! Sua reputação ficaria arruinada para sempre!

— Tem razão! — Concordou William. —Esse homem acaba de sair de um...

— Um estabelecimento de duvidosa moral — se apressou a concluir Wilhelmina, lançando a seu irmão um olhar escrupuloso.

— Mas temos que o ajudar!

— Devemos ajudar as crianças, senhorita! Sabe que não pode ajudar a todo mundo. Por favor, vai fazer que nos matem!

Daphne olhou a sua aterrada donzela e compreendeu que não tinha direito de pôr em perigo a vida de seus criados junto com a sua própria.

— Não lhe acontecerá nada — declarou William, sem muita convicção. — Não vão matá-lo, senhorita. Possivelmente darão uma surra, mas está tão bêbado que não sentirá grande coisa.

— Pode ser que isso ensine a não frequentar tais lugares — balbuciou a irmã.

— OH, o olhem. — Daphne voltou a vista, franzindo o cenho com preocupação, e viu os membros do bando estreitar o cerco. — Pelo amor de Deus, o que faz?

O ébrio aristocrata estava retrocedendo lentamente para o muro do bordel, mas luzia um sorriso tão sinistro e malicioso que Daphne temia que estivesse muito embriagado para compreender sequer o perigo que corria. Em efeito, parecia estar divertindo-se.

Estremeceu-se quando o homem estrelou de repente a garrafa de vinho contra a parede de tijolo, convertendo-a no ato em uma arma afiada. A brandiu para o bando que continuava aproximando-se com um sorriso matreiro que Daphne soube que jamais esqueceria.

— Me parece que pode cuidar-se só —resmungou William. — Além disso, leva a palavra aristocrata escrita na fronte. Nem sequer esses canalhas se atreveriam a tentar à forca matando a um par do reino.

William não se equivocava nisso, pensou. Só um exímio pilantra da nobreza sairia utilizando o serviço de um bordel no meio da manhã, vociferando ordens a quem passava por ali. Não cabia dúvida de que era um demente.

— Vamos, senhorita, temos que ir enquanto estão distraídos. Seu pai jamais me perdoará se lhe acontecer algo.

— Muito bem. — Daphne assentiu com rigidez e o coração apertado. — Iremos procurar aos agentes imediatamente. Vamos.

— Não é necessário que me repita isso.

William estalou o chicote na garupa do nervoso cavalo e, em seguida, a carruagem pôs-se a andar, cavalo e ocupantes igualmente contentes de partir dali.

O chapéu de Daphne caiu de sua cabeça com a repentina sacudida, mas o laço preso ao pescoço impediu que saísse voando e fez que, em vez disso, pendurasse sobre suas costas enquanto o veículo avançava dando inclinações bruscas para a pequena igreja arruinada. E, atrás

deles podiam escutar-se gritos e uma grande agitação. Daphne se agarrou com todas suas forças ao corrimão da parte inferior do assento, virando-se para jogar uma olhada ao que estava acontecendo.

Esperava encontrar aos membros do bando apinhados sobre o libertino, mas um olhar preocupado por cima do ombro lhe revelou justo o contrário: o homem do bordel estava dando uma boa sova no bando!

Golpeou a um tipo na mandíbula e, girando ao mesmo tempo, deu um bom salto para dar um pontapé em outro no peito. Quando plantou de novo os pés no chão, estampou o cotovelo na garganta ao homem que tentava aproximar-se às escondidas por trás; logo estrelou um efetivo murro com a precisão de um relógio, derrubando-o. Fria e metodicamente, ia vencendo-os um por um sem mostrar o menor indício de estar bêbado.

A ideia mais incrível surgiu na cabeça de Daphne como saída de uma caixa de surpresas.

Uma artimanha!

Não estava bêbado! Só fingiu estar... para afastar a esses brutos dela.

A última coisa que conseguiu ver, antes de que a igreja lhe encobrisse a visão, foi ao resto do bando sair em turba do botequim, proferindo um rugido coletivo enquanto acudiam em ajuda de seus companheiros em apuros.

Daphne ficou pálida ante esse repentino reverso da sorte, voltou a vista à frente e tragou saliva.

— Mais rápido, William! OH, é igual... te faça a um lado!

Arrebatou-lhe as rédeas das mãos a seu sobressaltado lacaio. A jovem conduziu a toda velocidade até que dobrou para o concorrido Strand e divisou o posto de vigilância mais próximo.

— Quer que vá aonde? — repetiu o velho agente da lei com apreensão depois de que lhe narrou freneticamente e com voz entrecortada a situação que acabavam de viver.

— Ao Bucket Lane, já disse!

— Bem, vou ter que reunir a mais homens.

— O que for necessário, mas apresse-se! Digo-lhe que sua vida corre perigo!

— A vida de quem?

— Ignoro por completo quem é! Simplesmente... algum lunático!

— OH, maldito seja — murmurou Max quando viu o resto do bando do Bucket Street, quarenta homens ao menos, sair em massa do botequim.

Havia um momento e um lugar para ser valente, mas um cavalheiro sabe quando partir com elegância. Esbanjou uma pequena fortuna nesse beco e o dinheiro completou seu propósito. Mas com a senhorita Starling fora de perigo, não tinha mais que demonstrar.

Chegou a hora de retirar-se.

Era impressionante a rapidez com a que pode correr um homem quando todo um bairro de má fama lhe pisa nos calcanhares. Por sorte para o Max, estava bem adestrado na ardilosa arte de

escapar, assim como de brigar com os punhos. Escondeu-se, subiu e saltou de telhado em telhado para descer depois novamente à rua; logo a única coisa que precisou fazer foi sair tranquilamente do lugar e parar uma carruagem de aluguel, o mesmo meio de transporte em que chegou ali.

Um veículo parou e subiu a ele, mas enquanto se afastava, Max viu um grupo de agentes uniformizados passar apressadamente em direção a Bucket Lane. Franziu o cenho, virando-se para olhar pelo sujo guichê traseiro da velha carruagem. A briga só acabava de começar. Como podiam ter-se informado de que...? A menos que ela os tivesse informado.

Ficou paralisado, preso pela repentina surpresa.

A senhorita Starling buscou por ajuda. *Vá, vá, que me crucifiquem.* A jovem deve ter se dirigido diretamente em busca das autoridades para ajudá-lo. Ela estava preocupada por... ele?

Por um momento, Max ficou com o olhar perdido sem sequer notar as sacudidas e inclinações bruscas da desmantelada carruagem enquanto percorria a rua pavimentada. A repentina sensação de enjoo nada tinha a ver com o golpe recebido na cara. Meneou a cabeça quando caiu na conta de que, fazia muito tempo, deixou de esperar que alguém se preocupasse com o que pudesse lhe acontecer. Ele, um homem com um coração de aço, sentiu-se invadido por uma doce e estranha sensação. Nem pelo mais remoto lhe ocorreu pensar que à senhorita Starling pudesse se importar com sua segurança.

Deus bendito — pensou maravilhado, — talvez encontrei algo...

Quando depois de algum tempo entrou em sua mansão de Hyde Park, um tanto maltratado, seu velho mordomo, Dodsley, recebeu-o com um lacônico olhar ao reparar em seu aspecto desalinhado.

— Boa manhã, senhor. Quer que vá procurar a caixa dos remédios?

— Ah, não, obrigado, velho amigo. Tive uma pequena briga. Se as autoridades vierem por aqui, tenha a bondade de lhes dizer que não saí em toda a manhã, sim?

— Tornou a matar a alguém, não é certo?

— Nunca antes do almoço, Dodsley. E ainda é cedo.

— Sem dúvida, milord.

Max lançou um olhar sardônico, mas se dirigiu imediatamente a seu escritório para pegar o histórico de Daphne Sterling, que se encontrava ainda sobre seu escritório.

Era óbvio que devia vê-la de novo, e logo.

Abriu o histórico e procurou o calendário de atos sociais que Oliver documentara e listara com tanto esmero, seguindo a página com o dedo. Aí estava.

O baile dos Edgecombe. No dia seguinte de noite.

Os olhos de Max brilhavam enquanto refletia.

Talvez considerou todo aquele assunto de um modo inapropriado. Ao fim e ao cabo, se tratava da busca de uma esposa, não da caça de um agente inimigo. Acaso uma mulher não era mais que uma ferramenta para um consumado estrategista como ele? Possivelmente, para variar, podia permitir-se atuar mais como um ser humano e menos como um espião.

Era notório que serviu na guerra secreta da Ordem contra o Conselho do Prometeo durante muitos anos, mas tinha que seguir tomando todas as decisões com absoluto sangue-frio? A

senhorita Starling poderia ser problemática, mas por que teria que preocupar-se por isso? O obstáculo era a alta sociedade, não? Pois bem, ele era um professor da manipulação e o engano, em conseguir que as pessoas vissem aquilo que desejava que vissem; unicamente revelava a verdade no instante em que decidia fazê-lo, e não antes.

Se ao final resultasse que a desejava realmente, murmurou Max, supunha que podia tê-la com toda segurança. Apenas só teria que esforçar-se mais do que pensou, teria que implicar-se um pouco mais do que planejou... ou do que o fazia sentir cômodo.

Pelo contrário, estava acostumado ao voto de secreto que se impôs sob juramento. Guardar as distâncias com outros se converteu em sua segunda natureza, até que só seus irmãos guerreiros, e possivelmente seu velho mordomo, conheciam-no realmente. Esse segredo, essa solidão era um fato fundamental de sua vida e, depois de ler o relatório e de ver a integridade da senhorita Sterling, não estava seguro de que uma mulher como ela pudesse ocultar seu passado e suas verdadeiras atividades durante o resto de seus dias. As coisas podiam complicar-se. Entretanto não estava convencido de que valesse a pena. Mas precisava voltar a vê-la fosse como fosse.

Justo naquele momento, como por arte de magia, Dodsley apareceu em silencio a seu lado lhe oferecendo um copo de uísque de uma bandeja.

Max o olhou surpreso e viu que Dodsley levara a garrafa inteira.

— Seriamente tenho tão mau aspecto?

— Parece necessitá-lo, senhor — observou seu enigmático mordomo.

— Saúde — murmurou para si enquanto bebia o uísque para serenar-se depois da briga. Saboreou-o, impressionado por sua qualidade. —É bom.

— Esse escocês, seu companheiro de armas, enviou-o enquanto estava ausente, senhor.

— Virgil o enviou? Excelente! — A noite passada Max enviara uma mensagem a seu professor, Virgil, tão logo chegou a casa. — Havia uma nota?

— Aqui a tem, senhor.

Dodsley lhe entregou a carta selada que acompanhava a garrafa de uísque escocês. Max a abriu sem demora e procedeu a lê-la.

Um uísque de malte como é devido em honra a sua vitória. Bem-vindo a casa, moço. Recebi sua nota da Bélgica. Bom trabalho no assunto Wellington. Bem feito. Outros não retornaram ainda, embora os espere logo. Passe pelo clube quando for possível. Fizemos algumas melhorias que podem te parecer fascinantes.

V.

Max não pôde deixar de sorrir ao ler a nota de seu antigo mentor. Melhoras, né? Senhor, que novos artefatos lhe teriam ocorrido esta vez ao Virgil? Engenhoso como todo bom escocês, o velho guerreiro de barba grisalha andava sempre brincando com suas ferramentas e máquinas e inventando estranhos aparelhos para Dante House, o quartel geral da Ordem. Max não queria nem imaginar quais seriam as últimas reformas que fez naquele lugar.

Até o momento, a notícia mais fascinante era que conseguiu retornar à cidade antes que o resto dos membros de sua equipe. Estava impaciente por ver seus irmãos guerreiros.

Por outra parte, o fato de que Warrington e Falconridge não houvessem retornado ainda, proporcionava uma clara vantagem em sua busca de esposa que não tencionava desperdiçar. Ao fim e ao cabo, pensou com um sorriso divertido desenhado nos lábios, era a única competência a ter em conta no que se referia a mulheres. Assim como ele, seus companheiros estiveram adiando o matrimônio por causa de sua implicação na Ordem, mas devido ao título que ostentavam, tal como acontecia a ele, era imperativo que escolhessem esposa e começassem a engendrar herdeiros. Gostassem ou não, os três teriam que cair nas garras do matrimônio.

Max não pôde deixar de rir com cordial rivalidade ao saber que levava vantagem.

Devido a sua natureza calculadora, era óbvio que começou a preparar-se para isso muito antes, do mesmo modo que faria para qualquer outra missão. Agora, dentre as melhores candidatas que oferecia o mercado matrimonial londrino, ele poderia ser o primeiro em escolher... e com isso seus pensamentos retornaram a Daphne Sterling.

— Posso lhe trazer alguma outra coisa, senhor? — perguntou Dodsley, observando-o fixamente.

— Um convite para o baile dos Edgecombe. — Max tomou outro gole e fez uma careta devido ao breve ardor do uísque enquanto as sobrancelhas grisalhas do mordomo se elevavam de repente. — O que acontece, Dodsley?

— Você, senhor? Vai assistir a um baile? — disse o homem com majestoso estupor.

— Sim — repôs Max com secura— Me pergunto se alguém desmaiará esta vez quando entrar.

Dodsley baixou o olhar, deliberando a respeito da estranha incursão de seu senhor em sociedade. Como chefe supremo do pessoal da casa, foi informado da busca de esposa de sua senhoria; jamais necessitou de palavras para expressar seus sentimentos sobre nenhum tema ao valente e excêntrico marquês ao que durante tanto tempo serviu. Mas nesses momentos mal conseguia reprimir seu júbilo ao deduzir corretamente que sua senhoria devia ter-se interessado a sério em alguma jovem casadoira.

Adotou um tom suave, virtualmente contendo o fôlego:

— Seria possível que abrigássemos a esperança de que logo possa haver uma dama na casa, milord?

— A filha de certo visconde parece fascinante— reconheceu Max, — mas temo que nem tudo vai de vento em popa. Muito menos agora.

Aos olhos de Daphne Sterling ele era um folgazão, um bêbado e um libertino. Certamente, vê-lo sair bêbado daquele bordel só parecia confirmar o que logo ouviria sobre ele em sociedade se se inteirasse de seu nome e começasse a fazer perguntas. Por desgraça, não podia sentar-se com ela tranquilamente e lhe contar a verdade. *Não, absolutamente, senhorita Starling, não estava ali flertando com prostitutas. Só estava naquele lugar para espiar você.*

Aquilo não ia ajudar, precisamente, a sua causa.

Que causa? Não ia escolhê-la como esposa. Não ia fazê-lo.

Franziu o cenho, irritado consigo mesmo.

— No mínimo, desejo passar um momento pelo baile a fim de me certificar de que se encontra bem — resmungou. — Além disso, assim deixarei que veja que estou ileso e não se culpe.

Dodsley o olhou sem saber do que estava falando.

— Naturalmente, senhor.

— Já conhece as mulheres e o muito que se preocupam com algo.

— Sempre que tiverem coração — disse o mordomo com um brilho de sabedoria nos olhos.

— Ela o tem. Vá se o tem! — murmurou de forma pouco audível.

Com o olhar perdido, seus pensamentos retornaram à reticência da senhorita Starling a abandonar o cenário da briga. *Senhor!,* tinha-o chamado. Duas vezes. Pondo em perigo sua própria segurança para tentar salvá-lo, mesmo quando era ele quem tentava resgatá-la.

— Bem, pois. — Dodsley tomou o copo vazio e elevou o queixo. — Informarei a lady Edgecombe de que sua senhoria assistirá ao baile de amanhã de noite. Tendo retornado em datas tão recentes do estrangeiro, o apropriado é que milord deseje apresentar seus respeitos a seus parentes.

— Ah, meus parentes... Eu gosto desse enfoque, Dodsley! Quase o esqueci. Somos primos longínquos, não é certo?

— Por parte de mãe, milord. Segunda prima de sua mãe.

Max sorriu a seu velho mordomo com divertido agradecimento.

— De acordo, então. Bem sabe Deus o que vai ser um grande desafio.

— Os Edgecombe, senhor?

— A jovem— disse estremecendo. — Temo que preciso reparar alguns danos.

— Tão cedo, milord? — perguntou indignado. Max só deixou escapar um suspiro.

Daphne não abandonou o Strand até passada outra meia hora. Passeou inquieta sob o olhar de seus criados, esperando a que os homens do magistrado retornassem com notícias de seu misterioso salvador... ao menos para inteirar-se de se o bando o assassinou. Estava impaciente por averiguar sua identidade, mas quando retornou o vigilante, este lhe disse que não encontraram a ninguém que se ajustasse à descrição do homem que lhe deu, apenas uma dúzia de valentões de baixo estofo atendendo narizes quebrados, costelas machucadas e um par de feios cortes. Outros oficiais levaram a cabo algumas detenções por alteração da ordem pública e partiram a levar aos detentos ante o magistrado, mas como era costume no Bucket Lane, ninguém admitiu ter visto nada.

Ninguém tinha nada que dizer.

As notícias deixaram Daphne mais angustiada. Embora tudo apontasse a que o lunático aristocrata escapou, bem poderia indicar que o mataram e escondido seu cadáver em alguma parte, já que o superavam em número. Os agentes realizaram uma rápida revista no botequim e

no primeiro andar do bordel, mas não podiam revistar outros edifícios daquele escuro e imundo beco até que retornassem com uma ordem.

Mesmo o bando de Bucket Street tinha seus direitos.

— Estou seguro de que escapou, fosse quem fosse — disse William com expressão preocupada da boleia do condutor da carruagem quando os três puseram novamente rumo a South Kensington, nos verdes e tranquilos subúrbios de Londres.

— O que importa é que fizemos o correto — interveio Wilhelmina.

— OH, e se o assassinaram?

— Considero que quando um cavalheiro visita um lugar como esse, deve saber onde se mete, senhorita. Não tinha motivos para os provocar do modo em que o fez.

— Acredito que tentava nos ajudar. — Afligida, voltou-se para sua donzela. — Tentava afastá-los!

— Sou da mesma opinião — reconheceu William com um amplo sorriso. —Até em seu estado de embriaguez, um cavalheiro sabe o que deve fazer para ajudar a uma dama.

— Deus bendito! — sussurrou Daphne.

O estômago embrulhou ao pensar que um homem poderia ter acabado morto por sua causa. Igualmente inquietante era considerar o que poderiam ter feito com ela se aquele desconhecido não tivesse saído dando tombos do bordel quando o fez.

— Vamos, senhorita, temos que ter fé — lhe disse o lacaio resolutamente ao ver seu rosto triste. — Sei o que diria nossa idosa mãe: os anjos cuidam dos tolos, dos bêbados e das crianças.

Daphne lhe brindou um olhar de agradecimento, depois do qual sacudiu a cabeça.

— De todos os modos, não posso evitar me perguntar quem era.

— Talvez o veja no baile dos Edgecombe — apontou Wilhelmina encolhendo os ombros.

Daphne cravou os olhos nela de repente.

— Sim, sempre que pertencer à aristocracia, é possível, não é assim? —concordou seu irmão.

A jovem assimilou aquilo assombrada, e embora a ideia suscitou nela um intenso entusiasmo, ignorava como reagiria se visse a esse arrumado maníaco na pista de baile.

A ideia resultava tão inquietante que a desprezou.

— Vos rogo que me perdoem — lhes pediu ao mesmo tempo que passeava o olhar com humildade de um gêmeo a outro. — Não tinha direito a pôr em perigo sua segurança, por nobre que fosse a causa.

— Ah, não tem importância, senhorita. Bem está o que bem acaba — declarou William quando a carruagem se deteve ante a grande vila de pedra dos Starling.

— Obrigado. São muito bons comigo. Isto... — vacilou, voltando-se de novo para eles quando lhe veio à cabeça outra questão. — Não há necessidade alguma de mencionar este, digamos... desafortunado incidente a lorde ou lady Starling, não lhes parece?

Os gêmeos trocaram um olhar inflexível embora incômodo.

— Certamente, senhorita — respondeu a donzela. — Mas não voltaremos mais ali. — A expressão obstinada de seus rostos lhe indicou que falavam a sério.

Considerando tudo que pediu a eles, não se surpreendeu em excesso sua rebelião. Daphne baixou o olhar.

— Muito bem.

Teria que pensar em algo para a semana seguinte.

Entraram na casa e, imediatamente, viram-se envoltos pelo habitual alvoroço que se vivia naquele lugar: o ressonar do piano-forte enquanto Sarah esmurrava obedientemente as teclas enquanto Anna atormentava ao gato pelo corredor em meio de estrondosas gargalhadas.

As meio-irmãs de Daphne, duas jovens amazonas malcriadas e buliçosas, de quatorze e doze anos, eram fruto do matrimônio anterior de Penelope com um capitão de navio.

— Anna, onde está papai? — perguntou a jovem que levava a pobre Whiskers suspensa no ar.

— Vamos!

Daphne assentiu e a seguir se deteve a jogar uma olhada ao salão, onde os esforços de Davis se evidenciavam na nova disposição do mobiliário. Abriu os olhos desmesuradamente quando viu o velho piano-forte de sua mãe situado na parede errada. Sarah deixou de tocar e a olhou.

— Detesto esta canção! É muito difícil! O que está olhando?

— Sua mãe trocou o piano de lugar — disse com voz suave.

— O que pode te preocupar isso se você já não o toca? — resmungou Sarah e trocou a outra peça mais simples para reatar depois o esmurrar do instrumento.

Daphne sacudiu a cabeça e prosseguiu seu caminho. Possivelmente teria se convencido a casar-se com Albert se com isso conseguisse sair daquela casa de loucos.

Uma vez no vestíbulo se separou dos Willies para que cada qual empreendesse suas tarefas.

Ainda estava emocionada pelo episódio perigoso e desejava passar uns momentos em companhia de seu pai. Sempre conseguia fazer que se sentisse mais tranquila e desejava o avisar que havia retornado, mas ao não encontrá-lo em sua abarrotada biblioteca, subiu alegremente para buscá-lo à planta superior enquanto se despojava do chapéu e as luvas.

Entretanto, ao aproximar-se do dormitório principal diminuiu o passo com uma sensação de desgosto quando, através da fresta da porta, escutou Penelope tiranizar outra vez a seu pai. Parecia que, de novo, o rechaço de Daphne para o Albert era a causa da disputa marital. Fez uma careta, sabendo que complicara a tranquila vida de seu pai.

— Francamente, George, é muito compassivo! Quando vai amadurecer? A todo pintinho chega o momento de abandonar o ninho!

-—Querida minha, por que te altera deste modo? Sabe bem que preciso de um ambiente tranquilo.

— OH, George, precisa fazer algo com ela!

— Fazer o que, querida? — respondeu cansativamente.

— Encontrar um marido! Se não o fizer você, serei eu quem o faça!

— Isso já o tentou, Pen. E não considero prudente que insista— replicou ele com dissimulação.

— Bom, só um cavalheiro verdadeiramente intrépido se atreveria a desafiar seu desdém

depois da última negativa! Já rechaçou a três pretendentes!

OH, os outros dois não contavam em realidade, pensou Daphne franzindo o cenho. Apoiou-se em silêncio contra a parede que dava ao dormitório, não para espiar, a não ser aguardando o momento idôneo para revelar sua presença.

— George, já ouviste o que se comenta. As pessoas começam a dizer que é uma cabeça-de-vento.

— Não deveria prestar atenção aos falatórios, querida. Quando se apresente o homem adequado, ela saberá. Todos saberemos.

— Espero que esteja certo ou, do contrário, acabará sendo uma solteirona.

— Ridicularias. É muito formosa para isso.

OH, papai. Daphne reprimiu um sorriso e apoiou a cabeça contra a parede, agradecida do fundo de sua alma porque não a tivesse obrigado a casar-se com o Albert apesar da insistência de Penélope. Sua madrasta virtualmente aceitou a oferta do Albert em seu nome, mas, graças a Deus, os desesperados argumentos de Daphne com respeito ao enlace tiraram seu avoado e distante pai de sua letargia, para variar. No fim escutou suas súplicas para que não a entregasse a aquele canalha malcriado.

O bom George, lorde Starling, encaminhou-se tranquilamente até o White's, seu clube e segundo lar sempre que precisava escapar do dramatismo de uma residência habitada por mulheres, e formou uma opinião de lorde Albert Carew pessoalmente.

Seu pai retornou sem demora. Era atípico dele fazer alarde de sua força mas, quando o fazia, era tão firme como o rochedo de Gibraltar.

— Não. Não consentirei que minha filha despose esse presumido superficial e cabeça-de-vento. Lamento, Penelope. Não é apropriado para minha garotinha.

Daphne, encantada, abraçou a seu pai com lágrimas nos olhos. Depois de ter-se pronunciado, seu pai sumiu de novo em seu agradável e inviolável estado de confusão. Quanto a Penelope, a derrota avivou seu rancor e, seguramente, fazia que seu marido pagasse por isso todos os dias depois.

— Procura não demonstrar tanto favoritismo, George — repôs com candente recriminação. — É possível que minhas filhas não sejam tão bonitas como sua menina de dourados cabelos, mas florescerão a seu devido momento. Carinho, foi muito afortunado ao se casar comigo antes que malcriasse a Daphne por completo — adicionou. — Já a mimou muito.

Está totalmente equivocada. Daphne jogou uma discreta olhada pela fresta da porta e vislumbrou a sua madrasta passeando de um lado a outro. Penélope Higgins Peckworth Starling era uma mulher com uma energia formidável, capaz de atacar diversas tarefas ao mesmo tempo. Era baixa e morena, de cinquenta e poucos anos, mas a tensão a que esteve submetida em sua vida, como esposa de um marinheiro antes de casar-se com o George Starling, estava gravada nas rugas de seu tenso semblante e sua boca franzida, e os olhos esquivos com sua constante expressão preocupada refletiam seu temperamento excitável.

Daphne frequentemente se perguntava se parte do espírito combativo do capitão Peckworth sobreviveu em sua viúva, pois não cabia dúvida de que governava o navio com firmeza e adorava

dar ordens, mas uma palavra indevida podia iniciar uma guerra. Em ocasiões se compadecia dela, pois era evidente que Penelope não se assentou com comodidade em sua nova e imensamente mais elevada posição social como viscondessa. E embora alguns membros da alta sociedade podiam fazê-la sentir indigna, a seu pai jamais importou suas origens humildes.

Como casal não podiam ter sido mais diferentes: seu pai era de trato fácil, enquanto Penelope era muito excitável. Cavalheiro inglês dos pés à cabeça, o visconde Starling possuía um título de tão tradicional e uma fortuna tão considerável que nunca se deixou impressionar pela posição ou pela riqueza de outros, nem influir pela falta de ambas as coisas. Aceitava às pessoas tal e como eram, e a ensinou a fazer o mesmo.

— Na verdade, George, jamais compreenderei por que não insistiu em que se casasse com lorde Albert! Pensa em quão proveitoso poderia ter resultado para nossa família! É o segundo filho... Se o irmão mais velho falecesse, poderia ter tido a possibilidade de ser duquesa!

— Penelope, Por Deus santo! Pode ser que o jovem Holyfield não tenha aspecto de duque, mas, certamente, está muito vivo.

— Vivo, sim, embora não pode dizer-se que bem de saúde. Esse pobrezinho tão frágil e pálido... Juro-te que está tuberculoso! Em qualquer caso, estou convencida de que lorde Albert seria melhor duque que seu irmão mais velho. OH, mas carece de sentido preocupar-se por isso agora. A oportunidade passou!

— A oportunidade de que minha filha se beneficiasse da morte de um pobre tipo? — Perguntou lorde Starling com secura ante o melodrama de sua segunda esposa. — Vamos, Penelope. Daphne reconheceu perfeitamente a esse bufão arrogante desde o começo e, agora que lorde Albert mostrou como é realmente ao difundir rumores sobre ela, aplaudo mais inclusive a sabedoria de minha filha.

— Os rumores... OH, George!... Não estará pensando em desafiá-lo a um duelo, verdade? — inquiriu Penelope com um repentino ofego.

Daphne abriu os olhos desmesuradamente.

— Mulher, não seja ridícula! — Disse ele com desdém. — Sou muito velho. Além disso, nenhum lorde Starling participou jamais em estúpidos duelos.

— Bem! Então espero que não acabe lamentando ter permitido que atue de modo impulsivo como vem fazendo até momento.

— Impulsiva? — repetiu com tom malicioso. — Minha Daphne? A moça não é absolutamente impulsiva. Daphne é uma dama da cabeça aos pés.

— O que quer dizer com isso? — Espetou Penelope. — Está me reprovando que não frequentei uma academia para senhoritas!

— Não, não...

— Que não provenha de uma família tão nobre como a de sua primeira esposa não significa que minhas filhas ou eu sejamos menos...

— Querida minha, não queria insinuar nada semelhante!

— Bem, se por uma dama está se referindo ao dispendioso estilo de vida de sua filha, não posso dizer que discordo contigo a esse respeito. Não podemos costeá-lo! Temos que lhe

encontrar um marido rico que possa ajudar a fatura da costureira, o custo de todos esses vestidos para assistir a bailes e ao teatro e todas essas ninharias! E, além disso, suas obras de caridade! Entrega a metade do nosso dinheiro aos pobres!

— Vamos, não te altere, já está exagerando de novo. De todos os modos, não é mais que dinheiro.

— Não é mais que dinheiro? — gritou horrorizada. — Se nota que não conheceu o que é a pobreza, George. — Deixou escapar um repentino soluço que parecia surpreendentemente sincero. — Sei que acabaremos no asilo!

— Mas querida, não é necessário que chore. — Através da porta, Daphne viu seu pai aproximar-se de sua esposa e abraçá-la com ternura. — Sou consciente do muito que sofreu depois da morte do capitão Peckworth, mas esses dias ficaram no passado. Prometo-te que as meninas e você estão a salvo. Vamos, se acalme. Não se inquiete. A Bolsa baixa mas sempre volta a encher. Estaremos bem.

— Sim, sei, mas... OH, meus nervos não podem suportá-lo, George! Seriamente, não posso suportá-lo!

— Deixa que peça a um criado que te traga uma xicara de chá.

— São todos uns inúteis. — Penelope sorveu pelo nariz. — Muito bem.

Daphne retrocedeu com celeridade até seu próprio quarto a uns poucos passos de distância ao dar-se conta de que seu pai estava a ponto de sair e aguardou que passasse, sentindo-se envergonhada pela discussão que sustentou a respeito dela. Depois de tudo, não desejava que a acusassem de espiar conversas alheias.

Ao fim de um momento, apoiou a testa contra a porta fechada sem saber o que pensar das declarações de Penelope nas que alegava que estavam ficando curtos de recursos. Sabia que seu pai perdeu dinheiro na grande queda da Bolsa que pegou de surpresa a todos em Londres justo depois da batalha de Waterloo, mas ele seguia dizendo que tudo ia bem; assim, por que isso a fazia sentir-se culpada? Se seu pai não se justificava com a família a respeito de sua situação, o que podia fazer ela a respeito? Ler seus pensamentos? Era seu pai e sua palavra era lei para ela, assim a criou.

Por isso, se ele dizia que tudo ia bem, aceitaria sua palavra. Se não fosse assim, se existisse algum problema, seria melhor que o comunicasse sem rodeios. *Papai sabe que eu não gosto deste tipo de jogos.* Em qualquer caso, não era nenhum segredo com quem pretendia casar-se quando estivesse preparada e nem um só minuto antes: Jonathon White, seu melhor amigo.

Jono e ela foram tão inseparáveis como os Willies desde que aprenderam a engatinhar. E embora fosse certo que desde que cresceu Jonathon se preocupava muito pela moda e era incapaz de chegar pontual a um ato embora dependesse a vida disso, não o era menos que se tratava de um homem de aparência agradável, de maneiras refinadas, que sempre se mostrava divertido e agradável e possuía um gosto delicioso. Igual a seu pai, ele jamais enfrentaria a alguém em um duelo.

Acima de tudo, era muito inteligente para tentar dizer a Daphne Starling o que devia fazer. Muito pelo contrário, desde os cinco anos Jono se contentou em seguir e obedecer suas ordens

por serem mais acertadas. E o que era mais importante, a diferença de Albert, Jono sabia que ela era um ser humano. Tratava-a com respeito e, em consequência, Daphne confiava nele de forma implícita. Eram duas almas gêmeas. Entretanto, nos últimos tempos Daphne esteve guardando distância com Jonathon, simplesmente para evitar que se convertesse em vítima dos irmãos Carew.

Com um suspiro deu a volta e descansou as costas contra a porta. Imediatamente viu o novo e delicioso vestido branco de baile pendurado no gancho do armário à espera da celebração do baile dos Edgecombe.

Ficou olhando-o durante um momento.

Acabava de chegar da loja da costureira com os últimos retoques e vê-lo fez recordar vividamente o enfrentamento com o Albert que se avizinhava. O baile dos Edgecombe, que teria lugar na noite seguinte, seria o primeiro ato social que assistiria desde que rechaçou a proposição de matrimônio; o lugar em que voltariam a ver-se cara a cara em público.

Sabia de boa tinta que ele ia assistir e Daphne pretendia ter umas palavras com esse canalha e, com um pouco de sorte, pôr fim de uma vez por todas às mesquinhas difamações contra seu bom nome. Embora não era algo que esperasse com impaciência. Não tinha por costume encetar-se em desagradáveis brigas públicas com ninguém, mas tudo tinha um limite.

Albert estava pondo-se em ridículo com tudo aquilo e, em realidade, o que era que ele queria dela? Pelo amor de Deus, tentou fazer que a decepção lhe resultasse mais fácil de assumir. Por cortesia para ele, e em altares da modéstia, manteve-se afastada da alta sociedade durante duas semanas depois de sua francamente embaraçosa proposta.

Aquele horrível janota[2], aquele dandi de cabelo loiro, mal lhe dirigiu o olhar durante aquele calvário, dedicando-se em seu lugar a contemplar-se dissimuladamente no espelho situado atrás do sofá onde ela estava sentada, e a sorrir ao ver seu reflexo. Daphne quase se engasgou com sua tentativa de beijá-la, mas, de algum modo, encontrou as palavras para declinar semelhante honra. Algo que ele não tomou nada bem. De fato, Albert lhe prometeu que ia lamentar antes de sair como uma fúria dali.

Depois disso, Daphne procurou evitar coincidir com ele na cidade, mas já não ia manter-se à margem por mais tempo e a consentir que continuasse pondo às pessoas contra ela. De modo que se a batalha ia ter lugar na noite seguinte, escolheu a armadura perfeita. O delicioso e simples vestido estava confeccionado com o crepe de seda mais delicado que jamais tocara e lhe assentava como uma luva. Com todos os olhares postos nela, e não pelos motivos que uma jovem poderia esperar, sabia que era imperativo luzir um aspecto impecável. A aparência era tudo em sociedade e, com aquele vestido, podia estar segura de que ao menos ofereceria sua melhor imagem.

Além do vestido perfeito não tinha uma autêntica estratégia em mente, salvo atuar como a pessoa serena que era e demonstrar à sociedade que se encontrava bem e que tudo era tão normal como de costume.

---

[2] ***Janota**: Indivíduo que se veste com excessivo apuro e que disso se gaba.*

Se Albert causasse algum tipo de problema, sabia que nem sequer teria que montar uma cena. Confiava em que bastaria uns poucos e sutis comentários, formulados com um sorriso nos lábios, para lançar luz e que suas calúnias fossem vistas como a insensatez que em realidade eram. Nem tudo estava perdido. Ainda tinha esperanças de poder dar a volta a sua situação. Precisava admitir que era irônico que se encontrasse nessas circunstâncias depois de ter se conduzido com total retidão durante toda sua vida. Em honra à memória de sua mãe, procurou comportar-se em todo momento como uma perfeita dama.

Por sorte tinha fé que sempre podia obter-se algo bom até mesmo dos desafios mais difíceis. Por exemplo, todo aquele episódio era uma valiosa lição para descobrir quem eram seus verdadeiros amigos. Alguns deram-lhe as costas e não tencionava esquecer seus nomes; mas muitos outros, como Carissa e Jonathon, mantiveram sua lealdade incondicional. E o mais importante era que, ainda contava com a bênção das poderosas damas que ultimamente controlavam a opinião da alta sociedade, graças a Deus. Em parte era devido ao apoio de sua formidável tia avó, a duquesa viúva de Anselm. Chegada a ocasião, Daphne sabia que sempre poderia pedir ao velho dragão que cuspisse fogo sobre a sociedade em seu favor, mas, a menos que fosse estritamente necessário, preferia ocupar-se ela mesma. Entretanto, ter a Albert Carew como inimigo não era uma tarefa fácil de levar, mas o ter como pretendente foi até mesmo mais irritante. Ao menos já não precisava sentar e escutar os falsos louvores a sua beleza.

Afastando-se com parcimônia da porta, aproximou-se da cômoda para deixar sobre ela o chapéu que colocou esse dia, mas seus pensamentos retornaram à briga no Bucket Lane. Seguia sem poder deixar de perguntar-se o que aconteceu com seu inesperado salvador. Tinha infinidade de perguntas a respeito dele.

Era todo um mistério. Foi sua ação na verdade uma artimanha arranjada para afastar aos criminosos dela? Não cabia dúvida de que devia estar tão ébrio como os membros do bando para tentar algo semelhante.

Os insultos a esses tipos, a exigência com que pediu sua carruagem, deixar cair a bolsa das moedas... era tudo de propósito? Sacudiu a cabeça divertida. Se fosse assim, o homem merecia uma ovação por seus dotes teatrais. Com ele era difícil saber o que era real e o que era uma ilusão. Só esperava que tivesse escapado da multidão com vida. Não seria cômico que sua donzela tivesse razão e que ele aparecesse no baile dos Edgecombe? Não parecia a classe de homem que seria recebido ali e, mesmo que fosse convidado, talvez tivesse algum compromisso prévio no bordel.

Daphne deixou escapar um bufado. Aquele moreno desconhecido lhe salvou a vida, algo pelo que certamente contraiu uma dívida de gratidão com ele. Mas, obviamente, além disso não poderia ter nada que ver com nenhum desalmado que tivesse posto um pé em um estabelecimento como aquele. Se o bando lhe deu uma surra, talvez tenha aprendido a lição. Honestamente, um cavalheiro devia ser mais inteligente que tudo isso.

Com uma suave e afetada expressão de desgosto, expulsou ao enigmático desconhecido de sua cabeça e se olhou no espelho, perguntando-se com cinismo que produtos de beleza aplicar-se no rosto essa noite a fim de preparar-se para o dia seguinte. Vigiada pelas piores fofoqueiras da sociedade, esperando impacientemente ver desenvolver o drama entre o Albert e ela, não

desejava apresentar um aspecto gasto nem dar a impressão de estar preocupada com os disparates desse janota.

Quem sabe? Encolheu os ombros. Talvez seu pretendente despeitado passou por fim a manha de criança. Possivelmente, inclusive, Albert a surpreendesse e a saudasse como um cavalheiro.

Agradava-lhe pensar que cabia essa possibilidade.

Por outra parte, estimava que era tão provável quanto aquele libertino magnificamente temerário aparecesse no salão de baile dos Edgecombe.

Quem quer que fosse.

Capítulo 3

A noite do baile dos Edgecombe chegou e trouxe consigo uma tardia tormenta de verão, mas Max não se deixou desanimar.

Sua ampla carruagem da cor do ônix avançava envolvida na escura noite puxada por quatro briosos cavalos negros que sacudiam a cabeça ao som dos trovões e cujos olhares exalavam bafo. Os brilhantes halos dos faróis cintilavam sobre os dourados da carruagem de ébano enquanto os animais cruzavam outro atoleiro, salpicando com seus cascos. A chuva saía despedida das rodas que rangiam da alta carruagem formando foices prateadas de água.

Que noitinha para sair.

Dentro do veículo, o aguaceiro repicava no teto de madeira como uma incessante cantilena interrompida tão só pelo estalar dos relâmpagos que pareciam segui-lo. Deu outra imersão ao charuto, um luxo que raramente se permitia, e exalou com lentidão a fumaça pela fresta aberta do guichê da carruagem. Quando olhou para fora, a chuva que caía sobre o cristal distorcia o escuro mundo que se estendia ao outro lado.

Essa noite estava de um humor estranho, importunado por ligeiras dúvidas. Em geral, quando se encontrava de viaje pela Europa, o objetivo era simples. Sempre sabia como atuar. Mas Londres parecia um mundo completamente diferente e não tinha claro qual era seu lugar nele. Não que estivesse nervoso para conhecer a senhorita Starling cara a cara. *Por Deus bendito*, jantou com membros da realeza. E tampouco se preocupava excessivamente entrar de novo em sociedade; não importava o que pudessem dizer sobre sua pessoa, porque conhecia mais segredos seus do que eles saberiam jamais sobre ele.

Virgil criou o Clube Inferno como cobertura muito tempo atrás e ele aceitou lealmente representar seu diabólico papel sem pensar jamais no custo: deu sua palavra e sabia qual era seu dever. Mas essa noite, possivelmente, conheceria pela primeira vez o autêntico preço de sua relação com a Ordem. Talvez fosse muito tarde para deixar atrás essa solidão... Sacudiu-se de cima essas desgraçadas reflexões quando a carruagem diminuiu a marcha ao chegar a seu destino, e jogou uma olhada pelo guichê às amplas dimensões de Edgecombe House.

Seu lacaio, empapado da cabeça aos pés, apressou-se a abrir a portinhola, preparado com um guarda-chuva. Max apeou e, depois de jogar a bituca do charuto que fumou, alisou a jaqueta

de veludo e mexeu nos punhos da camisa.

Mal assentiu com estudada displicência a seu empapado criado.

— Se ocupe de procurar refúgio — lhe ordenou. —Não quero que meus cavalos se resfriem.

— Sim, milord.

Levantando o guarda-chuva a certa altura para proteger a seu senhor, que era mais alto, o lacaio se apressou a seguir a longa passada de Max, escoltando-o até o pórtico e, em seguida, retrocedeu atrás e dirigir-lhe uma reverência.

Max entrou no intenso resplendor da mansão, deixando atrás a negra noite do mês de setembro. Um milhão de velas de cera colocadas em inumeráveis candelabros e pontos de cristal cintilavam sobre os dourados tetos de Edgecombe House e faziam resplandecer suas colunas de mármore. Apesar disso, e motivado talvez por sua forma negativa de ver o mundo, não pôde evitar reparar em que a úmida noite tormentosa penetrou na mansão. Pisadas molhadas embaçavam o reluzente chão junto com os rastros de barro deixadas pelos sapatos dos convidados. Uma densa umidade impregnava o ambiente, arrancando um leve cheiro de mofo dos tapetes e fazendo amolecer as plumas dos tocados das damas.

Max ignorou o mordomo, declinando chamar a atenção, e entrou sem que sua chegada fosse anunciada formalmente.

Graças a seu trabalho, não era alheio a penetrar nas festas sem ter convite ou a ir aonde queira que o agradasse. O truque consistia em comportar-se como se a gente tivesse todo o direito de estar ali. Procedeu segundo aquela premissa, abrindo passagem tranquilamente pela lotada planta baixa com ar desenvolto. Ao passar recebeu as olhadas curiosas de algumas pessoas aqui e lá, mas Max evitou o contato visual, sabendo que muito em breve cairiam na conta de quem era.

Em efeito, não demorou para correr a voz depois de que alguns o reconhecessem; podia sentir os olhos fixos nele e escutar os sussurros que despertava enquanto se encaminhava pausada, embora inexoravelmente, para o salão de baile. Foi objeto de alguns olhares estupefatos, mas ao menos ninguém desmaiou. O som abafado da música foi aumentando em intensidade.

Tomou uma taça de vinho tinto da bandeja que levava um lacaio embelezado com libré e passou por dois grandes salões de recepção onde se dispuseram no caminho, mesas para o jantar leve que se serviria a meia-noite como de costume e que já se aproximava. À frente podia escutar os dinâmicos passos de uma contradança. Depois de cruzar por baixo de algumas colunas ao final do corredor, saiu a um patamar que dava ao salão de baile.

Em vez de descer pela elaborada escada de mármore, a fim de unir-se à festa sem demora, aproximou-se sem pressa até o corrimão dourado, onde se deteve e percorreu com a vista a multidão com igual atenção que se se encontrasse ainda na Europa em busca de um de seus objetivos. Enquanto escrutinava as ondulantes fileiras de bailarinos, subitamente divisou um brilho de cabelo dourado. Max entrecerrou os olhos enquanto lhe acelerava o pulso.

Seu olhar pousou em Daphne Starling.

Tão só reparou minimamente em seu alto e desajeitado companheiro, o suficiente para

recordar-se que, mais tarde, devia averiguar quem era aquele jovem janota de sorriso afável e cabelo loiro avermelhado.

Mal Max deu o gosto de olhar a suas largas à dama número cinco, saboreando a graça ágil de seus movimentos na dança e, possivelmente, despindo-a com os olhos. Gostava enormemente do decote baixo de seu vaporoso vestido branco. Nesses momentos parecia óbvio por que a jovem cuidou de manter-se bem tampada ao entrar no Bucket Lane. Se aqueles homens se dessem conta de quão formosa era, desataria o mesmo caos que agora ela provocava em seu sangue.

Das sapatilhas brancas de cetim até a pálida rosa de seu cabelo, Max percorreu por inteiro com o olhar a aquela esplêndida mulher em toda sua glória, preparada para o despertar de um amante. Em seus ouvidos ressonava o retumbar de seu coração. Desejava tocar a curva de sua face, sentir sua pele sedosa sob as pontas dos dedos. Explorar seu voluptuoso e jovem corpo com as mãos e os lábios; fazer que o pulso disparasse. Não existia um só homem capaz de contemplar a alguém como ela sem que despertasse seu desejo, mas havia algo mais, algo familiar. Uma necessidade mais profunda...

Quando os passos da dança a levaram a girar, com o braço estendido e a mão coberta por uma comprida luva unida a de seu casal, Max reparou em sua expressão preocupada, abatida e ausente. Brindou a seu companheiro um deslumbrante sorriso cortês mas distante, desenhando um círculo a seu redor igual a fizeram o resto das damas ao compasso da dança.

A jovem percorreu o salão de baile com ar de angústia e divisou de repente ao Max, que a estava observando. Seus olhares se cruzaram e ela se deteve de repente. Seu par lhe soltou a mão e retrocedeu até a fileira formada pelos varões, mas a senhorita Starling ficou imóvel no meio da pista, olhando a Max como se tivesse visto um fantasma.

Max não reagiu, apenas sustentou seu olhar de surpresa com silenciosa e serena paciência. Tentou tranquilizá-la e transmitir com um ligeiro sorriso que estava são e salvo. Enquanto isso, a repentina interrupção de Daphne provocou certo grau de confusão nos bailarinos, aos quais seguia totalmente alheia. Os demais casais amontoavam-se a seu redor, chocando uns com outros enquanto seu companheiro tentava chamar a atenção da jovem. Seus grandes olhos azuis permaneciam cravados nele, saturado de uma emoção entristecedora que a Max, mesmo com seu treinamento, resultou-lhe difícil de decifrar.

Mas foi então quando no fundo de seu ser soube com palpitante certeza que o resto da lista de possíveis noivas confeccionada pelo Oliver era irrelevante. Sabia que a encontrou e, enquanto sustentava o olhar, um único e ardente pensamento ocupou a mente, o corpo e a alma, e sussurrou em silêncio: *É minha.*

Você... Talvez algum feiticeiro de rosto murcho invocou a escura e violenta tormenta que essa noite se desencadeava do lado de fora com grande virulência e a conjurou em forma de homem, pois ele se encontrava no patamar como se acabasse de chegar montado a lombos de um raio.

Por desgraça, para Daphne as tormentas sempre pareceram irresistivelmente excitantes. Era incapaz de afastar os olhos dele... Seu salvador! Sentiu um enorme alívio ao vê-lo são e salvo, embora não conseguia imaginar como conseguiu escapar com todo o bando de Bucket Street desejando acabar com ele. Enquanto sustentava o olhar com uma sensação de júbilo reverberando por todo seu ser, teve a estranha impressão de que esse homem foi essa noite ali expressamente a procurá-la.

No final das contas, nunca antes o viu em sociedade e não era a classe de homem que a uma jovem pudesse lhe passar despercebido. Percorreu com os olhos a alta e musculosa figura com admiração. Não era um dandi como Albert, senão algo extremamente mais perigoso.

Seu porte recordava à realeza europeia, com seu curto cavanhaque e um vislumbre de extravagância em sua deslumbrante perfeição. Era alto e magro, de ombros largos e uma constituição poderosa, com um estilo italiano em sua forma de vestir: um audaz toque de cor em seu colete vermelho sob a jaqueta de veludo negro, um nó ligeiramente mais artístico no lenço e, possivelmente, certa elegância no franzido da manga.

Ele tomou um gole de vinho tinto, sem deixar de observá-la com seus claros olhos brilhando à luz das velas. Daphne, por fim, conseguiu afastar o olhar, sentindo-se um pouco enjoada; em parte afligida de novo por aquele escuro e delicioso magnetismo que recordava vividamente da primeira vez que o viu no Bucket Lane. Um tanto desorientada, só então percebeu que deixara de dançar e semeara o caos no resto dos casais.

— Star? Acorda! Está aí? — Jonathon a chamava da fila da frente, empregando o diminutivo do Starling que só ele utilizava.

— OH... sinto muito!

Com o coração pulsando com força, deu uma olhada nervosa a seu redor tentando encontrar seu lugar, mas Jonathon simplesmente riu como acostumava a fazer. A vida era uma grande aventura para Jonathon White, o que, em ocasiões, irritava-a muito, mas era um homem leal. Seu amigo de infância permaneceu cavalheirescamente a seu lado durante a maior parte da noite para lhe prestar apoio moral no enfrentamento vindouro com seu pretendente despeitado.

Dada sua desajeitada altura, a missão de Jonathon era manter os olhos bem abertos se por acaso aparecia Albert. Sempre resultava fácil encontrar a seu amigo em meio de uma multidão graças a seu brilhante e curto cabelo loiro avermelhado que reluzia como um farol e, se não fosse assim, normalmente podia ouvir-se sua risada.

Daphne o lançou um inofensivo olhar turvo por rir as suas custas. Naturalmente, a música parou justamente quando se colocou de novo em seu lugar.

Os bailarinos trocavam reverências com seus casais e então aplaudiram com entusiasmo aos músicos. Daphne jogou uma fugaz olhada para o patamar onde o moreno desconhecido esteve, mas desaparecera entre a multidão.

Jonathon se aproximou até ela.

— Encontra-te bem, céu? Está muito estranha.

— Estou bem — respondeu Daphne sem prestar muita atenção. — Apenas um pouco... distraída.

— Pois mais vale que deixe de estar. — Advertiu seu bom amigo com tom irônico. — Acredito que chegou o momento que esteve esperando. Carew vem para cá.

— Ai, Meu deus. — girou e, seguindo o movimento de cabeça do Jonathon, viu que, em efeito, Albert se encaminhava com passo firme para ela flanqueado por dois de seus arrogantes irmãos mais novos.

Daphne ficou furiosa ao vê-los. Lorde Albert Carew tinha uns perfeitos traços esculpidos, cabelo ondulado loiro avermelhado e possuía uma voz ligeiramente rouca que lhe conferia um ar desenvolto e deixava loucas o resto das jovens da alta sociedade. Em uma ocasião, até mesmo Beau Brummell o felicitou por ser o segundo dandi melhor vestido de Londres. Infelizmente, nenhum de seus encantos tinha o menor efeito sobre Daphne. Estava de todo segura de que era sua indiferença o que o levou a fixar-se nela. A ele deve resultar difícil de acreditar que alguma mulher pudesse resistir. Mas a única coisa que Daphne podia ver quando o olhava eram seus olhos frios e esse ângulo altivo de seu bonito nariz. Mesmo a uns quantos metros das filas de bailarinos que foram dispersando-se, Albert a brindou com um sorriso presunçoso com um gélido desdém soterrado.

A jovem ergueu os ombros, afastando no momento de sua mente o desconhecido de cabelo negro. Chegou a hora do ansiado enfrentamento. Quando ainda faltavam uns metros, Albert cravou os olhos de maneira ameaçadora no jovial Jonathon, inspecionando-o com desdém.

— Vá! — murmurou Jono, mas o olhar ameaçador de que foi objeto seu melhor amigo só suscitou a ira de Daphne.

— Jonathon, querido, teria a bondade de me trazer uma taça de ponche? — disse entre dentes, olhando fixamente a seu pretendente despeitado.

— Star, não tenho medo a...

— Vê. Não quero te implicar nisto.

— Não penso te deixar...

— Posso me ocupar dele. Não pode me desafiar a um duelo.

— A um duelo? — Repetiu Jonathon, tragando saliva com os olhos como pratos. — Seriamente acredita que...?

— Gostaria muitíssimo de tomar um ponche. Agora.

Jonathon duvidou.

— Bom, face ao muito que te adoro, jovenzinha, mais valorizo minha vida.

— Parte já!

Daphne se alegrou quando Jonathon assentiu envergonhado e desapareceu pondo fim a sua insistência. A última coisa que desejava era que seu inocente e inofensivo amigo se convertesse no alvo de Albert e seus irmãos.

O elegante jovem não possuía alma de guerreiro e, além disso, não tinha nada a ver em tudo aquilo. Apertou os punhos enluvados aos lados. As palavras mordazes que preparou para o Albert lhe queimavam na ponta da língua enquanto aguardava a que chegasse até ela, ansiosa por colocá-lo em seu lugar de uma vez por todas ao canalha.

Mas então, justo uns passos mais à frente, seu salvador do dia anterior se interpôs de

repente entre eles, cruzando-se no caminho dos irmãos Carew. Sem prévio aviso, e de forma aparentemente acidental, chocou-se com força contra o ombro do Albert, fazendo que este se salpicasse com o líquido de sua taça.

— OH, me perdoe, lamento enormemente — se desculpou sem demora com um intenso tom aveludado.

— Tome cuidado por onde vai!

Daphne inspirou bruscamente e ficou olhando. *Céu santo, voltamos outra vez às andadas!*

Albert se voltou para ele indignado, sacudindo o vinho da mão.

— Está você cego, pedaço de tolo?

— Não foi intencionado, meu bom amigo, me perdoe — o tranquilizou o homem com inflexão grave e educada.

Daphne detectou certa perfídia em suas melífluas palavras.

— Dirigia-me a me reunir com um amigo — disse. — Mas... espere. — O desconhecido se interrompeu, estudando-o com olhar penetrante. — O conheço?

— Como? — balbuciou Albert, lhe lançando um olhar depreciativo. — Não. Não acredito.

Daphne observou fascinada, embora impaciente por ter a oportunidade de descarregar sua ira sobre seu antigo pretendente.

— Sim, naturalmente — repôs de improviso o desconhecido. — É lorde Albert Carew, estou certo?

— Sim. Ora vá, sim, sou eu. — Albert se ergueu, extremamente orgulhoso de tal feito, em que pese a que não era o bastante alto para olhar a aquele homem aos olhos sem ter que elevar a cabeça.

— Os três são filhos do defunto duque de Holyfield, se não me equivoco — Olhou ao resto dos irmãos Carew. Daphne sentiu que se avizinhavam problemas.

— Em efeito, somos — declarou Richard, o mais novo.

— E quem é você? — apressou-o Albert com ar altivo.

— Vamos, será que não me reconhece? — Respondeu o desconhecido com um sorriso cúmplice. — Me olhe nos olhos. Passou muito tempo... acredito. Estou seguro de que se lembrará.

A jovem mal reparou em que esteve contendo o fôlego. Ignorava por completo do que ia tudo aquilo, mas tinha o pressentimento de que havia muito mais do que parecia a primeira vista. De qualquer forma, o encontro que tinha lugar justo diante lhe proporcionou a furtiva oportunidade de estudar a seu salvador mais de perto.

A expressão geral de seu rosto quadrado, puramente masculino, era séria e severa; tinha uns traços cinzelados bem formados, nariz e queixo alongados e definidos, equilibrados pelos pronunciadas maçãs do rosto, mandíbula angulosa e umas espessas e escuras sobrancelhas.

Os olhos verdes cinzentos estavam bordeados por umas negras pestanas, curtas e densas. Albert olhou fixamente aqueles penetrantes olhos e pareceu esquecer por completo sua indignação, como se caísse sob o insondável feitiço do desconhecido, tal e como ela mesma experimentara só momentos antes.

— Vamos, recorda — disse o homem com um tom ligeiramente ameaçador, como se seu

olhar sombrio e seu sorriso sinistro pudessem hipnotizar a qualquer vítima confiada. — Na época não éramos mais que uns meninos.

— Não pode ser — sussurrou Albert. — Max... Rotherstone? É você?

O desconhecido assentiu pausadamente enquanto Daphne memorizava aquele nome.

Possivelmente se devia à bebida, mas Albert parecia extasiado. Logo meneou a cabeça.

— Não acredito — declarou enquanto Max Rotherstone continuava lhe submetendo a seu controle, como um encantador de serpentes. —Esteve ausente tantos anos para não recordar; simplesmente... desvaneceu-te.

— Sim — disse. — Mas retornei.

— Por quê? — exigiu saber imediatamente Albert, receoso.

— Fiz e vi tudo que desejava fazer ou ver. — Inclinou a cabeça com resolução. — E o que esteve fazendo você com sua vida durante todo este tempo, Albert?

O semblante cinzelado do janota empalideceu.

Nada. A triste verdade estava escrita em seu rosto. Daphne quase se compadeceu dele quando este não soube o que responder, mas o direto aviso a sua falta de propósito na vida pareceu tirar de repente ao distinto dandi do feitiço.

Albert trocou de tema, ao que parece impaciente de repente por livrar-se de seu velho conhecido, daquela antiga amizade que tinha formulado tão embaraçosa pergunta.

— Bom, Max, disse que ia ao encontro de alguém. Não permita que lhe entretenhamos.

— Ah, sim. A grande duquesa de Mecklenburg. — O bonito sorriso que esboçou fez que Daphne contivesse o fôlego.

— A grande duquesa? — repetiu Albert com certa reserva.

— Mmm, sim, uma dama encantadora. Conheci-a no curso de minhas viagens pela Europa.

— Vá! — balbuciou Richard Carew com reticente admiração.

Max Rotherstone agarrou as mãos atrás das costas.

— Desejas que vos apresente?

Albert pareceu recordar nesse momento onde se encontrava e lançou um olhar cheio de malícia a Daphne, que estava justamente atrás de Rotherstone.

— Conhecer a grande duquesa? Estou seguro de que a todo homem agradaria algo assim.

— Em efeito. —Rotherstone mal dirigiu a vista com desdém para a jovem por cima do ombro, virtualmente sem lhe prestar a mais mínima atenção. — É obvio, não desejo interromper...

— Absolutamente - lhe cortou Albert, olhando-a com expressão glacial. — Aqui terminamos, me acredite.

— Bem, pois! Me acompanhe — o ordenou, dando uma palmada no ombro do Albert. — Sua excelência está sentada por aqui. Depois de ti, amigo.

Com a outra mão, Max assinalou para o fundo da sala, levantando seu musculoso braço ante a cara de Daphne como se fosse uma barreira de pedágio. Nenhum dos homens prestou atenção a jovem, que bem poderia ser invisível.

— Deve saber que também eu frequento os círculos mais elevados — assinalou Albert a Rotherstone, incapaz de resistir a lançar um último olhar auto complacente em direção a Daphne.

— Ouvi que o regente me tem em alta estima.

— Resulta fascinante. Deve me contar isso tudo.

— Bem, sua alteza real elogiou primeiro o corte de minha jaqueta...

Albert precedeu a Rotherstone, completamente submisso, enquanto satisfazia com avidez a solicitude totalmente falsa de Max. Daphne os viu afastar-se cheia de assombro, sem estar de todo segura de que diabo acabava de acontecer. Mas enquanto Max Rotherstone levava destramente aos irmãos Carew, os três sem lugar a dúvidas sob seu controle, voltou a vista para ela, com uma dissimulada faísca divertida nos olhos.

Daphne sacudiu a cabeça enquanto o olhava aturdida. O sorriso travesso e o mal perceptível assentimento pareciam querer lhe dizer: *Não há de que... uma vez mais.*

Capítulo 4

— Vá, não acredito — sussurrou Daphne.

Não conseguia decidir se se sentia encantada, fascinada ou chateada porque ele levou Albert e a privou da satisfação de lhe jogar a reprimenda que merecia. Mas uma coisa estava clara: o tal Rotherstone era tão ousado como insolente, e escorregadio como ninguém. Intrometeu-se duas vezes em seus assuntos e, embora escutou seu nome por acaso, seguia sem saber quem era na realidade.

Coisa estranha, pois normalmente conhecia todo mundo. Ficou na ponta dos pés presa da curiosidade, tentando não perdê-lo de vista entre a multidão. Quando o divisou do outro lado do salão de baile, realizando as apresentações entre os irmãos Carew e a grande duquesa de Mecklenberg, tal e como prometeu, não pôde evitar sorrir amplamente.

A expressão do rosto do Albert era impagável quando Rotherstone apresentou a uma velha dama de aspecto extremamente severo e com o cenho franzido de forma desagradável.

Sua excelência observou aos irmãos Carew com absoluta desaprovação.

Vá, é toda uma caixa de surpresas. Um sem-fim de perguntas sobre aquele homem formava redemoinhos na cabeça de Daphne no momento em que escutou a voz de seu pai.

— Ah, filha, está aqui! —virou-se quando lorde Starling se aproximou tranquilamente para ela, com os olhos cinzas transbordantes de carinho. — Ouviu o anúncio? Vai ser servido o jantar. Quer nos acompanhar?

Daphne o brindou com um sorriso.

— Jamais recusaria sua companhia, papai. —Tomou o braço que lhe oferecia ao mesmo tempo que se esforçava por se concentrar. — Se importa que Jonathon se una a nós? Foi buscar uma taça de ponche para mim.

— Se for necessário — resmungou. Não era nenhum segredo que seu pai considerava o Jono um jovem muito estúpido.

— Papai? — Enquanto se dirigiam para o salão onde se servia o jantar ligeiro, agarrada de seu pai, aproximou-se para lhe murmurar ao ouvido a fim de que ninguém pudesse lhes ouvir: — Há um cavalheiro, papai... muito misterioso. Pergunto-me se o conhece.

— Hum. Onde?

Daphne jogou uma olhada a seu redor e franziu o cenho.

— OH, diabo, já não o vejo! Parece ter o dom de desvanecer-se como a fumaça... ouvi que alguém se dirigia a ele como Max Rotherstone.

— Lorde Rotherstone? —Seu pai se deteve e se voltou para ela surpreso. — O Marquês Perverso?

Daphne franziu o cenho ante sua resposta e a seguir rompeu a rir.

— O Marquês Perverso?

— Vá, que valente é — brincou seu pai. — Dança com ele, minha doce Perséfone, e te levará consigo ao Hades e eu não te verei mais que a metade do ano.

— OH, papai! — brigou-o, rindo e segura ainda de seu braço. — Por que o chamam assim?

— O que sei eu? mas é provável que o mereça. — Lhe piscou um olho. —Talvez deveria perguntar ao vagabundo.

— George! — Foram interrompidos quando Penelope saiu da multidão e se apresentou ante eles, agitando o leque energicamente. — George, George! OH, George, por todos os Santos, está aqui! Procurei-te por toda parte! Aonde diabos foi?

— Estou aqui mesmo, querida — disse com voz tranquilizadora, sumindo-se de novo em seu afável estado de estupor.

— Foi muito desconsiderado por sua parte me deixar sozinha, George! — Penelope se aproximou com urgência a lorde Starling e reclamou seu outro braço, totalmente disposta a encetar-se em um tira e afrouxa com a Daphne pela atenção do pobre homem ou, mais ainda, a lhe partir em dois como se fosse um osso dos desejos.

— Como pode ver, querida, só vim a procura de Daphne para que jantasse conosco.

— Mas, George, é impossível! Já consegui dois assentos para nós na mesa de lorde e lady Edgecombe... Só dois!

— Não poderíamos fazer um vão para a menina?

— Pedir uma terceira cadeira na mesa dos anfitriões? Jamais cometeria tal grosseria! Lorde e lady Edgecombe nos considerariam uns bárbaros!

Daphne conteve uma tossidela educada.

— Estou segura de que nunca poderiam pensar nada semelhante, senhora — murmurou.

Seu pai lhe lançou um severo olhar de soslaio.

— Já é honra suficiente que nos tenham convidado a todos, George!

Daphne não tinha dúvida alguma de que sua madrasta havia se convidado sozinha.

— Não acontece nada — disse elevando a voz. — Me sentarei com minhas amizades.

— Sim, deixemos que se sente com os jovens, George. Assim é como deve ser. Vamos, não podemos fazer esperar aos Edgecombe!

Penelope levou a lorde Starling sem mais demora, deixando-a sozinha. Por sorte, Jono voltou bem a tempo com o ponche.

— Seu pai é um santo— comentou enquanto lhe entregava a taça. Ao que parece, escutara a conversa.

— Não estou segura de que esse seja o termo exato para descrevê-lo — disse ela com certo tom irônico e filosófico. — Por que acredita que deixa que o avassale desse modo?

Jono encolheu os ombros.

— Sua madrasta é uma mulher com uma vontade de ferro.

— Felizmente, também eu. Do contrário, neste momento estaria prometida a Albert Carew. — estremeceu-se. —Se o matrimônio consiste em uma tirania caseira, não quero saber nada dele.

— Nem eu. — Jonathon elevou sua taça. — Brindemos pelo celibato, querida.

Daphne assentiu, chocou sua taça com a dele e beberam à saúde daquilo em perfeita harmonia, como de costume.

Uma vez que sua melhor amiga, Carissa Portland, uniu-se a eles, os três passaram ao comprido salão retangular, repleto de mesas com toalhas de damasco para os convidados. Dirigiram-se a uma mesa ocupada por outras amizades deles, um grupo de encantadoras jovens e janotas embelezados com vistosos trajes. Essa noite Daphne foi objeto de alguns olhares críticos aqui e lá, e recebeu umas saudações lacônicas e distantes, mas ainda havia um bom número de amigos que Albert não pôde colocar contra ela e que resultava uma companhia jubilosa e elegante.

Um enxame de acompanhantes vigiavam de perto as jovens que estavam a seu cargo. Enquanto outros mantinham uma animada conversa, Daphne continuou esquadrinhando dissimuladamente o salão em busca do enigmático lorde Rotherstone. *Por que o chamam o Marquês Perverso?* Mas claro, não fazia sentido perguntar se tal coisa depois do quanto conhecia dele até o momento. O certo era que ficou um tanto desconcertada ao descobrir que era amigo de Albert.

Justo naquele instante divisou aos quatro - lorde Rotherstone, lorde Albert e os dois irmãos mais novos deste - reunidos às portas do salão de jantar, de pé junto a uma das numerosas entradas abobadadas da coluna adjacente. Pareciam estar colocando em dia os velhos tempos enquanto o resto dos convidados passavam tranquilamente junto a eles em busca de seus assentos nas diversas mesas. A preocupação empanou a expressão de Daphne enquanto os observava conversar, ficando paralisada quando viu que lorde Rotherstone assinalava discretamente em sua direção. De repente lhe faltou o ar ao ver que aproximavam as cabeças para falar sem dúvida sobre ela e lorde Rotherstone cruzava com parcimônia os braços à altura do peito.

Ele escutava com atenção a Albert mexericar a respeito dela e a alma de Daphne caiu aos pés.

Não! — Pensou com furiosa impotência. — Não acredite nas mentiras que conta sobre mim!

Afastou o olhar, com o coração pulsando rapidamente, mas nesse momento teve que enfrentar o fato de que gostava do tal Rotherstone.

Não saberia dizer por que nem que sua vida dependesse disso. Esse homem visitava horríveis bordéis, brigava como um bárbaro selvagem e possuía uma estranha e escorregadia habilidade para manipular às pessoas, tal e como acabava de demonstrar com o Albert. E no salão de baile a olhou como se a estivesse imaginando nua. Jamais em toda sua vida conheceu a alguém

como ele: um homem magnífico, de audaz bravura, com uma mente ágil, uma férrea coragem e estilo fluido. Fazia com que lhe faltasse o fôlego.

Mas agora, antes de que tivessem sido apresentados, Albert ia arruinar tudo porque, se ele não podia tê-la, em seu rancor, desejava vê-la acabar sozinha.

Na mesa, suas amigas continuavam conversando mas Daphne já não escutava. O que podia fazer? Correr até eles e pedir a Albert que fechasse a boca? OH, de todos os modos, o que podia importar o que contasse a lorde Rotherstone? O Marquês Perverso era um néscio se acreditasse nas mentiras de Albert sem escutar sua versão da história.

Apesar de tudo, resultava doloroso depois de ter passado as últimas vinte e quatro horas pensando nele como em seu herói. Talvez fosse rude, mas esse homem arriscou a pele por ela. E agora, ao escutar as mentiras que seu velho amigo Albert o contava sobre sua pessoa, o interessante marquês não desejaria ter nada que ver com ela. Sabia que os homens estavam falando ainda sobre ela e se sentia nua ali sentada, como um alvo fácil para suas brincadeiras.

Necessitava desesperadamente de um momento para recompor-se, de modo que se desculpou sem mais ante suas amigas e se levantou da mesa. Se encaminhou com rigidez até uma porta ao fundo da sala a fim de evitar passar junto a aquele homem. Poderia jurar que sentiu seus olhos fixos nela enquanto saía do salão de jantar. Manteve a cabeça bem alta, decidida a fingir ao menos certa dignidade, mas tão logo escapou de sua vista, recolheu as saias de crepe de seda e correu até a segurança do reservado de senhoras.

Hurra, pensou Max, observando a Daphne Starling.

Parecia um tanto alterada nesse momento. Seu delicado rosto tinha empalidecido quase como se pudesse escutar as pouco aduladoras palavras de seu antigo pretendente.

Albert continuou destrambelhando, mas Max se cansou de ocultar os verdadeiros sentimentos que lhe provocavam os comentários daquele descarado. Desejou escutar de primeira mão que queixa exatamente tinha contra ela para poder enfrentar ao homem de modo apropriado. Certamente, Max só teve que lhe animar ligeiramente a falar do tema para que este soltasse a língua.

— É uma coquete altiva, volúvel e narcisista. Atrai aos homens só para espantá-los. Se acredita muito boa para todos...

— Sabe, Carew — lhe interrompeu Max com voz suave, disposto a dominar-se. — Se continua falando dela desse modo, vão pensar que está despeitado.

— A que se refere? — replicou Albert, pilhado de surpresa.

— Não dá boa impressão. É mesquinho — aduziu Max com frouxidão, fazendo uso de sua férrea disciplina para manter sua ira a raia. — Pelo que percebo, é que faz parecer que simplesmente deseja prejudicá-la ante outros só porque não pode conquistá-la.

— Esse não é o caso! — Bramou Albert. — Meu único propósito é que se saiba ao fim a verdade sobre a tão querida senhorita Starling. Possivelmente desse modo o próximo não acabe

ferido!

— OH, de modo que só atua de boa fé. Entendo.

— É obvio!

— Bem — disse pausadamente, com a voz carregada de significado e olhando-o com fixidez aos olhos; —de todos os modos, eu fecharia a boca se fosse você.

Albert guardou silêncio, percebendo a ameaça que subjazia atrás daquelas palavras firmes e o frio olhar cortês do Max. Os dois irmãos Carew se olharam sobressaltados. Pareciam recordar que era assim como estava acostumado a começar tudo.

Albert se mofou e afastou o olhar, sacudindo a cabeça com um sorriso zombador.

— OH, mas não sou eu, não é certo, Rotherstone? Bem que você gostaria que fosse.

— Me escute bem, emperiquitado saco de mediocridade. — Max se aproximou, cravando os olhos nos do Albert com maior ferocidade. — Deixa a Daphne Starling para alguém mais capacitado para dirigir a uma dama com sua classe.

— E quem poderia ser? Jonathon White? É um efeminado mais velho inclusive que meu irmão Hayden. Aguarda um momento... refere-se a ti? — Albert entrecerrou os olhos de repente. — Está interessado nela?

— Pronuncia uma só palavra mais contra ela e o averiguará.

Albert deu uma breve gargalhada.

— Está me ameaçando, Max? — desafiou-o, sem dar-se conta do perigo que corria.

Max se inclinou com lentidão para ele, com expressão gélida, e sussurrou:

— Simplesmente te dou um bom conselho... Alby. — A mensagem pareceu ser recebida por fim.

Albert ficou tenso e deu um passo atrás, aferrando-se entretanto a sua característica arrogância.

— Acredita que pode vencer ali onde eu fracassei? Boa sorte, Max — disse indignado, lhe lançando um fugaz olhar de desdém. — Te estarei animando.

— Vá, vá, outra vez como nos velhos tempos? Já vejo que voltam para as andadas.

Ambos olharam ao Hayden, o irmão mais velho de Albert, de débil compleição, quando se uniu a eles. O despreocupado jovem duque de Holyfield tinha o aspecto delicado de um poeta. Este passeou o olhar entre Max e Albert com um sorriso afligido.

— Vamos, tranquilos, cavalheiros, somos adultos, não é certo?

Albert pôs os olhos em branco, mas Max sabia que tinha razão, pois começaram a atuar como dois jovenzinhos grosseiros. Não se surpreendeu absolutamente que Albert tivesse jogado abertamente a luva, desafiando-o a demonstrar que era mais homem que ele se acreditava que podia ter êxito lá onde este fracassou. Albert falhou.

O que surpreendia a Max era que funcionasse. Agora que tinha uma ideia da bondade e a compaixão de Daphne Starling, desagradava-lhe o ímpeto de sua natureza competitiva, que esteve a ponto de lhe fazer morder a isca para convertê-la em uma espécie de troféu entre eles. Max era perfeitamente consciente de que fazer daquilo uma competição era algo estúpido e incorreto mas, maldição, os condenados Carew sempre tiraram o pior dele.

Albert proferiu um bufado de desprezo e se voltou para seus dois irmãos mais novos.

— Vamos daqui. — Escrutinou a Max e a Hayden com renovada prepotência. — A companhia é terrivelmente tediosa. Os Edgecombe devem estar baixando a fita de seda.

Max lhe sorriu de forma ameaçadora, mas absolutamente lamentava ver partir a aquele bastardo. Possivelmente agora a senhorita Starling pudesse desfrutar do baile. Exalou para moderar sua ardente irritação e em seguida se voltou para saudar ao mais velho dos Carew com um sorriso mais adulto.

— Holyfield.

— Rotherstone. Alegra-me verte de novo! Acreditei te reconhecer. Deus santo, passaram anos! Lamentei me inteirar da morte de seu pai — adicionou Hayden, fazendo que Max se esquecesse de sua agitada distração.

— O que? Ah, sim, naturalmente. Obrigado. O mesmo digo.

— Bom, Max... com tanto como viajaste, algum conselho quanto a que ver em Paris? Minha esposa deseja ir dar a luz.

— Dar a luz? Hayden! —- Max o olhou surpreso. — vais ser pai?

O jovem duque esboçou um amplo sorriso.

— É nosso primeiro filho.

— Parabéns!

— Em realidade, estou morto de medo.

—Ah, a preocupação típica de todo pai de primeira viagem... — disse com um sorriso, como se ele entendesse dessas coisas. —Assim vai levá-la a Paris?

— Mariah quer ver a cidade enquanto ainda pode viajar. Suponho que uma vez que nasça o bebê não teremos possibilidades durante um tempo.

— Bom, devem visitar as Tullerías e o Louvre, naturalmente. E Versalles e a catedral do Notredame. —Mantiveram uma breve conversação a respeito dos magníficos monumentos turísticos parisienses, mas Max estava ansioso por encontrar a Daphne Starling.

Depois de felicitar de novo a Hayden, desculpou-se. Mas enquanto ia em busca de sua presa de dourados cabelos, seguia sem poder acreditar que aquele tipo débil conseguiu antes que ele casar-se e engendrar um filho com sua esposa.

Diabo, jamais o acreditaria possível. De fato, resultava um tanto deprimente.

Não vira retornar ao salão de jantar a Daphne Starling enquanto a buscava, de modo que foi olhar no salão de baile, mas também estava virtualmente deserto. Jogou uma olhada com indiferença a algumas das salas de recepção mas, ao não encontrá-la em nenhuma parte, concluiu sombriamente que estava escondendo-se dele.

Maldição, pensou. Possivelmente foi o suficiente por essa noite. Não teve o melhor começo. Talvez resultasse mais conveniente tentar de novo mais tarde, quando não houvesse olhos curiosos em toda parte, por isso Max decidiu ir-se. Ao menos conseguiu o que se propôs essa noite: deixou que ela o visse a fim de que não tivesse que preocupar-se por pensar que sofreu algum dano por sua causa. Pensando melhor, poderia ser um tanto presunçoso por sua parte pensar que se preocupava.

Seu rosto se endureceu ante os sinistros roteiros que tomavam seus pensamentos. Retirou-se do deserto salão de baile e se dirigiu à saída mais próxima.

De todas as formas, aquele não era seu lugar.

Refugiada a salvo no reservado de senhoras, Daphne examinou com olho crítico seu reflexo no espelho. Depois de ter disposto de uns momentos para serenar-se sabia o que faria, e isso não incluía ocultar-se nem um segundo mais como uma covarde.

Precisava sair e falar com ele. Falar... com o Marquês Perverso.

Tragou saliva com força ante aquela perspectiva, experimentando um instante de dúvida. Sua sensibilidade feminina se rebelava só de pensar em abordar a um homem que não foi devidamente apresentado, mas se Albert contou mentiras sobre ela, seu orgulho insistia em defender sua reputação. Por alguma razão, nesses momentos aquilo a interessava mais que o enfrentamento com o Albert que planejou. Não se atrevia a se aprofundar no porquê se importava tanto o que aquele desconhecido pensasse dela, e preferia dizer a si mesma que se tratava de uma simples questão de etiqueta. Esse homem salvou sua vida; o mínimo que podia fazer era ir agradecê-lo. Encaminhou-se de novo para a festa com passo gracioso mas alerta, ao mesmo tempo que o buscava atentamente com o olhar ao amparo de seu leque.

Não o encontrou de pé na entrada do cheio salão de jantar nem tampouco o viu no salão de baile. Daphne franziu o cenho. Aonde foi? E justo quando começava a temer que perdeu sua oportunidade, divisou-o em um longo corredor de mármore rumo a uma porta lateral de Edgecombe House. *Parte?*

OH... Maldição! recolheu as saias e correu atrás dele com os olhos cravados nas amplas costas em forma de V; o batimento de seu coração se acelerou para seguir o suave compasso das pegadas de suas sapatilhas de cetim.

Diga algo! — ordenou-se a si mesma. — Se está indo!

Quase chegou às escadas que se encontravam ao fundo do corredor e que levava a um pequeno vestíbulo que dava a uma porta que mal se utilizava. Sabia que precisava detê-lo, mas Daphne era incompreensivelmente incapaz de articular uma única palavra, algo nada próprio dela.

— Isto... desculpe-me. — Sua voz era apenas um sussurro, muito mal dava para que ele a ouvisse.

Apressou-se decidida a tentar outra vez, mesmo que não soubesse o que faria com tão perigoso predador uma vez que o alcançasse. Enquanto o observava não pôde evitar admirar seu andar audaz e seguro, como se pudesse atravessar o fogo sem queimar-se.

— Desculpe-me! — chamou-o elevando a voz. Fraquejou, mas se recuperou com celeridade. — Bem... não nos conhecemos?

Ele se deteve de repente. Daphne fez uma careta ante sua indubitavelmente pouco original saudação e depois mordeu o lábio inferior. Ao menos desta vez parecia que a ouviu o chamar.

Aguardou espectadora sua reação, sem saber o que esperar, mas decidiu nesse mesmo

instante ocultar o fato de que já conhecia seu nome. Em caso de que estivesse rindo dela com Albert, por que lhe dar a satisfação de que soubesse que se importava o bastante para prestar atenção a algo assim?

Ele se manteve muito quieto, sem nem sequer dar a volta, pois, se tivesse feito, Daphne teria visto o surpreso brilho triunfal em seus olhos e a secreta satisfação que curvava seus lábios.

— Rogo-lhe que me desculpe, senhor. — Daphne se armou de coragem e deu um passo hesitante em sua direção. — Já está indo... tão cedo?

De forma cautelosa e pausada, o moreno e arrumado marquês deu finalmente a volta para ela, percorrendo-a com olhar precavido.

— Não estou seguro — disse com frouxidão — de que haja algum motivo pelo qual deva ficar. — Arqueou uma sobrancelha ligeiramente, como se a desafiasse a discrepar com ele.

Daphne sentiu tremerem os joelhos sob as anáguas, ameaçando ceder quando enfrentou o magnetismo do Marquês Perverso em toda sua glória masculina.

Tragou saliva com força.

— Não me ocorre nenhum.

— Seriamente?

Brincou com o leque, mas estava resolvida a dizer tudo o que precisava dizer.

— Queria agradecer por ontem— asseverou. — Foi muito nobre por sua parte ir em meu auxílio.

— Nobre? — repetiu ele, arqueando suas sobrancelhas negras.

— Sim. —Assentiu energicamente. Algo em seu olhar fazia que sentisse um comichão nos dedos, que foi subindo por seus braços com doce calor, aninhando em seu peito e estendendo-se a seus seios. Estranhou a sensação a base de vontade. — Foi uma artimanha engenhosa... OH, mas muito perigosa! — repreendeu-o. —Sabe bem que poderia ter saído mau. Não estou segura de que devesse tê-lo feito.— Tragou saliva. — Mas, por sorte, e posto que parece ileso, rogo que aceite meu agradecimento.

O marquês se limitou a olhá-la com certo regozijo, entrecerrando ligeiramente os olhos como se examinasse alguma estranha espécie de presa. Daphne não soube que mais fazer além de realizar uma modesta reverência formal para ressaltar sua gratidão.

A ele pareceu se divertir o reconhecimento a seu heroísmo e aquele cinzelado semblante se suavizou grandemente enquanto lhe sustentava o olhar.

— Me alegro ter sido de ajuda, senhorita Starling, e me sinto honrado por sua preocupação. Foi uma honra para mim. — Ofereceu-lhe uma galante reverência como resposta.

Olharam-se o um ao outro durante um segundo, separados ainda por vários metros de corredor de mármore. Daphne mal se deu conta de que estava contendo a respiração, como se se encontrasse em presença de alguma criatura mágica, um unicórnio em um bosquezinho iluminado pela lua.

A jovem reparou muito tarde que lorde Rotherstone empregou seu nome.

— Suponho que lorde Albert lhe informou de quem sou.

— Em realidade não— disse ele. — Eu já estava à corrente.

— Seriamente?

— Nenhuma luz tão deslumbrante como a sua pode passar inadvertida, senhorita Starling.

Vá, que bonitas palavras, pensou. Talvez não estivesse tão disposto como outros a acreditar nas mentiras de Albert. Observou-o fascinada avançar pausadamente alguns passos para ela, afastando-se do vestíbulo.

— É você a Santa padroeira dos recém chegados, equivoco-me? — saudou-a com um sorriso enigmático.

— OH... claro. — Daphne baixou o olhar depois de desenhar um rápido e modesto sorriso. —Tenho que supor que está você incluído? Não o vi antes em nenhum ato social. É você novo na cidade, senhor?

— ⍰stive viajando pelo estrangeiro durante algum tempo.

À medida que ele se aproximava, precisou elevar a cabeça para lhe sustentar o olhar, pois era muito alto.

— ⍰steve viajando pelo estrangeiro? Com uma guerra em curso?

— O que é a vida sem um pouco de perigo? — repôs ele, obsequiando-a com um sorriso verdadeiramente perigoso.

— Ah. — Baixou o olhar, amaldiçoando-se pelo rubor que podia sentir aflorando em suas faces. — ⍰u jamais fui além dos condados que rodeiam Londres.

— Bom, apostaria que você visitou um ou outro lugar perigoso, senhorita Starling. — ⍰sboçou um débil sorriso, ligeiramente divertido, e umas ruguinhas se formaram nesses ardilosos olhos claros que mostravam um brilho cúmplice.

Daphne soube sem a menor duvida que estava fazendo referência a sua visita do dia anterior a Bucket Lane. O marquês se deteve justo diante dela sem deixar de olhá-la fixamente com a mesma expressão pensativa que ela percebera antes. Dava a impressão de que pudesse mostrar a sua alma.

— Parecia afligida quando partiu do salão de jantar faz um momento.

Seu franco comentário a pegou de surpresa.

— OH... sim, bom... não é nada. Só pensei...

— Acredito adivinhar o que pensou — murmurou ele quando a gagueira da jovem deu passagem a um incômodo silêncio.

Daphne baixou a cabeça, mas lorde Rotherstone a surpreendeu quando pôs meigamente a mão sob o queixo, inclinando-a para trás para olhá-la aos olhos. A jovem ficou sem fôlego de repente.

— Sei o que pensou — repetiu, — mas posso lhe assegurar que estava equivocada.

— ⍰stava? — O coração se acelerou ao sentir a ligeira mas firme pressão daqueles quentes dedos sobre a pele.

— Muito. Não desejo ser o causador de sua aflição, senhorita Starling.

— O que contou Albert sobre mim? — inquiriu de repente em voz muito baixa, lutando por pensar com clareza enquanto sentia seu mágico contato.

Rotherstone sorriu e baixou a mão novamente a seu flanco.

—Seria melhor que me perguntasse o que foi o que eu disse a respeito de você. —Daphne lhe dirigiu um precavido olhar inquisitivo. Ele deu de ombros com um sorriso despreocupado. — Simplesmente o adverti que tomasse cuidado com o que vai dizendo, ou poderia perder a língua.

A jovem abriu os olhos desmesuradamente.

— Ameaçou-o?

Max sorriu com pesar, segurando as mãos atrás das costas.

— Estou convencido de que abandonou a festa por essa razão. É uma lástima, não acredita?

Daphne o olhou fixamente; seu assombro raiava a risada.

Tinha razão desde o começo. É um lunático.

— Parece surpreendida.

— Pensei que fosse seu amigo!

Ele afastou a vista dando uma grave gargalhada.

— Não exatamente.

A jovem sacudiu a cabeça maravilhada, tentando encontrar o sentido a tudo aquilo.

— Como é que o conhece?

— Crescemos perto um do outro quando éramos meninos no Worcestershire.

— Entendo... — Era difícil imaginar a aquele homem alto e formidável que tinha diante de si... um menino.

— Senhorita Starling, jamais consentiria que um homem a insultasse em minha presença. Pode estar segura disso.

— OH — sussurrou, tremendo ante sua cavalheiresca reverência.

Caiu na conta de que estava se colocando em ridículo, mas parecia não poder remediá-lo. A conversa que até o momento mantiveram estava diminuindo sua acuidade mental. OH, aliviava-a enormemente que não tivesse enganando a ela nem que tivesse tolerado a grosseria de Albert. Pelo contrário, aquele magnífico demônio a defendeu.

Esboçou um amplo sorriso. Daphne se surpreendeu de repente desejando que fossem apresentados formalmente. Era um homem absolutamente excitante! Ansiosa por cumprir com aquele requisito, propôs-se por todos os meios incitar ao marquês a lhe dizer seu nome. Claro que já sabia, mas nesses momentos parecia muito atrevido, grosseiro e indiscreto admitir que ouviu seu nome enquanto escutava a conversa que manteve com Albert.

— Não sei o que dizer! — Exclamou, tentando simular ser a despreocupada coquete em que podia converter-se em caso de necessidade. — Dois resgates em vinte e quatro horas e nem sequer sei seu nome!

Uma vez mais, o marquês arqueou as sobrancelhas. Talvez devesse interpretar aquele gesto como uma advertência.

— Devo revelar-lhe ou prefere que perdure o mistério? — perguntou com secura.

Vá! O tom cínico de sua voz fez que Daphne se perguntasse imediatamente se de algum modo ele podia adivinhar que estava mentindo.

— Essa sim que é uma pergunta estranha — evitou responder com um rápido e inquieto sorriso.

Rotherstone suspirou e elevou a vista ao teto.

— Certo. O que acontece é que assim que descubra quem sou — meditou em voz alta, — pode ser que fuja de mim, e isso me entristeceria. — Olhou-a de novo fixamente, cravando nela seus claros olhos verdes, penetrantes e inquisitivos, atrás do negro marco de suas curtas pestanas.

Presa em seu olhar com a estranha sensação de que quase podia ler a sua mente, Daphne não estava segura se descobrira ou não seu incompetente engano. Por desgraça, tendo empreendido aquele caminho, não via mais opção que segui-lo. Agitou o leque com maior energia e continuou sorrindo, embora as faces começassem a arder.

— Sem dúvida pode fazer o que o agrade! Acredito que ganhou esse direito. Por outra parte — replicou, agitando as pestanas com flerte, — não posso dançar com você se não souber seu nome, não é certo?

— Mas minha querida senhorita Starling, ainda não o pedi.

O leque se deteve.

— Ia fazê-lo, não é assim?

Ele esboçou um sorriso.

— Possivelmente.

— Vá! — Daphne meneou a cabeça. —Pensei recompensá-lo com um baile por me ter resgatado, mas agora já não estou segura.

— Minha querida jovenzinha, se tivesse feito pela recompensa — murmurou, aproximando-se mais a ela, — garanto que pediria muito mais que um baile.

Daphne o olhou com os olhos como pratos.

A descarada picardia, do sorriso lento e preguiçoso com a que ele a obsequiou a deixou sem fôlego. Sentia o espartilho muito apertado e, de repente, ansiava desprender-se de tudo. De fato, quando a olhava desse modo, desejava despojar-se da maior parte de sua roupa. O joguinho que trazia entre mãos resultava em nada comparado com a evidente experiência do marquês, o que a levou a pensar de novo no bordel.

Como seria...?

Pôs freio a aquele atrevido pensamento antes que pudesse tomar forma. Afastou o olhar, sentindo um tanto enjoada, escandalizada pelo curso que estava tomando sua imaginação, tão impróprio de uma dama, e agitou o leque com verdadeiro entusiasmo.

Lorde Rotherstone guardou silêncio após deixá-la sem fala com sua adoçada insinuação, como se dispusesse de todo o tempo do mundo para jogar com ela e conduzir a conversa para o tema que desejasse.

— Verá, querida minha, o que de verdade desejo de você, mais inclusive que uma dança, é uma promessa.

Daphne lhe lançou outro olhar fugaz com os olhos brilhantes.

— Que classe de... promessa? — inquiriu com voz rouca, mal atrevendo-se a perguntar o que era que o Marquês Perverso poderia querer de uma moça.

Entretanto, para sua surpresa, ele se inclinou para olhá-la com ira aos olhos e a apontou com o dedo ao rosto.

— Que jamais volte para aquele perigoso beco — lhe ordenou sem rodeios. —A próxima vez poderia não estar ali para resgatá-la. Compreende-me?

Sua ordem e seu olhar dominante a deixaram desconcertada, e o olhou atônita. Quem se acreditava que era?

— Perdão, como diz?

Daphne não estava disposta a permitir que nenhum homem lhe dissesse o que devia fazer, e muito menos um ao que acabava de conhecer, de modo que levantou o dedo indicador e afastou o dele com um delicado golpe, como se de um duelo em miniatura se tratasse.

— Já me ouviu — murmurou ele roucamente, dobrando o dedo e enganchando o dela com firmeza. — Prometa isso— sussurrou, com um encanto sombrio e irresistível que pareceu envolvê-la.

Daphne estudou seus lábios por um segundo e se estremeceu quando uma onda de calor percorreu seu corpo.

— Não — lhe comunicou com secura. —Temo que não posso lhe prometer isso.

— Pode fazê-lo— disse com suavidade — e o fará.

— Não — repetiu, com igual amabilidade e firmeza. —Me parece que não entende, milord. As crianças do orfanato me necessitam.

— Necessitam-na viva, cabe supor — repôs com um sorriso imperturbável, embora com expressão inflexível. — Morta não lhes serve de grande coisa, não é assim, minha doce senhorita Starling?

Cansada de sua arbitrariedade, liberou o dedo de seu frouxo gancho e o fulminou com o olhar.

— Você não entende, preciso retornar ali tanto se eu gostar como se não... Ao menos até que o orfanato seja mudado! Não permitirei que as pobres crianças acreditem que os abandonei como fizeram seus pais. Além disso, eu não questiono os motivos que o levaram a Bucket Lane, não é assim? Não considero apropriado que você questione os meus.

Saboreou com deleite a expressão de surpresa do marquês provocada pelo educado aviso da visita a aquele repugnante bordel, entretanto não demorou muito em recuperar-se.

— Jovenzinha, me escute...

— Não diga tolices — disse com um gesto. — Bem está o que bem acaba.

Rotherstone a olhou atônito.

— Acaba de me dizer que digo tolices?

— Vá, isso acredito, sim. — Cruzou os braços à altura do peito, obsequiando-o com um teimoso e sereno sorriso.

— Lorde Rotherstone? — interrompeu uma voz.

Ambos se voltaram a olhar.

— Sim? O que acontece? — O marquês olhou a Daphne carrancudo enquanto um apreçado lacaio percorria o corredor com celeridade, levando um pedaço de papel dobrado em uma bandeja de prata.

— Chegou uma mensagem para você, senhor. Temia que já tivesse saído! Desculpe a

interrupção. O mensageiro disse que era urgente.

— Bem, entregue-me isso. — Indicou-lhe ao homem que se aproximasse estalando os dedos com impaciência.

— Lorde Rotherstone — repetiu Daphne em voz baixa, lhe brindando um sorriso deslumbrante. — Está seguro de que não está dirigido ao Marquês Perverso?

Max a olhou com os olhos entrecerrados.

— Assim, não me equivocava. Você já sabia meu nome, pequena insolente.

Daphne sorriu amplamente, sentindo-se melhor ao ter esclarecido as coisas.

— Não podia consentir que você tivesse vantagem sobre mim, não lhe parece?

Ele deixou escapar um bufado e sacudiu a cabeça, dando meia volta para ler a nota após soltar uma gargalhada.

— Se me dispensar um momento...

— É obvio, lorde Rotherstone.

Dirigiu ao jovem outro olhar sardônico ante a repetição zombadora de seu nome e desdobrou a nota, jogando uma rápida olhada à mesma.

Daphne guardou uma distância prudencial, mas observou seu cinzelado semblante com ávida curiosidade. Não tinha por costume ler por cima do ombro de ninguém, mas não pôde resistir a brincar com ele com a esperança de poder lhe surrupiar certa informação sobre o conteúdo.

— Detecto um certo cheiro de enxofre?

— Assim é — repôs ele com secura.

Lorde Rotherstone dobrou de novo a nota e a guardou no bolso do colete. A seguir despediu com um gesto ao lacaio, que esteve aguardando se por acaso desejava enviar uma resposta, e a olhou.

— Infelizmente, senhorita Starling, Devo ir.

— OH, mas se começávamos a nos conhecer — disse, com uma careta divertida.

— Confie em mim — murmurou com olhar divertido, — logo continuaremos onde paramos.

— Mas o que acontece com o nosso baile? Deve-me isso. — Daphne franziu o cenho com repentina preocupação.— Não se trata de más notícias, espero.

— Não, não, são excelentes, mas da classe de notícias que devo atender imediatamente. De fato, trata-se de uma chegada que levo muito tempo esperando.

— Uma chegada? — Uma terrível ideia surgiu em sua mente de nenhuma parte. — Sua esposa está esperando um bebê? — espetou ao mesmo tempo que se dava a volta. Ao cabo de um segundo, tampou-se a boca com a mão e o olhou fixamente, sentindo-se horrorizada pelo que acabava de dizer.

— Minha esposa? — Max se deteve e se voltou para ela, franzindo o cenho presa da surpresa. — O que sabe você de minha esposa?

Daphne afastou a mão ligeiramente da boca, desejando com toda sua alma esconder-se debaixo da rocha mais próxima.

— Nada! Ai, Meu deus... rogo-lhe que me perdoe. Não pretendia... asseguro-lhe que não é

assunto me...

A suave e borbulhante risada do Rotherstone pôs fim a sua gagueira.

— Minha querida senhorita Starling — brincou, com os olhos brilhantes e rindo afetuosamente de sua nervosa tentativa por averiguar se era um homem casado, —se tivesse uma esposa a ponto de dar a luz não estaria aqui, me deixando deslumbrar por uma encantadora jovem. Embora deva admitir que não posso evitar me sentir adulado porque, em minha presença, seus pensamentos se desviem com tal facilidade para o tema da reprodução.

Daphne ficou boquiaberta e incapaz de articular uma palavra. Rindo ainda enquanto ela ficava vermelha, capturou sua mão e se inclinou sobre ela para depositar um breve beijo sobre os nódulos.

— *Au revoir, chérie*[3]. Até que voltemos a nos ver.

— OH, voltaremos a nos ver? — replicou, retirando bruscamente a mão quando ele a soltou, sem ter-se recuperado por completo de sua zombadora contrarréplica.

— Conte com isso — sussurrou e partiu lhe piscando o olho.

OH, que homem!

Permaneceu onde ele a deixou durante um breve instante, contemplando como se afastava e, uma vez que saiu pela porta, olhou aturdida ao corredor vazio. Levou a mão que ele beijou de forma distraída ao peito. Podia sentir o forte batimento do coração por causa da desenfreada reação que provocou nela, uma potente mescla de excitação e júbilo, incerteza e absoluta exasperação.

Vá! pensou com humor tingido ainda de certa vergonha. *Ao menos agora sabia que não estava casado.* Achava-se tão absorta em seus pensamentos que nem sequer percebeu que sua amiga Carissa corria pelo corredor para ela, até que uma mão feminina a agarrou pelo braço, fazendo que se desse a volta, e ouviu uma voz familiar lhe sussurrando ao ouvido:

— Acaso ficou louca?

— OH... Carissa. — Piscando igual a um sonâmbulo que acorda do sonho, sorriu a sua amiga com atordoamento. — Mal te vi em toda a noite.

— Por sorte eu vi a ti! Melhor que fosse eu que outro, isso é certo! O que acredita que faz falando com ele... e sem acompanhante, nada menos? Você perdeu o julgamento?

Carissa Portland tinha o cabelo mogno, os olhos de cor esmeralda e rasgos etéreos, e nesses momentos aguardava sua explicação como se fosse a enfurecida rainha das fadas.

Daphne meneou a cabeça, sentindo ainda os efeitos do feitiço que Rotherstone teceu sobre ela.

—A que se refere?

— Daphne! É um canalha!

— Não! — Negou de forma enérgica, subtraindo a importância a aquele protesto. — É realmente amável, me acredite.

Bom, salvo pelo pequeno assunto do bordel, veio-lhe à cabeça aquele incômodo

[3] ***Au revoir, chérie**: Adeus ou até logo querida.*

pensamento.

— Sabe sequer quem é? — exigiu saber Carissa.

— É obvio que sei! É o marquês de Rotherstone. — Carissa baixou a voz até um sussurro enfático: — O Marquês Perverso!

— OH, isso não é mais que um disparat...

— Não o é!

— Não diga tolices. Vamos comer uns doces!

— Daphne, me escute. — Carissa a agarrou pelo braço. — Não sei o que te aconteceu, mas não deve se aproximar de novo desse homem malvado. Entendeste-me?

— Como?

— É um dos principais membros do Clube Inferno!

— O que disse?

— O Clube Inferno! — A ruiva lhe indicou que se aproximasse um pouco mais e jogou uma olhada a seu redor com ar conspirador. Seguidamente tentou explicar que se reúnem em Dante House, não longe dos clubes de cavalheiros do St. James. Mas ouvi que todos eles são infames.

— Por quê? O que é que fazem para merecer semelhante apelativo? — perguntou Daphne, impaciente.

— Coisas que as moças decentes como nós não devem pensar sequer!

Daphne franziu o cenho. Normalmente Carissa não era uma dissimulada.

— Que mais sabe a respeito?

— Só que são uma sociedade escandalosa composta por decadentes pilantras de boa família e de triste fama por interessar-se em todo tipo de libertinagem. Por essa razão não deve falar com ele. Pensa que o estúpido do Albert Carew e seus falatórios de despeito podem prejudicar sua reputação? Pois isso não é nada comparado com o dano que poderia sofrer se lhe veem em companhia do lorde Diabólico. — Carissa assinalou com a cabeça para a porta pela que lorde Rotherstone acabava de sair.

Daphne pensou de novo no encantador sorriso daquele homem e olhou a sua amiga abatida.

— Deve haver algum engano. É um recém-chegado à cidade. Disse-me que esteve viajando pelo estrangeiro.

— Bom, é certo, mas quando visita Londres frequenta a companhia desses demônios do Clube Inferno. A metade da alta sociedade não o recebe em sua casa — adicionou Carissa.— E te asseguro que o único motivo pelo que foi convidado esta noite é que está aparentado com lorde Edgecombe.

A alma de Daphne caiu aos pés.

A sua mente acudiu uma imagem do homem do dia anterior em que saía dando tombos do bordel, mas, apesar disso, não desejava acreditar no que Carissa estava contando.

— Sabe bem que os rumores sempre tendem a exagerar.

Carissa sacudiu a cabeça obstinadamente.

— Acabo de falar com alguns dos oficiais que conheço e não acreditaria o que me contaram. Pelo que dizem, lorde Rotherstone fez ato de presença em Waterloo. Embora não para lutar

contra Napoleão, a não ser para contemplar a batalha, como se fosse o último espetáculo circense do Astley's!

— Seriamente? Não foi lutar? Está segura?

Carissa assentiu.

— Puseram-lhe o apelido de Distinto Viajante, pois vive unicamente para o prazer. Dizem dele que não fez nada útil pela causa, mas que passou as horas que durou a batalha embebedando-se, perseguindo as garçonetes dos botequins e ficando em ridículo apostando contra Bonaparte. Inclusive se acomodou no quartel do general Wellington. Pode imaginar? É todo um libertino, mas tão rico e poderoso que nenhum dos oficiais pôde opor-se a ele.

— Se era um aporrinho semelhante, por que razão Wellington não o jogou?

Sua amiga encolheu os ombros.

— Provavelmente lorde Wellington seja muito cavalheiro... ou simplesmente estava muito ocupado para preocupar-se por isso a noite anterior à batalha.

— Hum. — Daphne franziu o cenho com absoluta consternação e dirigiu um olhar à porta pela qual lorde Rotherstone partiu.

Era óbvio que Carissa acreditava no que os oficiais contaram, mas depois de ter conhecido ao homem em questão, Daphne sentia que aquilo carecia de lógica. Recordava vividamente a expressão entusiasmada dele quando rompeu a garrafa no Bucket Lane e convidou a metade dos habitantes daquele lugar a pô-lo a prova. Naturalmente, reconheceu cética, ele estava bêbado naquele momento... ou ao menos sentia ainda os efeitos da noite de prazer.

— Faça o que fizer, tome cuidado com ele — a advertiu Carissa. — É pouco provável que as intenções de um homem semelhante sejam honestas e vi o modo em que te olhava — adicionou com uma mescla de humor e desaprovação.— Não desejo ser portadora de más notícias, embora espero que siga meu conselho como o de alguém que te adora e sempre estará em dívida contigo.

— Que disparate, senhorita Portland, não existe tal dívida — lhe disse com um sorriso. — É minha amiga.

— E você foi a única pessoa amável comigo quando cheguei a Londres. Nem sequer minhas odiosas primas me mostraram um mínimo de compaixão. Você me defendeu e agora eu preciso te proteger. E por seu bem, minha querida Daphne, devo ser como uma... uma mamãe ursa cuidando de seus filhotes de urso!

— Você? Mamãe ursa? — exclamou divertida, olhando o corpinho magro e miúdo de sua amiga. Rompeu a rir. — Qualquer dia desses o vento te leva.

— Sou-o em espírito! — Carissa se enganchou ao braço de Daphne e sorriu afetuosamente. — Não permita que sua natureza generosa te faça cair em uma armadilha com esse homem, promete-me isso? Acredito que cometeria um grande erro se tentasse bandeirar a causa de lorde Rotherstone como fez com a minha, por muito que te tente fazê-lo. Não há esperança para as almas perdidas, nem sequer você poderia redimi-lo.

Alma perdida? O Marquês Perverso? Daphne não sabia o que pensar.

— Francamente, não me causou má impressão — o defendeu enquanto retornavam sem pressa ao salão de baile, agarradas pelo braço.

Carissa encolheu os ombros, duvidando.

— Na verdade, é de aparência agradável. Por não falar de que é rico e poderoso. E, certamente, um partido magnífico... se acaso seja possível colocá-lo na linha. Embora isso é improvável em grau supremo. Conforme ouvi, seus antepassados também eram vis. Não faça que me preocupe com você — se queixou, dando um empurrãozinho com o ombro.— Ambas sabemos que está pisando em gelo quebradiço depois do desastre Albert. Por seu próprio bem, prometa que se manterá afastada dele.

Daphne olhou a sua amiga envergonhada.

— Não posso.

— Daphne!

— É-me impossível remediá-lo! —Exclamou, encolhendo os ombros e ruborizando-se como uma estúpida cabeça oca. — Lhe devo um baile, já o prometi!

— Não deve nada a nenhum homem! — bramou a delicada e pequena dama com justificada indignação.

Daphne mordeu o lábio quando seu rubor se fez mais intenso.

-—OH... aguarda um momento! Já compreendo o que acontece! — Carissa apoiou uma mão no quadril e olhou a sua amiga com toda naturalidade.— Você gosta desse homem.

A acusação fez estremecer a Daphne. Franziu os lábios, negando-se a admiti-lo em voz alta.

— Daphne! OH, que típico! A perfeita dama interessando-se por um malvado libertino!

— Não é que vá casar-me com esse homem! — Replicou em um sussurro. — O que pode ter de mau em uma dança?

— Do dito ao feito... — replicou Carissa com picardia. — Vamos, pequena cabeça de vento, eu te salvarei de si mesma!

Riu de repente e, tomando a Daphne pelo pulso, arrastou-a de volta ao salão de baile e a emparelhou com alguém inofensivo e aborrecido. Mas Daphne não deixou de olhar à porta enquanto dançava esperando, contra seu bom julgamento, que lorde Diabólico retornasse.

Felizmente para sua reputação, não o fez.

Capítulo 5

O que penso... tolices? Max meneou a cabeça no negrume de sua carruagem; em seus lábios persistiam ainda os vestígios de um sorriso. Não foi fácil afastar-se dela. *Que criatura tão deliciosa!*

De perto era ainda mais sedutora. Ainda levava consigo o tênue aroma de seu perfume floral enquanto o veículo atravessava as escuras ruas de Londres. A tormenta tinha minguado a densa capa de névoa e a lua brilhava no céu aquoso igual a uma moeda de prata no fundo de uma fonte.

O primeiro encontro com a encantadora senhorita Starling o fez desejar mais, mas Virgil o chamou ao clube com a notícia da recente chegada à cidade de Warrington e Falconridge. Estava resultando ser uma boa noite.

O Clube Inferno se encontrava a só uns oitocentos metros da opulenta Edgecombe House,

embora na escuridão aquela distância parecia todo um mundo. Olhou pelo guichê quando a carruagem alcançou a sombra projetada pelo sinistro edifício de Dante House, um lugar cheio de mistério ao que os aldeãos apelidavam a residência do Satã.

Um observatório de cristal em forma de cúpula se elevava no alto do terraço, entre suas negras e sinuosas agulhas. A alta perto de afiadas pontas e os disformes montículos de erva Espinosa desaconselhavam a visita de qualquer um que não tivesse convite. Enrolada nas venezianas e as telhas rangiam quando soprava o vento do rio como uma tribo de lamurientos espectros. Entretanto, o diabólico aspecto de Dante House não era mais que uma cobertura. O que para o mundo exterior aparentava ser uma mansão encantada, ocultava em realidade uma sólida e eficiente fortaleza. Aquele paradoxo o agradava. Havida conta de que os malvados membros do Conselho do Prometeo as arrumavam para apresentar-se como respeitáveis pilares de sociedade europeia, não parecia a não ser justo que os bons se ocultassem, pelo contrário, atrás de uma máscara de perversidade; o mais conveniente para empreender sua guerra clandestina.

Max desembarcou da carruagem e disse ao chofer que retornasse para casa sem ele. Não fazia sentido fazer que o homem esperasse dando voltas até a alvorada. Com seus amigos de volta ao fim, não tinha nem ideia de até quando ficaria. Era uma noite de celebrações. Fazia mais de dois anos que não se viam e durante a guerra houve momentos nos que se perguntou se todos eles sairiam com vida. Fechou as grades de Dante House depois de cruzá-las, ficando ante o pórtico de entrada. A porta principal tinha uma aljava de latão com a forma da cabeça de um erudito medieval de expressão inescrutável sob a coberta, em um irônico tributo ao poeta a quem devia seu nome.

Sobre a porta pendurava um letreiro com um aviso aos visitantes no que rezava a tornada famoso lenda escrita na parte superior das portas do Inferno de Dante: *OH, vós que entram, abandonem toda esperança!, etc.*

Fazendo uso do mundano e irreverente aborrecimento pelo que a maioria dos membros do Clube Inferno eram célebres, o letreiro nem sequer se incomodava em concluir a entrevista, o qual carecia de importância, pois poucos eram os que penetravam naquele lugar. A entrada estava estritamente restringida e só podia acessar-se com convite, sob pena de morte. De vez em quando se celebravam selvagens festas para manter a aparência de vida dissoluta, mas em realidade se tratava de atos coreografados até o mais mínimo detalhe e fiscalizados pelo próprio Virgil.

A segurança era intensa e se tomavam todas as medidas possíveis a fim de garantir que as prostitutas que eram levadas ali para animar a festa ignorassem por completo o que estava acontecendo em realidade.

A porta se abriu com um inconfundível e lastimoso rangido e ali estava o senhor Gray, que levava sendo mordomo de Dante House desde tempos imemoriais. O alto e esquálido homem, que tinha o aspecto de um desenterrado pelos ressurrecionistas, sempre havia possuído um inexplicável dom para apresentar-se no momento oportuno. Fazendo-se a um lado, inclinou-se com ar grave quando Max entrou.

— Boa noite, marquês.

— Boa noite, Gray. — Max passou ao vestíbulo. — Entendi que esta noite temos motivos de celebração.

— Sem a menor duvida, senhor. — Gray fechou a porta uma vez que Max entrou, justo quando alguns dos cães guardiães da Ordem se aproximaram dando saltos para saudá-lo.

Max se viu rodeado por uns sabujos de cor negra e canela de origem alemã, como demônios amestrados de reluzentes presas e elegantes movimentos fluídos, que não paravam de agitar as caudas. Seus amplos sorrisos caninos contrastavam com seus olhos ferozes e os colares de pontas agudas.

— Quietos! — Max levantou uma mão para sossegar o escandaloso acolhimento. Os cães se sentaram sobre seus quartos traseiros. Um enorme cachorrinho em período de adestramento lambeu o focinho com nervosismo e olhou fixamente ao Max com um fraco ganido. — Bom menino. — Deu-lhe um tapinha na cabeça no preciso instante em que Virgil se unia a eles.

Nem sequer depois de tanto tempo Max estava seguro de se esse era realmente o nome de seu mentor. O arisco gigante escocês fez que Max se sentisse intimidado em certo grau do mesmo dia em que, muitos anos atrás, apresentou-se na ruinosa mansão dos Rotherstone em seu papel do Buscador. Quando Max o conheceu sendo tão só um moço, Virgil tinha posto o kilt de seu clã, e embora pelo geral vestia roupa normal na cidade, ainda conservava o porte de um poderoso laird. Nesses momentos, a seus cinquenta anos, um bom punhado de fios prateados salpicava seu rebelde cabelo dourado avermelhado assim como o impressionante bigode ruivo, que tanto invejou de menino. Mas seguia sendo formidável, um guerreiro de cabelo grisalho, com um grande número de cicatrizes que testemunhava toda uma vida de lealdade à Ordem.

O passar dos anos, longe de abrandá-lo, parecia ter endurecido o escocês. Depois de passar trinta e cinco anos ao lado da Ordem em sua luta contra seus inimigos do Conselho de Prometeo, um tempo ligeiramente superior aos anos de vida de Max, Virgil era no presente diretor da organização em Londres. Max ignorava por completo os quais poderiam ser os superiores de seu mentor.

Entretanto, como enlace de sua equipe, Max conhecia a existência de outras células em importantes cidades de toda a Europa e ali onde o Conselho de Prometeo adquiriu muita influência. Era indiscutível que o Conselho de Prometeo possuía tentáculos em cada corte europeia, algo que não foi planejado fazia anos, a não ser décadas e inclusive séculos atrás, movido pela infinita sede de poder dos homens. De vez em quando se erguia para ameaçar à humanidade, mas nunca antes em toda a história se aproximou tanto a seus objetivos como nos últimos vinte anos, infiltrando-se na estrutura do império que construiu Napoleão.

Como parasitas que eram, seus membros tinham por costume infiltrar-se com discrição, granjear paulatinamente a confiança dos poderosos e incrementar sua escura influência fazendo-se passar por leais conselheiros, generais experimentados e antigos amigos; estendiam sua corrupção de forma paciente, calada e sempre incontestável, apoderando-se devagar do controle de dentro como um câncer.

Nesta ocasião estavam a ponto de obtê-lo. Entretanto, os sonhos mais cobiçados dos chefes supremos do Conselho de Prometeo vieram abaixo com a derrota final do Napoleão em Waterloo,

fazia aproximadamente três meses. O futuro do mundo teria sido muito distinto se Napoleão ganhasse essa batalha, meditou Max. Mas Bonaparte foi derrotado e as nações da Terra poderiam conhecer outros cinquenta anos de paz antes que os inimigos adotassem uma nova e desumana forma para elevar-se uma vez mais.

É obvio, o Conselho conseguiu atirar um último e cruel golpe antes de cair derrotado: um espião prometeo comunicou notícias falsas a Londres referentes ao desenlace da batalha de Waterloo. A primeira hora da manhã, alguém divulgou que Wellington perdeu, que Napoleão esmagou o exército britânico na Bélgica e que o tão temido pesadelo de que o Monstro desembarcasse na costa inglesa era iminente. Aquele dia os espantosos rumores correram por Londres semeando o terror nos mercados financeiros. A Bolsa londrina sofreu uma violenta queda, mas os desalmados membros do Conselho estavam preparados para comprar sólidas empresas britânicas por somas irrisórias.

Todo acionista de Londres quis desprender-se imediatamente de seus investimentos, acreditando que necessitariam dinheiro líquido para sobreviver ou talvez para fugir, em caso de ser preciso, e pôr a salvo a suas famílias da iminente invasão da Grande Armée[4]. Estendeu o pânico. Levada pelo desespero, a gente se conformou aceitando qualquer miséria que pudessem obter por suas ações, mas quem comprava eram, nem mais nem menos, as empresas fantasma que montaram os chefes supremos do Conselho antecipando-se a seu engano.

Grandes companhias trocaram de mãos da noite para o dia. Um sem-fim de comerciantes honrados se arruinou e inumeráveis pessoas inocentes perderam as economias de toda uma vida, e ninguém, nem sequer a Ordem, conseguiu prever. O patrimônio do próprio Max se viu afetado mas, por sorte, a maioria de seus investimentos eram bens estáveis. O pânico nos mercados pôde frear-se quando chegaram as verdadeiras notícias sobre a vitória de Wellington em Waterloo embora, então, grande parte do dano já parecia.

Os membros do Conselho de Prometeo se fizeram com uma fortuna de muitos milhões que, sem a menor duvida, ajudaria a financiar a seguinte tentativa de impor sua tirania ao mundo. Por esse motivo, a nova geração de guerreiros da Ordem de San Miguel já estava sendo adestrada no isolado castelo escocês ao qual Max foi levado de menino.

— Bem, vejo que recebeu minha nota — disse Virgil com voz rouca quando se reuniu com o Max no vestíbulo.

— Bom, onde estão esses vagabundos? —perguntou com um amplo sorriso.

Estreitou a mão de seu velho mentor, que em outros tempos mais parecia a garra de um urso e que no presente era igual à sua. Quanto a imponente altura do escocês que o maravilhou imensamente de jovem, Max ainda precisava erguer a cabeça para poder olhá-lo aos olhos.

— Abaixo — respondeu o Buscador. — Ambos terminaram de apresentar seus informes.

Deus santo, quanto sentiu falta dos moços.

— Virgil? — Max lhe olhou fixamente aos perspicazes olhos azuis com certa preocupação. — Estão todos bem?

---

[4] ***Armée**: Era o grande exército de Napoleão que arrasou a Europa.*

Imediatamente compreendeu que deveria ter esperado o áspero olhar carrancudo que recebeu como resposta.

— É obvio que estão todos bem! Não lhes criei para que passeiem entre margaridas, verdade?

— Isto... sim, senhor. — Baixou o olhar divertido.

A sua memória acudiram as lembranças daqueles brutais anos de treinamento no castelo secreto da Ordem. O regulamento punitivo, a férrea disciplina, os jogos que consistiam em que os jovens se amassassem uns aos outros a fim de que se curtissem para o inferno que aguardava a cada um deles. As intermináveis aulas em diversas e variadas disciplinas, que os convertiam tanto em cavalheiros como em assassinos, em companhia digna de reis, trocando o rol dependendo de quem tivessem que proteger. As inumeráveis provas às que foram submetidos o corpo, a mente e a alma acabaram forjando aos jovens recrutas do Virgil em uma irmandade unida pela lealdade e selada mediante o juramento de sangue da Ordem.

Enquanto que outros meninos de sua idade fugiam dos livros, mofavam-se das moças e faziam travessuras a seus professores, Virgil e o resto de seus treinadores os tinham convertido em assassinos a sangue frio se a ocasião assim o requeria: embusteiros, sobreviventes e espiões consumados.

É obvio, o homem das terras altas da Escócia era consciente do inevitável sofrimento físico e mental ao que se veriam submetidos durante o transcurso de seus encargos, de modo que os preparou para ser capazes de suportá-lo e continuar inexoravelmente adiante em suas diversas missões. A única coisa que importava era a antiga e principal missão da Ordem: manter sob controle aos membros de Prometeo e proteger com suas vidas a segurança de sua rede secreta.

— Vê abaixo — balbuciou Virgil. — Quererão lhes pôr em dia, moços, e bem sabe Deus o que lhes ganhastes sobradamente o descanso. Me chamem se me necessitarem. Gray — adicionou por cima do ombro quando se dirigia de novo a ocupar-se de seus assuntos, — temos que nos manter todos alerta até estar seguros de que não seguiram a nenhum.

— Sim, senhor. — O sombrio mordomo se inclinou uma vez mais; logo proferiu uma ordem em alemão aos cães para que retomassem seu trabalho de proteger o lugar.

Max estalou os dedos de repente.

— Virgil, antes de que o esqueça, já descobriu algo sobre essas falsas empresas que se fizeram com todas aqueles lucros durante a queda da Bolsa? Assim que tenha uma pista que possa seguir, ponho-me a investigar.

— Não é necessário. Já pus a outra equipe a trabalhar nisso.

— Está seguro? Disponho de tempo.

— A equipe de Beauchamp continua do outro lado do Canal atando cabos soltos no continente, e dado que a única pista que tenho corresponde a um homem chamado Rupert Tavistock, que ao que parece abandonou a Inglaterra faz meses, encomendei-lhes a tarefa. Beauchamp e seus homens seguirão a pista até o Tavistock antes de retornar a casa.

— Rupert Tavistock — repetiu Max. O nome não lhe era familiar. —Muito bem. Me avise se necessitar algo.

Virgil o olhou com receio, plenamente consciente de sua busca de esposa.

— Tem coisas mais importantes das que se ocupar no presente, não é certo?

Max sorriu.

— Engendrar meninos, moço! — exclamou Virgil dando meia volta e pondo-se a andar. — Esta luta nunca termina realmente, sabe.

Max franziu o cenho ante suas ominosas palavras, mas o chamou: — Virgil, uma coisa mais. — As lembranças dos velhos tempos passados no castelo lhe fizeram lembrar-se de outro amigo ao que fazia muito que não via. — Para quando esperas que retorne da Europa a equipe de Drake?

O escocês ficou imóvel; logo baixou a vista ao chão como se tivesse esperado poder escapar antes que lhe formulasse essa pergunta.

Max sentiu sua vacilação.

— Virgil?

— Não vão voltar, Max. — O escocês deu a volta lentamente. — A equipe de Drake foi aniquilada em Muniqui.

Rotherstone cravou o olhar nele, emocionado.

— Quando?

— Faz seis meses, pelo que entendi.

Voltou-se enquanto tentava assimilar aquilo e passou lentamente a mão pelo cabelo.

— Vá ver seus amigos, moço — balbuciou Virgil.

— Os poucos que ficam — sussurrou.

— Ao menos os três retornaram com vida.

— Quem matou ao Drake e a sua equipe? Temos essa informação? — inquiriu com voz baixa.

Virgil encolheu os ombros.

— Estavam seguindo a pista ao Septimus Glasse quando perdemos o contato.

— Septimus Glasse...? — repetiu Max. Conhecia esse nome, tratava-se do diretor de operações do Conselho na Alemanha.

Virgil assentiu, guardando um momento de silêncio a seguir.

— Lamento-o, Max — disse finalmente, voltando para sua conduta esquiva habitual. — Vê abaixo agora. Avisar-te-ei assim que me inteire de algo. Os moços o esperam.

— Sim, senhor — respondeu com voz baixa, mas seguia sem poder acreditar que Drake, um dos melhores guerreiros que tinham, tivesse caído.

Contemplou Virgil partir para o escuro corredor que entrava nas vísceras de Dante House.

Uma vez a sós, entristecido por causa das notícias, fechou os olhos e guardou um momento de silêncio em memória de seu amigo. Quando os abriu, a sua mente acudiu de novo o conselho que Virgil lhe dera com respeito a que começasse a ter filhos. *Com que fim?* perguntou-se amargamente. *Para que possam matá-los também?*

Pelo amor de Deus, acabava de descobrir a que poderia ser a mulher de seus sonhos e, embora distava muito de estar casado, Virgil parecia contar já com seus filhos ainda não nascidos como futuros cavalheiros da Ordem.

Não, não era o primeiro Rotherstone que serviu à Ordem e certamente não seria o último. Mas não conseguia imaginar como poderia entregar a qualquer um de seus futuros filhos sabendo de que seria submetido à mesma classe de vida que ele teve que suportar. Era uma perspectiva terrível em que ver-se obrigado a pensar a noite que pretendia celebrar o final da batalha com seus irmãos guerreiros.

Virgil tem razão. Nunca termina realmente.

Uma imprecação atravessou sua cabeça como se de uma flecha se tratasse.

Maldita seja, tudo terminou em Waterloo. Precisava acreditar nisso. Acaso não presenciou aquele campo manchado de sangue com seus próprios olhos? Já não podia suportar mais. Depois de vinte anos, sua alma ansiava uma nova vida. A diferença de Drake, ele ao menos teria a oportunidade de tentar encontrá-la, fosse como fosse.

De repente se sentiu incapaz de livrar-se da sombra que caiu sobre seu coração. Entrou com inquietação na vasta sala, cujas paredes estavam adornadas com um grande e horripilante mural fantástico que representava o percurso de Dante pelos diversos círculos do Inferno. A enorme chaminé renascentista do salão, digna de qualquer esplêndido palácio, estava primorosamente esculpida em alabastro e tinha grossos candelabros dourados colocados em ambos os extremos do suporte. Max se aproximou para a direita do suporte branco e, pela força do costume, jogou uma olhada com cautela por cima do ombro; então elevou a mão e girou a base da palmatória do centro até que escutou um fraco clique metálico.

Imediatamente, ressonaram umas engrenagens ocultas sob o piso de madeira e se escutou um ruído deslizante; uma seção retangular de tijolo ao fundo da lareira rodou devagar até abrir-se, revelando uma entrada baixa do outro lado da qual unicamente se via escuridão.

Baixou a cabeça e passou por cima da cesta vazia de carvão, introduzindo-se na passagem secreta. Tratava-se de um dos muitos acessos ao labirinto de passagens ocultas que percorriam Dante House. Uma vez que atravessou a entrada, ergueu-se na escuridão e puxou com força a alavanca manual da parede, fazendo que as pesadas engrenagens se sacudissem de novo. Continuando, o painel mecânico rodou até colocar-se em seu lugar e a chaminé ocultou outra vez seus mistérios.

Max girou à direita e se encaminhou com passo seguro para seu destino. A negra e claustrofóbica estreiteza dos corredores estavam ideadas para confundir a qualquer um que tentasse percorrê-los, mas ele memorizara o labirinto fazia anos e não necessitava luz para encontrar o caminho para o úmido e frio porão de pedra calcária sob a casa. Atravessou diversos corredores e subiu uma escada, logo girou à esquerda, depois do que subiu outro lance de degraus, e virou depois à direita. Drake e os outros que morreram, estiveram a todo momento presentes em sua memória e, quando a escuridão pareceu engoli-lo, aferrou-se à lembrança de Daphne Starling igual a um homem que se está afogando.

Seu cabelo dourado, seus radiantes olhos e sua pele luminosa.

Em sua imaginação ela brilhava com luz própria.

A tênue piscada de uma única lanterna à frente o conduziu até ao hall do Inferno, onde havia um buraco de dois metros e meio de largura perfurado no centro do chão de pedra. Uma grossa

corda pendurava do teto e desaparecia na escuridão da boca. Era uma das três únicas entradas ao Inferno. Passou certo tempo desde a última vez que Max praticou tais acrobacias, mas se desprendeu da jaqueta de veludo que levou ao baile dos Edgecombe, jogando-a a um lado, logo desabotoou os punhos da camisa branca e a arregaçou.

Deu uma pequena corrida e saltou para agarrar-se à corda. Sujeitou-se e em seguida se desprendeu por ela a velocidade mesurada. A expressão de seu semblante era tão desalentadora como seus pensamentos quando seus pés tocaram o fundo do escuro poço.

Soltou a corda e sacudiu o pó das mãos; logo dirigiu a vista à frente para a câmara escavada a que chamavam Inferno. Aquele velho porão de pedra, situado sob a casa de três séculos de antiguidade, levava muito tempo servindo como quartel geral da Ordem.

Max deixou atrás o poço em direção à câmara de pedra, tenuamente iluminada por trêmulas lanternas fixadas às paredes. Justo a sua direita se encontrava outra entrada abobadada perfurada na pedra calcária. Sabia que do outro lado da mesma se estendia um corredor escuro como boca de lobo, com um leve pendente que levava até a comporta do rio e o reduzido embarcadoiro situado debaixo de Dante House. Os agentes podiam ser transportados dos grandes navios que atracavam no Tamisa ou evacuados furtivamente se fosse necessário, mas quando não estava operativo, a entrada abobadada ao ancoradouro privado estava bloqueada por uma grade denteada como a que guardava a saída para o rio dentro da Torre de Londres.

Enquanto Max se dirigia pausadamente a familiar câmara, seus passos ressonavam no vão cavernoso do Inferno. Passou por diante de uma portinha pregada na sólida parede de pedra à altura da cintura, que deixou a sua esquerda. Tratava-se do elevador de carga secreto pelo que podiam enviar-se provisões aos homens que estivessem abaixo. A seu lado havia um armeiro, que sempre continha algumas pistolas e espadas a disposição de qualquer um que pudesse as necessitar.

Encaminhou-se para a tosca mesa de madeira e os dois singelos bancos situados ao outro extremo da sala, cruzando o medalhão circular do chão que representava ao santo padroeiro da Ordem: o arcanjo São Miguel. O mosaico bizantino foi roubado de uma igreja saqueada pelos sarracenos e resgatado pelo grupo de cruzados que foram os primeiros membros da Ordem clandestina. Colocado no centro do chão, mostrava ao heroico arcanjo com uma espada flamejante na mão esmagando a Satanás. Uma grossa e pesada cruz de Malte pendurava da rocha subterrânea, suspensa de uma ferrugenta corrente.

Havia também uma vitrine com algumas prateleiras que continham úteis volumes, um sortido de venenos com seus correspondentes antídotos, um relógio e outros artigos diversos. Junto à parede, um cabide com um casaco pendurado nele e uma pequena aldrava com campainhas como os que se utilizavam nos quartos dos criados, que neste caso permitia que o senhor Gray enviasse aos homens sinais, advertências e alertas de cima.

Quando Max se aproximou da mesa, a lanterna iluminou uma grande garrafa de porto com alguns copos esperando aos três amigos. Já estava aberta para deixar que o líquido respirasse. Escutou vozes procedentes do pequeno ancoradouro e girou justo quando Jordan Lennox, conde de Falconridge, aparecia sob a entrada abobadada.

— Max!

Em quando Max o viu se dissipou parte da dor pela morte de Drake. Graças a Deus que seus companheiros mais próximos a ele voltaram para casa, sãs e salvos. Jordan tinha o cabelo curto cor areia molhado e a chuva ainda empapava os definidos e marcados ângulos de seu semblante.

Max conjeturou que os viajantes se viram surpreendidos pela tormenta quando remontavam o rio, mas nos olhos azul gelo do perito em decifrar códigos ardia a típica faísca de sagaz astúcia e prazer produzida pela ansiada volta ao lar.

— Jordan. — Avançaram um para o outro e se encontraram a borda do mosaico, onde se abraçaram, rindo. — O conseguiste.

— Pode acreditá-lo? Por fim nos temos desfeito desses bastardos! — Exclamou Jordan. — Se acabou! Conseguimos.

— Assim é, Deus mediante... e também graças a Virgil.

— E a nós! — Concordou com entusiasmo. — Recebeu minha mensagem?

— É obvio que sim.

A mensagem codificada de Jordan foi o que colocou Max sobre a pista do traidor que espreitava bem camuflado no quartel geral de Wellington. Fazendo-se passar por oficial britânico, o major Kyle Bradley tinha ordens do Conselho de assassinar a Wellington no campo de batalha se as coisas não fossem favoráveis a Napoleão. Max foi enviado a Waterloo com a missão de detê-lo.

Os olhos de Jordan brilhavam com maliciosa inteligência.

— Confiei em que minha informação resultaria de utilidade.

— Muito. — O tom de sua voz deixava entrever a violência do combate privado que Bradley e ele mantiveram no bosque, não longe do fragor da batalha.

As únicas testemunhas de sua brutal luta foram as famílias de camponeses locais, escondidas nos bosques enquanto os exércitos se enfrentavam, à espera que tudo terminasse para comprovar se ficava algo de suas granjas.

— Imagino que se ocupou disso sem contratempos.

Max lhe dirigiu um olhar fleumático e encolheu os ombros.

— Wellington segue com vida.

Jordan sacudiu a cabeça, maravilhado.

— Ah, não pode imaginar quanto te invejo por ter sido testemunha daquele dia. Waterloo!

— Sua companhia teria sido recebida com agrado, me acredite.

— Deve me contar isso tudo.

— Com muito prazer. Teria apreciado a altiva reação dos nobres oficiais ante o Distinto Viajante. Foi verdadeiramente divertido. Bem, onde está Rohan?

— Descendo suas coisas do bote— respondeu Jordan.

— Vamos dar-lhe uma mão? — propôs Max. Não empregavam criados em sua guarida secreta.

— Pode tentá-lo. Embora talvez te arranque a cabeça de uma dentada.

— Ah, a Besta não está de bom humor? — perguntou.

— Não falem de mim nas minhas costas ou lhes dou um murro. — Uma voz áspera chegou

até eles do corredor um momento antes de que aparecesse o corpão de Rohan Kilburn, duque de Warrington, seguido mansamente por um dos ferozes cães negros.

Max esboçou um amplo sorriso.

— Bem-vindo a casa, excelência.

Rohan grunhiu e entrou na sala. O cão retrocedeu até seu posto de vigilância no mole até que a corrente não deu mais de si, mas Max observou divertido como seu outro amigo de infância, convertido em um imponente guerreiro, descarregava o fardo com seus pertences de seu poderoso ombro e o deixava pesadamente no chão.

Max cruzou os braços com expressão sardônica.

— Desfrutaste de uma viagem agradável, velho amigo?

— Não deixou de chover desde que zarpamos da maldita Ostende — declarou o duque; passou uma mão pelo comprido cabelo empapado.

Jordan dirigiu um olhar irônico ao Max.

— Temo que o mau tempo azedou seu caráter jovial.

— Detesto viajar— balbuciou Rohan.

— Boas notícias, pois. Não se inteiraste? Seus dias de peregrinação chegaram a seu fim. Pode se encerrar nesse castelo encantado que tem até que seja um velho de cabelo grisalho, meu amigo. Todo este condenado assunto terminou.

— Acreditarei quando o vir — disse.

— OH, vamos, homem, não é momento para tirar sua natureza supersticiosa — o brigou Max. — conseguimos o que nos propusemos fazer anos atrás e agora, mediante Deus, podemos ser civis comuns.

— Seja lá o que for isso — replicou.

— É um autêntico desmancha-prazeres, Warrington — assinalou Jordan, mas quando Max estendeu a mão a Rohan, o duque a estreitou, puxando ele para lhe dar um rápido e forte abraço de urso. O alto cavalheiro o proporcionou uma palmada nas costas que quase quebrou uma costela e seguidamente o soltou. Logo proferiu uma repentina e estonteante gargalhada.

— Max MIDAS! Tudo o que toca o converte em ouro! Amigo, quanto tempo sem verte.

— Dois anos.

Max reparou na nova cicatriz em forma de estrela que adornava a borda do extremo exterior da sobrancelha esquerda do Rohan e fez um gesto com a cabeça.

— Eu gosto de sua nova aquisição.

— Ah, sim — disse com um bufido. —Cada dia que passa sou mais arrumado, não te parece? Deus, onde pode alguém tomar uma taça? — Rohan rodeou ao Max e se dirigiu para a garrafa de porto.

Em seguida estiveram todos sentados à tosca e robusta mesa, rindo à luz do único lampião enquanto relatavam diversas desventuras e lances com a morte. Caiu o silêncio uma vez que tiveram apurado a segunda taça de porto, quando cada um começou a assimilar que seus dias de luta chegaram verdadeiramente a seu fim.

— Bem, aqui estamos — murmurou Jordan ao fim. — Vivos.

— Mais ou menos — aduziu Max com sarcasmo.

— O que aconteceu com os outros? —Perguntou Rohan. —É irremediável que haja perdas. — A pergunta estava dirigida ao Max, tomando-se em conta de que ele era o enlace ou líder de sua equipe.

A fim de proteger a segurança global da Ordem em caso de que algum agente fosse capturado, unicamente os enlace estavam autorizados a comunicar-se com outros chefes de equipe. Só se fazia uma exceção por alguma missão especial de maior envergadura, em cujo caso Virgil chamava a tantos trios quantos fossem necessários para que se reunissem e trabalhassem juntos de forma temporária. Mas nessas ocasiões não se falava mais que de trabalho e, em geral, não se utilizavam nomes.

Se um agente reconhecia a um companheiro da Ordem em um ato social ou em alguma outra parte, estava obrigado a não dar sinais disso.

Max baixou a vista. Também Drake foi o enlace de seu trio.

— Uma de nossas equipes foi completamente aniquilada.

— Deus— sussurrou Jordan. — Alguém a quem conhecem?

Dado que a guerra terminara e que os homens estavam mortos, Max não considerou que pudesse importar que revelasse o nome.

— Não conhecia seus homens, mas o líder era Drake Parry, conde de Westwood.

— Westwood— repetiu Jordan. —Acredito que me apresentaram ele em uma ocasião. Moreno... Gales?

— Sim. —- Max cravou os olhos em sua taça. — Um lutador formidável. Quase tão bom como Rohan. — Assinalou ao duque com a cabeça, que lhe dirigiu um olhar sério ao mesmo tempo que desarrolhava uma segunda garrafa de porto.

— Estamos seguros de que morreram? — perguntou Rohan sem mais preâmbulos.

— Mais lhes valeria que fosse assim— murmurou Jordan. —Melhor isso que ter sido capturados. —Nesse instante reparou no silêncio do Max. —O conhecia bem?

— Bastante bem.

Depois de uma longa pausa, Jordan elevou sua taça.

—Por lorde Westwood.

Max fez o mesmo, assentindo e tentando atravessar o nó que se formou na garganta.

— Por Drake e seus homens.

— Melhor eles que nós — resmungou Rohan entre dentes, e bebeu um gole de porto em sua honra. Fez-se um sombrio silêncio enquanto em seu interior os três se perguntavam como era possível que tivessem sobrevivido quando tantos outros companheiros de igual valia tinham caído.

Os pensamentos do Max se desviaram para Daphne Starling uma vez mais, como um marinheiro esquadrinhando o céu encoberto em busca da estrela Polar, uma distante luz que o guiasse em meio da escuridão. E se tivesse sido eu em vez do Drake? E se tivesse sido eu quem não tivesse conseguido retornar a casa? Max ficou pensando com a taça na mão. Ninguém tinha o amanhã assegurado; isso era algo que a vida o ensinou.

Por suas veias corria o anseio de viver, sobre tudo agora que seu tempo era seu para dispor

dele como gostasse, para fazer o que desejasse e ser quem realmente era... se tal coisa fosse possível depois de tudo o que viram seus olhos. Ainda eram homens jovens e, embora com muito mundo a suas costas, tinham muita vida por diante e coisas que experimentar. Drake jamais teria oportunidade de viver nenhuma dessas coisas.

Como o amor.

Max tampouco viveu isso.

Mas quem sabia quando a dama da foice iria reclamar lhe? A morte de Drake era um aviso de que não dispunha de toda a eternidade.

Engendra meninos, Max, havia-lhe dito Virgil. Talvez a sabedoria do escocês era certeira uma vez mais.

— Bem, e o que fazemos agora? — Murmurou Jordan enquanto se olhavam uns aos outros com desconforto. — Nos retirar a nossas propriedades? Nos dedicar à caça da raposa e nos converter em cavalheiros rurais?

— Ao diabo com isso — replicou Rohan, prorrompendo em uma mão esquerda e áspera gargalhada. — Provar a todas as rameiras do Covent Garden me parece um excelente começo.

— Santo Deus, homem, acaso não há mulheres em Nápoles?

— Já estive com todas essas...

— É um fanfarrão, Rohan...

Max contemplou sua bebida com olhar ausente, fazendo caso omisso de suas graças. Logo, de repente, falou com voz acerada:

— Eu já sei o que vou fazer— anunciou.

Ambos o escrutinaram surpreendidos, e ato seguido trocaram um olhar.

— Certamente, meu calculador amigo — disse Jordan, divertido. — Não cabe dúvida de que leva anos fazendo planos.

O coração do Max palpitava com força, ressonando como um trovão em seus ouvidos.

— E bem? — Insistiu-lhe Rohan. — O que é que vai fazer?

Max guardou silêncio preparando-se para a reação de estupefação de seus amigos.

— Vou casar-me.

— O que?

— Santo Deus!

— Tão logo? Mas se acabamos de retornar!

— Será que perdeste a cabeça? Por fim é livre! O velho escocês já não pode nos reclamar nada! — Protestou Rohan. — A que vem tanta pressa por contrair outro compromisso?

— Max, não fala a sério?

— É obvio que sim. — Sorriu com frieza, mas se manteve sentado em silêncio enquanto continuavam tentando dissuadi-lo até que, finalmente, sacudiu a cabeça. — A decisão está tomada.

Jordan ficou olhando-o após pronunciar aquelas palavras.

— Bem, pois. Te conhecendo, acabou-se a discussão.

Max encolheu os ombros, procurando dar a impressão de que nada daquilo o inquietava

mas, em questão de um instante, decidiu seu futuro. Com o passar dos anos, aprendeu a não pôr em dúvida seus instintos, pois lhe salvaram a vida em inumeráveis ocasiões. Muitas vezes sua sobrevivência dependia de sua capacidade para reconhecer a um possível aliado em uma sala repleta de inimigos, e tudo nele sabia que Daphne Sterling era a escolhida.

Limitou-se a encolher os ombros.

— Resulta óbvio que o dano causado a minha linhagem não vai reparar-se por si só.

— Muito bem, quem é a afortunada? Escolheu alguém? — perguntou Rohan.

Max assentiu, sua decisão era irrevogável.

— De fato, assim é.

Participou-lhes da informação básica sobre Daphne Starling e riram quando lhes falou da lista de noivas que previamente solicitou a seu advogado que investigasse.

— Podem ficar com as demais — adicionou com um sorriso sardônico.

— É muito generoso de sua parte, condenado bastardo.

— Não consigo imaginar a esse homenzinho brincando de correr pela cidade para recolher toda essa informação — aduziu Jordan, rindo com mais força.

— Resulta que é muito eficiente.

— O que fez? Instruiu-lhe no trabalho de campo?

— Algo pelo estilo.

— Por que não recorreu a Virgil para que se encarregasse disso em seu lugar? Tem algo mais de experiência nestas questões.

— Estava ocupado— repôs Max. —Além disso... —seu sorriso se desvaneceu; um vago ressentimento reprimido impregnava o tom despreocupado de sua voz. — Me atreveria a dizer que o velho escocês já exerceu bastante controle sobre minha vida durante os últimos vinte anos. Não necessito que também me escolha a esposa.

Tomou um gole sem mais palavras.

Todos guardaram silêncio.

— Parece empenhado em que nos casemos — murmurou Jordan.

— Também lhe mencionou isso? — perguntou Max.

Jordan assentiu e Rohan os olhou com expressão sombria.

— O mesmo a mim. As filas da Ordem terão que ser reabastecidas muito em breve.

— Acaso não entregamos já suficiente de nosso sangue? — perguntou Max em voz baixa.

Jordan baixou a vista.

— Pelo visto, não.

— Bom, Max, como é ela, como é sua dama? — murmurou com certo desejo em seus olhos cautelosos.

— É perfeita. — Max encolheu os ombros; um meio sorriso afligido iluminava seu rosto sério. — Formosa, engenhosa e cheia de bondade.

— E aceitou casar-se contigo?

Max arqueou as sobrancelhas.

— Ah, eu não diria que tenha aceito exatamente.

— OH! — Exclamou o duque. — É uma dessas coquete? Se faz de difícil?

— Não, o que acontece é que não o pedi ainda.

— Quando pretende fazê-lo?

— Logo que chegue a um acordo com seu pai.

Jordan se voltou para o Rohan, atônito.

— Primeiro vai falar com o pai! Que pitoresco.

— Muito tradicional por sua parte, Max — concordou Rohan. — Desconhecia essa tua faceta.

— Bom, não é conveniente deixar a decisão em mãos de uma conhecida cabeça-de-vento, não lhes parece? — Olhou-os franzindo o cenho com arrogância, negando-a preocupação que sentia pela resposta de Daphne.

— Uma boa jovem da aristocracia fará o que lhe peçam que faça.

— Sim, mas nos comentou que já rechaçou a outro homem.

— Eu não sou Albert Carew — replicou com irritação. — Claro, naturalmente.

O conde o estudou durante um prolongado momento, sem precisar pronunciar palavra alguma para expressar seu cepticismo... nem sua absoluta diversão.

Max contemplou a expressão dúbia de ambos e franziu o cenho.

— Quando viram que aceitei um não por resposta quando se trata de algo que desejo? — exigiu saber.

— O moço tem razão nisso — disse Rohan, sorrindo amplamente.

Jordan esboçou um sorriso irônico.

— Certo. Suponho que o assunto está resolvido. — Serviu outra rodada e ergueu a taça em um brinde. — Pelo Max! Que logo será um homem casado.

— Pobre moça — disse Rohan. —Não tem nem ideia do que vai enfrentar.

— Confia em mim — repôs Max. — Não demorará para descobri-lo.

Os três romperam a rir. Logo chocaram suas taças e beberam.

A chuva caía de forma persistente do outro lado do Canal. Nuvens baixas roçavam como um negro manto as torrezinhas de piçarra azul do magnífico castelo barroco convocado no vale da Loire, descarregando sobre seus cuidados jardins, empapando os hectares de vinhedo. Era uma noite úmida e escura em que não brilhavam as estrelas, mas nas janelas superiores do castelo se viam algumas luzes apesar da hora tardia.

No santuário interno do Conselho de Prometeo, com seus chãos axadrezados e as nervuras douradas de suas colunas de mármore negro que resplandeciam à luz das lanternas, a derrota impregnava o ar. Os grandes mestres das Dez Regiões e os três venerados peregrinos estavam sentados ante a mesa redonda com a parte central oca, elaborada ao estilo da roda do tempo budista.

Uma cadeira se sobressaía como um trono por cima das demais. O homem que ocupava com

aquela firmeza elevada posição tinha o grisalho cabelo loiro de ponta, com entradas, e uns olhos cruéis que percorreram aos ali reunidos com fria superioridade. Respondia em nome do Malcolm Banks e, como cabeça do Conselho, estava a ponto de impor um castigo exemplar ao Rupert Tavistock. De fato, desejava-o com impaciência.

Mas antes devia expor alguns feitos fatídicos ante a elite do Conselho de Prometeo.

— Bonaparte está acabado — confirmou. — Mesmo que o ajudássemos a escapar de novo, não receberia mais apoio de nenhuma facção, de modo que não vale a pena realizar o esforço. Com a derrota de Napoleão em Waterloo, temos que enfrentar ao amargo feito de que nossas ambições com o império francês ficaram reduzidas a cinzas. Por sorte, não obstante... — recostou-se na cadeira, unindo os dedos — tive em conta esta possibilidade faz anos a fim de paliar seus efeitos, cultivando nossa influência na corte do rei Luís no exílio; — encolheu os ombros. — Quando Luís retornar ao trono da França, voltaremos ao menos a um território conhecido.

Outros guardaram silêncio; pelo visto ninguém parecia excessivamente impressionado por sua previsão. Malcolm olhou em redor seus pétreos rostos e compreendeu com desalento que essa derrota fez que alguns começassem a duvidar de sua destreza como líder.

Motivo pelo qual a demonstração de força que ia realizar era necessário. Sabia que precisava recuperá-los antes de que começassem a voltar-se contra ele. Ao final de contas, se tentassem lhe derrubar dificultaria seu desejo de converter a seu filho em seu sucessor. Niall, de trinta anos, estava sentado a seu lado sem importar o fato de que muitos dos presente não acreditavam digno de ocupar um cargo no Conselho; era muito jovem.

Malcolm, não obstante, estava criando a seu filho para ser um líder.

Também isso era um assunto controvertido pois, segundo a tradição, os novos líderes deviam ser votados pelo Conselho, escolhidos entre eles mesmos apoiando-se em quem possuía maior experiência e o temperamento adequado para o cargo. A diferença de outros organogramas de poder, a liderança não passava de pais a filhos. Mas Malcolm tinha outros planos. Depois de haver-se feito com o cargo supremo mediante suas próprias confabulações, não tencionava desprender-se dele. Outros não se deram conta ainda deste fato.

—Dificultaram enormemente nosso progresso, meus amigos, mas não estamos acabados — prosseguiu com quietude. — Nosso triunfo final apenas se adiou. Entretanto precisamos de um período de recuperação a fim de cobrir nossas perdas, faremos o que sempre temos feito: tomar as coisas como vêm. Nos adaptar às novas circunstâncias. Nos reagrupar e estar atentos à próxima oportunidade. E quando se apresentar — adicionou com férrea resolução — estaremos preparados para atacar.

Um murmúrio de aprovação percorreu a sala.

— Assim, antes de continuar, devemos nos ocupar de um assunto que requer nossa atenção. — Fez um sinal com a cabeça ao Niall, que se levantou lentamente da cadeira.

Enquanto o observava, Malcolm não pôde evitar orgulhar-se do homem temível em que se converteu seu filho. Niall herdou a impressionante estatura de seu antigo clã das terras altas da Escócia, junto com o denso cabelo vermelho.

— Rupert — disse Malcolm com suavidade, olhando a um dos camaradas que se encontrava

ao outro lado da mesa. — Temo que sua incompetência tem um preço.

— Como diz? — espetou o calvo e corpulento inglês.

— Acreditava sinceramente que seu fracasso ficaria impune? — perguntou Malcolm com voz afável.

— Meu fracasso? — repetiu Rupert Tavistock, tragando saliva.

Contemplou com nervosismo como Niall se separava de seu assento e se encaminhava pausada e inexoravelmente para ele.

— Ah, sim, com efeito. Foi o responsável por se desfazer de Wellington no caso de que Napoleão fraquejasse no dia da batalha. Se seus homens tivessem tido êxito, o mensageiro que Wellington enviou ao Blucher jamais teria conseguido passar; Napoleão teria ganho a batalha, como era seu destino, e seiscentos anos de esperanças se teriam feito realidade! — concluiu com clamorosa cólera.

— Espere um momento! — Suando profusamente, Rupert se levantou de seu assento como um raio, mas Niall se encontrava atrás dele e, plantando sua enorme mão no ombro do inglês, o fez sentar-se de novo.

— Em vez de fazer-se realidade nosso projeto, os agentes que infiltrou no quartel general de Wellington estão mortos — disse Malcolm. — E você não demorará para se unir a eles.

— Mas não é minha culpa! — Alegou Tavistock. —Fiz o que me pediu! A Bolsa desabou... ingressei milhões em nossas arcas!

— Mas ainda fica o fracasso de Waterloo.

— É tudo obra da Ordem! Infiltraram a alguém sem meu conhecimento. Quem quer que fosse acabou com meus agentes antes de que pudessem atuar. Não sou responsável por isso! — Insistiu Tavistock, elevando cada vez mais a voz. — A Ordem é a culpada. Jamais venceremos até que a Ordem de São Miguel seja destruída, e prometeu a todos que assim seria se votássemos em você.

— O que pretende que faça? — Bramou Malcolm. — São como fantasmas.

— São homens! Sangram como todos! Septimus matou a três deles em Muniqui! — Assinalou freneticamente ao taciturno e moreno germano que estava a cargo das operações nos numerosos principados com o passar do Reno[5].

— Sim, mas esse é o problema, não é certo, querido Rupert? — Malcolm olhou fugazmente ao Septimus com perceptivo desagrado. — Nosso amigo bávaro foi incapaz de conter-se e acabou com suas vidas. Como consequência, seguimos ignorando em que lugar da Europa se encontra a sede da Ordem hoje em dia; nem sequer sabemos quantos agentes têm.

— Bem, o que nos sugere, Malcolm? — Perguntou uma voz glacial do outro extremo da sala. —Que claudiquemos? Que rendamos a nossos inimigos?

Todos dirigiram a vista para o James Falkirk, um homem magro e distinto, de cabelo grisalho

[5] ***A Confederação do Reno*** *(Rheinbund, em alemão; États confédérés du Rhin ou Confédération du Rhin, em francês). Era integrada por dezesseis estados alemães, reunidos por Napoleão após este haver derrotado o Sacro Imperador Francisco II e Alexandre I da Rússia na Batalha de Austerlitz. Perdurou durante anos.*

e oriundo do Yorkshire, que formulara as perguntas. Como líder dos três peregrinos, era o único rival de verdade com capacidade de neutralizar o crescente poder de Malcolm. Seu trabalho habitual era percorrer incansavelmente as dez regiões, vigiando a todo mundo, recolhendo informação, guiando a estratégia global dos que prometem enquanto que os grandes mestres dirigiam operações dentro de seus territórios particulares.

Mas se informou de muitas coisas no transcurso de suas viagens durante o último ano, sobre tudo de indícios a respeito da artimanha que Malcolm tramava as costas de todos. James contemplou com inalterável paciência a seu incompetente líder, mascarando seu conhecimento das maquinações de Malcolm, assim como sua ira. Inglês fleumático dos pés a cabeça, sabia que devia tratar a esses dois bárbaros escoceses com luva de seda, embora os tinha bem impregnados a ambos.

Malcolm não era um verdadeiro crente em quão ideais representava o movimento, e James o desprezava por isso. Para o Malcolm, a sagrada filosofia de Prometeo não era mais que um meio secreto para fazer-se com riqueza e poder terrestre incalculáveis.

Não era de sentir saudades que tivessem perdido tudo pelo que trabalharam graças a Napoleão, pensou James. Tinham o sabor amargo da derrota, pois acreditaram em seu ansiado sonho de um mundo unido sob um benévolo Conselho em mãos de um homem sem visão. Um monstruoso ciclope cujo único olho estava centrado em seu mero interesse pessoal.

Por desgraça, o que Malcolm oferecia ultimamente parecia resultar suficiente para alguns.

— Ah, não seja fastidioso, James — disse Malcolm, irritado. — É obvio que não sugiro que nos rendamos à Ordem de São Miguel. Mas devemos empregar o sentido comum até que tenhamos recuperado nossa força. Pragmatismo, James, isso é tudo. Entende o que é? Na vida nem tudo são sonhos e projetos, já sabe. Niall, procede — adicionou agitando a mão com impaciência. — Não tem sentido demorar isto durante mais tempo.

Niall assentiu, enrolando os extremos de um cabo nas mãos. Rupert tentou fugir, mas só conseguiu dar três passos antes de que o escocês o apanhasse.

— James... me ajude!

— Sim, James, vai salvar lhe? — Malcolm o olhou inquisitivamente, muito consciente de que aquele homem representava a maior ameaça a seu poder.

James se recostou com educação em sua cadeira. Rupert Tavistock era um imbecil mimado ao que não valia a pena salvar. Perdeu seus princípios há anos, levando a boa vida em Londres quando deveria estar trabalhando para alcançar os objetivos do Conselho. O poder corrompia e esses homens o estavam.

James frequentemente se perguntava se era o único ao que não lhe afetava.

— Lamento-o, Tavistock — disse. —Traíste a fé que depositamos em ti. Foram-lhe confiadas grandes responsabilidades e fracassaste.

A Malcolm lhe revolveu o estômago ao ouvir gemer ao Rupert. De sua parte, James não disse uma só palavra quando Niall pôs mãos à obra. Quando afastou os olhos, deixando ao Rupert a sua sorte, seu olhar se cruzou com a do Septimus Glasse ao outro lado da mesa redonda.

O feroz alemão de negra barba o advertiu com seus olhos sombrios que guardasse silêncio.

Sem dúvida ao jovem ruivo ficava suficiente cabo para qualquer que fosse o bastante estúpido para assinalar a seu progenitor com o dedo.

Não se preocupe, meu amigo, pensou James com sarcasmo, dando obrigado de que ao menos Septimus fosse de confiança.

Ambos sabiam que a responsabilidade pelo fracasso do Prometeo era, em última instância, do líder, mas nenhum era tão néscio para assinalá-lo, ao menos não naquele momento e lugar, e não dessa maneira. Antes terei que fazer planos...

Passaram uns momentos e a última fresta de humanidade que restava em James fez que se estremecesse ligeiramente quando Niall concluiu o desagradável assunto com supremo deleite. Os sons estrangulados de Rupert e a frenética e característica sacudida de seus membros cessaram.

Fez-se o silêncio.

Niall se ergueu de costas aos congregados e seus ombros se elevaram ao mesmo tempo que inspirava profundamente. Logo voltou a cabeça para lhes advertir com um olhar cheio de maldade que não tomassem pelo típico filho imbecil que tinha conseguido seu alto posto por puro nepotismo. Parecia muito disposto a demonstrar sua valia ante qualquer um que albergasse dúvidas.

Me ponham a prova, parecia desafiá-los com os olhos entrecerrados. Com o dever completo, o alto escocês limpou o suor da testa com o antebraço e retornou a seu lugar com ar indiferente.

— Desfaz disso—ordenou Malcolm a seu guarda-costas, que se encontrava junto à porta, assinalando com desdém o cadáver. — E deixe entrar seu substituto.

— Substituto? — Repetiu James de forma imediata enquanto outros reagiam com igual fúria. — O que tem com a votação?

— Não temos tempo para isso! — Espetou Malcolm. — Se Tranquilizem! Apenas simplifiquei as coisas escolhendo a um homem que ocupe seu lugar, ao menos temporariamente, enquanto o Conselho discute como é habitual sobre sucessores.

Um murmúrio de surpreendidos protestos percorreu a sala enquanto o corpulento e calado guarda-costas do Malcolm abria a porta e chamava a alguém que se encontrava fora. Outros se voltaram violentamente para ver quem tinha convidado Malcolm em meio daquela disputa sem precedentes. A intensa luz do corredor iluminou uma figura alta e poderosa.

Quando o recém-chegado entrou na sala e se encaminhou pausadamente para a mesa, todos puderam vê-lo melhor: tratava-se de um homem de quarenta e poucos anos, de cabelo negro e encaracolado, rasgos aquilinos e olhos desumanos.

Por Lúcifer! James ficou atônito ao reconhecê-lo e um calafrio percorreu suas costas. *Acaso Malcolm perdeu a cabeça?*

Aquele homem era Dresden Bloodwell, o sicário mais temido em todo o submundo Prometeo.

— Bem-vindo, meu amigo! — Saudou-o Malcolm, assinalando a cadeira vazia do Rupert. — Se una a nós.

— Obrigado. —O renomado sicário obsequiou a Malcolm com um frio sorriso, baixando fugazmente a vista ao cadáver de seu predecessor com indolência e limitando-se a passar por cima

dele de caminho à mesa.

James continuou em silêncio, pasmado ainda, enquanto o guarda-costas do Malcolm agarrava ao Rupert Tavistock de um tornozelo e, sem o menor olhar, levava arrastando o morto.

— Cavalheiros — anunciou Malcolm, — me permitam que vos apresente ao Dresden Bloodwell, um de nossos melhores agentes. Poucos em nossa organização demonstraram ser tão dignos como ele. Bloodwell vai encarregar se de nosso quartel em Londres até que se escolha formalmente um sucessor mediante os métodos habituais.

Dresden ocupou a cadeira como se sempre lhe tivesse pertencido e inclinou a cabeça cortesmente.

— É uma honra, senhores.

Ninguém disse uma só palavra.

James trocou outro olhar furtivo com o Septimus, mas nem seu amigo germano nem outros se atreveram a pôr objeções desde que ouviram o nome do substituto. James sentiu náuseas. Nesses momentos tinha claro que Malcolm estava tomando medidas para fortalecer sua facção dentro do Conselho e não tinha nem ideia de como controlar a aquele monstro uma vez que Bloodwell tivesse sido colocado em um cargo de poder do outro lado do Canal.

Depois disso, Malcolm simplesmente continuou com a reunião no ponto em que se interrompeu, mostrando-se profissional como de costume em que pese a manter o tom banal. Mas uma profunda inquietação se instalou no ambiente.

Muito antes de que se suspendesse a sessão com o convite do Malcolm a tomar um refrigério no refeitório, James decidiu que teria que fazer algo e logo. Não podia tolerar que seu líder se obstinasse em uma busca de poder ainda maior. Fazer com que Niall assassinasse ao Rupert justo ali, ante o Conselho, tinha como fim advertir a todos. Além disso, escolher a Dresden Bloodwell para substituir a Tavistock em seu posto era uma ameaça tácita flagrante, que dava a entender que Malcolm estava preparado para que seu esbirro eliminasse a qualquer homem do Conselho cuja obediência não pudesse conseguir pelo meio que fosse.

Sim, teria que fazer algo e James sabia que devia ser ele que pusesse contra Malcolm a outros.

Quando concluiu a reunião, os membros do Conselho se retiraram da câmara, conversando entre eles em voz baixa. James se separou do resto para informar a Talon, seu guarda-costas e ajudante, de que não ficariam a passar a noite. Talon fez uma reverência e partiu a ocupar-se dos preparativos para sua partida. Logo James se apoiou contra o corrimão de mármore no alto do vão da escada, do outro lado da sala de reuniões, tomando um momento a fim de ordenar seus pensamentos antes de aceitar o refrigério.

Jogou uma olhada com expressão sombria quando Septimus se uniu a ele. Apesar da relação amistosa que compartilhavam, James não tencionava revelar nenhum só de seus verdadeiros pensamentos enquanto se encontrasse sob o teto de Malcolm. As paredes tinham ouvidos... e agora, além disso, teria que enfrentar-se ao Dresden Bloodwell.

— Falkirk— o saudou Septimus, lhe estendendo a mão.

— Glasse. — James a estreitou. — Parabéns por sua vitória sobre aqueles três membros da

Ordem. É todo um lucro.

— Ah, o mérito não é todo meu — respondeu o alemão como se tal coisa, inclinando-se e apoiando os cotovelos no corrimão que tinha junto a ele. — A tarefa requereu dez de meus melhores homens contra dois deles.

— Dois? —- Replicou James. — Pensei que matou a três.

Septimus o olhou de soslaio e guardou silêncio.

James ficou imóvel, com o cenho franzido.

Septimus esboçou um ligeiro sorriso.

— Por que não vem a me visitar na Bavaria, meu amigo? Fiz uma amizade fascinante. Estou seguro de que te agradaria conhecê-lo. Me resulta complicado lhe entender. É inglês, de modo que talvez você tenha melhor sorte com ele que eu. Como é natural, estarei encantado de apresentá-lo.

O coração de James pulsava fortemente. Jogou uma olhada em redor para certificar-se de que estavam sozinhos e baixou a voz:

— Capturaste a um dos agentes da Ordem? Com vida?

Seu amigo assentiu de forma mal perceptível.

— Era o chefe da equipe. Escapou quando matamos aos outros dois, mas então... voltou para vingar-se de mim, pode acreditar?

— Portanto, rompeu o protocolo. — James o olhou atônito. — A vingança vai contra seu código.

Septimus encolheu os ombros.

— Mais houvesse lhe valido ater-se a ele. Em qualquer caso, não conseguiu escapar.

— Extraordinário! — Exclamou James entre dentes. — O contou a Malcolm?

— É obvio que não. Antes queria falar contigo. — Septimus fez uma pausa. — Não te atrase, James. Não acredito provável que meu... convidado resista muito mais tempo.

— Acabou ferido na refrega? — apressou-se a perguntar James.

O alemão sorriu com satisfação.

— Meus melhores torturadores levam meses ocupando-se dele.

— Septimus! — sussurrou James, horrorizado. — Torturadores?

— Se esse homem for o que diz, é muito valioso para nos arriscar a perdê-lo! James, não compreende a resistência desse homem — respondeu Septimus, sacudindo a cabeça com expressão indiferente. — O muito canalha estava a borda da morte e, apesar disso, entre todos meus homens a única coisa que foram capazes de tirar foi seu nome... e nem sequer estamos seguros de ser esse seu sobrenome, seu nome de batismo, o título que possui ou simplesmente um aliás.

— Que nome lhes deu? — perguntou imediatamente.

Septimus o olhou de esguelha.

— Drake.

Capítulo 6

Duas semanas mais tarde Daphne estava em seu dormitório da planta superior, atarefada escrevendo cartas a alguns dos conhecidos filantropos da cidade, com respeito à premente situação dos órfãos de Bucket Lane e o edifício há venda que desejava conseguir para localizar nele seu novo lar. Estava considerando a ideia de incluir lorde Rotherstone em sua lista de possíveis benfeitores, pois todo mundo dizia que era tão rico como Creso e, além disso, foi testemunha presencial dos perigos que encarava a atual localização do orfanato.

Ao menos esse era o motivo pelo qual se dizia que desejava lhe escrever. Entretanto, se era franca consigo mesma, a verdade era que desconfiava de seus próprios motivos com respeito a aquele homem. Era de todo impossível que sua necessidade de escrever a lorde Rotherstone guardasse relação alguma com seu desejo de lhe fazer recordar sua existência!

O marquês esteve constantemente presente em sua cabeça desde o baile mas, para maior frustração dela, lorde Diabólico não havia retornado a aparecer em sociedade.

Ignorava por que devia preocupar-se por isso.

Mal acabava de conhecer aquele homem e voltar a vê-lo provocava sentimentos contraditórios: por um lado a emocionava a possibilidade, e por outro provocava uma aterradora ansiedade por averiguar o que faria a seguir o imprevisível marquês.

Embora se sentisse um pouco tola por recordar sua aparentemente frívola promessa de dançar com ela, pois, para sua desgraça, parecia que já se esqueceu daquele assunto por completo. *Diabo!* esforçou-se por afastá-lo de sua mente, mas não ajudava em nada saber que ele não abandonou Londres, o qual teria feito seu esquecimento mais compreensível.

Carissa, que sempre estava à corrente dos últimos, disse a informou que lorde Rotherstone foi visto na cidade com dois de seus censuráveis amigos do Clube Inferno. Essa seria, conforme concluiu Daphne, a tão esperada visita que recebeu notícias a noite do baile dos Edgecombe. Conforme os falatórios, viu-se aqueles três homens apostando em um combate de boxe, praticando esgrima com arrepiante destreza no Angelo's e examinando cavalos no leilão do Tatt'S. Mas, pelo visto, dava-lhes preguiça unir-se de novo à sociedade educada.

Vá! Daphne teve que admitir que estava um pouquinho incômoda. Depois do modo em que flertaram no Edgecombe House, estava segura de que esse homem estava tão ansioso como ela por reclamar a dança que se prometeram. Mas em vista de sua ausência continuada, já só podia concluir que o mundano Marquês Perverso simplesmente jogou com ela ao acreditá-la, acaso, uma jovem e ingênua senhorita. Talvez Carissa tivesse razão sobre ele desde o começo.

Por sorte, justo naquele momento, a suave chamada de sua donzela interrompeu as inquietantes reflexões de Daphne.

— Sim?

Wilhelmina apareceu a cabeça pela porta.

— Lorde Starling quer vê-la, senhorita.

Ela assentiu.

— Em seguida vou.

Contente de escapar das caóticas emoções que suscitava pensar no marquês, abandonou

seu dormitório imediatamente para atender a chamada de seu pai. Quando descia a escada percebeu a ominosa quietude que envolvia a casa. Não se escutava o piano-forte, nem queixa ou sinais de disputas. Deteve-se na escada de madeira arqueando uma sobrancelha com receio enquanto assimilava aquilo.

Em vez de sonoros passos e buliçosas risadas pôde escutar o tedioso som de suas meio-irmãs praticando francês. Inclinou-se para diante para poder espionar o salão ao outro lado da entrada abobadada.

As gordinhas jovenzinhas estavam no sofá, uma a cada lado da instrutora, estudando aplicadamente a gramática francesa enquanto que Penelope estava sentada em uma poltrona, pendente das meninas mas não em cima delas, dedicada a seu bordado. Por uma vez na vida pareciam a viva estampa de uma agradável e respeitável família.

Daphne franziu o cenho com um estranho pressentimento. Tinha a inquietante sensação de que teria problemas.

OH, não, pensou de repente*. E se seu pai se inteirou da violenta briga no Bucket Lane? Talvez um dos Willies falou sem querer.* Lhe fez um nó no estômago, mas se obrigou a continuar descendo a escada tentando não perder a esperança de que aquilo fossem só imaginação dela.

Em certas ocasiões seu pai a chamava quando era incapaz de recordar a frase chave de uma piada... Mas quando chegou ao pé da escada e passou por diante da salinha a caminho do escritório, Penelope levantou a vista de seu trabalho e a olhou com dureza.

Aquele penetrante olhar lhe disse sem lugar a dúvidas que, em efeito, formava-se uma tormenta. Subitamente alarmada, Daphne realizou o resto do caminho com celeridade para averiguar o que estava acontecendo. Quando se deteve na entrada do atestado despacho de lorde Starling, encontrou-o olhando pela janela saliente com as mãos agarradas frouxamente atrás das costas.

— Desejava ver-me, papai? — perguntou sem rodeios.

Interrompido em meio de suas reflexões, o visconde Starling se voltou para ela.

— Ah! Já está aqui, querida. Entra e sente-se. — Assinalou com a mão a cadeira ao outro lado da escrivaninha. — E fecha a porta, sim?

Bom, não parecia zangado.

Daphne o olhou com receio e fez o que lhe pedia quando entrou na sala.

— Acontece algo grave?

— Não, não —repôs com um sorriso distraído quando ela se acomodou na cadeira obedientemente. — Querida filha.

Lorde Starling rodeou a escrivaninha e se sentou no canto em frente a ela. Logo cruzou os braços, lhe brindando um sorriso amável, e lhe disse em voz baixa:

— Recebi outra oferta por sua mão.

— O que? — ficou pálida. — De quem?

— Acaso não o adivinha?

— Não obtenho imagi... De quem se trata, papai? — perguntou alarmada pelo sorriso cúmplice do visconde. — Não me diga que Albert tornou a tentar...

— Do marquês de Rotherstone.

Daphne, boquiaberta, cravou os olhos nele com absoluta incredulidade.

Um amplo sorriso iluminou o rosto de lorde Starling, mas certa sensação de vertigem embargara a Daphne, que se agarrou aos braços de madeira da cadeira e, durante um prolongado momento, foi incapaz de articular uma palavra.

Enquanto isso, seu pai não experimentava semelhantes dificuldades.

— Parabéns, carinho! Desta vez fez uma conquista sem igual! Sempre soube que contrairia um matrimônio brilhante...

Seu pai, que tanto a adorava, continuou falando cheio de orgulho, elogiando sua beleza, seu encanto e inteligência por ter apanhado a tão poderoso par do reino; mas devido à impressão que lhe causou a notícia, Daphne mal escutou uma só palavra.

O ensurdecedor retumbar de seu coração fazia que a voz de seu pai lhe parecesse apagada.

O Marquês Perverso a queria como esposa? *Como é possível?*

Estava absolutamente aturdida. A sala dava voltas e um enlouquecido desconcerto corria por suas veias. Devia ter algum engano! As duas semanas que passou fantasiando e pensando nele se converteram em uma confusa sensação de pânico. Certo era que desejava vê-lo de novo, mas aquilo era muito mais sério do que esperava!

Como podia pensar em casar-se com ela depois de ter mantido uma única e breve conversa?

Sim, sabia bem que em cada temporada se acertavam matrimônios a partir de muito menos... mas isso acontecia a outras jovens, não a ela! Não a Daphne Starling!

Sempre foi responsável por sua própria vida!

— Papai! — espetou ao fim, interrompendo seu tranquilizador monólogo sobre a maravilhosa vida que ia ter sendo marquesa de Rotherstone e como ia converter se na inveja da alta sociedade.

— Sim, carinho? — Estudou-a com o cenho franzido. — Parece alterada. Gostaria de uma taça de chá? Quer os sais?

— Não! — exclamou; logo elevou as mãos, desconcertada. — Como...?

— Bom, foi muito simples, carinho.— Dirigiu um olhar inquisitivo a sua filha.—Lorde Rotherstone abordou-me no White's, se apresentou de forma galante e solicitou uma reunião comigo. Eu acessei... como é natural. Recordei que me perguntou por ele no baile dos Edgecombe, de modo que despertou minhas suspeitas no ato. —Sorriu. — Parecia ter certa afinidade com ele e, certamente, a admiração que o homem professou para sua pessoa era genuína.

— O que disse de mim? — apressou-se a perguntar, inclinando-se para diante na cadeira.

— Vê o que dizia? Sabia que não te era indiferente — brincou seu pai.

Daphne o olhou fixamente, incapaz de falar.

De repente descobriu que seu coração mantinha uma luta interna. Parte dela se sentia embargada pela ideia de que aquele homem, que monopolizou seus pensamentos no mesmo instante em que colocou os olhos nele, não só estava interessado nela, mas sim acreditava digna de compartilhar seu título e seu sobrenome. Entretanto, seu lado mais sensato estava realmente indignado por ter sido excluída de todo aquele assunto, como acontecia com todas as mulheres.

Homens!

OH, que ardiloso era. Ao acudir diretamente a seu pai, lorde Rotherstone passou por cima de sua autodeterminação e assumiu o controle de sua vida sem que ela fosse consciente.

Imediatamente veio à memória a lembrança de como Rotherstone manteve a raia aos irmãos Carew com luva de seda, dirigindo-os a seu desejo graças a seu grande carisma e a seu sobressalente intelecto. Parecia ser que trabalhou a mesma magia com seu pai, fazendo que aceitasse o enlace sem sequer pedir a permissão da interessada.

— E bem? O que tem a dizer em resposta a esta magnífica notícia? — perguntou lorde Starling.

— Não sei por onde começar, papai. Não estava pensando no matrimônio...

— Motivo pelo qual tive que pensar eu nisso por ti — respondeu seu progenitor com secura.

— Mas papai... — A cabeça lhe dava voltas quando lhe espetou: — Sou feliz assim! Eu gosto de minha vida tal e como é, acaso não te dá conta? Tenho uma vida muito agradável — gritou, — e n... não compreendo por que todo mundo me empurra a mudá-la! Sim! Aqui tenho meu lar, meu trabalho com as crianças, meus livros e meus amigos, e-e não necessito a um homem para ser feliz! — declarou com repentino e apaixonado dramatismo.

Lorde Starling a olhou divertido.

— Bom, e o que tem a sua infame reputação? — exclamou Daphne, que finalmente começava a deixar para trás a comoção.

— Falamos sobre isso — repôs ele de forma direta. — Estou satisfeito com as explicações que me proporcionou lorde Rotherstone.

Nas rugas que se formavam ao redor dos olhos de seu pai se vislumbrava certa aparência de mistério, mas se o marquês acreditou em alguns costumes a seu futuro sogro, assuntos de homens dos quais Daphne não tinha conhecimento, o visconde não deixou entrever nada.

— Depois de ter mantido diversas e prolongadas conversações e de estudar minuciosamente toda sua documentação, sou da opinião que Rotherstone é um homem de firme caráter. Do contrário, jamais teria concedido este enlace.

— Bom, pois eu não o aceito! — declarou. — Encontro tudo isto completamente desonesto... por parte de ambos! Por que não veio para me falar disso antes de fazê-lo contigo?

—OH, você e suas tolas ideias românticas — disse agitando a mão com desdém. —Lorde Rotherstone procedeu do modo adequado, tal e como exige a honra. E mais, esta é a forma correta em que um cavalheiro faz uma proposição de matrimônio, Daphne — prosseguiu. —Esperamos celebrar as bodas antes de que acabe o ano...

A jovem sufocou um grito de surpresa.

— Tão logo?

— Para que esperar? Já rechaçou a três pretendentes. Sim, sei... o primeiro era muito velho para ti, o segundo bebia em excesso e o terceiro, bom, Albert Carew nunca foi digno de ti. Mas não pode encontrar nenhum defeito ao marquês de Rotherstone. É jovem, arrumado, rico, honrado e inteligente, um homem ao que qualquer pai estaria orgulhoso de chamar genro. Nem sequer você, carinho, pode esperar uma oferta melhor que a dele. Atreveria-me a dizer que será a

inveja de todas suas amigas assim que se faça o anúncio.

— Mas, senhor!

— Nada disso, menina. Como pai teu que sou, tenho o dever de me ocupar de que minha filha tenha uma boa posição na vida, e viverá como uma princesa sob o teto de lorde Rotherstone. Pensa em todo o bem que poderá fazer com sua elevada nova posição — acrescentou de forma sagaz. — É uma oportunidade extraordinária para fomentar seu trabalho entre os necessitados.

— OH! — Olhou-o com os olhos entrecerrados. O muito pilantra conhecia muito bem seu ponto débil. Tinha a sensação de que a sala dava voltas e Daphne sentiu que entrava em pânico. Sentia-se impotente, completamente afligida.

Tentou encontrar algum tipo de resposta, embora o enlace parecia ser já um fato consumado, sobre tudo quando viu aquela expressão firme como o rochedo de Gibraltar no rosto de seu pai.

— Papai, sabe que minha intenção é me casar com o Jonathon algum dia!

— Ah, isso não são mais que desatino— disse carrancudo. — Jonathon White é um moço, não um homem. Não é uma pessoa séria. Com o devido respeito, meu céu, necessita uma mão firme. Lorde Rotherstone, pelo contrário, é um homem de uma grande inteligência e com experiência...

— Experiência! — exclamou, assentindo enfaticamente. — Nisso não te equivoca! A primeira vez que o vi estava...

— Sim?

Daphne renunciou de repente a assinalar o que pretendia, pois deu-se conta bem a tempo de que se contasse a seu pai que a primeira vez que viu o marquês foi quando saía dando tombos de um bordel, teria que lhe confessar a violenta briga que teve lugar no Bucket Lane e o verdadeiro perigo que estava correndo cada semana que foi a aquele local. Seu pai ignorava por completo como era aquilo na realidade.

Guardou silêncio e meneou a cabeça, novamente frustrada.

— É igual. Papai, falas como se o assunto já estivesse decidido. Considerando que sou eu quem terá que passar o resto de minha vida com essa pessoa, acaso não tenho voz nem voto em tudo isto?

Lorde Starling a olhou com o cenho franzido.

— Daphne, me escute. Sei que é consciente das tentativas de Albert Carew por arruinar sua reputação. Naturalmente, até a última palavra que sai de sua boca é falsa e Carew não é um cavalheiro, mas quanto mais tempo continue solteira após esse desastre, pior parecerá aos olhos de todos. Lorde Rotherstone deseja te proteger. Quando compartilhar seu título, ninguém ousará te faltar ao respeito. Esse é um dos motivos pelo qual aceitei.

— Mas não o principal, verdade? — levantou-se da cadeira de repente quando a finalidade de tudo aquilo converteu sua incredulidade em ira. —Penelope te animou a fazê-lo, não é assim? —aventurou com flagrante e furiosa acusação, sentindo-se encurralada. —Só deseja desfazer-se de mim e sei que está cansado de ouvi-la dizer. Joga-me de minha própria casa para que ela deixe de resmungar! Prefere me vender a algum par com dinheiro que a encarar e lhe dizer que...

— Basta! — Bramou lorde Sterling. — Sou seu pai! Como se atreve a me falar com tal falta de respeito? — Cravou o olhar nela, jogando faíscas.

Daphne fechou a boca, surpreendida por sua explosão.

— Talvez Penelope tenha razão e tenha te mimado muito. Por Deus bendito, se for tão néscia para não ver a sorte que teve, então é uma menina muito boba para escolher marido você mesma. Minha decisão está tomada! Além disso, Penelope é minha esposa — prosseguiu o visconde com uma fúria sem precedentes. — Lhe deve respeito. Que vergonha, Daphne Starling! Não pode pensar sempre em si mesma! Tem um dever para com nossa família, igual a lorde Rotherstone o tem para com a dele!

Dever? Sendo seu pai um homem tão indulgente, era estranho que apelasse ao dever familiar. Acaso poderia ser a famosa fortuna de lorde Rotherstone a verdadeira razão que se ocultava depois do repentino enlace? Pensou de repente. Poderia tudo isso estar provocado pelas perdas na Bolsa de seu pai? E, santo Deus, se for assim, que alternativa restava então?

— Tenha presente a suas jovens irmãs — continuou seu pai, com o rosto avermelhado. — Qualquer um que tenha olhos pode ver que não são tão agraciadas como você... lamento, mas é a verdade. Te casando com um marquês, estará em situação de as apresentar quando tiverem que fazer sua estreia em sociedade, como o fez a duquesa viúva contigo. Ambos sabemos que Penelope não é apta para a tarefa. Ah, não penso te dar contas! — Disse, agitando a mão com aborrecimento. — Te procurei um marido e se casará com ele. Se esperar a que você o faça, acabará sozinha! Não vou consentir que isso te aconteça, Daphne. Sei o que é estar sozinho durante anos e anos... Pelos pregos de Cristo, sua mãe me atormentaria até o fim de meus dias se permitisse que acabasse sendo uma solteirona! — concluiu. — Te casará com lorde Rotherstone e essa é minha decisão final. Agora, sugiro-te que recupere a compostura, pois o marquês acaba de chegar.

— Como? — sussurrou.

— Imagino que vem para te entregar o anel de compromisso.

— Ele está aqui?

Lorde Starling assinalou com a cabeça para a janela.

— Aí está sua carruagem. Irei saudá-lo. — Seu pai a olhou sem parecer muito contente. — Se prepare para se reunir com seu futuro marido.

A palavra marido quase a deixou sem fôlego. Seu pai saiu do escritório deixando a porta entreaberta. Daphne se recuperou da impressão, embora ainda se sentia doída pela reprimenda de seu pai, aproximou-se até a janela e deu uma olhada.

Em efeito, uma vistosa carruagem negra levada por quatro cavalos entrava no pátio pavimentado nesses momentos. Com o coração desbocado, conteve o fôlego quando o veículo se deteve diante da vila. Os magníficos cavalos negros chutavam o chão e sacudiam as cabeças como se tivessem levado ao mesmo diabo a seu destino, bem a tempo para recolher a alma de algum pobre desventurado.

A sua.

O suspeitoso pavor de Daphne aumentou quando um lacaio vestido com libré desembarcou

da boleia posterior e se apressou a abrir a porta a seu senhor. A jovem conteve a respiração quando lorde Rotherstone saiu do veículo, tão arrumado e imponente com seu escuro e intimidatório sobretudo, tal e como o recordava de seu único encontro.

Rotherstone ia vestido com uma jaqueta azul marinho de manhã, um colete cor ameixa e calças marrons; em uma mão sujeitava uma bengala de passeio com punho de marfim e na outra um bonito estojo com um laço. *Ai, Meu deus!*

O marquês se deteve e percorreu brevemente a vila Starling com o olhar por debaixo da asa de sua elegante cartola, e Daphne se escondeu atrás da cortina temendo que pudesse vê-la. Com o coração apertado, ao fim de um momento voltou a jogar uma olhadinha às escondidas, justo quando ele se perdia de vista a caminho da porta principal. Seu coração retumbava como se fosse um tambor quando ouviu como recebiam ao marquês na casa. *Te esconda!*

Não. Daphne fez caso omisso do vão impulso de fugir e se obrigou a concentrar-se a fim de tentar descobrir o que fazer ou dizer antes de que ele entrasse na sala. Do vestíbulo chegava a seus ouvidos o tom grave e refinado de sua voz, embora não acertava a distinguir as palavras. Aquele cultivado timbre masculino, profundo e aveludado, a fazia sentir mariposas no estômago, e Daphne o amaldiçoou por isso.

Surgiu furtivamente ao corredor e o observou falar com sua família. Seu pai estava de pé a seu lado, com um sorriso nos lábios e certa preocupação nos olhos. Quando se estreitaram a mão, deixando entrever que já eram grandes amigos, Daphne recordou com certo remorso que a única coisa que seu pai lamentava na vida era não ter tido um filho varão.

Enquanto isso, Penelope se dedicava a lisonjeá-lo e, por isso podia apreciar, a saborear seu triunfo e monopolizar a atenção de lorde Rotherstone. O marquês se despojou do elegante chapéu negro e se inclinou junto a Sarah e Anna, provocando as risadinhas tímidas das pequenas.

— Que meninas tão encantadoras — disse a Penelope. Rotherstone os deslumbrou a todos como se fosse uma espécie de mago malvado.

Sua madrasta o agradeceu profusamente, esforçando-se por lhe oferecer um refresco enquanto as meninas começavam a tagarelar ao mesmo tempo sobre suas aventuras daquele dia como se lhe interessasse aquilo.

— Ai, Por Deus! — murmurou Daphne, um tanto mortificada.

A crise estava virtualmente sob controle e em qualquer momento a chamariam para que se unisse a eles. Daphne entrou de novo no escritório e se apoiou contra a parede, levando a palma da mão à testa. Sentia as mariposas revoar no estômago e seguia sem saber o que fazer. Isto é tirânico!

Recordava com clareza o caráter dominante do marquês na noite do baile dos Edgecombe, quando a ordenou que não voltasse jamais para o Bucket Lane. Não lhe agradou então e tampouco o fazia nesse momento.

Por outra parte, tentar negar a atração que sentia por ele só serviria para proporcionar a esse homem um ponto fraco de que aproveitar-se sem piedade. De acordo, reconheceu com impaciência, encontrava-o irritantemente desejável e, sim, estava fascinada, mas não tinha a menor intenção do casar-se com o diabo por muitas promessas que seu pai fez em seu nome.

Justo naquele instante, antes de que estivesse preparada para enfrentar a ele, começaram a chamá-la.

— Daphne! Lorde Rotherstone veio a vê-la!

Maldição! Não havia lugar onde esconder-se enquanto escutava como seu pai dizia em tom suave:

— Minha filha se mostra hoje um tanto tímida, temo-me. Me permita que o leve até ela.

— OH, George, no escritório não! Sempre tem aspecto de que um tornado passou por...

— Estou seguro de que é bastante aceitável— lhe disse lorde Rotherstone a sua madrasta com suavidade. Daphne podia escutar suas vozes no corredor, aproximando-se mais e mais.

— Qualquer lugar que a faça se sentir mais cômoda — afirmava o marquês.

— OH, como é considerado! É você realmente amável, senhoria!

— Disparates.

— Aí, justo essa porta — lhe indicou lorde Starling.

Daphne desejava pôr-se a correr, mas sabia que estava presa. O batente que dividia as janelas eram muito estreitos para que uma pessoa pudesse sair por eles, de modo que não tinha outra alternativa que manter-se firme, com atitude rígida, no meio da sala. O coração pulsava com força quando, de repente, apareceu ele; sua alta e poderosa figura virtualmente ocupava a entrada.

Seus olhares se cruzaram e um estremecimento lhe percorreu o corpo.

— Aí esta! — disse Penelope com doçura, entrando atrás dele para intrometer-se em tudo, como de costume.

Daphne conteve o fôlego, com olhos bem abertos enquanto ele avançava, chapéu em mão, como um humilde pretendente. Talvez tivesse enganado a sua família com aquele encanto natural que possuía, mas ela conhecia bem aquele ardiloso autocrata, aquele professor da manipulação. Acaso a tomava por uma néscia?

— Senhorita Starling — a saudou, com os claros olhos brilhantes e um sedutor sorriso desenhado nos lábios.

Ah, que satisfeito consigo mesmo parecia quando se inclinou ante ela, pensou a jovem. Daphne elevou o queixo negando-se a deixar-se intimidar pela intensidade de seu olhar. O que esperava que fizesse, que se deprimisse a seus pés como uma tonta impaciente?

— George, olhe que bonito casal fazem!

— Obrigado, lady Starling— disse o marquês, sem afastar os olhos de Daphne.

Penelope sorria a escassa distância deles, sem dúvida contando os minutos que restavam para que sua fastidiosa enteada partisse da casa.

— Deixemos sozinhos aos jovens... mas só brevemente! —adicionou, agitando o dedo de forma admonitória e esboçando um sorriso cúmplice.

— É obvio, senhora.

Lorde Rotherstone inclinou a cabeça ante Penelope, que continuou sem mover-se de onde estava.

— Vamos, minha esposa — insistiu seu pai. — Deixemo-los uns momentos.

— Naturalmente, George! Não desejaria importunar, certamente! — Sorrindo com satisfação a seu convidado, Penelope obteve ao fim encontrar as forças para sair da sala... certamente para escutar do corredor.

Assim que a porta se fechou, Daphne decidiu que o único modo de averiguar que jogo se trazia entre mãos lorde Rotherstone era escutar o que aquele ladino tinha a dizer. Considerando que a resgatara em duas ocasiões, parecia-lhe justo. Não significava nada que o dilacerador magnetismo varonil que emanava provavelmente fizesse que as bússolas falhassem em sua presença. Bem sabia Deus que esse homem conseguia que a agulha da sua bússola girasse freneticamente, como se tivesse engolido o verdadeiro norte, como se ele fosse seu destino final e todos os sinais o apontassem diretamente.

Max jogou uma olhada à senhorita Starling e soube que teria que persuadi-la. A diferença dele, a formosa jovem não era perita em ocultar seus sentimentos, e o que via naquele rosto ante a notícia do compromisso era uma combinação de ira e temor.

Bem pois, dado que teve mais tempo que ela para aceitar à ideia, teria que tranquilizá-la e ajudá-la a compreender o acerto do enlace. Uma vez concluídas as negociações com seu pai, o compromisso era um fato e já começara a pensar em que ela era dele. E, por estranho que parecesse, toda objeção por parte de Daphne não fazia a não ser fortalecer sua resolução, pois significava que aquela peculiar daminha não se deixava conquistar meramente por um título e uma fortuna.

Enquanto cruzava a sala para ela, não pôde evitar sentir um instante de absurdo prazer ao contemplar a beleza natural da jovem. Sem a menor duvida, era um troféu. A última vez que a vira fulgurava como uma estrela com um vestido de baile branco, cuja antiga elegância a fazia parecer intocável. Mas esse dia era toda ardor, como uma ensolarada jornada no campo. Encontrava-a formosa de um modo encantador e nada pretensioso, com seu longo cabelo dourado solto sobre os ombros, retirado do rosto por uma simples cinta.

O leve vestido de dia com estampado floral tinha um recatado fecho branco que se sobressaía por cima do decote e mangas três quartos que cobriam os esbeltos braços. Max contemplou os delicados pulsos, encantado com as manchas de tinta que podia ver em seus dedos. No baile levava umas luvas postas, mas nesse momento aquelas mãos nuas faziam que desejasse conhecer a sensação de as ter sobre a pele.

Contendo o desejo com punho de ferro, aproximou-se dela com expressão respeitosa e se inclinou para depositar um casto beijo em sua suave face. Daphne entreabriu os olhos mas não se afastou e Max considerou aquilo como sua primeira vitória. Pôde sentir a atração que existia entre ambos ao inclinar-se um pouco mais. Logo, sem mediar palavra, ofereceu-lhe o presente que lhe levou.

Ela pousou a vista na magnífica caixa e depois o olhou com receio, sem fazer movimento algum para aceitar aquela oferenda certamente extravagante. A luz do sol, ao filtrar-se pela janela

as costas de Daphne, formava um etéreo halo ao redor do cabelo e os ombros da jovem. Max se sentiu fugazmente cativado por aquela imagem, mas o olhar que lhe dirigiu fez que fosse consciente de que tinha por diante uma delicada negociação diplomática.

Carecia de importância. Em uma ocasião teve que negociar com o Metternich, por isso confiava em poder dirigir a uma bonita jovenzinha. Brindou-lhe um sorriso e retrocedeu ligeiramente, voltando-se para deixar o estojo de joias sobre a mesa do escritório.

Daphne cruzou os braços e observou cada um de seus movimentos.

— Ouvi dizer que esteve ocupado, milord—comentou com certa acidez em um suave murmúrio.

Max se voltou novamente para ela, luzindo um meio sorriso, seguro de si mesmo.

— Acaso não lhe prometi que nos veríamos de novo?

As faces da jovem avermelharam repentinamente.

— Não deste modo!

— Minha querida senhorita Starling; — aproximou-se dela e tomou as rédeas, agarrando suas doces mãos e olhando-a aos olhos com expressão solene. — Me faria a honra de ser minha esposa?

Daphne o olhou atônita e um tanto confusa.

Ele aguardou absolutamente silencio em que pese a que, em realidade, a jovem não tinha alternativa.

— Lorde Rotherstone — acertou a dizer, —deixa-me estupefata. —Pareceu que tentava encontrar as palavras adequadas. — Me sinto honrada, como é natural. Mas... mal nos conhecemos!

— Bom, isso logo ficará resolvido — lhe assegurou Max suavemente com um sorriso sereno.

— Mas como pode desejar casar-se comigo depois de ter mantido uma só conversa? Nem sequer sei seu nome... seu nome completo... apenas seu título!

— Meu nome é Max— disse bruscamente. —Max St. Albans. Bom, há mais no meio. Tenho tantos nomes e títulos menores que mal consigo recordá-los. Mas, entre nós, bastará com o Max. Que mais gostaria de saber?

— Tudo! — Liberou as mãos das suas.

Max a olhou com cautela.

— Em realidade, pede muito — repôs esquivo.

Apesar de que era perito controlando a informação que dava, Max desejava lhe facilitar alguns dados essenciais a sua futura esposa. Ele seria o primeiro em reconhecer que ela o merecia. Ao fim e ao cabo, nem sequer um agente secreto estava obrigado a mentir à mãe de seus futuros filhos... na medida em que pudesse evitá-lo.

Por sorte, esperava-se que uma jovem noiva não fizesse muitas perguntas a seu amo e senhor. Principalmente quando o dito marido ia proporcionar-lhe um modo de vida semelhante ao da realeza. Só uma moça néscia em excesso arriscaria tamanho privilégio tentando olhar a dentadura ao cavalo dado. Daphne receberia um trato afetuoso e ele se encarregaria de cuidá-la bem.

Qualquer jovem inteligente se conformaria com sorte semelhante, pensou Max.

Mas quando viu que ela o olhava espectadora, soube que era o momento de lhe revelar o essencial sobre sua pessoa.

— Sou de Worcestershire — começou. — Acredito que isso já o contei. Meus pais faleceram. Tenho uma irmã alguns anos mais nova que eu. Não nos vemos muito... devido a minhas viagens dos últimos anos. — Fez uma pausa, sem estar seguro de por onde seguir. — Tenho trinta e três anos e necessito de uma esposa; — encolheu os ombros. — Você parece encantadora —prosseguiu. — Tudo que um homem poderia desejar em uma mulher. Por seu trabalho no orfanato deduzo que gosta das crianças e essa é minha maior preocupação, obviamente. Tenho muito que oferecer e, em definitivo, senhorita Starling, acredito que você e eu poderíamos ter uma agradável vida em comum — concluiu.

Max elevou o queixo e esperou a que ela explodisse de júbilo.

Os preciosos olhos azul cobalto de Daphne se abriram desorbitadamente enquanto ele falava, mas seu semblante empalideceu. Max aguardou sereno sua resposta durante outro prolongado momento.

Daphne levou a mão fracamente à testa.

— Acredito que vou desmaiar.

Max franziu o cenho e atuou, decidido a demonstrar que era um bom candidato a marido.

— Vamos, sente-se, querida — ordenou com suavidade, tomando-a pelo cotovelo e conduzindo-a ao sofá de pele situado diante das estantes.

Uma vez que depositou sã e salva à apreciada jovem no sofá, se abaixou ante ela e examinou seu rosto com inquietação.

— Há algo que possa fazer por você?

— Não... tão só... esqueça-o, mas... temo que não o entendo. Nem sequer compreendo a que vem tudo isto!

— Sem dúvida era consciente de que estava interessado em você, senhorita Starling.

— Sim, mas depois do baile dos Edgecombe, não voltou a aparecer em nenhum ato social... E agora isto! Pensei que se esqueceu de mim por completo.

Max sacudiu a cabeça com uma expressão ardente nos olhos.

— Isso é impossível.

Ela o olhou, piscando com expressão cândida.

— Minha querida jovem, vinte e quatro horas depois de falar com você, estava em entendimentos com seu pai.

— Seriamente? — sussurrou.

— Sim.

— Ah. Mas, milord, não o entendo. Por que não falou comigo antes de fazê-lo com meu pai? Isso é o que me confundi. Não acreditou prudente consultar antes quais eram meus sentimentos?

— Por que, senhorita Starling? — Respondeu, fingindo absoluta inocência. — Deixei a um lado meu modo de agir para mostrar o devido respeito a seu pai e a você. Procedi conforme o estabelecido, de acordo com a tradição. Além disso— confessou com um tom mais sutil— devido

ao estado de minha reputação e o recente menosprezo à sua por causa de Carew, pode imaginar os falatórios que teria provocado se a tivesse perseguido primeiro, sem recorrer ao caminho adequado ou ter deixado claro que minhas intenções eram completamente honestas?

— OH... suponho que está certo.

Max a olhou aos olhos, fascinado.

— Devo entender que não a agrada absolutamente minha proposição?

— Não é isso. — Cravou o olhar nele deixando entrever a luta interna que mantinha; logo baixou a vista, ruborizando-se levemente. — Como é natural, sinto-me na verdade adulada, milord. O que acontece é que é muito repentino. E n...não posso remediar sentir que fui escolhida virtualmente ao azar!

— Nada mais longe da realidade.

— Mas... você nem sequer me conhece.

— Sei mais a respeito de você do que imagina.

Daphne assimilou aquilo e uma incômoda sombra de suspeita apareceu fugazmente em seus olhos. Logo pareceu recordar que, como era de se esperar, qualquer par de sua posição se certificaria de que todas as candidatas tivessem sido submetidas a uma exaustiva investigação.

A jovem baixou a cabeça.

— Não lhe preocupam os rumores que circulam sobre mim?

Ele rompeu a rir.

— Nem um pouco, muito menos considerando a fonte. Acredite, conheço bem a malícia de Carew. Não estou disposto a cruzar os braços e observar como destrói a uma pessoa inocente. Se se casar comigo — prosseguiu, — gozará de meu mesmo status e, me faça caso, os fofoqueiros não jogam com a reputação de uma marquesa.

— Assim, compadece-se de mim e por esse motivo me propõe matrimônio?

— De modo algum. Se tiver que ser sincero, senhorita Starling, esta aliança é proveitosa para ambos.

— Seriamente? No que beneficia a você?

Estudou-a com desconfiado interesse durante um longo momento. Não ia resultar simples expor alguns pontos de seu argumento.

— A reputação da família Rotherstone se viu empanada pela má conduta de recentes gerações, temo-me. Meu pai, fique sabendo, era um jogador, como o foi seu pai antes que ele. — Observou-a em busca de algum sinal de desprezo, mas não encontrou nenhum. —Pessoalmente detesto as cartas e não me aproximo dos jogos de dados — disse.— Vi o que esses jogos fizeram a meu pai e o que isso, por sua vez, fez a minha mãe, a minha irmã e a mim. Fomos nós quem pagamos por isso.

Mais do que ela jamais chegaria a saber.

Max deu a volta e prosseguiu:

— Quando eu nasci, nossa orgulhosa linhagem sumiu em um estado de... abandono. — Fez uma pausa, totalmente desacostumado a abrir-se a ninguém. — Eu detestava— admitiu com veemência. — Detestava aquela humilhação. E jurei que não permitiria que meus filhos vivessem

desse modo quando os tivesse. De forma que, quando o título passou para mim, propus-me a recuperar a fortuna familiar. Esse era o objetivo de minhas viagens ao estrangeiro — adicionou, tendo preparado aquela verdade pela metade para defender sua causa. —Não a aborrecerei com os detalhes, mas a guerra criou muitas possibilidades de enriquecer investindo na Europa.

Isso, ao menos, era certo. No castelo da Ordem, na Escócia, Max se aplicou com esforço em seus escritórios na arte e a ciência de reconhecer oportunidades que outros perderam, as convertendo em ouro como um alquimista moderno. Aos vinte anos demonstrara sobradamente um talento especial em dito campo, por isso foi encomendada a gestão de grandes somas a fim de que a Ordem mantivesse as arcas para financiar as operações.

Em troca de seus serviços, o permitiram conservar certa percentagem para ele.

— Faz mais ou menos uma década, consegui restabelecer a fortuna de minha família. Paguei as dívidas de jogo de meu pai. Derrubei a velha mansão e construí uma nova. Também comprei uma casa em Londres, entre outras posses, e agora ao que parece, o passo seguinte é me assentar e formar uma família. No final das contas, a fortuna não tem sentido se a gente não tiver alguém com quem compartilhá-la. — Brindou-lhe com um sorriso cauteloso.

Daphne respondeu inclinando levemente a cabeça, possivelmente um pouco mais receptiva para ele.

— Mas, como pode ver, senhorita Starling, aqui é onde me encontro com outro problema que meu maldito pai me deixou como parte de meu maravilhoso legado.

— De que problema se trata?

— A censura da alta sociedade. — Olhou-a de novo. — Você é a Santa padroeira dos recém chegados. No baile dos Edgecombe disse que poderia me pôr a sua mercê, e agora, aqui me tem. Necessito de sua ajuda tanto como você necessita da minha. Você é parte da alta sociedade. A gente a escuta, a respeita...

— Ah, já não estou tão segura disso.

— É certo. Por esse motivo Carew foi atrás de você, primeiro representando o papel de conquistador e logo, quando não conseguiu tê-la, apresentando-se como vítima. Necessito uma marquesa que possa me ajudar a garantir que os filhos e filhas com os que tenha, com a graça do Senhor, não serão tratados como intrusos, tal e como aconteceu comigo. Você e eu fomos feitos para nos ajudar mutuamente.

— Desculpe-me, mas isso é um disparate. — Daphne meneou a cabeça, carrancuda. — Segundo meu parecer, encontramo-nos no mesmo navio, embora o certo é que seu caso é mais grave que o meu. Como, pois, podemos nos ajudar mutuamente?

— Considere a natureza humana, senhorita Starling. Qual é a fonte de nosso problema comum? Os falatórios da sociedade. A mesma arma que Albert e sua madrasta utilizaram contra você. E o que é que anseiam os fofoqueiros? Um drama. Assim, lhes daremos um. Asseguro-lhe que se sentirão tão intrigados que esquecerão as acusações do Carew.

— E como vamos fazer tal coisa? — perguntou Daphne, com o olhar cheio de fascinação.

— Mudando a história.

— Mudando-a?

— Sim, por um romance — murmurou com divertimento: — Rotherstone, o exímio libertino, retorna para resgatar à bela das garras de Carew. Você me reforma, fazendo que renuncie a meus velhos hábitos. Deslumbraremos a todos e então conseguiremos o que ambos desejamos: que todo nosso problema se solucione. Uma vez que estejam satisfeitos, poderemos seguir com nossas vidas.

Daphne o olhou aos olhos, estupefata, quase escandalizada.

— Acredita seriamente que pode manipular à sociedade inteira?

— Certamente. Por que não?

— É um verdadeiro perito em argúcias...

— E bem...?

— Não sei o que dizer!

— Dúvida que dê resultado?

— Não se trata disso.

— Do que, então? Tem que reconhecer que parece divertido.

— Divertido, sim, e um tanto repulsivo ao mesmo tempo.

Max franziu o cenho.

— Como diz?

— É esta sua proposição? Uma charada? Estamos falando de matrimônio, lorde Rotherstone!

— Obviamente. Tentava ajudá-la. Como falei, a aliança será proveitosa para ambos.

— Em efeito, mas o que o faz pensar que minha intenção é me casar por conveniência?

Max a olhou de forma penetrante.

— Por que outro motivo quer casar-se, senhorita Starling?

Ela ficou tensa e se ruborizou, logo afastou bruscamente o olhar sem dar resposta a sua pergunta. Não precisou fazê-lo, pois a tinha escrita na cara. *Vá Por Deus,* pensou Max.

— Milord — disse entre dentes ao final de um momento, cuidando-se de evitar seu olhar, — Disse que deseja melhorar sua reputação, mas a primeira vez que o vi saía dando tombos de um bordel.

Lançou-lhe um olhar de recriminação por cima do ombro.

— Essa classe de comportamento é incompatível com seu plano. E eu não aceitaria algo semelhante se fosse sua esposa. Um cavalheiro não se aproveita da exploração da mulher.

Max abriu os olhos ligeiramente ante seu tom severo, embora deveria ter previsto que aquele tema sairia na conversa. *Hum.* Baixou a cabeça em amostra de arrependimento, além de ocultar sua diversão. Ela era toda uma dama, por isso compreendia que o assunto do bordel poderia ser um grave obstáculo entre os dois. A desaprovação que viu em seu olhar pôs de manifesto que não se equivocava.

Entretanto, lhe contar o verdadeiro motivo de sua presença ali aquele dia sem dúvida seria pior. O que para ele era um trabalho de campo normal e corrente, a bom seguro resultaria extremamente estranho para qualquer civil. Além disso, se não estivesse ali vigiando-a, o bando de Bucket Lane a teria apanhado. Max não se arrependia de nada. Pelo contrário, suspirou e optou

pelo menor de dois maus.

— Bom, já sabe, querida, temo-me que nunca falei que fosse um santo. Devo reconhecer que gozei plenamente de meu celibato e seus oportunos passatempos. De igual forma, pretendo desfrutar da vida marital como é devido.

— De modo que, tem intenção de mudar?

— Assim é. E me parece que você poderia ser uma esplêndida influência para mim— aduziu o marquês, com encantadora formalidade.

— Não me diga — replicou Daphne.

— Juro-lhe que, uma vez estejamos casados, jamais voltarei a frequentar esses lugares. Tem minha palavra.

— É obvio que não o fará — balbuciou. — E o que tem esse infame clube ao que pertence...? Como se chama, o Clube Inferno? Renunciará a isso se me casar com você?

Ele a olhou, surpreso. Mas em seguida sacudiu a cabeça e apertou os dentes com a teima própria de sua linhagem.

— Não posso.

— Por quê?

— Daphne... esses homens são como irmãos para mim. São os únicos amigos de verdade que tenho. — Afugentou uma pontada de culpabilidade, mas não pensava descobrir sua cobertura.

Nem sequer sua própria irmã estava a par da verdade. Max se deu conta de que lhe estava pedindo muito a Daphne, mas contar a verdade a respeito da Ordem estava fora de toda discussão.

Teria que aceitar sua relação com a Dante House e ponto.

— Peço-lhe que confie em mim. — Escolheu as palavras com cuidado. Remoía-lhe a consciência por causa de quão irônica resultava sua petição em meio das mentiras que se viu obrigado a contar. — As coisas nem sempre são... o que parecem, senhorita Starling.

Algo em seus olhos deve ter advertido a Daphne que não insistisse ou, possivelmente, recordou que ganhou a aprovação de seu pai quando se entrevistou com ele.

Max apenas contou a lorde Starling um direto pedaço da verdade, que suas viagens tinham como objetivo desempenhar certo trabalho secreto pelo bem da Inglaterra. Além disso, proibira ao visconde que falasse disso com ninguém, incluindo Daphne, pela própria segurança da jovem.

Ela o olhou fixamente durante um prolongado instante, o estudando o melhor que pôde, mas no final moveu a cabeça e afastou o olhar.

— Não sei.

— Daphne.

Ansiava tocá-la, a acariciar simplesmente a face e que soubesse que embora não pudesse fazer todas as promessas do mundo, o desejo que sentia por ela era sincero. Mas manteve a mão presa ao flanco, contendo-se para não estender-lhe pois não devia assustá-la. A jovem tinha a cabeça encurvada e retorcia as mãos no colo, como se meditasse com cuidado cada palavra antes de falar.

— Admito, milord, que esteve muito presente em meus pensamentos desde que me salvou a vida no Bucket Lane. Mas não posso dizer que me agrade seu modo de proceder neste assunto.

— Por quê? — perguntou com voz suave.

— Tudo resulta um tanto... turvo. — Olhou-o angustiada. — Presenciei como controlava a Albert e a seus irmãos no baile e agora, ao que parece, também exerceu sua influência com meu pai. Se possui a habilidade de manipular à sociedade, isso só me leva a me perguntar o que faria comigo se fosse sua!

— Senhorita Starling, nunca utilizei minhas habilidades para fazer o mal — repôs com certa ironia.

— Isso diz você, e entretanto o apelidam o Marquês Perverso! Quero ser feliz em meu matrimônio, milord; com alguém que me respeite, alguém em quem posso confiar. Se for este o modo em que realiza uma simples proposição, consertando as coisas sem me conceder voz nem voto, então só me cabe supor que não terá a menor consideração com meus sentimentos durante o resto de nossas vidas.

— Não é assim. Tenho-a na mais alta estima, senhorita Starling.

— Bom, parece resolvido a assumir o controle de minha vida e isso não é algo que eu aprecie.

Max guardou silêncio enquanto refletia sobre suas palavras. Por que o controle era tão importante para ela? Começou a perguntar-se. Seria sua necessidade de ter o verdadeiro motivo pelo que rechaçara a todo pretendente anterior a ele?

Acaso não se atrevia a depositar sua pessoa e seu futuro em mãos de nenhum homem? Começou a examinar a sala lentamente, avaliando o lugar como se analisasse a casa de algum agente do Conselho de Prometeo. O que poderia lhe revelar a respeito dela?

— A que aspira você, Daphne? À perfeição? — perguntou meditabundo.

— Certamente que não! — respondeu em tom defensivo.

— Bem. Do contrário acabará muito só se esse for o caso. — Seu olhar recaiu sobre uma pequena peça bordada, preservada em um banquinho na parede em frente a ele.

A peça, que estava elaborada com os pontos torpes de uma menina, tinha uma incompetente flor rosa no centro e uma inscrição em cima com uma esmerada assinatura bordada. Um presente simples, sem valor econômico algum, mas realizado com muito amor.

Para mamãe. Amo-te, Daphne.

Max soube o que significava nada mais vê-lo e sentiu que a compreendia. Enquanto ele era um moço, ao que lhe inculcavam a norma do segredo a base de surras como parte de seu brutal regime de adestramento em um longínquo castelo na Escócia, na Inglaterra o pequeno mundo de Daphne se fazia pedaços. *Minha pobre e doce menina.*

Baixou o olhar, lutando contra o impulso de estreitá-la fortemente entre seus braços. Ao menos já tinha indícios do que se ocultava atrás de seu medo.

— Seguro que posso adivinhar quando foi a primeira vez que sentiu que tudo escapava de seu controle — disse em um sussurro, pois de repente desejou com toda a alma chegar até o coração da jovem.

— O que? — perguntou Daphne com um fio de voz, cravando o olhar nele.

Max detectou certa insegurança no tom baixo.

— Seu pai me contou que tinha dez anos quando sua mãe adoeceu. Não pôde fazer nada para ajudá-la, pois não havia nada que pudesse fazer. Só era uma menina. Deve ter lhe causado pavor perguntar o que ia ser de você sem ela.

Voltou-se para posar os olhos na jovem com ternura e viu que ela o olhava afligida.

— Daphne — murmurou. — Sempre a manterei a salvo.

Ela se zangou como se lhe tivesse dirigido algum grave insulto.

— Não. — Sacudiu a cabeça, olhando o de maneira acusadora. — Ninguém pode prometer isso.

— OH, eu estou absolutamente resolvido a isso— sussurrou, mas lhe sorriu meigamente quando viu que não devia insistir. — Como falei, querida minha, não sou perfeito. De fato, estou longe de sê-lo. Mas ninguém neste mundo deveria ter que estar sozinho e, quando for minha — adicionou com suavidade, — farei o que esteja em minhas mãos para fazê-la feliz.

— Como? — quis saber. Em seus olhos azuis brilhava a dor que ainda não esquecera e, conforme pareceu ao Max, ressentimento porque tivesse descoberto seu secreto padecimento. — Pode afirmar que me fará feliz?

Nem sequer me conhece.

— Sei mais sobre você do que imagina.

— O que, por exemplo? — desafiou-o.

— Sei que é bondosa com os desconhecidos. Que é engenhosa e o bastante inteligente para distinguir a um néscio quando o tem diante. — Alargou a mão e, com infinita delicadeza, retirou-lhe uma mecha de cabelo e o passou por trás da orelha.

Sentiu-se animado ao ver que ela não se afastava.

— Agrada-me a confiança em si mesmo que demonstra. Seu senso de humor me fascina. E seu coração... sua compaixão para esses pobres meninos acordou minha admiração e meu respeito.

Daphne se estremeceu mas não afastou o olhar dele.

— É valente — prosseguiu quando ela deu a volta subitamente. — O fato de que seguisse no Bucket Lane, até a risco de sua própria vida, só para certificar-se de que não me acontecesse nada, e que logo teve o acerto de ir procurar às autoridades durante uma briga, fala por si só de sua coragem e bom julgamento.

A jovem se sentou em silêncio, escutando como se fosse uma corsa no bosque, mas pronta para fugir dele. Assim como fugiu de todos os outros.

— Faz que sinta que posso confiar em você, Daphne Sterling. Confiar em sua integridade, o qual é um milagre, pois nunca confiei em ninguém. Mas, além de tudo isso — acrescentou, encolhendo os ombros e lhe falando com o coração, — simplesmente, eu gosto de você.

Dirigiu devagar o olhar para ele, consternada, e se surpreendeu ao encontrar-se brevemente indefesa ante suas palavras. Resultava difícil discutir com um homem que a adulava, não por coisas superficiais, tal e como fez Albert, mas sim pelas qualidades que mais valorizava de si

mesmo.

Talvez fosse certo que a compreendia um pouco melhor do que ela desejava reconhecer.

Olhava-a com surpreendente franqueza quando se sentou de forma calma a seu lado, estendendo o braço por cima do respaldo de couro da poltrona, por trás dela, e apoiando um tornozelo sobre o joelho contrário. Aguardou pacientemente sua resposta, mas os esforços da jovem por achar uma resposta foram em vão quando se distraiu com a fascinante combinação de tons azul mar, cinza fumaça e cristalino verde que compunham a clara cor de seus olhos.

Max arqueou aquela condenada sobrancelha, esperando com um absoluto e intencionado domínio de si mesmo.

Ela deixou escapar um fraco som de frustração, depois do qual se levantou da poltrona e caminhou até o outro extremo da sala.

— Minha proposta não podia ser mais séria, Daphne — disse com sinceridade. — A desejo.

Daphne se voltou para ele de forma acalorada.

— Acaso não importa o que eu deseje?

— É obvio que sim. — Seu olhar perdeu um pouco de intensidade. Max a brindou com um sorriso cheio de ternura; logo se levantou e se uniu a ela junto à janela.

Daphne não conseguia armar-se de coragem para enfrentar a seu olhar decidido, mas quando ele a tocou para lhe erguer o queixo, do mesmo modo que fez no baile, ficou subjugada de novo por aquele homem.

Max a olhou aos olhos durante um longo instante.

— Importa muito o que deseje— lhe disse com voz suave. — Mas não me peça que acredite que não sente a atração que existe entre nós.

Ela afastou o rosto, ruborizando-se por causa da impotência.

— Ou que lhe sou indiferente, depois de que me buscou e impediu minha saída do baile. Ou que indagasse com sutileza se já estava casado—adicionou sorrindo ligeiramente. —Acredita que esqueci?

Daphne o escrutinou de soslaio, reparando na faísca zombadora de seus olhos, mas se zangou igualmente pelo aviso de sua embrulhada a noite do baile. Deu-lhe de novo as costas e durante um instante olhou pela janela, tentando ordenar seus pensamentos, mas o coração deu um tombo quando ele a tocou.

De pé atrás dela, Max acariciou suavemente com os dedos uma mecha de seu cabelo.

— É muito formosa, já sabe. Imagino que não quer escutá-lo mas, apesar disso, é certo.

Daphne não se moveu do lugar, incapaz de afastar-se enquanto as pontas de seus dedos desciam lentamente por sua coluna.

— Sim. — inclinou-se para lhe murmurar ao ouvido ao mesmo tempo que descia a mão até pousá-la sobre sua cintura com um sutil toque possessivo. —- Realmente irresistível — sussurrou.— Quando for minha, tratá-la-ei como a coisa preciosa que é.

A jovem desejou negar que aquilo fosse ocorrer algum dia, mas sua língua recusava dar forma ao que bem poderia ser uma mentira. O resto de seu ser se mostrava já a favor do enlace: lhe acelerou o pulso ao sentir o quente roce do fôlego de Rotherstone no lóbulo da orelha. O

corpo robusto do Max, atrás dela, disposto a sustentá-la, fazia que se sentisse enjoada com sua deliciosa proximidade.

— Há dito que mal nos conhecemos, de modo que proponho que consertemos isso — tentou persuadi-la com aquela sedosa voz de barítono ao mesmo tempo que seus lábios lhe roçavam a orelha com enlouquecedora suavidade. — Virei amanhã a recolhê-la em meu cabriolé para levá-la a um passeio.

Ela mordeu o lábio, angustiada ao pensar que devia recusar. Aquele pilantra fazia que seu corpo cobrasse vida de um modo verdadeiramente perturbador.

— Não estou segura de que seja boa ideia.

— Certamente que é. Vamos, querida— tentou enrolá-la, cativando-a com aquela voz profunda e mundana. — Seja justa... com ambos. Você mesma disse que não me conhecia, assim, como pode me rechaçar de cara? Nem sequer sabe ainda o que pode estar renunciando. Poderia descobrir que gosta de mim se me der uma pequena oportunidade. Salvei-lhe o pescoço, não é certo? — Daphne deixou escapar um fraco gemido quando seus lábios quentes roçaram a zona aludida com o fim de recalcar suas palavras, devo merecer algo de seu tempo, quando menos.

— De acordo — acertou a dizer quase sem fôlego, procurando imprimir certa solenidade em sua voz enquanto sentia as mãos do marquês subindo e descendo por seus braços com delicioso prazer. — Seja, pois, em altares da equidade. Pode... me levar a passear pelo parque.

— Tranquila. Não foi tão duro, verdade?

Daphne soube pelo tom de sua voz que os lábios do marquês desenhavam um sorriso.

Limpando finalmente a mente, voltou um pouco a cabeça para enfrentá-lo de esguelha ao seu olhar divertido.

— Mais vale que não tente à sorte— advertiu com voz suave e rouca pelo desejo.

O sorriso do Max se fez mais amplo.

— Contarei as horas, *chérie*. — separou-se de sua encantadora pessoa, fez uma reverência e se dirigiu para a porta.

— Lorde Rotherstone?

— Me chame Max, o rogo. — deteve-se com a mão na maçaneta, voltando a vista para ela. — O que acontece?

Ela recusou o convite a utilizar seus nomes de batismo, pois era uma perigosa familiaridade, e assinalou com a cabeça o elegante presente que lhe levou.

— O que há no estojo?

Max se apoiou contra o marco da porta com suma elegância.

— Por que não o abre e descobre?

— É um anel? — perguntou com precavida franqueza.

— Ei, não. — E rompeu a rir quando viu seu olhar cético. Em seus olhos brilhava uma faísca divertida. — Não sabia qual era seu tamanho. A propósito, qual é?

— Não penso dizer-lhe, — exclamou a jovem, negando-se a ceder à tentação de esboçar um sorriso. Mas a aliviou ouvir aquilo. Um anel teria parecido alarmantemente inapelável.

Talvez Rotherstone entendesse que não estava preparada para algo assim tão logo.

— Como deseja — respondeu enquanto abria a porta para partir. — Às quatro e meia. Amanhã. Não se atrase.

Outra ordem? pensou, mas não pôde evitar sorrir dissimuladamente depois de que tivesse saído. Não estava nem muito menos disposta a aceitar aquilo, mas, considerando as coisas, precisava reconhecer que poderia ter saído muito pior situação.

Capítulo 7

— Perdeu o julgamento, pobre desgraçado. É uma casca vazia. — Septimus Glasse assinalou com a cabeça ao agente da Ordem capturado que estava desabado em uma cadeira para inválidos.

— Seu corpo deve sarar rapidamente. É jovem e forte. Mas sua mente está danificada, James. Fica aí, sentado, olhando ao vazio. Mal articula uma palavra.

— E de quem é a culpa? — Espetou James fervendo de cólera quando apareceram às almenas do antigo castelo de seu amigo situado nos Alpes bávaros. — Olhe o que fizeram seus torturadores! Virtualmente o levaram a loucura! O único homem que poderia nos desvendar os segredos da Ordem e agora quase nem recorda seu próprio nome!

— Isso diz ele — remarcou Talon com expressão receosa.

— Acredita que finge? Tente sobreviver a meses de tortura e vê se sua mente deixa ou não de funcionar! — replicou James a seu ajudante;

logo contemplou de novo ao prisioneiro de olhar perdido, cujo físico, em outro tempo poderoso, consumou-se em parte após meses encerrado em uma masmorra.

James exigiu que Septimus tirasse o tal Drake das entranhas do castelo de forma imediata. Fazer que um cirurgião o examinasse e cortasse o denso cabelo negro para desfazer-se dos piolhos. Mas o prisioneiro seguia tendo um porte aristocrático até com a cabeça raspada. James ignorava por completo quem era em realidade esse agente, mas apesar de que deveriam ter sido inimigos acérrimos, sentia compaixão por seu silencioso cativo.

— Bom —disse Septimus resignado. —Duvido que agora nos sirva de algo. É um homem quebrado.

— Poderia me desfazer dele — murmurou Talon.

— Não! — Ordenou James, voltando-se para eles com exasperação. — Que ninguém o toque, entendeste-me? Em algum canto de seu cérebro rondam os nomes de todos seus companheiros agentes. Devemos tratá-lo bem, lhe dar tempo para que se recupere.

— E se quando recuperar as forças se volta contra nós? — Inquiriu Talon, mantendo a voz baixa. — Deve contar tudo o que sabemos a respeito dos cavalheiros da Ordem, diria que é melhor acabar com ele agora, enquanto esteja fraco.

— Talon, vai me obedecer nisto — o advertiu James. — Por que nenhum dos dois pode ver as coisas como eu? Imaginem a grande vantagem que será para nós quando o tivermos ajudado a ver a luz. Acaso não o compreendem? Vou mudá-lo. O ensinar a entender que em realidade pertence a nosso bando.

— Como pretende fazê-lo, James? — Septimus sacudiu a cabeça. —Parece extremamente

arriscado.

— Destruíram-no e eu vou reconstruí-lo de novo. Como é evidente, tenho intenção de conseguir sua confiança. — James desviou novamente o olhar do cativo para eles com expressão sombria. — Não estou seguro de que o dano infligido a sua mente possa reparar-se, mas temos que tentar. Quando o tiver convertido poderemos destruir a Ordem de São Miguel de uma vez por todas. Enquanto sobreviva, jamais conseguiremos impor nossa visão de mundo. Cada vez que estamos perto de obtê-lo arruínam nossos planos no último momento.

Drake, imóvel a uns poucos metros, apenas podia perceber retalhos da conversa a meia voz, mas nesses momentos não tinha sensação de estar em perigo, de modo que não se esforçou por escutar. De todos os modos estava muito exausto, em corpo e mente, para preocupar-se. A única coisa que desejava era que o deixassem tranquilo e respirar o gélido ar alpino.

Ajudava-lhe a limpar sua mente confusa e a manter o pânico sob controle. Absorto na ampla vista que tinha ante si, observou a luz do sol dançar sobre as hortas e os elevados prados repletos de cabras e flores silvestres; o brilhante brilho dos longínquos topos nevados-lhe fazia dano nos olhos, enchendo-os de lágrimas. Seus captores achavam estranho que sempre desejasse estar fora, no terraço, sob céu aberto. Mas sentiriam o mesmo que ele se tivessem ficado os últimos meses sumidos na escuridão nas profundas masmorras do castelo. Piscou para espantar a dor que o perseguia como se de um espectro se tratasse.

Quando o coração começou a palpitar com força ao recordar aquele aterrador pesadelo, lutou por esvaziar de novo sua mente e esmagou as lembranças desconexas, levado por um silencioso arrebatamento de desespero. Logo rebuscou denodadamente as palavras que se converteram em seu novo credo. Achara paz as repetindo uma e outra vez para si mesmo. *Estamos... mais à frente do bem e do mal... Somos a elite...* Tinham-lhe inculcado pela força aquela ladainha, o obrigando a aprendê-la e recitá-la até que sua mente implorava a gritos não ter que voltar a escutá-la. Mas devia ter vencido à dor pois, enquanto se encontrava naquela cela, pronunciando loucas palavras quando seus captores assim o ordenavam, finalmente conseguira que, de algum modo, mitigassem sua angústia.

Não deixava de ser estranho que naquele instante essas mesmas palavras que tão desesperadamente odiara começassem a proporcionar um pouco de consolo. Procurou a seguinte frase no mais recôndito de sua mente: *Somos a elite... forjada à força de pura vontade...*

Acaso não era uma feroz e pura força de vontade o que o manteve com vida todos esses meses? Possivelmente tinham razão. Pode ser que aquele fosse seu lugar. Era possível que, tal e como dissera James, seu salvador, aguardava-lhe um novo destino.

Renascidos por sempre, brilhando como a chama...

Também Drake renasceu.

Sobreviveu a sua tortura diária como o deus Prometeo, suportando os horríveis ataques das garras e o bico da águia. O simples eco em sua cabeça dos passos dos torturadores aproximando-

se pelo corredor para sua cela lhe provocava um suor frio. Mas o pior de tudo era que o tempo passado naquele inferno era a única parte de sua vida que podia recordar: encerrado e obrigado a desempenhar o vexatório papel de vítima.

O submeteram a intermináveis interrogatórios e parecia que em outro tempo devia conhecer as respostas às perguntas que o faziam. Mas se em um princípio se negou a dar-lhe por vontade própria, chegou um dia, depois de uma surra particularmente cruel, em que as respostas simplesmente se esfumaram. Desapareceram no mais recôndito de sua mente, como se alguém as tivesse apagado à força de receber golpes na cabeça. Todo seu conhecimento foi tragado como por um redemoinho no mar que engole os navios. Seu nome era Drake, disso estava seguro, mas a maior parte de sua vida anterior se dissipou. A arrebataram a base de golpes, arrancando-lhe do corpo e a mente até que só um muito fino fio o separava daquele vazio.

Já não estava seguro de quem era, não podia recordar de onde vinha ou por que. Os dados essenciais de sua existência se fragmentaram e dissolveram, e nesses momentos era um mistério para ele como para seus captores. Se tentasse recordar, lhe invadia uma sensação de pânico. Quase desejara que o matassem.

Mas então chegou James.

O amável idoso o resgatou e assegurou que aquele medo irracional, aquela confusão, passariam. Quão doces promessas. Assim jurou que o ajudaria a redescobrir tudo que esqueceu. Drake queria a esse idoso com uma fé cega e infinita. Era sua única esperança de sobreviver naquele lugar. Outros temiam e respeitavam a James. Cumpriam suas ordens. Pela primeira vez, Drake albergou a esperança de que sua tortura pudesse ter ficado atrás, sempre e quando fizesse exatamente o que James lhe dizia.

Quando a angústia abria passagem do pausado redemoinho de sua confusão para apoderar-se dele, Drake se consolava com a próxima presença tranquilizadora de seu idoso salvador. Era consciente de que devia a vida a aquele homem amável. Ansiava agradá-lo com todo seu coração, pois era muito consciente de que James poderia enviá-lo de volta às entranhas do inferno quando assim o decidisse.

— Drake? —A voz profunda e cultivada pareceu lhe chegar de uma distância superior a um milhão de quilômetros.

— Drake? — James apareceu a seu lado, apoiando uma ossuda mão no respaldo da cadeira para inválidos. — Bom dia, Drake. — inclinou-se para examinar sua cara com afável preocupação. — Como se encontra hoje? Sente-se um pouco melhor?

Se estar sumido em um profundo estado de estupor servir, Drake voltou a cabeça e o olhou.

— Melhor... sim.

O sofrimento e o desespero fizeram dele um ser dócil mas, embora não podia recordá-lo, sentia que nem sempre foi assim. Viu um pingo de compaixão nos fundos olhos cinzas do homem. James Falkirk era de constituição miúda, com um denso arbusto de cabelo cor estanho, rasgos sérios e nariz proeminente.

— Bem — murmurou, e as rugas que rodeavam sua boca e seus olhos se fizeram mais marcadas quando brindou a Drake um sorriso tranquilizador.

Atrás do James estava o dono do castelo, um alemão de olhos negros e barba, que contemplava a Drake com uma suspeita mescla de lástima e desprezo. O terceiro homem se encontrava mais retirado, mas mesmo desde aquela distancia Drake viu a animosidade que refletia seu frio olho cor avelã. Levava o olho coberto por uma pele. Talon, que assim se chamava o caolho, era o mais jovem dos três. Um homem alto e corpulento, com umas feições duras e gordurento cabelo loiro. O olhar daquele único olho aterrava a Drake. Pressentia uma ameaça tácita nele, mas sabia que estava muito fraco naqueles momentos para defender-se devidamente em caso de que o atacasse.

Podia sentir a ansiedade acumulando-se em seu peito, mas nem sequer se deu conta de que se encolheu de terror em sua cadeira até que James falou de novo.

— Tranquilo, Drake. Ninguém vai fazer-te mal. Drake, me escute. Isso. Bom moço — o acalmou James quando Drake depositou obedientemente sua atenção nele. — Tenho emocionantes notícias para ti, Drake. Talon e eu vamos levá-lo a Inglaterra.

— Inglaterra? — repetiu com um fio de voz, saboreando aquela palavra que lhe resultava vagamente familiar.

— Acreditam que esse era seu lar. Dentro de uma semana mais ou menos deveria estar o bastante forte para viajar. — James fez uma pausa. — Sabe que prometi te ajudar a recuperar a memória, não é assim? Quando ver os lugares que antigamente conhecia, acredito que suas lembranças voltarão.

O primeiro pensamento que passou pela cabeça de Drake foi que não desejava recuperar suas lembranças. Era melhor que estivessem ocultas, disso estava seguro, embora não sabia por que.

Sua mente devia haver os tragado por algum motivo.

Por desgraça, dava-se conta de que essa não era a resposta que James desejava escutar.

— Sim. Obrigado, senhor — sussurrou, tremendo ligeiramente. Baixou a cabeça.

— Com o tempo lembrará bem — o animou o ancião. — Ambos devemos ser pacientes. E quando estiver recuperado, Drake, quando tiver recuperado as forças... — A voz do James se tornou mais profunda e um pouco mais sinistra. — Te ajudarei a se vingar dos supostos amigos que o abandonaram para que morresse aqui.

No dia seguinte, Max chegou à vila dos Starling à hora marcada a fim de recolher a sua prometida para dar um passeio formal; uma tradição curiosa e apropriada, pensou divertido. Ardia em desejos de ver como ia comportar se Daphne, uma vez que teve vinte e quatro horas para acostumar-se à ideia de casar-se com ele. Não sabia o que esperar, mas a sua chegada ela o recebeu com uma atitude de contida gentileza, embelezada para a ocasião com um tentador vestido rosa pálido com longas mangas transparentes.

Seus olhos vagaram até o decote em forma de v, debruado com vaporoso encaixe, mas proibiu a si mesmo ficar olhando muito tempo. Max conversou respeitosamente uns minutos com

a família, pois o pai lhe agradava seriamente, até que por fim Daphne colocou o chapéu que combinava e partiram sem mais com a promessa de não atrasar-se muito em levá-la de volta a casa.

Enquanto as irmãzinhas de Daphne espiavam pela janela, encaminharam-se para o muito caro cabriolé do marquês, um veículo leve de duas rodas levado por um único cavalo negro. Max lhe abriu a portinhola e a ajudou a subir. Em realidade aquele dia de finais do verão fazia muito calor para aquele consagrado ritual de cortejo, mas Max subiu a capota de pele com forma da concha de pele para proporcionar sombra a sua dama. Além disso sugeriu realizar uma parada no Gunter's para tomar um de seus famosos sorvetes, mas não haviam decidido ainda se passariam ou não por ali.

Max se alegrou de que Daphne não tentasse livrar-se da entrevista pondo o abafadiço dia como desculpa. Iniciaram a marcha a passo tranquilo, mas ao ver que o acanhamento dela persistia e que a conversação decaiu, Max decidiu rapidamente romper a forçada tensão com uma enlouquecedora dose de velocidade.

Nada como um pouco de perigo para unir a duas pessoas. Tocou ao cavalo para que fosse mais rápido enquanto Daphne gritava com uma mescla de terror e deleite.

— Reduza a velocidade! É você um lunático! — gritou enquanto desciam como um raio por um lance comprido e plano de via pavimentada em uma zona pouco transitada do Hyde Park.

Max pôs-se a rir. Teria atendido seu pedido se tivesse acreditado em seus protestos, mas as gargalhadas e o deslumbrante sorriso da jovem o diziam outra coisa.

Açulou ao veloz animal com as rédeas, quase de pé na boleia com a perna apoiada contra o estribo. As abas da jaqueta ondeavam a suas costas enquanto avançavam de forma vertiginosa, igual à pluma branca de avestruz do chapéu de Daphne, como uma bandeirola na brisa que levantavam sua passagem. Sentiu-se encantado quando ela se aferrou a seu braço para segurar-se.

Daphne estava respondendo tal e como calculou. Era, naturalmente, um condutor muito perito para pô-la em perigo. Bastava com a falsa ilusão.

Percorreram a poeirenta vereda, atravessando as sombras que o sol da tarde projetava no caminho ao cair obliquamente sobre as altas árvores secas.

— Max! — gritou. Alegrou-lhe que ela utilizasse seu nome de batismo. Ao menos tinham superado a irritante tensão.

— Sim, Daphne? — respondeu com uma rápida olhada. Ela assinalou para diante.

— Cuidado!

— Vá!

As rodas da carruagem se separaram do chão ao subir uma ondulação. Daphne deixou escapar um gritinho e se aferrou a ele com todas suas forças quando, em efeito, demoraram algo mais do que o esperado em aterrissar.

Max riu de boa vontade uma vez que o cabriolé se posou bruscamente de novo no caminho, fazendo-os cair de repente no assento.

— OH! — Exclamou ela ao final de um momento, levando-a mão a seu agitado peito.

—Estávamos... voando!

Max lhe brindou um amplo sorriso.

— Quer repetir?

— Está louco! — espetou, mas seu trêmulo sorriso revelava que ao fim se deu conta de que ele brincava.

— Louco por você, senhorita Starling. Louco por você.

O hipnótico elogio prendeu uma faísca nos olhos da jovem. Max reduziu a marcha impondo ao castrado um passo ligeiro e mais tranquilo. A reluzente pelagem do animal começara a empapar-se de suor devido ao calor e, em qualquer caso, estavam se aproximando de uma parte do parque mais concorrida.

Daphne se soltou de seu braço e pôs algo de distância entre eles enquanto Max se obrigava a fixar de novo a atenção no caminho. A presença da jovem a seu lado despertava seus instintos mais básicos e fazia que sua imaginação voasse a lugares onde não devia ir.

Ao menos, ainda não.

No Hyde Park havia chegado a hora do passeio. Garbosos cavaleiros trotavam e cavalgavam para o meio galope de um lado a outro; seletas carruagens se exibiam a plena vista; elegantes passeantes percorriam em casal ou em pequenos grupos o Serpentine.

Daphne devolveu educadamente a saudação a alguém que passava em uma carruagem quando giravam para o anel.

Max era consciente dos olhares surpreendidos que atraíam quando os membros da alta sociedade reparavam em que estavam juntos. Aquilo era justamente o que desejou e algo que sem dúvida ela também previra. Se tivesse alguma reserva, não teria aceito o acompanhar.

Seja como for, respirava-se certa tensão soterrada entre eles em sua estreia em sociedade como casal. Max não queria nem imaginar os rumores que correriam. Ele era todo um veterano em escândalos e tão só esperava que ela pudesse aguentar a pressão. O abafadiço calor de verão não ajudava absolutamente.

O lenço que levava ao pescoço enxugou uma gota de suor que escorregou por sua nuca.

— O parque parece mais concorrido do que o habitual para esta época do ano — comentou com a esperança de pôr fim ao incômodo silêncio que se impôs de novo desde que ela percebeu que os observavam.

Max a olhou.

— Sim. Este ano a sociedade deixou a um lado seu calendário habitual devido ao final da guerra. — A jovem saudou cortesmente a outro conhecido enquanto continuavam seu passeio. Este ficou olhando-os ao vê-los juntos.

— Teve sorte de não estar aqui em julho, quando a lista de baixas no Waterloo começou a aparecer nos jornais. — Voltou a vista para ele de repente.

— Por certo, tenho um amigo que me contou que você esteve ali. Que presenciou a batalha.

— Que classe de amigo? — replicou Max franzindo o cenho com receio.

Recordou imediatamente a todos os oficiais ávidos de glória em Waterloo que se referiram a ele como o Distinto Viajante, sem chegar, ou seja, que Rotherstone estava ali unicamente para

salvar ao Wellington de um sicário. Estremeceu-se ao pensar no que Daphne poderia ter escutado e sentiu um fugaz desejo de poder lhe falar de suas heroicas façanhas aquele dia. Mas, como bem sabia, ela jamais ia inteirar-se.

Ah, fútil vaidade!

— Um desses insofríveis oficiais, sem dúvida— balbuciou. —Seguro que não cessam de adulá-la.

— Vá, lorde Rotherstone, é você ciumento? — perguntou Daphne com um olhar coquete.

— Em ocasiões, como cabe supor.

— Bem, pois não tem do que preocupar-se. — Obsequiou-o com um sorrisinho malicioso. — Não foi um oficial quem me contou isso. A não ser uma jovem, uma de minhas amigas mais íntimas, de fato. E se me casar com você, terá que ser amável com ela.

— Seriamente?

— É-me muito querida. Trata-se da senhorita Carissa Portland.

— Hum, me mostrar amável com uma jovenzinha que vai contando falatórios a respeito de mim. Esplêndido. E como sabe a tal senhorita Portland que estive ali? Acaso assistiu ao baile da duquesa de Richmond em Bruxelas?

— Não, Carissa estava aqui. E sabia porque, meu querido lorde Rotherstone, entre você e eu... Carissa é uma espiã.

— É o que? — Olhou-a completamente surpreso, mas ela se limitou a rir dele.

— Carissa está sempre à corrente dos rumores. Ignoro como o faz! Temo que tem métodos iníquos de averiguar essas coisas, mas nunca os questiono. Sua informação frequentemente resulta útil... tal e como aconteceu com respeito a você.

— Não diga. — sentia-se desconcertado apesar de que sua engraçada explicação o divertia. Voltou a vista de novo ao caminho, deixando escapar um riso. — Bom, deve me apresentar a essa jovem espiã. Possivelmente possa me ensinar alguma coisa.

— Acredito que não o farei— disse. — Lhe tem medo. E não respondeu a minha pergunta. Estava certa? De verdade foi testemunha da batalha que teve lugar aquele dia no Waterloo?

Max se removeu ligeiramente em seu assento.

— De uma parte, sim.

— Como foi?

— Uma imagem que demorarei muito tempo em esquecer. — Sacudiu as rédeas sobre a garupa do cavalo, açulando ao animal para que empreendesse um garboso trote.

— Não é necessário que proteja minha sensibilidade feminina — repôs. — Eu também sou inglesa. Tenho direito de saber.

Max encolheu os ombros ante seu desejo de saber mais.

— Imagine seu pior pesadelo e multiplique-o por dez mil. Isso foi Waterloo.

Daphne fixou os olhos nele enquanto assimilava aquilo.

— Disseram que foi a maior vitória da Inglaterra, mas... cinquenta mil mortos de ambos os lados depois de um par de dias de luta? Quem pode imaginar isso?

Max não disse nada.

Por um momento ela se sumiu em seus pensamentos em silêncio.

— Lamento-o. Não era minha intenção converter nossa saída em algo mórbido. O importante é que as pessoas se uniram para ajudar umas as outras nestes tempos difíceis.

— Como deve ser.

— Imagino que haverá todo tipo de celebrações quando o exército completo se retire da França e os navios comecem a chegar, trazendo-os para casa. Vai ser um outono muito alegre. Suponho que agradecerei o frio da estação. Londres é um espanto no verão. Não passará muito tempo antes que alguém organize uma caçada.

— Bem — repôs Max. — Porque ainda me deve um baile. — Daphne o olhou surpreendida e trocaram um sorriso. Max temia lhe haver sustentado o olhar muito tempo.

— Tem sua família planos para partir ao campo durante o outono? Seu pai parece a classe de homem que desfruta com as típicas atividades campestres.

—Não — respondeu Daphne com um sorriso impertinente. —Pratica a caça e a pesca de quando em quando, mas só se alguém convidar a seu pavilhão de caça. Os Starling não são habituais do campo dado que residimos em Londres todo o ano.

— Por quê? É seu pai assíduo à Câmara dos Lordes?

Daphne encolheu os ombros.

— De forma moderada.

— É Tory[6]?

— É obvio. E você?

— Independente — respondeu.

— Que interessante — repôs ela, lhe olhando e assentindo.

— Não posso dizer que me tenha granjeado muitos amigos— replicou com secura. — Aos líderes dos partidos adoram ser capazes de predizer o voto. Mas se não é pela política, por que seu pai lhes mantém na cidade todo o ano?

Daphne deixou escapar um suspiro nostálgico e dirigiu a vista para a vereda.

— Vendeu nossa casa de campo depois da morte de minha mãe. As lembranças eram muito dolorosas para ele. Mudamos a nosso atual lar quando eu tinha quinze anos, e depois fui uma jovem de cidade.

— Uma jovem de cidade, né? — Brincou ele com suavidade, decidido a desterrar a sombra de tristeza que trazia sua voz. —Já se sabe como são: sofisticadas, elegantes e atrevidas...

— Eu não sou nenhuma atrevida!

— Não? Não me incomoda, seriamente; se alguma vez desejar atuar de forma atrevida comigo, estou muito disposto a deixar que...

— É você malvado!

Esboçaram leves sorrisos com precavido prazer.

— É minha vez de perguntar — disse ele.

— De acordo.

---

[6] ***Tory**: Trata-se do partido conservador da Câmara dos Lordes.*

Max a olhou.

— Quanto tempo transcorreu da morte de sua mãe até que seu pai se casou com a atual lady Starling?

— Uf, uns anos — Observou uma impressionante carruagem que passava com grande estrépito. — O irônico é que às vezes acredito que meu pai se casou mais pensando em mim que nele. Estava convencido de que necessitava a presença de uma mãe em minha vida. Tenho uma tia avó um tanto aterradora que foi minha madrinha em sociedade, a duquesa viúva do Anselm. Mas é mais uma avó para mim.

— Uma duquesa? Vá, vá.

— E Penelope tinha duas filhas nas que pensar. Acabava de enviuvar e minhas meio-irmãs eram dois bebês por então. —Deixou escapar um suspiro. —Francamente, acredito que meu pai se compadeceu delas.

— Talvez a ame. Pensou alguma vez nisso?

— Amava a minha mãe — repôs irritada. — Ela jamais o perseguia nem lhe dava ordens como uma arpía.

— Não pretendia ofender. —Resolvido a manter um ambiente cordial, trocou ligeiramente o rumo, não só da conversação mas também do cabriolé. —Lhe agradava viver no campo antes de mudar-se à cidade?

—Mal me lembro.

— E agora? — perguntou. Daphne seguia zangada por aquele tema obviamente delicado, por isso não pareceu perceber que Max saíra do Hyde Park nem que o cavalo se animou ao reconhecer o familiar caminho a casa.— Gosta de ficar um tempo no campo?

— Ir de visita resulta agradável, sempre e quando não estiver muito longe. —encolheu os ombros. —Eu gosto de visitar meus amigos em suas casas campestres, mas quando se está em companhia de amigos, não se faz à ideia de como é em realidade essa vida. A maioria das jovens me asseguram que a vida no campo é extremamente tediosa quando não recebe convidados que lhe entretenham.

— Entendo.

— Possivelmente se trate simplesmente de minha natureza. Muita solidão me deprime. Preciso de uma conversação grata e de pessoas agradáveis perto com quem me relacionar.

Max caiu na conta de que o estava informando de suas preferências porque, quando contraírem matrimônio, seria ele o responsável por decidir onde forem viver. Mas Daphne não teria do que preocupar-se, pois estava decidido a fazer feliz a sua esposa.

— Compreendo — murmurou em voz alta. —É você uma criatura de sociedade. Parece conhecer todo mundo — adicionou quando ela saudou um grupo de damas que passeavam em uma carruagem.

— Eu não diria tanto. O que acontece é que desfruto estando rodeada de gente.

— Sabe Deus por que — disse Max com voz lânguida. — Pois são seres miseráveis.

— Lorde Rotherstone! — exclamou. — Pelo amor de Deus, começo a pensar que ou é um cínico exímio, ou um misantropo.

— Está certa em ambos os casos, de fato.

— E ainda se pergunta por que lhe apelidam o Marquês Perverso?

— Francamente — repôs com uma gargalhada, — acredito que se deve tão só ao cavanhaque.

— Então deveria se barbear— declarou Daphne.

— Não gosta?

— Não —aduziu, para grande diversão do marquês. —Honestamente, milord, faz que se assemelhe a Lúcifer.

— Possivelmente deseje me parecer com Lúcifer — replicou ele.

— Para assustar a todos, sem dúvida! Sim, justo o que eu dizia— o repreendeu com um sorriso de picardia. — Assegura que quer melhorar a reputação do sobrenome Rotherstone, mas tenho a impressão de que em realidade desfruta pondo nervosa às pessoas. Provoca-os deliberadamente para que o evitem.

— Eu? Mas se não sou mais que um inocente cordeirinho.

— Já. Mas bem um lobo que não se incômoda em colocar pele de cordeiro. Virtualmente não aparece em sociedade e, quando o faz, mete-se em brigas.

— Não me coloquei em nenhuma briga — protestou Max com tom engraçado.

— Ameaçou a Albert, não é certo? Você mesmo me disse isso.

— Mas isso foi diferente, Daphne, céu. O fiz por você. E não o lamento. Por certo, se esse descarado disser uma só palavra mais sobre você, prometi jogá-lo por uma janela... tenha-o presente.

— Vê-o? — exclamou. — Isso não ajuda nada a sua causa. Não pode fazer essa classe de coisas.

— Não posso deixar de fazê-las — respondeu afável, —sendo quem sou. Ah, de acordo! me diga como tenho que me comportar de forma conciliadora com todos esses encantadores membros da alta sociedade.

Daphne lhe dirigiu um olhar irritado como resposta a seu sarcasmo.

— Não são tão maus. Não todos o são.

— Fascina-me você. Defendendo a todos os néscios que a criticam.

— Não pretendem me causar nenhum mal. O que tento dizer é que se outros interpretarem sua expressão como hostil, ou perigosa, é muito natural que o evitem, embora seja um trato imerecido. Quer dizer, eu passei tempo em sua companhia e vejo que é boa pessoa...

— O que me diz? — replicou ele com zombadora indignação.

— OH, não importa! É você insofrível — brigou suavemente. — Pois bem, já lhe dei meu conselho com respeito à sociedade, e agora necessito de sua experiência em assuntos financeiros, se tiver a bondade.

— É obvio. — Cravou os olhos nela, surpreso.

— Trata-se do orfanato.

— De Bucket Lane? Me diga que não retornou ali.

— Não; a diferença de certo marquês, não tenho desejos de morrer.

Max a olhou com desconfiança.

— Estive pedindo donativos para comprar um novo edifício para o orfanato. Resulta evidente que as crianças necessitam um local mais apropriado. Bem, encontrei o lugar perfeito: um internato a venda situado no Islington. Tentei arrecadar dinheiro para comprar a propriedade antes de que outro a compre. Mas depois do caos da bolsa, ninguém quer colaborar nestes momentos. Compreendo que a gente tem coisas de que preocupar-se, mas não posso deixar que essas pobres crianças permaneçam em semelhante local. Já viu as condições...

— Certamente — concordou Max imediatamente. — Não se preocupe. Eu me encarregarei.

— O que? OH! — Abriu os olhos desmesuradamente, logo começou a ruborizar-se. — Não, não acontece nada. Não pretendia insinuar que você tivesse que...

— Absolutamente. Considere-o feito.

— Feito? Como, vai comprá-lo?

Max esteve a ponto de dizer pense nisso como em um presente de bodas, mas viu a repentina expressão de alarme impresso em seu rosto e se conteve de repente. Lhe ocorreu que, devido a necessidade que Daphne tinha de controlar as coisas, semelhante gesto poderia fazer que se sentisse pressionada e dividida, como se ele utilizasse o bem-estar dos pequenos para forçá-la a continuar com seus planos matrimoniais. *Maldição!*

Não pensava manipulá-la desse modo.

— O desabamento da Bolsa não nos afetou tanto a meus amigos e a mim, já que muitos de nossos investimentos se encontram no estrangeiro. Falarei com eles — disse enquanto dobrava a rua rumo às cavalariças. — Nos asseguraremos de que tenha as contribuições que necessite.

— Seus amigos? — Olhou-o com certa reserva. — Do Clube Inferno?

— Sim. Se estiver de acordo, passarei para ver o novo local que encontrou. E me assegurarei de que as condições estruturais sejam ótimas ou de se for necessário fazer reparações antes que as crianças possam mudar-se.

— Isso seria... maravilhoso de sua parte. — Cravou a vista à frente durante um momento como se aquelas palavras a tivessem deixado pasmada de assombro.

Max a escrutinou furtivamente de soslaio e viu o alívio que se apropriou do semblante da jovem. Logo ela voltou a vista para ele de repente.

— Possivelmente poderíamos ir juntos a vê-lo.

O coração deu um tombo ao escutá-la sugerir que fizessem aquilo juntos, mas ocultou seu júbilo depois da fria despreocupação de costume.

— Como desejar. — Inclinou a cabeça com desenvoltura. — Me ocuparei de que meu advogado consiga uma entrevista com o agente.

Podia sentir o olhar de Daphne fixo em seu perfil. Quando se voltou para ela, a jovem o olhou aos olhos e o obsequiou com um pausado sorriso; o mais formoso, deslumbrante e beatífico que ele jamais viu. Max estava preso. A luz que desprendia Daphne era como um amanhecer. Pousou o olhar nela uma vez mais. Em toda sua vida nunca ninguém o olhou desse modo. Com essa ternura, mostrando tanta confiança nele.

Como se fosse um herói e não um pilantra.

Deus santo, pensou com uma repentina onda de perplexo desespero. *Precisa ser minha. Precisa me dar o sim.* Naquele instante foi incapaz de imaginar-se retomando sua vida de antes. Voltando para essa fria existência saturada de escuridão e solidão infinita. Até então ignorou a profundidade de seu desejo, e o fez com êxito graças a seu compromisso com o dever. Mas estar com tão angélica criatura, ser o destinatário daquele resplandecente sorriso e logo ser rechaçado por ela... isso o reduziria ao mesmo estado de um pobre prisioneiro que tivesse desprezado ao czar, sentenciado a trabalhos forçados pelo resto da vida no mais recôndito da Sibéria.

Precisa ser minha a todo custo. Soube então que faria o que fosse preciso para tê-la em sua vida de forma permanente. Assustou-o a intensidade de seu desejo. No mais profundo de sua alma arraigou uma motivação: Levar a termo o que até então foi basicamente um matrimônio de conveniência. Custasse o que custasse, aquela mulher seria dele.

Max deteve a carruagem uma vez que esteve nas cavalariças na parte posterior de sua casa.

Imediatamente um lacaio vestido com libré de cor vermelha escura se apressou a tomar as rédeas do cavalo.

— Onde estamos? — perguntou Daphne de repente, jogando uma olhada ao grande edifício de tijolo situado além dele, a cuja sombra se encontravam.

Max puxou o freio e logo se voltou para ela para olhá-la fixamente aos olhos.

— Eu o chamo lar.

— Esta é sua casa? — exclamou Daphne, desviando o olhar do edifício para o Max com repentino alarme.

Ele assentiu estoicamente, lhe sustentando o olhar.

— Gostaria de entrar?

Capítulo 8

—Lorde Rotherstone! — exclamou Daphne com voz entrecortada, baixando a vista e sem saber o que dizer. — Estou convencida de que sabe que isso não seria correto. Não temos acompanhante!

— É igual — murmurou ele, olhando-a fixamente com um íntimo meio sorriso. Daphne podia sentir a força absoluta de sua vontade rodeando-a, tentando-a para que fizesse o que não devia. — Já estamos prometidos.

Ela elevou os olhos para ele, alarmada.

— Não é uma questão resolvida!

O sorriso do Max se alargou de maneira cúmplice e seus olhos claros se obscureceram vários tons. Daphne se sentiu hipnotizada por eles.

— Não sente um pouquinho de curiosidade por ver o que lhe ofereço?

— É esse o motivo de que me trouxe aqui? Para me subornar? — exigiu saber em um ato de confusa rebeldia.

— Vamos, entre, embora só por um momento — tentou persuadi-la com consumada destreza. Sua voz tinha adquirido um profundo timbre rouco que estimulava seus sentidos como

se se tratasse de hábeis dedos desatando os laços de seu espartilho. — Eu adoraria lhe mostrar as obras de arte que reuni em minhas viagens, senhorita Starling. Me permita lhe oferecer um ligeiro refrigério. Talvez algo de beber?

Daphne se estremeceu. Sabia o que estava fazendo, tecendo novamente esse feitiço com sua sombria e aveludada voz e aquele sedutor sorriso.

— Sabe que deseja ver onde viveremos.

Ela podia sentir como foram dissolvendo-se seus esforços por resistir a ele. Max não esperou uma resposta, mas sim ficou em pé na boleia e desembarcou de um salto da carruagem, rodeando-o até o lado dela.

A jovem remexeu os miolos procurando algo como desculpa antes de que Rotherstone chegasse junto a ela para ajudá-la a descer, mas a conversa a respeito de Penelope, momentos antes, recordara-lhe a razão pela qual esse dia recebera ao marquês de um modo mais favorável e decidira mostrar-se mais disposta a deixar-se persuadir por ele em referência ao enlace.

Sua madrasta deixou claro que não era especialmente bem-vinda em seu próprio lar; portanto, Daphne teve que perguntar-se por que se empenhava tanto em ficar em um lugar onde não a queriam. Não seria melhor aceitar aquele matrimônio na verdade magnífico, a aquele homem excepcional como marido, e formar um lar e uma família próprios? Possivelmente já era hora de seguir adiante com sua vida. Ao final, não podia viver eternamente como uma menina sob o teto de seu pai. Chegava um momento no que uma jovem adulta devia aceitar a um homem e converter-se em uma mulher, em toda a extensão da palavra.

Mas era lorde Rotherstone o homem adequado para ela?

Carecia de toda lógica negar que se sentisse atraída por ele. Esse dia trocou três vezes de vestido antes de que Rotherstone chegasse. Jamais fez algo tão ridículo para impressionar a um pretendente.

Mais ainda, depois de vinte e quatro horas dando voltas a aquilo, estava considerando seriamente sua proposição de matrimônio. Não era nenhuma boba. E, maldita seja, desejava entrar e ver sua casa. O lar que, possivelmente, em um futuro seria de ambos.

Mas, *santo céu,* se os vissem, se algum membro da alta sociedade se inteirasse de tal atrevimento, não haveria volta atrás. Poderia tratar-se de algum estratagema do marquês?

— Ah, quanta concentração —comentou ele com afetuosa diversão enquanto se aproximava parcimoniosamente e apoiava o cotovelo. — Minha querida senhorita, não sofra.

— Patife — respondeu Daphne.

Max a brindou com um sorriso que fez que o coração de Daphne se rebelasse contra todas as restrições impostas às jovens damas.

— Acredito que começo a gostar, muito a seu pesar.

— Engana-se você.

Entretanto, o sorriso do Max dizia claramente que não acreditava em suas palavras.

— Vai ficar aí sentada discutindo consigo mesma?

— Será que pode ler a mente?

— A expressão do rosto, e, sabe o que vejo na sua? Confusão. Resulta verdadeiramente

adorável. Muito bem, qual é a discussão? O que diz a acusação e o que afirma a defesa? Devo colocar a peruca do Parlamento e debater o projeto de lei que nos ocupa?

Daphne sacudiu a cabeça.

— É você impossível.

— Não é mais que uma visita. Tomaremos um refresco frio e daremos um passeio pela longa galeria para ver meus quadros italianos de nus.

— Nus!

— É escandaloso — disse Max com voz lânguida.

Daphne reprimiu a risada enquanto sustentava seu faiscante olhar.

— Está seguro de que não vai aproveitar de mim?

— Não a menos que queira que o faça — murmurou roucamente, cravando os olhos nela com uma expressão que transformou seus ossos em gelatina; continuando, ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a desembarcar do cabriolé.

A jovem deixou escapar um fraco grunhido passeando o olhar da mão ao arrumado semblante do Rotherstone, tão seguro e sereno.

— OH, maldição! — espetou, ficando em pé e aceitando a ajuda, incapaz de resistir. — Pensa me arrastar com você ao fundo do precipício, não é assim, Rotherstone?

— Max — a corrigiu por enésima vez aquele dia.

— Lorde Rotherstone! — repetiu com um olhar admonitório.

— Como desejar — murmurou, levando sua mão enluvada aos lábios depois de tê-la ajudado a descer do veículo.

Max lhe dirigiu de novo um sorriso tranquilizador ao ver o olhar indeciso da jovem, logo colocou a mão de Daphne na dobra de seu braço e a escoltou para a entrada posterior da casa.

— Ainda não abriu o presente que lhe levei ontem, verdade? — assinalou.

A jovem lhe lançou um olhar culpado.

— Como sabe?

— É óbvio, se o tivesse feito estaria deslumbrante. — Contemplou-a com interesse antes de abrir a porta para que entrasse. — Seriamente não tem a mais mínima curiosidade por descobrir do que se trata?

Daphne franziu o cenho preocupada como única resposta.

O marquês desprezou a questão com um preguiçoso gesto.

— É igual. Embora espere que o abra logo. Eu não gosto de vê-la privada do prazer de consenti-la. — Após o qual, abriu-lhe a porta e a fez passar a um mundo de opulência.

Uma vez dentro, ante ela se estenderam os chãos de mármore do que parecia ser um estreito vestíbulo traseiro. Max fechou e a conduziu para o vestíbulo principal através de uma entrada rematada com um biombo e flanqueada por um par de arbustos podados de maneira ornamental e plantados em urnas gregas. Ela o seguiu e ao passar se fixou na esplêndida mesa em forma de meia lua junto à parede, flanqueada por delicadas cadeiras francesas de pernas torneadas e estofadas em damasco de cor clara a cada lado da mesma. As paredes de tons creme estavam adornadas por painéis com molduras brancas, junto com elegantes quadros: paisagens,

retratos e cenas equestres, todas em grossos Marcos esculpidos.

Seus olhos se desviaram das obras de arte aos elaborados frisos dourados que percorriam a sala e aos intrincados afrescos do teto, de que penduravam três impressionantes lustres espaçados entre si de forma regular ao longo de todo o amplo vestíbulo central. Estavam apagadas, como era natural, mas a luz do dia arrancava brilhos aos inumeráveis cristais e uma suave corrente de ar, procedente das janelas abertas da planta superior, os fazia tilintar fracamente e agitava as diáfanas cortinas. Pelo resto, a casa estava em silêncio.

Daphne morria de curiosidade, principalmente tendo em conta que poderia converter-se na senhora de tudo aquilo. Max se voltou para ela com ar despreocupado.

— Está muito afresco aqui, verdade?

— Sim—respondeu concisa.

— Ah, Dodsley! Está aqui?

Um mordomo de rasgos suaves e cabelo grisalho apareceu sigilosamente. O homem segurou as mãos atrás das costas e os saudou com uma reverência respeitosa.

— Milord, milady. No que posso lhes servir?

— Senhorita Starling, apresento ao Dodsley... o mordomo mais eficiente do mundo. Não poderia cuidar disso sem ele. Para tudo o que necessite, o velho Dodsley está a seu serviço.

Ela sorriu e devolveu timidamente a saudação com uma inclinação de cabeça.

— Encantada de conhecê-lo.

— Dodsley, nós gostaríamos de tomar um refresco. Algo frio... Imagino que haverá champanha bem fria em algum lugar da casa.

— No salão de jantar, milord.

— Champanha em pleno dia? — interveio Daphne. Seu arrumado anfitrião se voltou para ela intrigado.

— Confio em que não se incomode...

Daphne considerou aquilo durante um momento. Por que tornar-se atrás agora? Já postos... encolheu os ombros.

— Eu me encarrego, Dodsley. Se tiver a bondade de nos buscar algo para comer. Fica ainda algo daquela espécie de sorvete gelado? Como se chamava...?

— A mousse de limão? — O mordomo assentiu com gravidade, como se estivessem discutindo uma questão de Estado. — Assim é. Senhorita Starling, permite-me seu chapéu?

— Certamente, obrigado... sim.

Daphne o tirou com supremo cuidado o chapéu rosa com a ligeira e curvada pluma de avestruz. E dado que também se falou de tomar um lanche, despojou-se deste modo das luvas.

Lorde Rotherstone fez o mesmo com as luvas de conduzir.

— Senhorita Starling, dada a temperatura a que nos encontramos, pergunto-me se lhe pareceria uma insolência por minha parte que me desprendesse também da jaqueta.

— Considerando que estamos quase a vinte e sete graus, acredito que podemos ser algo menos estritos com respeito às normas do decoro.

— Bendita seja. — tirou a jaqueta cor anil feita a medida e a entregou ao solícito mordomo.

— Assim está melhor.

— Não cabe dúvida — balbuciou Daphne quase em um sussurro.

O apertado colete se ajustava perfeitamente, revelando a dura arquitetura esculpida de seu torso, assim como o amplo contorno de seus ombros poderosos e o peito cinzelado que se estreitava gradualmente até chegar à estreita cintura. Por causa do calor, as folgadas mangas da camisa branca se colavam ligeiramente aos definidos braços sob o muito fino e delicioso linho.

— Vamos, apresentarei a casa enquanto esperamos que Dodsley nos traga essa mousse de limão.

— Sim... certamente.

Daphne se surpreendeu enormemente consigo mesma sem poder dar crédito a sua própria conduta. Contemplou, embevecida, o musculoso e turgente traseiro do Rotherstone quando este deu meia volta e se adiantou para dispor-se a lhe apresentar a casa. Em sua defesa podia alegar que dita zona dos cavalheiros se encontrava, pelo geral, coberta pelas abas da jaqueta e que, além disso, a do marquês era muito sublime para resistir a olhar. Aquelas calças bege lhe sentavam como uma luva.

— Este é o hall, onde esperam minhas visitas de negócios até que posso as atender.

Daphne baixou o olhar de repente quando ele se voltou.

— Acontece algo?

— Não, nada — disse a jovem, sentindo-se culpada.

— Bem. Por aqui se encontra meu escritório.— Aproximou-se da segunda porta.

Daphne se uniu a ele, aparecendo à sala, escura e belamente decorada.

— Uma vidraça preciosa. — Assinalou com a cabeça a parede atrás do escritório.

O sol de última hora da tarde entrava pela janela de estilo gótico, criando uma atmosfera monástica na sala, revestida de painéis de madeira.

— Obrigado, sim. Procede da capela familiar de minha propriedade no Worcestershire. Uma das construções prévias que ardeu até os alicerces faz centenas de anos, mas isto se salvou.

— É São Miguel?

— Mm. — Assentiu enquanto a olhava; logo deu a volta e continuou tranquilamente pelo corredor. — Ao fundo se encontra a salinha de manhã. Do outro lado do vestíbulo está a copa, onde o pessoal de cozinha se encarrega dos últimos detalhes antes de servir os pratos aqui, no salão de jantar. — Seguido por ela, Max assinalou para a champanhe que se encontrava ao fundo. — Champanha.

— Meu deus! — murmurou Daphne, contemplando sobressaltada a suntuosa câmara. Na maioria das grandes casas, o proprietário não reparava em gastos no salão de jantar com objetivo de impressionar aos convidados com sua fortuna e seu bom gosto. O marquês de Rotherstone sem dúvida exagerou com essa tradição.

Ali seu luxuoso estilo de vida era absolutamente patente, do tapete de elaborado desenho até o mobiliário de madeira de mogno esculpida, passando pelo primoroso trabalho de estuque branco do teto que rodeava a parte superior das quatro paredes com um exuberante desenho de grinaldas, flores e urnas. Imediatamente pensou em como o teria qualificado seu pai: ostentoso. E

de novo lhe vieram à memória os rumores a respeito das perdas de seu progenitor na Bolsa.

Agora que tinha provas suficientes sobre quão rico era o marquês do Rotherstone, uma pergunta não deixava de incomodá-la no fundo de sua mente...

— O que acha? — perguntou Rotherstone ao mesmo tempo que tirava uma garrafa de espumoso líquido francês do balde cheio de gelo.

Daphne fez todo o possível por sacudir de cima as dúvidas a respeito de que seu amado pai poderia tê-la vendido por motivos econômicos, e o brindou com um sorriso.

— É simplesmente magnífico. Tudo o é.

— Celebro que lhe agrade. — Devolveu-lhe o sorriso e levou a garrafa até o aparador. —Também eu o encontro muito formoso, sobre tudo de noite, à luz das velas.

— Posso imaginá-lo.

O lustre central era um autêntico esbanjamento de cristal, como uma fonte. Justo debaixo da mesma, na longa mesa do salão de jantar, cuja superfície polida brilhava como um espelho, havia um esplêndido centro floral: uma profusão de rosas de diversos tons, açucenas e singelas margaridas brancas.

Daphne apoiou as mãos no respaldo de uma cadeira, sem afastar a vista de uma abelha intrusa que devia ter entrado através de uma janela aberta e que rondava sobre o ramo, posando-se aqui e lá para sugar o néctar das flores. Logo Max verteu água de uma jarra branca em uma bacia de porcelana e lavou as mãos para o leve lanche, seguido por Daphne, que se alegrou de poder fazê-lo depois do poeirento passeio.

Enquanto secava as mãos em uma pequena toalha, Max assinalou com a cabeça em direção à garrafa de champanha.

— Farei as honras se tiver a bondade de trazer duas taças daquele armário.

— Parece-me justo.

Daphne assentiu e, obsequiando-o com um sorriso, cruzou a sala até a vitrine de madeira de mogno e abriu uma de suas portas de cristal, reparando na baixela de porcelana com fio de ouro quando tirava as duas taças. Estava pintada a mão com o brasão familiar e um inicial r gravado nela.

O som da garrafa ao ser desarrolhada ressonou em toda a sala.

Daphne rompeu a rir ao escutar a exclamação do Max quando saiu a borbulhante espuma e se apressou a lhe ajudar a recolhê-la nas taças.

— Brinde — disse ao fim de um momento quando tinha servido o líquido. — Por você, senhorita Starling.

O brinde fez que Daphne se ruborizasse levemente, mas encolheu os ombros e lhe deu de presente um sorriso.

— Se insiste... Por mim!

Ambos riram e chocaram as taças, tomando a seguir um gole sem deixar de olhar o um ao outro.

— Mm — murmurou Daphne com deleite um segundo depois.

Os olhos de Max adquiriram um brilho prateado enquanto a via desfrutar do excelente

espumoso. Justo nesse momento chamaram suavemente à porta aberta do fundo da sala e Rotherstone dirigiu a vista além dela.

— Entre, Dodsley.

A jovem deu meia volta quando o mordomo pegava a bandeja das mãos do lacaio que a segurava, entrando ambos na sala de jantar com ar solene. Com um sorriso galante nos lábios, Max retirou a cadeira mais próxima para que Daphne se sentasse, ocupando ato seguido o assento do lado enquanto Dodsley colocava a bandeja de prata entre ambos. Uma vez que os criados se retiraram, o casal voltou a sorrir-se e se serviram eles mesmos o frugal refrigério, que era a viva estampa da elegante simplicidade.

A mousse de limão lhes aguardava em tacinhas de porcelana com suas colherinhas de prata, junto com uma tentadora fonte de cristal de salada de fruta fresca: damascos e ameixas, framboesas e arándanos, tudo isso generosamente polvilhado com açúcar. Os rangentes e finos biscoitinhos, que eram universalmente apreciados e conhecidos como barquinhos de ratafía, equilibravam de forma sublime o gosto ácido e a textura esponjosa da mousse de limão. O toque sofisticado do doce gosto da amêndoa harmonizava à perfeição com o cremoso sorvete.

Dodsley levou, além disso, uma jarra de chá gelado com um raminho de hortelã e uma rodela de limão, ambos optaram por tomar uma segunda taça de champanha.

— Há algo que desejava lhe perguntar — disse Daphne.

— Do que se trata?

— A noite do baile dos Edgecombe... bom, não pretendia escutar, mas ouvi que Albert lhe dizia que você desapareceu quando eram meninos. Aquilo pareceu desconcertá-lo em excesso e, francamente, a mim também. O que foi que aconteceu?

— Ah, enviaram-me a um colégio quando tinha treze anos. Albert e seus irmãos frequentaram ao Eton, mas... meu pai não podia custeá-lo naqueles tempos. De modo que fui a uma pequena academia na Escócia.

— OH. — A jovem lhe sorriu, pois não desejava lhe recordar sua precoce separação da família.

Jogando uma olhada a aquela casa pôde ver que, certamente, Rotherstone percorreu um longo caminho.

— Prosseguimos? — perguntou-lhe ele um momento depois, uma vez que terminaram o tão refrescante lanche. — A levarei para ver a ampla galeria do piso superior.

— Sim. — Daphne se uniu a ele, impaciente por continuar com a visita. As horas passavam voando e não se atrevia a atrasar-se muito mais tempo.

Max a escoltou fora do salão de jantar até a grande escada com degraus de mármore e um ornamentado corrimão de ferro forjado. Daphne tinha a impressão, cada vez mais irracional, de compartilhar certa intimidade com um homem ao que tinha visto unicamente em três ocasiões... um homem que, inclusive nesses instantes, considerava-se seu prometido. O mais estranho de tudo era o companheirismo que pareciam compartilhar de forma natural. Resultava-lhe tão fácil falar com ele como com o Jonathon, apesar de que ambos os homens não podiam ser mais diferentes. Possivelmente Rotherstone soubesse realmente o que estava fazendo, pensou

olhando-o de soslaio uma vez mais. Afinal de contas, era mais velho e possuía muito mais experiência que ela.

Uma vez no primeiro andar, o branco mármore dava passagem a um complexo assoalhado de madeira de carvalho de tons claros. A escada continuava sua ascensão para o que, supostamente, deviam ser os dormitórios, mas seu destino se encontrava naquela planta, com suas elegantes salas de recepção.

Max lhe mostrou a sala azul, na parte dianteira da casa, e a sala de música situada junto a esta, ambas separadas por umas portas com trilhos. A última não só continha uma grande e elegante harpa, mas também um bonito piano-forte negro.

Daphne olhou a seu anfitrião.

— Você toca?

— Não, mas sou um ávido ouvinte. Às vezes contrato a um trio para que toque para mim. Você toca, senhorita Starling?

A sua memória voltaram os tempos em que tocava o piano-forte junto a sua mãe, mas isso ficou para trás fazia muito, de modo que negou com a cabeça.

— Bem, onde está essa magnífica coleção de arte da qual não deixa de alardear?

— Ao fundo do corredor. Você primeiro.

Max fez um gesto para a entrada da sala de música e Daphne, depois de lhe lançar um olhar zombador, saiu tal e como lhe pedia. Entretanto, quando cruzou o amplo e elegante corredor e jogou uma olhada adiante dele para a ampla galeria, encontrou a sala às escuras.

O marquês passou por seu lado para tomar a dianteira.

— Mantemos as venezianas fechadas para proteger os quadros.

Max cruzou a galeria, aproximando-se da fileira de janelas, que ocupavam virtualmente do teto ao chão, e abriu as venezianas.

A luz penetrou de forma paulatina na esplendorosa e clássica galeria de arte de dourados chãos assoalhados e paredes vermelhas, um marco tradicional para sua coleção.

Daphne entrou na sala e olhou maravilhada a seu redor. Sem a menor duvida, aquele era um tesouro oculto. Alguns quadros tinham um tamanho enorme, outros eram preciosas miniaturas emolduradas. Estavam presente todas as épocas: amantes cortesãos vestidos ao estilo barroco, com grande profusão de encaixes, altas perucas e trajes recarregados; impressionantes paisagens venezianas e, na parede contrária, uma laje com hieróglifos egípcios. Havia numerosas estátuas, tanto de bronze como de mármore. Retratos alemães, escuros e sombrios. Um par de ânforas romanas, de duas asas, tão altas como ela.

Ficou impressionada com um manuscrito colocado em um suporte de livro bem iluminado e, ato seguido, extasiada com um resplandecente mosaico bizantino que se encontrava a sua direita.

Max a observou sumido em um misterioso silêncio.

Daphne conteve o fôlego ao aproximar-se de um modesto esboço em cor lilás de uma corpulenta mulher nua, desenhado com uma sensibilidade extraordinária. Logo se voltou para ele com os olhos desmesuradamente abertos.

— É...?

Ele assentiu, com o olhar transbordante de satisfação.

— Leonardo.

— Meu Deus — sussurrou, levando a mão ao coração. Era o mais perto que esteve jamais do gênio de Leonardo dá Vinci.

— Tenho gostos ecléticos, como pode ver. Esta peça em concreto é uma de minhas prediletas— adicionou, voltando-se para a alta figura de alabastro de uma mulher levando um cântaro de água, situada a uns metros de onde se encontravam. Logo se aproximou dela, seguido por Daphne. — É romana, do ano 56 antes de Cristo. Não lhe parece esplêndida? Que destreza deveu requerer... e o tipo que a esculpiu nem sequer gravou seu nome nela. É um dos heróis não reconhecidos da história.

— É deliciosa.

— Hum. É de pedra sólida e entretanto... — apostilou em um murmúrio meditabundo, acariciando com as pontas dos dedos a coxa da mulher — a gente quase espera sentir a diáfana malha de sua túnica.

A preguiçosa carícia fez que a atenção de Daphne recaísse por completo em sua mão forte e graciosa. Estremeceu ligeiramente, mas combateu o espontâneo desejo que a invadiu de forma repentina.

— Que túnica? — perguntou com diversão.

Rotherstone a obsequiou com um sorriso contrito.

— Mal leva algo posto, verdade?

Daphne lhe devolveu o sorriso, bastante desconcertada. Logo sacudiu a cabeça e se voltou para dar outra boa olhada. —

Não posso acreditar que tenha estas coisas.

— Bom, já sabe, a Europa foi um campo de batalha durante muitos anos. Tive o privilégio de salvar muitas destas formosas peças da destruição. Continuamos? — Com um gesto cortês a convidou a que passeasse com ele pela galeria.

Max segurou as mãos atrás das costas enquanto ela caminhava a seu lado. Deteve-se a explicar alguns dos quadros enquanto que em outros se manteve afastado e deixou que ela desfrutasse. Mas Daphne ficou fascinada quando chegaram ao retrato de um homem de olhos claros e cabelo escuro.

— Quem é? — murmurou, impressionada e intimidada em igual medida pelo modo em que a imponente figura olhava do tecido com um rosto cheio de arrogante intensidade.

— Esse era meu pai — respondeu Max com secura.

Daphne o olhou com surpresa.

— OH... deveria me ter dado conta. Tem seus olhos. Em realidade é você uma cópia dele.

— Não, não o sou — respondeu irado, evitando seu olhar com um fraco sorriso melancólico.

Daphne se voltou para ele com expressão inquisitiva, surpreendida pelo inflexível e profundo de sua serena resposta, mas decidiu não pressioná-lo ao ver que ele a ignorava por completo.

— São também antepassados deles? — Assinalou com a cabeça para os seguintes retratos.

— Assim é, há toda uma fileira de descarados.

A aparente ambivalência do Max em relação a seus ancestrais a deixava perplexa. Presa da intriga, Daphne passou uns minutos estudando aos diversos homens que ostentaram o título de lorde Rotherstone.

Seus trajes refletiam as distintas épocas às que pertenciam, mas era óbvio que aquela mesma intensidade precavida passou de pais a filhos durante o curso da história. Alguns dos marqueses pousaram com trajes cortesãos para seus retratos oficiais. Outros com uniforme militar, enquanto que uns poucos apareciam vestidos com a indumentária de um cavalheiro de campo, com um cavalo e uma mansão de fundo.

Mas um pequeno detalhe em alguns dos retratos chamou sua atenção: uma cruz de Malte branco adornado com uma insígnia mal discernível.

— O que é isso? — perguntou, picada pela curiosidade.

— O que?

Ela assinalou o símbolo que, em umas ocasiões, aparecia na roupa e, em outras, dissimulado em um canto do quadro.

— Isso.

— Ah... não é mais que um dos títulos honoríficos. Diferentes membros de minha família foram recrutados por diversas ordens de cavalaria. Muitos deles são hereditários. Basicamente carecem de valor algum, mas já sabe, não são mais que uma desculpa para fazer mais alegres as túnicas e todo isso. E se celebra uma estranha cerimônia uma vez cada dez anos ou quando lhe deseja muito ao monarca que nesses momentos esteja no trono.

— Entendo.

Chegou ao final da sala, onde um tapete persa retangular delimitava uma pequena zona de descanso disposta ante a simples lareira branca. A galeria inteira era um verdadeiro festim para os olhos, mas seu olhar errante se viu irresistivelmente atraída para a fantástica espada cheia de joias exposta sobre o suporte da lareira.

Uma fraca exclamação escapou de seus lábios.

— O que... maravilha. — Daphne avançou até a lareira e elevou a vista para a reluzente espada de aço.

Max se aproximou de seu lado e logo a contemplou com curiosidade.

— Senhorita Starling. É você muito sábia.

Ela o olhou surpreendida.

— Sou-o?

— Reconheceu a peça mais valiosa de toda minha coleção.

— Esta? — Assinalou a espada. — Mais ainda que o Dá Vinci?

— Para mim o é.

— Por quê? Onde a conseguiu?

Quando Rotherstone elevou a vista para o aço, ela cravou os olhos em seu aristocrático perfil.

— Foi entregue por meu pai, a quem a entregou o seu... e assim foi há mais de seiscentos

anos. Pertenceu ao primeiro lorde Rotherstone. Foi um guerreiro, um cavalheiro da época do Ricardo Coração de Leão. Levou esta espada consigo a Terra Santa e com ela levou morte a uma centena de mamelucos do Saladino na luta por liberar Jerusalém.

— Seriamente? — Sussurrou a jovem. — Com esta mesma espada?

— Sim. — voltou-se novamente para ela, com as extremidades dos olhos franzidos com um leve toque de diversão em seu olhar, ao ver o entusiasmo da jovem por aquele período histórico de sua família.

— E agora é sua — murmurou Daphne.

O assentiu enquanto se aproximava dela.

Claro, agora compreendia que estivesse disposto a brigar no Bucket Lane, pensou Daphne.

— Alguma vez a provou? — perguntou olhando o de soslaio com flerte e desviando ato seguido a vista para a espada dos cruzados.

— Você acredita realmente que me dedico a atacar às pessoas, não é certo?

— Não respondeu a minha pergunta.

— Como diz?

Max tinha os olhos cravados em sua boca enquanto se aproximava dela.

Daphne franziu o cenho.

— Por que cada vez que não deseja responder a uma pergunta... — Suas palavras se apagaram quando Rotherstone posou as mãos suavemente a ambos os lados da base de seu pescoço, ali onde se unia com seus ombros. — Milord...

— Lamento, mas preciso fazer isto — sussurrou ele.

Max baixou a cabeça e a beijou. Apesar de que tinha os lábios suaves, o curto pelo do cavanhaque era áspero e lhe raspava a pele, machucando-a e espantando-a.

Daphne jogou a cabeça para trás com brutalidade e o olhou aos olhos.

Ele se deteve em acariciar docemente com a ponta de um dedo seu queixo avermelhado. Logo lhe dedicou um leve sorriso e se aproximou pondo maior cuidado, inclinando a cabeça um pouco mais para não arranhá-la. Esta vez ela não sentiu o mínimo incômodo, apenas doçura e prazer.

Daphne fechou os olhos e se dedicou a explorar pausadamente as prazerosas sensações que a embargavam enquanto os lábios daquele homem brincavam sobre os seus. Apoiou as mãos sobre o peito do Max, sentindo-se cada vez mais zonza, e se aferrou quase sem dar-se conta às lapelas do colete de seda.

— Daphne — sussurrou.

O preguiçoso e embriagador sorriso com que lhe respondeu animou ao Max a aprofundar o feitiço. Saboreou-a com a ponta da língua em uma lânguida e sedutora carícia que lhe arrancou um gemido quase inaudível.

Quando a jovem se rendeu à persuasiva pressão daqueles lábios e entreabriu a boca insegura, ele aceitou o convite sem pressas mas com resolvida desenvoltura. Fez com controle, dominando os sentidos de Daphne ao mesmo tempo que lhe acariciava o pescoço com os polegares ao compasso do hipnótico roce das línguas.

Max tinha sabor de limão açucarado e a champanha francês.

Um torvelinho de sensações se amontoava na cabeça de Daphne e o coração pulsava rapidamente. Rotherstone a deixava sem fôlego, e por sua vez, era profundo e pausado.

Aquele beijo a subjugou, e não sabia como ou quando conseguiu levá-la para a parede mais próxima. Encostada entre uma portinha dupla e o ornamentado marco de algum quadro, oculta à vista de qualquer criado que pudesse passar pela ampla galeria ou andarilho que passeasse pela rua, o mundo inteiro de Daphne se reduzia a aquele beijo e a imponente figura de Max. Rotherstone movia a língua dentro de sua boca lhe demonstrando de uma forma completamente nova que a tinha a sua mercê graças ao incrível prazer que podia lhe dar.

Daphne se entregou sem reservas, mesmo que tinha a vaga impressão de que as coisas estavam escapando a seu controle. Aquele beijo era delicioso, celestial, capaz de transportá-la a outros lugares. Max baixou a mão suavemente pela curva da garganta até o agitado seio feminino semeando uma trilha de fogo com as quentes pontas de seus dedos entre as dobras de encaixe do decote. Durante um momento descansaram ali e começou a acariciá-la justo por cima do coração, ao que fazia pulsar com força. Os sentidos de Daphne pediam a gritos que correspondesse às carícias.

Elevou as mãos para as amoldar tentativamente contra os duros e amplos ombros, entregue por completo a aquele beijo. A ele pareceu agradar. Logo baixou as palmas sobre a seda do colete que lhe cobria o torso e pôde sentir o enérgico batimento do coração do marquês. A seguir explorou os fortes braços que a estreitavam, deleitando-se com o poder masculino daqueles robustos bíceps que podia sentir através da fina camisa branca. Por último posou a mão no rosto daquele homem e se maravilhou com os duros ângulos, a mandíbula de aço bem barbeada e o queixo quadrado com a áspera textura do cavanhaque.

Max girou a cabeça e depositou um beijo na palma de sua mão, inclinando-se ato seguido para iniciar uma trilha com seus lábios pelo gracioso pescoço feminino que Daphne recebeu com agrado.

A jovem se apoiou contra a parede vermelha da galeria para proporcionar um acesso mais cômodo. Com os olhos fechados o atraiu para ela enroscando os dedos naquele desalinhado cabelo negro. Daphne se derreteu contra ele enquanto continuava venerando seu pescoço sem refrear-se; aferrando, o apressando a que prosseguisse enquanto o acariciava sem delicadeza, embora Max não necessitava que o incentivassem. O áspero roce do cavanhaque contra sua pele, em extremo sensibilizada, provocava agora um efeito de todo diferente: não havia incômodo algum, só prazer. Daphne desejava senti-lo em todas partes, contra a pele, nos seios.

Max amoldou o corpo ao dela, tão quente, forte e excitante, pressionando a coxa entre suas pernas em uma sutil carícia que a fez estremecer violentamente.

Daphne se viu dominada por pensamentos impudicos e lascivos desejos.

Os finos vidros que emolduravam as janelas se agitavam com a suave brisa, envolvendo-os como um sussurro de lençóis brancos, esfumando a luz da tarde. Max se movia contra ela de um modo absolutamente embriagador; excitando-a, levando-a a um febril estado de luxúria. Daphne se sentia fraca e tremente. Era óbvio que tinha perdido o julgamento, pois nada gostaria mais que

levantar as saias e deixar que aquele perverso marquês fizesse com ela o que desejasse de uma vez por todas. Sem dúvida esse era o motivo pelo qual estava proibido que os casais não estivessem acompanhados por uma acompanhante durante o cortejo, pensou a jovem com as últimas frestas de lógica que subsistiam em seu cérebro.

Mas Daphne sabia no mais fundo de seu ser que jamais poderia sentir-se daquele modo com outro homem que não fosse ele.

Rotherstone levantou a cabeça com os olhos nublados pelo desejo; tinha o cabelo despenteado, os lábios úmidos e levemente inchados e o rosto avermelhado. Era o mais formoso que ela já viu em toda a vida. Logo Max simplesmente sacudiu a cabeça quando Daphne enfrentou a seu olhar ofegante; aquele galã de língua suave ficou sem palavras.

Não precisava falar. Daphne não podia estar mais de acordo com ele.

Percorreu aquele torso masculino com as mãos, reverenciando o robusto corpo enquanto ele a olhava nos olhos. Max tomou o rosto da moça entre as palmas e reclamou sua boca uma vez mais, liberando um anseio sem medida naquele beijo que fez que o pulso da jovem disparasse.

Daphne queria mais. Arqueou o corpo com infinita sensualidade, presa deliciosamente entre a parede e Max. Ficou imóvel ao ver chamas de paixão que tão sinuoso movimento avivou nos olhos dele, recordando de repente que estava brincando com fogo.

— Deus — sussurrou Rotherstone mais para si mesmo que para ela, — tem um imenso poder sobre mim.

Olhou-a com avidez e se dispôs a continuar.

— Eu? — Perguntou de forma inocente. — Como? Assim?

Rodeou-lhe com os braços e foi ao encontro de seu ardente beijo com temerário abandono.

Escutar como aquele homem gemia de prazer foi quase mais do que Daphne podia suportar. Sentia como o coração o martelava fortemente contra as costelas e o corpo lhe ardia com sensações jamais sonhadas. No mais profundo de seu ser ansiava aquela culminação da qual ouviu falar em um par de ocasiões em eufemísticos sussurros.

Sabia que Max, o perverso marquês de Rotherstone, poderia mostrar-lhe tudo.

Possuía uma elegância mundana e uma refinada experiência que faziam dele o melhor tutor que uma mulher poderia desejar para ser instruída nos maravilhosos prazeres que podiam tirar o chapéu com um homem. Virtualmente emanava sexo.

Mas ainda não, recordou-lhe sua consciência, cada vez mais debilitada.

Não até que estivesse casada com ele, e acaso não era como fugir do fogo para cair nas brasas?

Max abandonou os lábios femininos com brutalidade e dirigiu o olhar para a porta, com o sigilo de um lobo em pleno bosque que escutou algum som na distância.

— Alguém vem — sussurrou.

— O que? — espetou em voz baixa, ofegante ainda de desejo.

— Dodsley.

— OH...!

Daphne escapou imediatamente daqueles braços, afastando-se dele e voltando-se para a

porta do fundo a fim de que o mordomo não visse a culpabilidade escrita no rosto, e menos ainda o intenso rubor que se apropriou dela. A seguir se apressou sem demora a arrumar seu aspecto desalinhado com mãos trêmulas.

Max respirou fundo e fez o mesmo. Logo clareou a garganta e, justo quando apareceu o mordomo, tinha recuperado seu habitual ar desenvolto.

Daphne desejou poder esconder-se, surpreendida pela convincente máscara de serenidade do marquês.

— Milord!

— Sim, o que acontece? — disse de forma sucinta, deixando transparecer apenas um leve indício de irritação na profunda voz.

— Milord, rogo-lhe que me perdoe a interrupção. Mas tem visita...

— Visita? — replicou furioso. — Dodsley!

— Peço-lhe desculpas, senhor! Não pude... quer dizer, dizem que é muito urgente.

O bufado irado de Rotherstone fez pensar a Daphne que devia ter uma ideia clara de quem se tratava.

— Diga a esses bastardos que não estou em casa — ordenou.

— A dama se nega a partir até que o tenha visto, senhor! — resmungou o mordomo ao mesmo tempo que o marquês.

Daphne ficou quieta ao escutar o intercâmbio de palavras dos dois homens. Passeou o olhar entre o Dodsley e seu carrancudo senhor.

— Dama? — repetiu a jovem.

A surpresa e a indignação se impuseram à sensação sufocada que a embargava. *Santo Deus*, que engano tão grande acabava de cometer? Ao final, não era Rotherstone o Marquês Perverso, um destacado membro do Clube Inferno? Não cabia a menor duvida de que acabava de saborear uma amostra de seu talento de libertino.

Sabia Deus quantas visitas femininas levava a casa durante um dia.

Separou-se dele enquanto o fulminava com o olhar.

Naquele momento chegou até eles o eco de uns passos ligeiros que brincavam de correr escada acima e, ao fim de um instante, um menino pequeno entrou a toda pressa na sala e se precipitou para o Rotherstone.

— Tio Max!

Capítulo 9

— Ah, maldita seja! — balbuciou entre dentes.

— Falou um palavrão! — gritou o menino quando se deteve em seco ao chegar até ele e estirou o pescoço para olhá-lo.

— Não são suas senhorias que vieram, senhor — disse Dodsley com tom agônico. — Tentava lhe informar de que se trata de lady Thurloe e os... isto... meninos. — Dodsley se apressou a ir atrás do pequeno, que começara novamente a correr pela galeria gritando como um selvagem. —

Senhorita, o rogo, tome cuidado com as estátuas, por favor!

Daphne continuava desconcertada quando pela porta entrou irada uma dama embelezada com um vestido de passeio azul e um elaborado chapéu.

— Vá! Aí está meu infame irmão!

— Mamãe, o que significa infame? — perguntou a pura garotinha que ia pela mão da dama, tão dócil como selvagem era o moço.

— Infame, Flora — replicou a mulher, entrando com sua filha na galeria, — é o qualificativo que se dá à classe de homem que retorna a Londres e não se incomoda em visitar sua própria irmã, que não o vê a três anos!

— Não, B — repôs Max incômodo. — Estou seguro de que só foram dois.

Enquanto isso Dodsley agarrou uma das ânforas romanas e a endireitou enquanto com desespero via passar o moço como um raio junto a ela.

— Infame — prosseguiu a dama, plantando uma mão no quadril com ar majestoso — significa dar ordem a seu mordomo para que relate a seus parentes de que não se encontra em casa quando resulta evidente que não é assim.

— Quer dizer que o tio Max contou uma mentira, mamãe?

— Papai diz que conta muitas!

— Basta, Timothy. Veem aqui, agora!

Daphne observou maravilhada como a dama prendia a seu filho pelos pulsos quando o menino passava voando ao seu lado.

— Quanto a ti, irmão — voltou para a carga, sujeitando a seus filhos cada um de uma mão, — inteirei-me que assistiu ao baile dos Edgecombe. Que estranho não te ver ali! OH, sim, pedaço de descarado. Eu assisti! — informou-o em tom acusador em resposta a seu olhar exasperado. —Naturalmente, voltei logo para casa. Meu Paul não tresnoita além das onze.

— Cheguei tarde — respondeu Max, titubeando levemente. —Bom, teria te procurado se soubesse! — adicionou com certo indício de culpa.

— Antes teria que recordar que existo, não é certo? Terá que ver, irmão! Se soubesse que iria, Paul e eu nos teríamos ficado para te saudar. Quanto tempo está na cidade? — exigiu saber.

— Não muito — balbuciou esquivo.

— Bem, agora não pode escapar de nós, verdade? É um infame, em efeito, esteve nos evitando desde que chegou!

Enquanto falava, a garotinha se soltou da mão de sua mãe e se aproximou timidamente para olhar o quadro de uns cavalos que pendurava da parede.

Daphne continuou sem mover-se do lugar até que a pequena reparou nela e a obsequiou com um tímido sorriso, a que correspondeu de igual maneira. Sentia-se bastante morta de calor pelo apurado de sua situação, pensando no que aqueles meninos poderiam ter encontrado. Desejou que a terra a tragasse.

— Em qualquer caso— continuou a mãe com tom cortante, —amanhã vamos para o campo e não voltaremos para Londres até a primavera, de modo que ao menos o que pode fazer é saudar seus sobrinhos antes de que partamos. Pode acreditar o quanto cresceram, Max? Flora, se afaste

dessa... dama.

Sua voz incisiva, unida ao feito de que a olhasse de soslaio a Daphne desde sua entrada, deixava claras as conclusões às que chegou a respeito da acompanhante feminina de seu irmão dessa tarde.

Daphne se sentiu mortificada.

— Cuidado, B, não é o que parece.

— Estou segura. — A mulher olhou a jovem com cepticismo.

A expressão do rosto de Max se endureceu.

— Beatrice, condessa de Thurloe, me permita que lhe apresente a honorável senhorita Daphne Starling. — Ergueu os ombros e adicionou: — Minha futura esposa.

Daphne o olhou alarmada ante seu ousado anúncio. Inquietava-a ouvi-lo dizer como se fosse um fato consumado. Lady Thurloe parecia, a bom seguro, igualmente estupefata.

— Max! — Exclamou quase sem fôlego. — É certo? Não se trata de outra de suas diabruras?

— Certamente que não é uma brincadeira — disse carrancudo. — Se não fosse por Daphne, não teria assistido ao baile dos Edgecombe.

— Estou surpreendida! — A dama se aproximou um passo. — Vai casar e não me contou isso?

Vá, Por Deus! Aquilo ia de mal a pior. Daphne sabia que devia esclarecer as coisas, mas quando recuperou subitamente a prudência depois daquele febril e enlouquecedor beijo, não coube a menor dúvida de que a explicação mais aceitável e menos escandalosa, talvez a única, de sua presença na casa de lorde Rotherstone, a sós com ele, era o iminente som dos sinos de casamento.

O problema era que ainda não aceitou. Ou talvez se estivesse enganando.

Antes de que pudesse lhe ocorrer alguma explicação alternativa que resultasse acreditável, lady Thurloe deixou a um lado seus sentimentos feridos pelo abandono de seu irmão em favor do sincero regozijo que lhe produziu a notícia.

— OH, Max! — Deu uma palmada e entrelaçou os dedos. —Senhorita Starling... Daphne, verdade? Posso chamá-la por seu nome de batismo? OH, acreditei reconhecê-la! Santo céu, conhecendo meu irmão, quando a vi aqui quase pensei... Ah, não importa! É obvio, é a formosa filha de lorde Starling a que todo mundo adora!

— N...não sei se esse é o caso, lady Thurloe — balbuciou.

— Me chame Beatrice. OH, minha querida... irmã! Deixe que a abrace! — Avançou e deu em Daphne um abraço educado embora caloroso e um pequeno beijo nas faces. — Minha queridíssima menina! OH, Meu deus, tem todo um desafio por diante. — Lady Thurloe riu e a estreitou de novo. — Me prometa que o atormentará!

— Prometo. — Daphne fulminou ao Max com o olhar por cima do ombro da mulher antes de que esta a soltasse.

Logo lady Thurloe retrocedeu e guardou silêncio enquanto passeava o olhar de Max a Daphne com gesto irônico embora admonitório.

— OH, céus. De modo que estão aqui os dois sozinhos... Vá, que peraltas! — Agitou o dedo

em direção a ambos com um risinho cúmplice. — Não temam, meus lábios estão selados. Flora, Timothy, venham a que vos apresente a sua futura tia! Não lhes parece encantadora? Ah, que emocionante! Querido irmão, quanto me alegro por ti! Esperamos tanto que retornasse a casa e te assentasse por fim!

Enquanto lady Thurloe continuava falando com entusiasmo e Max sorria sumido em um estoico silêncio, os pequenos a estudaram com receio e Daphne amaldiçoou a si mesmo por ter aceito entrar naquela casa. Deveria ter sido mais preparada, mas resultava impossível resistir a ele e agora se encontrava metida em um bom apuro.

Sentia-se presa apesar de manter um sorriso cortês.

O que era ainda pior, depois do alarmante momento de paixão compartilhado ainda lhe dava voltas a cabeça, por isso não lhe ocorria o que fazer. Parecia que os acontecimentos estavam escapando a seu controle. Mas, ao mesmo tempo, vendo o prazer com o que a bondosa lady Thurloe recebeu a notícia do suposto enlace de seu irmão, Daphne não conseguia armar-se de coragem para destruir as esperanças da mulher.

No momento, seguir a corrente de maneira gentil parecia ser a opção mais prudente, embora os nervos foram apoderando-se dela. Apesar de que estava quase segura de que Max não planejara a inoportuna aparição de sua irmã, com cada tictac do próximo relógio de pé era, de algum modo, mais e mais consciente de que aquele homem frio e calculador se propôs fazê-la sua.

Diabos, se virtualmente podia sentir a pressão de sua vontade por impor-se a ela; uma invasão a sua soberania semelhante a qualquer das incursões ao outro lado do Reno efetuadas pelo Napoleão.

Não, não o estava acusando de ter organizado tudo de forma intencionada para que sua irmã os pegasse juntos e sem acompanhante; dera a impressão de estar tão surpreso como ela pela inoportuna visita. Mas, por outra parte, acreditava muito capaz de algo assim. No final de contas, acaso não era o mesmo tipo que tão convincentemente fingiu estar bêbado no Bucket Lane?

Certo que o fez para resgatá-la, mas perpetrar semelhante engano parecia ser algo muito natural para ele. Seriamente era alguém digno de confiança? Ou estava disposto a utilizar o que tinha ao alcance da mão, inteligência, riqueza e um maravilhoso corpo, com intuito de conseguir o que desejava? Por quê? Que demônios via Rotherstone de especial nela?

Mas não se tratava dela, e esse era o problema. Tudo girava em torno do que lorde Rotherstone desejava e ao que lorde Rotherstone pretendia ter. Esse homem acreditava que podia acrescentá-la a sua coleção como se fosse um daqueles quadros e estátuas com o fim de alardear dela assim como Albert desejou fazer e, o que era pior, para criar mais

Rotherstone que figurassem nos futuros retratos que penduriam da parede ao lado de seus antepassados. Durante um efêmero instante, Daphne sentiu desejos de matá-lo.

Sentia-se extorquida, mas era uma dama muito educada e dócil para iniciar uma briga nesses momentos. Não diante dos meninos nem de sua irmã. A final de contas, se Daphne se retratasse agora do compromisso matrimonial, como poderia justificar a escandalosa visita a aquela casa?

Estava entre a espada e a parede... Não, entre a espada e Rotherstone.

— Ah, te vai encantar estar casada — disse a condessa com nostalgia. —Sei que todo mundo se queixa, mas em realidade é muito agradável ter a alguém que se preocupe com você.

— Lady Thurloe, se me permite abusar de sua bondade — elevou levemente a voz, esforçando-se todo o possível por dissimular seu desespero, — em realidade não estamos... isto... preparados para anunciar nossas núpcias. Sua senhoria se declarou ontem.

— Sua senhoria? Ah, entendo. Ainda estão se conhecendo. Que encantador! Compreendo perfeitamente!— assegurou-lhes, sorrindo. — Posso ser discreta até que estejam preparados para fazê-lo público. Não ousaria me exceder em minha qualidade de irmã. Ao fim e ao cabo, meu irmão não perdoa facilmente. Tenha-o presente, senhorita Starling.

Daphne assentiu aliviada. Felizmente lady Thurloe não demorou muito. Apresentou aos meninos e, continuando, pegou-os pela mão preparando-se para partir.

— Bom, querido irmão, me alegro de te ter encontrado por fim em casa. Tomem cuidado quando saírem, tolinhos. Todos esses estúpidos seguem pululando pelo passeio e não queremos que algum rumor empane as boas notícias. Vamos, meninos.

— Acompanhar-te-ei à porta —se ofereceu Max.

-—Não é necessário, querido irmão. Fique aqui com sua prometida. Dodsley me acompanhará. Estou segura de que o fará com supremo gosto.

— Senhora—- repôs o mordomo sem nenhuma inflexão na voz, adiantando-se para cumprir com seu dever sem mostrar reação alguma ante o mordaz comentário.

A condessa se deteve na entrada para os olhar de novo.

— Max— disse vacilante, — me mantenha a par do que acontece em sua vida, por favor. Pode ser que nossos pais já não estejam vivos, mas você segue sendo meu irmão. É o único que fica. — Dirigiu-se a Daphne com um cálido sorriso: — Senhorita Starling, se posso lhe ser de ajuda para planejar as bodas, não duvide em me avisar. Para mim seria um verdadeiro prazer participar!

— Você é muito amável, milady. É obvio que lhe escreverei. — Daphne se sentiu comovida pela bondade de Beatrice.

Lady Thurloe assentiu.

— Dodsley pode lhe proporcionar a direção de nossa casa no Berkshire. Podem vir me visitar quando quiserem. Parabéns!

— Adeus! — exclamaram os meninos, despedindo-se com a mão.

— Adeus e obrigado! — respondeu Daphne, lhes devolvendo a saudação.

O senhor da casa permaneceu ali de pé, com os braços em jarras e uma expressão inexplicavelmente hermética, distante e sombria. Daphne voltou a vista para ele uma vez que partiram as visitas.

Que diabo lhe acontece? perguntou-se. Mas quando ele a olhou muito sério, decidiu não arriscar-se a perguntar.

— Deveria ir já, se não se importa — disse a jovem com precavido comedimento. — Está ficando tarde e meu pai se perguntará onde estou.

Max baixou o olhar, sumindo em desgraçados pensamentos.

— Certamente.

Retornaram à planta inferior com fria formalidade e contenção, onde o mordomo entregou a Daphne o chapéu e as luvas, e sustentou a jaqueta de lorde Rotherstone enquanto este a punha.

O silencioso passeio até o cabriolé foi seguido por um longo e incômodo trajeto até a vila familiar da jovem no South Kensington.

— Lamento profundamente a intrusão —disse Max ao fim.

— Tolices. — Daphne lhe dirigiu um sorriso nervoso. — Sua irmã é uma mulher encantadora.

— Sim. — Olhou entre as orelhas do cavalo para o caminho que se estendia à frente.

Daphne o estudou enquanto se perguntava o que era que acontecia. Recordou que Max tinha falado de seu pai, um homem em excesso aficionado ao jogo, sem mostrar o mínimo afeto e que mencionou ter derrubado o lar de sua infância e construído em cima. Tantos anos viajando e o abandono a que submeteu a sua irmã, conforme havia dito ela mesma, inclusive depois de ter retornado... e, além disso, estava a críptica advertência de lady Thurloe...

Meu irmão não perdoa facilmente.

— Você guarda as distâncias com sua família — disse com suavidade.

Silêncio.

— Fizeram-lhe algo?

— Não estamos unidos, isso é tudo.

Rotherstone acelerou a velocidade quando desciam por uma sombreada vereda. A tensão que irradiava o marquês começava a crispar os nervos de Daphne.

Oxalá lhe contasse o que ocorria, mas se fechou como se tratasse de uma fortaleza e ela se encontrava fora de seus muros. Nem o entendia nem lhe parecia justo. Depois do que explicou sobre si mesmo e das coisas que ele fez, coisas íntimas que jamais confessou a ninguém - como no dia anterior, quando tocou na dor que sentia ainda pela terrível perda de sua mãe, incomodava-lhe que ele queria saber tudo dela e que logo a excluíra quando lhe pedia o mesmo de sua parte.

O remorso de Daphne por aquele contínuo silêncio aumentava à medida que percorriam o caminho de volta a sua casa. Se aquele homem desejava ser seu marido, por que atuava então como um estranho?

Daphne foi incapaz de conter-se por mais tempo.

— Não me ocorre o que poderia ter você contra lady Thurloe. Parece uma boa pessoa.

— Ah, e o é, disso não cabe dúvida. E seu marido é mais virtuoso ainda. — Virtualmente cuspiu aquelas palavras.

A veemência do qual fez uso a aconselhou que não continuasse com o tema. Daphne dirigiu novamente a vista à frente, com o coração lhe pulsando com força.

— O que vamos dizer? Sua irmã pensa que vamos nos casar.

— E vamos fazê-lo. — Ao ver que ela guardava silêncio, Max perguntou com brutalidade: — O que?

Daphne sacudiu a cabeça, preferindo optar por mostrar-se comedida em vez de ceder ao impulso de golpeá-lo na cabeça.

— Ah, o que sei eu? Se for assim como trata às pessoas que se preocupam com você, não augura nada bom a sua futura esposa.

— Isso é diferente.

— Seriamente? Por que os odeia tanto? O que é que lhe fizeram?

— Não os odeio — replicou. — Simplesmente me importam um nada.

— Max — lhe brigou com suavidade. — Você não mente tão bem.

Aquele comentário o fez voltar-se para ela com uma faísca de surpresa nos olhos; mas se tinha uma resposta preparada, a guardou para si e continuou conduzindo a carruagem sem dizer nada.

— Suponho que bem poderia estar falando com uma parede — comentou Daphne a ninguém em particular enquanto tirava um pelo da luva. — Por que não me conta o que aconteceu?

— Porque não aconteceu nada.

— Assim, fugiu a Europa para escapar de sua família. Eles supunham uma ameaça maior para você que a guerra em curso?

Rotherstone lhe dirigiu um olhar impaciente, admonitório em realidade, mas não respondeu. Daphne sabia que ele estava se zangando, e embora era um homem em extremo formidável, ainda não estava preparada para deixar o assunto.

Quanto mais se negava ele a responder, mais se enfurecia ela.

Aguardou um momento e logo se armou de coragem para realizar uma última pergunta.

— Por que não foi ver sua irmã quando retornou à cidade? Deve resultar doloroso e morrem de vergonha se inteirar por terceiros que você frequentou ao baile dos Edgecombe...

— Me faça um favor — a interrompeu bruscamente. — Não me diga como devo tratar a minha irmã e eu não lhe direi como deve lutar com sua madrasta, de acordo?

Daphne se estremeceu ante seu tom cortante, mas acertou a vislumbrar o turbulento sofrimento que subjazia sob a forte e refinada fachada daquele homem.

Rotherstone a olhou com dureza.

— Seus mucosos receberão uma substanciosa herança de mim. Isso é a única coisa que lhes importa ou a outros.

— Não é assim. É evidente que lhe quer!

— Você é uma ingênua — balbuciou Max com amargura.

Sentindo-se ferida por suas palavras, Daphne o olhou fixamente.

— Ao menos não sou uma desalmada.

Max fez uma profunda inspiração e se isolou por completo dela.

Não voltaram a dirigir a palavra durante o resto do caminho. Por sorte já quase haviam chegado, embora os últimos minutos pareceram fazer-se eternos. A carruagem se deteve por fim diante da casa e, uma vez mais, o marquês puxou o freio, apeou-se e rodeou o veículo para ajudá-la a descer.

— Chegamos. — Estendeu-lhe a mão, mas longe de fazer uso do encanto que mostrara a fim de persuadi-la para que entrasse em sua mansão, a expressão do Max era nesses momentos de todo inescrutável.

Aqueles olhos, cheios de segredos, só lhe devolviam desafiantes as perguntas sem

responder, tão brilhantes e inflexíveis como a folha plaina de uma espada. Lutou consigo mesma por deixar passar o assunto. De acordo! *Se não desejava confiar nela, o que podia fazer a respeito?*

Se era assim como ele queria que fosse, Daphne só desejava não ter permitido que a beijasse ou ter sido o bastante tola para deixar-se enrolar para entrar em sua casa estando os dois sozinhos. Foi uma loucura de sua parte pôr em perigo sua reputação com um homem que a única coisa que desejava era um pulso de porcelana sobre o suporte, não uma esposa, nenhuma pessoa viva com capacidade para pensar. Baixou a vista ardendo de fúria, aceitou aquela mão firme enquanto recolhia um pouco as saias e desembarcou daquele ridículo e chamativo cabriolé.

Sem mediar palavra, Max a acompanhou até a porta.

Deu as graças ao céu porque ninguém de sua família saísse a aporrinhá-la. O mais provável era que tivessem ido celebrar a possibilidade de poder desfazer-se dela por fim. Pouco sabiam que a celebração era prematura, já que não pensava casar-se com aquele homem tão duro e frio como um iceberg que, além disso, era grosseiro e dominante.

A gente dizia que o inferno ardia em chamas, mas não podiam estar mais equivocados: o Marquês Perverso reinava em um submundo de frio e escuridão.

— É necessário que o dia se estrague? — Inquiriu Rotherstone com voz suave quando se aproximaram da elegante entrada da casa. — Considero que tudo estava indo muito bem.

Daphne deu a volta repentinamente, incapaz de conter-se.

— Quero lhe fazer uma pergunta!

— Outra? — murmurou Max com secura.

— Sim, e não vai agradar-lhe! Mas agradeceria que me respondesse com toda franqueza.

Rotherstone se limitou a olhá-la fixamente.

— Não lhe terá ocorrido organizar tudo para que sua irmã aparecesse enquanto estávamos juntos, verdade?

Os olhos do marquês brilharam com furioso estupor.

— É obvio que não. — Sacudiu a cabeça. — Deus santo, não confia em mim absolutamente, não é assim?

— Em você, que propunha manipular à alta sociedade? Não!

— Daphne.

— Como posso confiar em você se não lhe conhecer e como posso conhecê-lo se não falar comigo? — Max baixou o olhar sem ter uma resposta a aquilo, ao que parece.

Daphne o estudou com atenção.

— É um homem complicado, lorde Rotherstone.

— Vivemos em um mundo complicado — replicou com o semblante transformado em granito. A excluíra do mesmo modo que o fez com sua irmã.

Que classe de matrimônio lhe estava oferecendo? Compartilhar a vida e o leito virtualmente com um desconhecido? A fortuna como substitutivo do amor?

De acordo. Daphne assentiu tensa pela ira, com uma aguda pontada de decepção.

— Muito bem. — Deu meia volta, sabendo o que devia fazer. — Adeus, lorde Rotherstone.

— Senhorita Starling... espere.

— O que quer agora? —Sacudiu o braço para liberar o cotovelo que lhe agarrara com suavidade.

Max contemplou seu rosto, sem saber o que dizer.

— Supõe-se que devo me enternecer porque se comporta como um amargurado?

— Simplesmente sou assim— disse ele com grosseria. — Lhe rogo que não se enfureça. Já o disse que não era perfeito. Mas o estou tentando.

— Não, não o tenta, Max.

— Sim que o tento! Quer que o demonstre? Parece! Quando retornar a casa, eu... — Tentou encontrar algo que pudesse demonstrar que era digno de sua sinceridade. —Me barbearei o cavanhaque! — declarou pensando seriamente que ela voltaria a cair rendida a seus pés. Que poderia sair-se com a sua.

O meio sorriso esperançado e divertido com que ele a obsequiou o dizia tudo. Mas Daphne o olhou com expressão gélida.

— Não se incomode — replicou; logo entrou na casa e deixou que a porta se fechasse de repente no aristocrático nariz do marquês.

Capítulo 10

Aquela noite Dresden Bloodwell chegou a Londres para ocupar seu novo posto em substituição do Rupert Tavistock. Instalou-se nas luxuosas novas dependências e se preparou para começar a trabalhar. Durante a viagem da França, estudou a informação que Malcolm o entregou com relação aos diversos projetos e contatos de Tavistock.

Agora que conhecia com detalhe suas tarefas, estava impaciente por continuar onde Tavistock deixou; não obstante, sua forma de abordar as coisas era muito diferente a de seu predecessor.

Tavistock foi preguiçoso e bastante tímido.

Desdren não compartilhava tais defeitos nem era partidário de perder o tempo. Era um homem completamente eficiente e, por essa razão, Malcolm o encomendou uma tarefa adicional que o líder tinha oculto de forma deliberada ao resto do Conselho.

Dresden tinha ordens de encontrar um substituto para o agente que infiltraram no Carlton House, a residência privada do regente em Londres.

Carlton House estava incrustada no Pall Mall e sempre se achava cheia de aduladores e cortesãos de Prinny, dandis consentidos e excêntricos hedonistas. O espião prometeo infiltrado naquela mansão foi descoberto e eliminado fazia alguns meses por um dos malditos guerreiros da Ordem, de modo que Dresden devia procurar ou recrutar a alguém novo que ocupasse seu lugar; alguém que pudesse impor sua vontade mediante o temor ou a cobiça, ou ambas as coisas de uma vez. Entretanto não havia muito onde escolher, tendo em conta que não muitos aristocratas ostentavam um título o bastante importante para ser dignos de contar com as simpatias do regente.

Aquilo seria uma verdadeira proeza, mas Dresden estava ansioso por atacar a tarefa. Fazia

tempo que se aborreceu de seu talento para matar. Dresden contava com uma cópia do Debrett Peerage[7] em uma mão, em cujas detalhadas listas figuravam todos os aristocratas varões de Londres, além disso do nome de um dos membros de menor relevância do Prometeo que lhe proporcionou Malcolm a fim de que pudesse introduzi-lo na alta sociedade. A partir daí seria simples questão de observar a diferentes homens de alto berço até que pudesse identificar a alguns possíveis novos recrutas. Com o tempo se concentraria em um mediante um processo de eliminação. Uma vez escolhido o candidato, a parte divertida seria dar com o ponto de pressão adequado.

Sorriu espectador enquanto olhava pela janela a agitada cidade de Londres. Tencionava demonstrar a Comissão que a confiança depositada nele estava justificada.

Logo haveria mudanças no Conselho.

Mais tarde, aquela noite, Daphne se encontrava sozinha em seu dormitório sentada diante da penteadeira. Pegou lenta e vacilante o pequeno estojo que lorde Rotherstone levou no dia anterior. Até esse momento teve medo de abri-lo, mas supunha que, no mínimo, devia ao enigmático marquês a cortesia de fazer honra a seu presente.

Daphne puxou de um dos extremos e o laço se desfez, depois do qual o gato da família, que subira a penteadeira com um ágil salto, ficou a brincar com a cinta. Era incapaz de deixar de pensar nem um só instante naquele homem. Estar perto do marquês do Rotherstone era igual a encontrar-se diante de uma profunda caverna que só Deus sabia aonde conduzia.

A algum sombrio labirinto subterrâneo. Apesar de que outras mulheres se renderam ao irresistível impulso de entrar e começar a explorar aquela escuridão, Daphne era capaz de perceber o evidente perigo que emanava. Sendo como era, uma pessoa racional, teve a sensatez de dar meia volta e afastá-lo mais rápido possível.

E entretanto... Deslizou a ponta de um dedo sobre a fresta da caixa de cartão pintado e abriu a tampa sucumbindo à curiosidade. Um pacote de seda negra ocultava o presente. A jovem ficou boquiaberta ao retirar o lenço, que caiu sobre seu regaço, e ver o conteúdo. Tomou o impressionante colar de safiras e diamantes e o sustentou junto à vela enquanto o olhava com assombro. Aquela luxuosa peça brilhava como a luz do sol no mar, sobre tudo a cintilante gema central, uma safira azul de talha redonda bordeado por deslumbrantes diamantes.

— OH, pelo amor de Deus! Quem acredita que sou, a rainha? — disse-lhe entre dentes ao gato, rindo com certo nervosismo.

O presente tinha como objetivo impressioná-la e, para falar a verdade, conseguira. Mas também confirmou suas suspeitas com respeito aos verdadeiros motivos do marquês e o empenho que tinha posto em que ela aceitasse o convite a sua casa. Rotherstone estava convencido de que podia suborná-la, deslumbrá-la com sua riqueza e poder, e conseguir assim

[7] *É um livro impresso, como um guia genealógica da aristocrática sociedade britânica. Ou seja, nela continha o nome de cada ente da alta sociedade e seus ancestrais.*

desse sua conformidade a aquele matrimônio.

Que homem tão exasperante e teimoso! De verdade pensava que aquilo era quanto importava na vida? O brilho do colar chamou a atenção do gato, que inclinou as escuras orelhas para diante. Daphne sustentou a peça em alto e a balançou suavemente diante do animal. Este seguiu o movimento com sua peluda cabeça, e enquanto tentava alcançá-lo com a pata, o rosto de Daphne adquiriu uma expressão afligida.

Ainda cabia a possibilidade de que seu pai tivesse acertado o enlace para cobrir as perdas na Bolsa, mas se a situação era tão premente, o mais seguro era que o tivesse contado. Seu pai seguia lhe dizendo que tudo ia bem e, depois de como foram as coisas entre seu aspirante a marido e ela, desejava com todas suas forças acreditar em sua palavra. Provavelmente deveria lhe perguntar sem andar-se pelas beiras, pensou Daphne, mas o certo era que, nesses momentos, não desejava sabê-lo.

A única coisa que queria era livrar-se de um matrimônio ao que, começava a pressentir, estava condenado. Jonathon, recordou-se sem muito entusiasmo. Ia casar se com o Jonathon algum dia. Ele não fazia que se sentisse tão ameaçada. De nada servia recordar a avassaladora paixão que sentiu nos braços de lorde Rotherstone quando a beijou.

Era um alívio saber que jamais padeceria tamanha tortura quando se casasse com seu amigo de infância. O qual era bom, pois a experiência sensual de Max ameaçava despojá-la de seu autocontrole.

— Lamento, lorde Rotherstone — sussurrou. — Mas temo que não lhe convenho.

Ato seguido, tendo tomado já uma decisão, envolveu de novo o colar na seda negra, colocou-o no estojo e atou o laço. Não desejava ter nada mais que ver com aquele presente nem com o Marquês Perverso. Rotherstone se devotou a lhe proporcionar assessoramento no referente ao orfanato e confiava bastante na honra daquele homem para acreditar que não seria tão mesquinho de vingar-se dela negando-se a ajudar as crianças. Mas se no fundo era tão ruim e descumpria sua caridosa oferta, então demonstraria não ser melhor que Albert e, portanto, alegraria-se ao saber que conseguiu livrar-se de casar-se com outro canalha.

Aproximou-se da janela com expressão pensativa e tomou assento no canto, com uma prancha sobre o regaço. Afiou a ponta de uma pluma e a provou sobre o dedo para certificar-se de que fez um bom trabalho, pois o necessitava para poder brigar com aquele homem.

Logo tirou uma folha de papel cor creme com seu monograma elegantemente gravado nela e molhou a pluma na tinta cor anil enquanto considerava como expressar a que era já sua quarta negativa a um pretendente.

Hum... Possivelmente merecia a reputação de cabeça-de-vento que se estava levando.

No dia seguinte, Max tomou o café da manhã em sua casa com o Warrington e Falconridge depois de que os três tivessem aparecido pela manhã na academia de esgrima. Seus amigos estavam animados, mas Max se encontrava de um humor estranho. Depois do inesperado giro

que tomou o encontro com Daphne no dia anterior, nem sequer o esforço realizado no treinamento exorcizou seu descontentamento.

Frestas de ira reprimida começaram a irromper na serena superfície de seu habitual cometido controle. Enquanto que seus amigos brincavam sobre nada em particular, contentes simplesmente porque ao fim o peso do mundo não pendesse sobre seus ombros, Max se surpreendeu dando voltas na cabeça ao preço que tinham pago por pertencer à Ordem.

Sua família foi responsável e essa, supunha ele, era a autêntica razão de que estivesse evitando a sua irmã desde sua volta à cidade. É obvio, B não teve nada que ver com a decisão de seu pai de entregá-lo ao Buscador em troca de uma grande soma de dinheiro, mas sempre que Max olhava a sua irmã, não podia evitar ver um membro daqueles que o venderam como escravo, quando não era mais que um menino, um inocente, totalmente conscientes de que poderia acabar morto.

Não era de se admirar que não desejasse ver sua irmã até que estivesse preparado para fazê-lo. Mas desde que Daphne tinha tirado a luz seu cruel comportamento com B, e em consequência que viu a frieza que mostrava a sua irmã através dos olhos da jovem, sentia-se como um miserável canalha pelo desprezo com que tratava ao único parente carnal que restava. Esteve tão preocupado por suas cicatrizes que não teve em consideração os sentimentos de B.

Além disso, ver sua irmã já adulta e mãe de seus próprios filhos fez com que fosse consciente, de novo, de todo o tempo que perdeu. Sabia que era imperativo liberar a guerra contra os Prometeo, mas agora também compreendia a que tipo de exploração foi submetido quando era muito jovem para entender no que se metia. Talvez a Ordem fosse o lado bom naquela batalha, mas não duvidou nem um só instante em aproveitar-se da desgraça de sua família.

Max ignorava o que fazer com respeito ao ressentimento, cada vez maior, que sentia para seu velho mentor, Virgil. Mas como seu pai estava morto, não tinha a ninguém mais a quem culpar.

Deixou a um lado todo aquele doloroso monte de sentimentos e se recordou uma vez mais que a guerra acabou. O que importava era continuar com sua vida e seu futuro com Daphne... E entretanto, os espinhos que ficavam cravados, produzidos por todas as experiências traumáticas que viveu, começaram a criar conflitos entre eles; tal e como aconteceu no dia anterior.

Max via já com toda clareza até que ponto o voto de secreto jurado à Ordem isolava a ele e a seus amigos e ameaçava impedindo que formassem verdadeiramente parte do mundo. Seus votos os separavam da humanidade a que protegiam e faziam que Max fosse incapaz de contar a Daphne quem era em realidade. Ela queria respostas, mas as perguntas o deixaram perdido, completamente desorientado. Seu cérebro calculador não servia de nada naquele reino. Quem demônios era ele? Resultava-lhe quase impossível encontrar a autêntica verdade sobre si mesmo enterrada debaixo de tantos anos de falsidade e engano.

Havida conta de que se converteu em um consumado camaleão, qual de suas personalidades se supunha que devia responder às perguntas? Que versão do Max: o Distinto Viajante, o presumido Marquês Perverso? Ou o homem que havia sob todos eles? Retraído e

solitário, embora não o reconheceria nem sequer sob tortura. Ela jamais quereria a esse Max. Nunca ninguém o quis.

Os segredos tinham o inconveniente de escapar de vez em quando e, até o momento, Max arrumou para ocultar aquele em concreto: o verdadeiro motivo de que tivesse escolhido a Daphne.

Nos olhos azul céu da jovem percebeu uma grande capacidade de amar e uma bondade de coração que, apoiando-se em tudo o que sabia a respeito dela, o fazia albergar esperanças de que algum dia seu desejo mais oculto se visse completo por fim. O desejo de algo que nunca experimentou e que jamais pensou que poderia chegar a sentir até que a conheceu. Era muito perigoso. Em seu foro interno fugiu disso, horrorizado ao compreender naquele instante o que realmente o impulsionava: a desesperada necessidade de amor.

Mas, santo Deus, se não podia compartilhar quem era com ela, pensou desesperado, *como ia conquistar o coração e o amor que tanto ansiava?*

— Por certo — disse Jordan, — algum dos dois vão assistir ao baile do final do verão na próxima semana? Que se celebra no Richmond?

Max ocultou seu sofrimento a seus amigos. Os homens trocaram um olhar de aborrecimento.

— Por que diabos não? — Declarou Rohan com secura. — Animaremos um pouco as coisas. E pode ser que Max nos apresente a sua futura esposa.

Os dois escrutinaram espectadores ao aludido.

Max deixou escapar um suspiro pesaroso. Desejava que conhecessem Daphne mas, Por Deus bendito, aqueles eram seus companheiros do infame Clube Inferno e, depois do acontecido no dia anterior, a situação com a jovem já era bastante precária.

Antes de que Max pudesse explicar-se, Dodsley entrou levando uma bandeja.

— Milord?

— Sim? — voltou-se para o mordomo. — O que acontece?

— Um criado da residência da senhorita Starling acaba de entregar isto junto com uma nota para você, senhor. Me pediu que me encarregasse de que o recebesse em seguida.

Max jogou uma olhada à bandeja de prata que levava Dodsley e seu olhar recaiu sobre o estojo que continha o presente que deu a jovem. Nada mais que vê-lo lhe gelou o sangue e o coração começou a lhe palpitar com força.

— Dê-me isso.

Dodsley entrou na sala da manhã disposto a acatar a ordem.

— Que tenro — repôs Rohan indolente. — Onde posso encontrar a uma moça que me envie presentes?

— Não acredito que o envie um presente, Warrington — disse Jordan com cautela ao perceber que Max se pôs lívido. — Me parece que se trata de algo que a jovem dama... devolve.

— OH, maldita seja — murmurou o escocês enquanto Max abria a breve nota e a lia.

Querido lorde Rotherstone:

Agradeço-lhe, uma vez mais, que me tenha honrado com sua oferta mas, infelizmente, devo recusar. Se consultar seu coração acredito que estará de acordo comigo em que jamais combinaremos. Temos valores muito diferentes. Por favor, saiba que lhe desejo todo o melhor e que espero que possamos ser amigos.

Respeitosamente,

A honorável senhorita D. Starling

Amigos? Levantou a vista da carta jogando faíscas pelos olhos.

— Dá ordem nos estábulos de que selem o semental.

— Está rechaçando também a ti? — perguntou Rohan sem rodeios.

— Por cima de meu cadáver. — Max se levantou irado e se dirigiu para a porta. — Se me desculparem, cavalheiros, parece que há assuntos que requerem minha atenção.

— Boa sorte, Max — lhe desejou Jordan.

— Não necessito sorte — espetou entre dentes. — Sei bem como dirigi-la, me acredite.

Guardou a nota e o colar de safiras no bolso do peito e saiu feito uma fúria, jurando a si mesmo que Daphne não se sairia com a sua. Negava-se que o rechaçasse como se fosse um dom ninguém.

Sob a cólera, entretanto, subjazia o desconcertante temor a que se alguém tão compassivo como Daphne Starling era incapaz de preocupar-se com ele, ninguém mais o faria. Sempre estaria sozinho. E não podia suportar, não podia tolerar; não consentiria que o rechaçasse. Não depois de tudo o que entregou, de tudo que sacrificou. Chegou sua hora e ela era a recompensa que escolheu, o prêmio que conseguiria custasse o que custasse.

Em questão de segundos subiu a lombos do imponente semental negro, saiu à rua e galopou como a alma que leva o diabo para South Kensington.

Era uma bênção encontrar-se, por uma vez, só em casa. Toda a vila estava sumida em um maravilhoso silêncio. Penelope saiu com as meninas para fazer compras na cidade, levando consigo a Wilhelmina para que a ajudasse. Seu pai as levou na carruagem e visitaria seus amigos do White's enquanto as damas faziam compras.

Daphne se achava no terraço que dava ao jardim posterior da casa acomodada em um banco de pedra. Sobre o colo sujeitava precariamente o caderno de desenho enquanto movia a mão em longos e preguiçosos traços, esboçando a lápis-carvão os pássaros que se congregavam em torno da fonte para aves. Devido à ausência de sua ruidosa família, os únicos sons que se ouviam eram os da brisa sussurrando entre as folhas amareladas das árvores e o gorjeio dos pássaros revoando pelo jardim.

O silêncio era bom para poder pensar, embora estava atenta a qualquer som que indicasse que William, o lacaio, houvesse retornado de fazer o recado que o encarregou. Tendo em conta quão custoso era o colar de safiras, pedira ao lacaio que entregasse pessoalmente a Dodsley, o

mordomo de lorde Rotherstone.

O grande enigma era como ia reagir o Marquês Perverso a seu rechaço. Embora, devia ser franca, depois da desagradável despedida do dia anterior, o mais provável era que se sentisse aliviado, pensou Daphne.

Não resultaria complicado para ele encontrar a outra mulher que não se importasse que ele se fechasse atrás de muros de silêncio. Mas ela não desejava passar o resto da vida tentando decifrar o significado oculto das palavras ou brigando com os tormentosos e inescrutáveis arranques de mau humor do marquês.

E entretanto não deixava de ser curioso que tivesse a sensação de tê-lo abandonado ao enviar a nota junto com o colar de safiras. Esse homem não conhecia ninguém na cidade, insistia em lhe recordar seu coração como um suave sussurro no vento. As pessoas não o compreendiam. As coisas que diziam a respeito dele eram quase tão injustas como as mentiras que Albert contava sobre ela.

Rotherstone era um homem imprevisível, por isso não cairia na tolice de predizer qual poderia ser sua resposta, em caso de que se incomodasse em lhe responder. E esse era o motivo pelo qual ainda não falou a seu pai que rechaçou a proposição do marquês. Parecia-lhe prudente certificar-se de que entre eles tudo tivesse terminado definitivamente antes de comunicar a notícia. Afinal, se falasse muito cedo, antes de que a ruptura fosse definitiva, seu pai e seu aspirante a prometido poderiam unir forças contra ela uma vez mais e obrigá-la a aceitar o matrimônio.

Justo naquele instante, em meio da quietude, escutou o som amortecido de uns cascos de cavalo aproximando-se da parte dianteira da casa e entrando no pátio.

William.

O coração começou a martelar seu peito imediatamente. Deixou o caderno de desenho e o lápis de carvão a um lado e ficou em pé de um salto. Logo recolheu as saias do vestido de passeio verde escuro e se apressou a entrar na casa, atravessando-a para inteirar-se das novas que lhe trazia o lacaio da parte de lorde Rotherstone.

Percorreu o corredor central para a porta principal e, quando abriu e saiu com celeridade para fora, ficou boquiaberta.

Não era William quem chegou à vila, a não ser o próprio Marquês Perverso, galopando a lombos de um poderoso semental negro. Um medo instintivo a invadiu quando lhe lançou um olhar raivoso com aqueles olhos claros transbordantes de fúria, ao mesmo tempo que puxava as rédeas do animal e o fazia deter-se em seco.

Daphne tragou saliva quando ele desceu da sela, ordenando ao semental que não se movesse, e ficou pálida ao vê-lo dirigir-se a ela com passo enérgico e expressão colérica.

— Daphne!

Um fraco grito escapou dos lábios da jovem e se meteu rapidamente de novo na casa, jogando-se contra a porta para fechá-la. Mas antes de que pudesse fazê-lo, o marquês plantou a mão enluvada nela, introduzindo ato seguido uma poeirenta bota de montar na fresta.

— Não te atreva — lhe advertiu. — Vamos falar sobre isto. Me deixe entrar.

— O que acredita que está fazendo? — Tentou fechar a porta. — Vá embora!

— Daphne, não pode me impedir a entrada. Te afaste!

A jovem tentou não ceder terreno quando ele empurrou com força mas, em vez disso, as leves sapatilhas que levava escorregavam sobre o chão de madeira.

— Maldito seja! — gritou Daphne fazendo-se a um lado.

— Olhe a linguagem—- disse com frouxidão, cruzando a soleira.

Nos olhos do marquês se vislumbrava uma faísca de recriminação e dava a impressão de ser muito mais alto e sinistramente ameaçador, com aquela roupa negra e a branca camisa solta que luzia sob a jaqueta. Não levava lenço no pescoço e tinha o mesmo aspecto desalinhado e perigoso que aquele dia no Bucket Lane, quando o viu saindo do bordel.

Com uma só exceção: barbeou o cavanhaque, tal e como prometeu no dia anterior, em um esforço por agradá-la. *Que encanto!* Santo Deus, era incapaz de lhe tirar os olhos de cima enquanto retrocedia. Recém barbeado, Rotherstone estava simplesmente esplêndido. Parecia uns anos mais jovem e dez vezes mais arrumado. Mas se negava a reconhecer que aquele homem de corpo escultural tivesse algum efeito sobre ela.

Não ia casar se com ele e não havia mais nada que falar.

Max olhou a seu redor, reparando em que estavam sozinhos na casa. Aqueles olhos refletiram fugazmente suas perversas intenções enquanto se voltava de novo para ela, escrutinando-a com gélida e feroz recriminação, e se despojava das luvas de montar.

— Esta não é a forma de receber a seu futuro esposo, meu amor.

— Como se atreve a irromper aqui como se fosse um ladrão?

Rotherstone se aproximou dela, com expressão desafiante, estreitou-a entre seus braços e a beijou bruscamente.

O coração de Daphne retumbava com violenta confusão enquanto ele invadia sua boca em um beijo possessivo e conseguia que seu estúpido corpo reagisse de forma similar a como o fez na galeria no dia anterior. De fato, a apaixonada resposta era até mesmo mais intensa agora que ele barbeou o queixo e já não a arranhava. Mas se negou a deleitar-se no sensual roce de pele contra pele.

Desprendia um incrível aroma puramente masculino e, quando Daphne plantou a mão no peito para tentar escapar dele, sentiu a quente pele nua ali onde lhe abria um pouco a camisa.

Max tentou atraí-la contra si mas, com um grunhido desesperado, a jovem recorreu a toda sua fúria e encontrou a força que necessitava para empurrá-lo.

— Me solte! Você não é meu futuro marido — adicionou entre fôlegos.

— Daphne — brigou suavemente. — Já é minha.

— Está cometendo um grave engano! Não pertenço a nenhum homem... E você não deveria estar aqui. — Deu outro passo para trás. — Como pode ver, estou sozinha.

— Já não — sussurrou, olhando-a com luxúria.

Aquilo a deixou fora de combate e fez que lhe tremesse o corpo. Daphne sacudiu a cabeça tentando limpar-se.

— Pode sair sem que o acompanhe. Meu pai chegará a casa de um momento a outro —

mentiu por fim.

Sem esperar mais por temor a ver-se presa novamente por ele, girou fazendo alarde de grande confiança em si mesmo e se retirou a familiar segurança do salão com as pernas tremendo.

Mas, alarmada, percebeu que com cada passo que dava podia escutar o pausado e rítmico repico das botas do Max seguindo-a como um caçador que espreita a sua presa. Quando chegou ao salão deu meia volta para encarar-se com ele com os braços cruzados sobre o peito com firmeza. Por sorte, então foi atrás dela, lorde Diabólico estimava que, ao menos no momento, o prudente era manter uma distância segura.

Como se de algum modo soubesse que ela não desejava em realidade que partisse.

Rotherstone a olhou com receio enquanto e levava a mão ao bolso. Quando a tirou de novo, por entre seus dedos fechados apareciam os extremos do colar de safiras.

— Por que me devolveu? — exigiu saber, olhando-a com olhos acusadores.

Ela tragou saliva com força elevando ligeiramente o queixo.

— Era-me de todo impossível aceitá-lo. Devolvê-lo era o correto.

— O correto? — repetiu, fazendo uma careta levemente zombadora. — Te pareço um homem com quem pode brincar, minha querida senhorita Starling?

— Não é uma brincadeira — repôs Daphne com calma. —Se houver alguém que está brincando, esse é você.

— Que me crucifiquem se estou brincando! — espetou. — Não aceito que me devolva isso. É seu. Importa-me pouco o que faça com ele. — Jogou-o na mesa do fundo como se não fosse mais que uma bagatela.— Como se atreve a me enviar essa... essa... nota de rechaço sem nenhum tipo de explicação? Com quem acredita que está tratando?

Daphne procurou não deixar-se esmagar por aquele desdobramento de fanfarronice e se obrigou a mostrar uma imagem de serenidade na medida do possível.

— Dava-lhe uma explicação na nota. Acredito que disse com bastante clareza que pressinto que não parecemos o um para o outro.

— Por quê? — exigiu saber Max.

— Porque somos muito diferentes.

— Em que sentido? Defende sua postura. Me demonstre que não está sendo volúvel e vaidosa como dizia Carew!

Daphne respirou entrecortadamente ao escutar aquela provocação, pois reconhecia a responsabilidade.

— Temos valores muito diferentes, milord, tal e como o disse sem rodeios em minha nota.

— Como é possível?

— Que como é possível? — mofou-se. — Você frequenta bordéis! Relaciona-se com libertinos! Trata a sua própria família como se fossem estranhos e, se tratar a sua irmã desse modo, estou convencida de que será só questão de tempo que eu sofra a mesma indiferença por sua parte por causa de alguma transgressão involuntária.

— Não sabe nada do assunto.

— Perguntei-lhe e se negou a me contar isso. Pediu minha mão mas nem sequer deseja que

o conheça. O que devo fazer com um homem que afirma apreciar meu coração mas que não compartilha o seu comigo?

Daphne prosseguiu, encorajada pelo olhar atento, embora furioso, do marquês.

— Talvez você estivesse de acordo com um matrimônio apoiado na conveniência, mas já o disse que eu necessito mais que isso... e não refiro-me a posição nem riqueza. Desculpe-me se não me deixo deslumbrar por sua fortuna e poder.

— Isso só faz que te deseje mais — aduziu sossegadamente. Seu olhar se tornou mais intenso quando deu um passo para ela. —Vamos, Daphne — insistiu com voz profunda e firme. —Que demônios mais necessita?

— Acredita que tenho um preço? Um colar mais caro, uma casa maior? É assim como mede tudo? Porque é uma verdadeira lástima. Ou simplesmente se trata do que opina de mim? Acaso esta casa lhe parece um bordel mais? — Elevou a voz em consonância com sua crescente ira. — Para sua informação, lorde Rotherstone, não estou a venda... diga o que diga meu pai. Mas se conspirar com ele para achar a forma de me obrigar a acessar, deixe que lhe advirta de antemão que aprendi com Penelope como fazer a vida de um marido impossível — concluiu com um gélido sorriso.

Max ficou olhando-a.

— Vá, vá, vá — disse ao fim. — Parece que dei com uma ferinha. A dama perfeita, né? Sabia que as aparências enganavam com respeito a ti.

Max passeou inquieto pelo salão enquanto passava a mão ao longo da recém barbeada mandíbula.

— Por favor, vá embora— disse Daphne, negando-se a morder o anzol. — Já tem minha resposta.

— Não.

— Não? — repetiu, franzindo o cenho assombrada. — Vai me obrigar a chamar as autoridades?

Rotherstone deslizou o olhar sobre um dos quadros da parede e, continuando, examinou-a de soslaio.

— Por que teria que fazer algo semelhante? Acaso me teme?

Daphne entrecerrou as pálpebras e elevou o queixo.

— É obvio que não.

— Sei — respondeu com voz suave. — Essa é outra razão de que te deseje, Daphne.

— Deixe de dizer isso!

— Mas é certo.

— Por que está tão obcecado comigo? — gritou. — Você não quer uma esposa, o que de verdade quer é outra obra de arte para sua coleção! Assim, continue procurando, o rogo! Há muitíssimas jovens mais bonitas que eu.

— O aspecto me importa tão pouco como te importa minha fortuna. Desejo a ti — adicionou, encaminhando-se para ela com maior resolução.

— Com que fim? — exclamou. — Ah, naturalmente... como égua para cria! Bem, se tanto

empenho tem em restabelecer o bom nome de sua família, deveria procurar uma esposa que não tenha sido o alvo das falações da sociedade.

— Nada disso me importa já. — aproximou-se. — Desejo só a você, Daphne.

— Por quê?

Precisava ouvi-lo dizer, saber se era verdade. *Porque te amo.*

— Porque sim — grunhiu, negando-se a dizê-lo. Daphne sacudiu a cabeça.

— Quer me ter só para que permaneça a distância. Ontem fui testemunha de como exclui às pessoas e eu não gostei, Max.

— Também eu experimentei algo ontem. E desejo mais. — tentou agarrá-la, mas Daphne escapou.

— Você quer, você quer! É isso a única coisa que importa?

Incapaz de fazê-lo raciocinar, Daphne compreendeu que chegara o momento de recorrer a sua última arma secreta.

— Lamento-o, Max. Meu pai deveria tê-lo contado. Estou interessada em outro homem. — Procurou fazer que a expressão de seu rosto resultasse convincente. Ao final de contas era certo, embora de repente lhe parecesse uma mentira. — Alguém que me é muito querido, a quem amo e que me ama. Não posso me casar com você, pois já entreguei meu coração a outro.

Max a estudou durante um segundo e logo começou a rir suavemente.

— Que graciosa é.

— Q... o que?

— Imagino que te refere ao jovem senhor Jonathon White.

Daphne abriu os olhos desmesuradamente.

— Conhece-o? — sussurrou, e imediatamente se perguntou se acabava de cometer um terrível engano. *Santo Deus!* — Não pensa lhe fazer dano? —gritou.

Max ficou olhando-a.

— Me prometa que não o tocará!

Rotherstone a observou irritado.

— É provável que também acredite que me dedico a afogar cachorrinhos em meu tempo livre. — Fez uma pausa. — Você não o ama, Daphne.

— Acabo de lhe dizer que sim! Quero ao Jonathon... muito!

— Como a um irmão, sim. Como a um amigo. Posso viver com isso;

— como homem.

— Não. — Lançou-lhe um ardente sorriso cúmplice. Daphne ficou nervosa à medida que ele se ia aproximando.

— O que sabe você? Nada! Por que não me acredita?

—Tenho uma só pergunta— murmurou Max suavemente olhando-a aos olhos. — Deseja a ele como me deseja? —A jovem estremeceu quando Max a tocou. — Ao final, sempre consigo o que quero, amor — sussurrou.

— OH, não faça isso. O rogo. Não deve. OH, Max, não.

— Sim — disse em voz baixa ao mesmo tempo que lhe acariciava o pescoço com os dedos.

Daphne tragou saliva e se afastou. *Devo ser forte.*

— Não vai funcionar.

— Não? — De pé atrás dela, posou as mãos em sua cintura e a beijou na nuca. — Tenho outro presente para ti, Daphne. Já que não quer o colar...

Ela estremeceu e tentou achar a força para resistir a ele, sem muito êxito.

— Devo protestar... energicamente.

— Pois faça. — Indicou ele com um sussurro tingido de perversa sedução.

Max continuou lhe beijando o pescoço, despertando seus sentidos de um modo glorioso. Ela colocou as mãos sobre as dele, que rodeavam ainda sua cintura, mas a vontade para afastá-lo a estava abandonando. Os lábios errantes de Max lhe roçaram o lóbulo da orelha, provocando nela uma premente necessidade de que a beijasse. Daphne voltou a cabeça e lhe ofereceu a boca, que ele capturou imediatamente, e gemeu agradavelmente ao sentir aquele rosto barbeado acariciando o seu. O desaparecimento do áspero cavanhaque fazia que resultasse mais fácil o beijar com toda a paixão que levava dentro.

Elevou a mão e o acariciou na face, saboreando a quente e suave pele masculina sob os dedos trementes. Apesar de sua anterior resolução a que aquilo não acontecesse, deleitou-se com a sensação de sentir-se rodeada pelos braços de Max quando fez que se voltasse lentamente para ele. Não podia evitar beber de seus beijos. Mas ele pôs fim a aquilo e lhe sustentou o olhar ardente enquanto ficava de joelhos ante ela muito devagar.

Daphne contemplou em silêncio, com os olhos nublados, como Max levava suas mãos aos lábios e começava às beijar com ternura, com muita delicadeza; primeiro as palmas, logo cada dedo e seguidamente os pulsos. Depois a beijou no estômago por cima do vestido. Ato seguido, agarrou seus quadris com suavidade e prosseguiu depositando ardentes beijos, descendo por seu ventre, penetrando as finas capas de algodão do vestido e as anáguas com seu quente fôlego masculino.

O coração de Daphne golpeava fortemente dentro de seu peito enquanto se perguntava com crescente excitação o que se propunha o marquês.

Apoiou as mãos sobre os largos ombros do Max quando acariciou as pernas por cima das saias até chegar aos tornozelos, estremecendo-se de impaciência enquanto aqueles dedos masculinos dançavam sobre os finos ossos. O desejo inflamava o olhar da jovem, que não tentou detê-lo quando suas mãos subiram por debaixo do vestido. Daphne tragou saliva, incapaz de pronunciar uma só palavra de protesto mesmo que o tivesse desejado, pois a única coisa que podia fazer era o olhar nos olhos com impotência enquanto o pulso disparava.

Sentiu o instante preciso em que suas mãos vagaram sobre a fina malha das meias e se aventuraram além das ligas, encontrando-se com a pele nua.

Max fechou os olhos, saboreando visivelmente o contato.

— Q... o que está fazendo? — perguntou Daphne com voz entrecortada quando por fim ele começou a lhe levantar a prega da saia.

— Quero te agradar— sussurrou e, continuando, baixou a cabeça para lhe beijar a coxa. — Deixa que te adore. — A fez retroceder um pouco para que a jovem apoiasse os quadris contra a

sólida mesa que tinha a suas costas.

Da mente de Daphne se esfumou todo o resto, só importava aquela sala, aquele momento, aquele homem. O prazer proibido se converteu em desejo quando Max a beijou nas coxas lhe prodigalizando a mesma atenção escrupulosa que antes dedicou ao pescoço e as mãos. Observou-lhe com avidez, plenamente excitada e disposta quando lhe separou as pernas e levou a boca até seu sexo. A jovem sentiu que se derretia quando a língua do Max roçou e se moveu em círculo sobre aquele escuro casulo fazendo-a ofegar. A mão do Max subiu por sua perna para deslizar um quente e suave dedo dentro dela.

Max aprofundou o beijo, bebeu da evidência do desejo inocente de Daphne ao mesmo tempo que de sua garganta brotava um gemido de prazer. Sabia que o marquês estava tão excitado como ela, entregue por completo, e se sentia tão afligida por aquela intensa e estimulante paixão que se sentia incapaz de fazer outra coisa que não fosse receber o que lhe dava.

Naquele momento podia fazer dela o que desejasse, pois era dele. Seu corpo e, mais alarmante ainda, sua alma lhe pertenciam. Max era um homem do mundo e, sem dúvida alguma, sabia que poderia tê-la tomado sem que ela o impedisse.

Mas em vez disso, utilizou a boca e as mãos para seduzi-la até que, de repente, a deliciosa tensão que atendia seu trêmulo sexo se desatou violentamente. O prazer a estremeceu por inteiro.

Daphne arqueou as costas, movendo os quadris ao encontro de sua boca ao mesmo tempo que um suave e entrecortado soluço escapava de seus lábios. Max lambeu seu corpo com sede insaciável, gemendo contra sua pele mesmo enquanto os incontroláveis espasmos de prazer a estremeciam.

Rotherstone levantou a cabeça quando as forças abandonaram o corpo da jovem. Daphne tinha os olhos fechados, tremendo ainda com desconcertante gozo, apoiada fracamente na parte superior da mesa que estava atrás. Sentiu que Max lhe dava um beijo úmido no joelho. Em um estado de lassidão, com o coração martelando ainda, reuniu por fim a energia necessária para o olhar nos olhos, embriagada por algum veio secreto que só ele podia lhe dar.

Max passou devagar os dedos pelos lábios para secá-lo e logo ficou em pé baixando as suas saias educadamente. Seus olhos eram dois poços transbordantes de satisfação enquanto a obsequiava com um leve sorriso mundano que prometia discrição. Inclinou-se para lhe dar um preguiçoso beijo na testa.

— É um banquete para os sentidos, Daphne.

— OH, Max — sussurrou.

— Te verei no baile do final do verão. Deve-me uma dança e pretendo cobrar isso. — Pousou com suavidade a ponta dos dedos sobre os lábios da jovem antes de que ela pudesse lhe contradizer. Olhou-a fixamente aos olhos e acariciou com ternura uma mecha errante entre os dedos. — Basta de dizer disparates sobre me rechaçar — murmurou. — Me pertence. Desejo-te e não consentirei que o faça.

O marquês partiu sem fazer ruído depois de lhe dar um último beijo apaixonado nos lábios,

deixando-a saciada e ofegante e inclusive mais confusa que antes.

Daphne fechou os olhos durante um momento enquanto tentava recuperar a compostura. Quando os abriu de novo, seu olhar aturdido recaiu sobre o cintilante colar de safiras. Olhou-o uns instantes com certa surpresa e uma fria fúria começou a abrir-se passo lentamente na prazenteira satisfação física que sentia.

Como era possível que aquela jóia tivesse acabado de novo em seu poder?

Foi fraca, e o ter diante de seus olhos, brilhando à luz vespertina, parecia uma recriminação muda por ter caído na tentação que aquele homem representava para ela.

Não se havia comedido ao acusar Rotherstone de tratá-la como a uma prostituta, pois aquele homem pensava que poderia comprá-la pondo a seus pés todo o luxo que fora capaz de proporcionar. Agora fez algo tão incrível e lascivo que Daphne se sentia como uma rameira, no mais literal dos sentidos. Comportou-se como uma imoral. Mas que não faria esse homem com o objetivo de conseguir o que desejava?

Primeiro se propôs tentá-la com a possibilidade de compartilhar sua riqueza e poder, e quando isso falhou, recorreu a uma arma ainda mais poderosa: o prazer sexual.

Por desgraça, uma vez que provou o doce sabor do proibido, tão embriagador, dava-se conta de que era algo completamente diferente ao que em realidade ansiava: compartilhar uma intimidade emocional com ele.

Sem um verdadeiro vínculo entre os dois, descobriu que tais atividades podiam fazer que uma mulher se sentisse mal por dentro, como se se tivesse tomado muitas taças de vinho a noite anterior e tivesse agido de forma estúpida. Claramente, com a destreza como amante que ele possuía, podia levá-la ao topo do êxtase mas, assim como sua riqueza, aquilo tampouco era um substitutivo do amor. E era evidente que ele sabia. Simplesmente o utilizou como outro meio para dominá-la, pensou Daphne endurecendo a expressão de seu rosto. Mas não ia dar resultado.

Sentia-se furiosa consigo mesma e com ele. Daphne agarrou o colar iradamente e se aproximou da janela para jogar uma olhada ao caminho, mas ele já havia desaparecido, lhe deixando a propósito aquela monstruosidade como se fosse seu pagamento.

Então, Max se negava a aceitá-lo? Acreditava que ganhou?

Muito bem, pedaço de descarado. Vou lhe dar um melhor uso. Não pensava ficar com esse objeto para que recordasse constantemente a ele. Então soube o que ia fazer com o colar, e também tomou a decisão de como ia enfrentar ao marquês. No baile do final do verão poriam fim a aquela relação de uma maneira ou de outra.

De modo que Rotherstone queria converter aquilo em um jogo no que se apostava forte? Pois assim seria; ia odiá-la pelo rechaço público que tinha em mente, mas talvez por fim compreendesse.

Esta vez, pensou sombria, *o Marquês Perverso procurou.*

Capítulo 11

Max confiava em ter despachado os temores da jovem. Ao menos isso era o que desejava

acreditar uns dias mais tarde, enquanto sua carruagem negra puxada por quatro cavalos avançava sem pressa rumo ao próximo município do Richmond-upon-Thames para o baile do final do verão. Dentro do veículo reinava uma atmosfera jovial: Rohan, Jordan e ele compartilhavam uma garrafa de uísque, bebendo generosamente à saúde das festividades da noite.

Seus amigos conversavam de forma irreverente sobre que mulheres iriam perseguir essa noite, mas Max estava de novo distraído pensando em Daphne. Santo Deus, o que fez com ele essa jovem?

Jogou uma olhada pelo guichê e contemplou o esplêndido pôr-do-sol que se desdobrava a oeste sobre a ampla extensão do campo. Espetaculares e esponjosas nuvens, entre as que ainda podiam ver-se retalhos do vivo azul do céu, estendiam-se pelo horizonte cobrindo o sol crepuscular de setembro. O astro rei tingia de matizes rosas e alaranjados a parte inferior das mesmas, enquanto que a superior e os lados tinham adquirido um suave tom lavanda.

A lua cheia se elevava a oeste rodeado por um apagado halo dourado, envolta de noite que começava a aparecer como um manto salpicado de estrelas que ia do azul real ao mais profundo índigo. As árvores ocultaram novamente a vista quando Jordan lhe passava a garrafa. Max a aceitou com um sorriso irônico desenhado nos lábios e tomou um bom gole quando Daphne penetrou, uma vez mais, em seus pensamentos.

Tinha a persistente sensação de que em vez de ter posto as coisas em seu lugar, só conseguira piorá-lo com o acontecido no salão, e o uisque não conseguiu o liberar dela. Mas as dúvidas não eram a única coisa que o afligia aquela noite. Além de uma boa dose de frustração sexual, ainda se sentia doído porque a jovem tentou desfazer-se dele.

Não conseguia compreender a persistente resistência que opunha Daphne.

Que defeitos encontrava nele? Deus, em um princípio virtualmente não se importava com quem casasse, mas a estas alturas Daphne o tinha bem agarrado pelo cangote. Ignorava por que se esforçava com tanto afinco ou quando decidiu que ela era a única para ele. E essa era a razão pela que seguia estupefato por aquele intento de rechaçá-lo. Estava acostumado a conseguir o que desejava e, com total modéstia, podia dizer que as mulheres não estavam acostumadas o desprezar. E nas raras ocasiões em que se dava o caso, em geral ria disso.

Nunca se preocupou especialmente.

Mas isto era diferente. Muito, mas que muito diferente. Esta vez o afetava porque despertava o temor que aninhava nele e que fazia tanto enterrara no mais profundo de seu ser: não ser digno de ser amado. Uma coisa era ser rechaçado em sua faceta camaleônica, o qual não se tomava como algo pessoal. Mas tentar com toda sua alma oferecer a Daphne seu autêntico eu e ser desprezado doía enormemente.

Que demônios ia ter que fazer para que ela o aceitasse?

Quando seria suficiente sendo ele mesmo?

Já era tão rico como um rei e ocupava uma posição mais elevada que noventa e nove por cento da população. Se com isso não bastasse para que alguém lhe acreditasse digno de ser amado, bem podia dar tudo por perdido imediatamente.

Maldita seja. Examinou a dolorosa incerteza que o atormentava e acreditou que era um

homem patético. Tanto como aquele menino furioso que foi como um saco de pancada para os valentões locais, o solitário filho de uns pais aos que não se importavam o suficiente, como para não vendê-lo por dinheiro a um grupo secreto do governo até sabendo de que poderia acabar morto.

A garrafa chegou a ele outra vez e Max tentou afogar o asco que sentia com outro bom gole.

Aquilo era sua perdição. Se aquela jovem podia o ferir tão profundamente, antes inclusive de que se deitassem, quanto não lhe atormentaria nos anos vindouros sendo já marido e mulher? *Deus,* se fosse uma mínima parte do ardiloso que o acreditavam seus camaradas da Ordem, lavaria as mãos e escolheria a outra. Alguma estúpida, formosa e agradável, a qual pudesse manter a distância com benévola displicência. Alguém que gastasse sua fortuna sem atrever-se a questionar a forma em que ele vivia. Mas apesar da exasperante teima da senhorita Starling, Max não podia renunciar a ela.

Nunca se renda e jamais retroceda, lhe dissera Virgil em uma ocasião.

Era um dos traços de seu caráter que mais valorizava a Ordem, mas às vezes essa classe de perseverança podia ser uma maldição.

A vida teria sido muito mais fácil se pudesse contar a Daphne quem era e o que fazia em realidade. Pelo contrário, não podia fazer outra coisa que esperar a que a jovem aceitasse seu destino e abrigar a esperança de que, enquanto isso, o profundo desejo que sentia por ela não o levasse a loucura. Nesses momentos estava a margem dela.

Max reparou então em que se fez o silêncio na carruagem; a máscara de gritaria desapareceu brevemente para deixar lugar a três moços perdidos da Ordem, agora já homens, combatendo cada um seus próprios demônios pessoais.

— Nunca pensei que diria isto — murmurou Rohan, tomando a garrafa da mão do Max, — mas começo a sentir falta da guerra.

— Entendo-te perfeitamente — repôs Max.

A sombra de um amargo sorriso foi a única resposta do Jordan.

Max deixou escapar um tenso suspiro.

— Saúde, amigos — disse com ironia e desarrolhou outra garrafa.

Por desgraça já sabia que a bebida não era um sedativo tão potente como a doce poção que saboreou fazia alguns dias. O néctar do corpo virginal de Daphne. Resultou ser misticamente embriagador enquanto se dissolvia em sua língua. Oxalá pudesse embriagar-se de novo essa noite com aquele estranho e delicioso vinho, mas havia se dado conta de que certamente foi muito longe, supôs que poderia esperar... até a noite de núpcias.

Uma brisa suave como a cachemira chegava do rio, que transcorria tranquilo, fazendo que as condições para o baile do final do verão fossem perfeitas. A música flutuava até os jardins e as lanterninhas penduradas em qualquer parte estavam já acesas, antecipando-se à escuridão daquela noite de equinócio. Em umas horas o verão daria passagem ao outono. Os inumeráveis

convidados, embelezados com seus melhores trajes, passeavam pelos jardins ornamentados conversando em grupo ou se sentavam às mesas dispostas sob a elegante tenda aberta. O vinho corria livremente e abundantes delícias tentavam o paladar.

No interior da mansão as portas do terraço estavam totalmente abertas. Os convidados começaram a congregar-se na sala iluminada com velas, impaciente porque desse início o baile. Os músicos, na zona da orquestra, afinavam os instrumentos. A espera impregnava o ar. Iria ser uma noite grandiosa, com centenas de assistentes. Daphne ouviu dizer que era possível que o regente fizesse ato de presença, mas seus pensamentos giravam sem cessar em torno de um convidado em concreto que ainda não chegara.

Esperava ver lorde Rotherstone de um momento a outro e estava com os nervos a flor da pele ante a perspectiva da crucial tarefa que tinha ante si. Resultava muito mais intimidante que os planos de semanas atrás de enfrentar a Albert Carew.

A última vez que se viram, Max partiu da casa com a impressão de que entre eles tudo se solucionou e evitou que ela o abandonasse graças às coisas que lhe fez. Mas não ia demorar para descobrir quão equivocado estava.

Depois do impudico encontro no salão já podia sentir como Max começava a controlá-la, impondo seu domínio sobre ela, e isso aumentava seu desespero por escapar enquanto ainda pudesse fazê-lo. A envergadura e corpulência daquele homem, a férrea força, a aguda inteligência, a riqueza e o título que possuía, além disso do dom para manipular a seu pai e à alta sociedade graças a seu encanto calculador e, sobre tudo, a indecente destreza para sufocar seus protestos com beijos, lhe proporcionando um imenso prazer faziam do dominante marquês um poderoso competidor.

Quase podia sentir como ia prendendo-a pouco a pouco, mas ainda dispunha de tempo e vontade para lutar e conservar o controle sobre seu destino. Afinal, aconteciam coisas terríveis quando uma pessoa perdia o controle de sua vida.

Meu irmão não perdoa com facilidade, lhe dissera lady Thurloe. Daphne contava com isso para levar a bom termos os planos para pôr contra ela o Max de uma vez por todas. Quando ele se aproximasse no salão para pedir indevidamente um baile e o respondesse desprezando-o, então, talvez então, compreendesse ao fim e a deixasse tranquila.

Não desejava feri-lo, só deixar claro que, se era inteligente, renunciaria a suas pretensões. Aquele homem não deveria ter o menor problema em encontrar a alguém que se contentasse casando-se com ele por sua fortuna e seu título. Mas Daphne desejava mais, desejava a ele, à pessoa, e Max se negava a escutá-la. Era um homem perspicaz, mas fingia não entender. Por desgraça, se espalhou a notícia sobre seu passeio pelo Hyde Park e isso deu suporte a uma série de novas fofocas sobre a reputação da jovem que, em realidade, não podia permitir-se.

Enquanto Daphne perambulava entre a multidão em direção à mesa dos refrescos para procurar um par de taças de vinho para Carissa e para ela, reparou em que várias pessoas a estavam olhando e murmurando em voz baixa. Teve o pressentimento de que falavam dela, mas não percebia hostilidade alguma naqueles olhos.

Obsequiou aos fofoqueiros com um sorriso imperturbável e os saudou educadamente,

depois do qual elevou o queixo e prosseguiu seu caminho, com a cabeça bem alta. Graças a Deus a alta sociedade não sabia nada do episódio acontecido no salão de sua casa, nem sobre aqueles beijos roubados na mansão dele. Nem sequer o contou a Carissa! Só falou do passeio de carruagem, mas nada mais. Não queria nem imaginar o que seria de sua reputação se todo mundo se inteirasse da história completa. Era terrível saber que Max poderia utilizar aqueles segredos para manipulá-la se assim o desejasse.

Oxalá pudesse esquecer essa faceta licenciosa que o marquês despertou nela. Era algo terrivelmente impróprio de uma dama, mas o que podia fazer a respeito? Esse homem era capaz de convertê-la em uma espécie de criatura selvagem. Por desgraça, o fato, feito estava, e agora só podia confiar na honra de lorde Rotherstone e esperar de coração que fosse capaz de guardar um segredo.

Sacudindo-se de cima uma pontada de culpabilidade, fez-se com duas taças e se dirigiu de novo para onde deixou Carissa. Separaram-se minutos antes, repartindo o trabalho; ela foi em busca das bebidas enquanto que Carissa ia a busca de um pratinho com deliciosos bocados para compartilhar.

Jonathon chegava elegantemente tarde, como de costume. Mas era o de menos. Planejou guardar as distâncias com ele essa noite por sua própria segurança. Não era conveniente pôr a prova o bom caráter de lorde Rotherstone.

Enquanto passava entre a multidão esperava encontrar-se em qualquer momento com o arrumado rosto do Max iluminado pela luz das lanternas. Pelo contrário, e para seu desgosto, foi Albert Carew quem a alcançou e ficou a caminhar a seu lado. Ele se dirigia para o outro lado do salão de baile, mas a acompanhou brevemente.

— Ouvi dizer que foi vista de passeio com Rotherstone a semana passada. — Seu semblante, assim como sua forma de conduzir-se, gotejava sarcasmo.

— E se foi assim? — replicou irritada.

— Ah, é igual. — encolheu os ombros com ar de superioridade. — Sobre gostos não há nada escrito. — Obsequiou-a com um frio sorriso desdenhoso e se afastou.

Daphne apertou os dentes justo quando a miúda Carissa abriu passagem entre a multidão, rápida e etérea, movendo-se com delicada celeridade. Ia embelezada com um invejável e claro vestido azul mar e levava o cabelo penteado em cachos. Sua tez de marfim parecia mais pálida do que o habitual quando se reuniu com a Daphne.

— Aqui está!

— O que acontece? Encontra-te bem?

— Minha mãe! —- balbuciou sua amiga. — Será melhor que me dê isso.

Daphne entregou imediatamente a taça de vinho.

— O que aconteceu? Onde estão nossos aperitivos?

— Não se preocupe por isso. Tenho más notícias. —Carissa tomou um gole de vinho surpreendentemente generoso e logo se tranquilizou. —OH, Daphne...

Encontrava-me junto à tenda dos refrescos quando recebi o maior susto de minha vida!

— O que aconteceu? — apressou-se a perguntar.

— Não sei como te contar o que acabo de escutar... — Fez uma careta. —É a respeito de ti.

— De mim?

Daphne ficou petrificada. Sabia que ficara pálida, pois podia sentir como o sangue abandonava seu rosto. É impossível que Max o tenha contado a alguém. A sensação de enjoo passou, mas se formou um nó no estômago.

Deus bendito, se Max se gabou das liberdades que ela deixou que tomasse... mas não, não era possível que fizesse algo semelhante. Tragou saliva e se preparou para escutar as funestas notícias.

— Do que se trata?

Sua amiga a olhou com receio.

— Ignoro o que está acontecendo, mas faz um momento escutei por acaso como sua madrasta compartilhava uma confidência terrível com outras damas.

Minha madrasta? Em comparação com o que temia, escutar que Penelope se intrometia era um alívio.

— O que é que dizia?

— Em realidade estava alardeando.

— Seriamente? —perguntou Daphne com voz baixa.

Carissa se aproximou mais.

— Disse que logo terá lugar o anúncio do compromisso matrimonial entre o marquês de Rotherstone e você! — sussurrou desconcertada.

— O que...? — Daphne empalideceu ainda mais.

— Estou segura de que foi isso o que disse!

— OH, nãooo! —Ao final de contas, foi Penelope, com sua afiada língua, a causadora do desastre com Albert. — Meu Deus, não posso acreditar. Tornou a fazê-lo?

— Me diga que estava delirando! — Ordenou-lhe Carissa. — Não pode haver nada de certo nisso, verdade?

— Carissa— balbuciou com voz tensa, —há algo que deveria saber. O certo é que... — Nervosa, umedeceu os lábios, pois a boca ficou seca. Logo assentiu. — Me propôs matrimônio.

Carissa ficou boquiaberta.

— Falou com meu pai e ele aceitou... Mas eu não!

— OH, não acredito! —tampou a boca com a mão durante uns instantes e abriu os olhos desmesuradamente. —O Marquês Perverso se declarou?

— Sim. Bom... se quer dizê-lo assim. Quer dizer, sua ideia de uma proposição é me ordenar que me case com ele. Mas independentemente do que ele pense ou diga, minha resposta segue sendo não!

Sua amiga franziu o cenho, presa da confusão.

— Mas então... por que foi passear com ele?

— Porque me enrolou! — Exclamou exasperada, levantando os braços com impotência. — OH, não entende quão perverso é, o lisonjeador e irresistível! Agora sei por que o apelidam assim. É capaz de te convencer de que o branco é negro, que acima é abaixo... Tem-me confundida! —

Frustrada, deixou escapar um suspiro. —Me convenceu com doces palavras para que lhe desse uma oportunidade. Disse que era o justo. Assim consenti em que me levasse de passeio... OH, é tão arrumado, Carissa. É-o. Oxalá não o fosse.

Carissa abriu os olhos de par em par.

— Não deixou que... verdade?

— Hum? — perguntou com candura. Esperava conservar um ar de inocência depois do acontecido uns dias antes.

— Deixou que te beijasse? — perguntou em um sussurro Carissa.

Daphne resmungou.

— Não pude evitá-lo. É um demônio, falei isso!

-—Como foi? — inquiriu com voz baixa e os olhos como pratos.

— Hum.

Daphne suspirou com afligida abnegação sabendo que nunca saborearia de novo aqueles lábios. Mas era melhor assim.

Além disso, não conseguia armar-se de coragem para admitir a envergadura de sua indiscrição.

— Depois do passeio declinei sua oferta.

— Como tomou?

— Não me fez o mínimo caso! O disse que não mas... pode ser muito persuasivo. — Levantou a vista para o céu negro e sacudiu a cabeça. — Não pode nem imaginar quanto.

Carissa ficou boquiaberta ao compreender em parte e Daphne a agarrou pelo braço.

— Não contará a ninguém, verdade?

— Jamais, Daphne! Certamente que não.

— Obrigado. Em qualquer caso, pouco importa o que ele diga. Tomei uma decisão. Esta noite vou dizer-lhe que minha resposta segue sendo não e que é irrevogável. Agora que minha madrasta, a muito intrometida! Deu com a língua e tornou a complicar as coisas, minha missão de hoje é mais imperiosa, se couber.

— Bem, pois será melhor que faça algo e rápido — a advertiu Carissa. — Já conhece a rapidez com a que voam notícias tão suculentas. Por desgraça, quando o deixar plantado, será uma repetição de outro capítulo recente de sua vida.

— Sei. Diabo, por que teve que contá-lo? — Daphne jogava fumaça. —Estou segura de que levava dias ansiosa por tirá-lo a luz!

Carissa sacudiu a cabeça compassiva.

— Penelope complica as coisas. Ao divulgar a notícia da proposição de lorde Rotherstone, sua madrasta está conseguindo que te resulte mais difícil recusar.

— Meu Deus, está disposta a fazer tudo desde que me jogue fora de casa. — *Muito bem, mudança de planos,* pensou Daphne. *Deixar Max plantado na pista de dança seria muito escandaloso e extremamente ofensivo.* Não desejava deixá-lo em ridículo diante de todo mundo, principalmente sendo ele já vulnerável à desaprovação da alta sociedade.

— Vamos — disse a Carissa.

— O que vais fazer?

— Preciso falar com ele antes que o faça alguma outra pessoa. Acompanha-me? Para me dar apoio moral?

— Já sabe que jamais te abandonaria.

Daphne a olhou agradecida, logo assinalou com o queixo para o iluminado salão de baile no interior da casa.

— Precisamos chegar ao vestíbulo em seguida. Devo interceptar a lorde Rotherstone assim que faça sua entrada e, com um pouco de sorte, evitar o desastre.

A noite se tornava mais escura com cada minuto que passava. As duas amigas abandonaram a tenda dos refrescos e iniciaram a marcha, cruzando os jardins com celeridade. Daphne ignorou a desconcertante impaciência que envolvia o coração ante a possibilidade de vê-lo de novo. Aquilo não fazia nenhum sentido.

— Surpreende-me que diga que ele vai apresentar se aqui esta noite — comentou Carissa.

Atravessaram um grupo de jovens atrasados que se separou como as águas do mar Vermelho para deixá-las passar. Os cavalheiros lhes dedicaram sorrisos e reverências, e tentaram iniciar conversa com elas. Daphne sabia que foram apresentados em algum momento, mas não conseguia recordar o nome de nenhum deles. E tampouco se preocupava. Ao que ela respeitava, jamais conheceu a outro homem que causasse uma impressão tão grande como lorde Rotherstone.

As jovens continuaram andando depois de saudar de forma amistosa mas evasiva, reatando sem demora a conversa que foi interrompida.

— Pensa! — Assinalou Carissa. —Durante anos não tomou o incômodo de aparecer em sociedade, mas agora está em todas as partes, supõe-se que com a esperança de verte! OH, Daphne! —Agarrou-a pelo braço e soltou um risinho. —Deve te resultar francamente emocionante! Reconhece-o. Deve ser demais conseguir ter impressionado a um exímio libertino como ele.

—Não, não! — protestou Daphne ruborizando-se e tentando não sorrir. —Não o impressionei absolutamente. Por desgraça tem a cabeça mais dura que uma pedra. Me acredite. Não consegui lhe fazer entender minha negativa.

— Pode ser que pense que deseje que solicite mais vezes.

— Bom, se existe a possibilidade de que me tenha interpretado mal, esforçarei o que puder esta noite por tirá-lo de seu engano. Não vai agradá-lo. A situação poderia tornar-se desagradável.

Carissa deixou escapar um sorriso travesso.

— Dá a impressão de que esteja louco por ti! Venha, pode me contar isso. Não se sente nem sequer um pouco tentada de aceitá-lo?

Daphne se deteve e a olhou carrancuda.

— Eu o estaria! — Disse Carissa com um amplo sorriso nos lábios. —Os marqueses não abundam precisamente, já sabe. Deve reconhecer que é arrumado.

Daphne soprou ao mesmo tempo que percorriam com celeridade o atalho até ao terraço.

— Não entende. Em primeiro lugar, é tão despótico como um sultão oriental. Em segundo,

tudo isto não é mais que um jogo para ele. É como um... um terrier que tem entre os dentes o que considera um osso. Pois bem, eu não sou nem um osso nem um troféu. Sou um ser humano.

— Bem dito.

— Por desgraça, como o Albert, lorde Rotherstone se nega a compreendê-lo. Embora a diferença de Carew, este parece muito mais disposto a chegar a extremos insuspeitados com objetivo de conseguir o que deseja. Foi bastante implacável. Mas isso vai terminar esta noite — concluiu com gravidade. — Penelope foi muito longe com tudo isto.

— O que vais fazer?

— Logo que chegue lorde Rotherstone lhe direi que se alguém tiver a ousadia de perguntar se o que afirma Penelope é verdadeiro, deve negá-lo e dizer que é apenas um ridículo rumor.

— E se ele não está de acordo?

— Será melhor que o faça pelo bem de seu próprio orgulho! Do contrário, temo que o grande lorde Rotherstone acabará tão morto de calor como o odioso Albert.

— É uma mulher muito firme— murmurou Carissa, olhando-a fixamente. —Eu seria incapaz.

— Ai, bem a tempo! — sussurrou Daphne tão logo tiveram cruzado o terraço, detendo-se na soleira do salão de baile. — Olhe! — Carissa se voltou com os olhos bem abertos em direção para onde sua amiga lhe assinalava.

— Aí estão.

Carissa ficou pálida.

— Deus, que homens tão altos.

Parece que o Marquês Perverso levou reforços consigo essa noite. Belzebu e Mefistófeles, sem dúvida dois bons amigos, príncipes como ele no Reino das Trevas.

O mordomo anunciou a cada um deles quando o magnífico trio entrou com ar majestoso:

—Sua excelência, o duque de Warrington. Sua senhoria, o marquês de Rotherstone. Sua senhoria, o conde de Falconridge.

— OH, olha-os — sussurrou Carissa sobressaltada quando aqueles homens impressionantes e formidáveis pararam a examinar com atenção o salão de baile antes de entrar na sala com passos precavidos, como se fossem plenamente conscientes de que estavam entrando em território inimigo.

Até a última fêmea da sala parecia fascinada pelos três. Em efeito, eram dignos de serem contemplados. O gigantesco duque de Warrington levava uma vistosa jaqueta cor ameixa com calça negra. O comprido cabelo recolhido em um laço e o lenço sujeito por um alfinete com uma pérola negra. Tinha uma cicatriz em forma de estrela sobre o extremo da sobrancelha. Lorde Falconridge era uma criatura de graciosa elegância, olhar inteligente, cabelo curto cor areia, semblante sereno e porte refinado. Ia trajado com um escuro colete verde oliva e calça marfim.

Flanqueado por ambos os homens se encontrava lorde Rotherstone. Com uma impecável jaqueta tão negra como seu cabelo, junto com umas calças cinza escuro, rematado por aquele aprumo, aquela ousada atitude típica nele. Os convidados começaram a murmurar imediatamente ante a chegada do escandaloso trio e as jovenzinhas a entrar com valentia no salão de baile. Daphne tragou saliva quando Max a divisou, pousando nela aqueles faiscantes olhos claros que

pareciam refletir o conhecimento íntimo de seu corpo.

Max a obsequiou com um sorriso enviesado de aspecto perigoso que a fez estremecer de maneira febril.

— Temo que nos superam em número — apontou Carissa quase gritando, aferrando-se a seu braço.

— Não devemos desfalecer. —O coração palpitava com força, mas ambas as jovens se mantiveram firmes quando os três demônios do Clube Inferno se dirigiram em fila para elas com passo decidido.

O olhar apreciativo do Max desceu pelo corpo de Daphne ao mesmo tempo que esboçava um sorriso possessivo ao ver as rosas que adornavam o vestido branco da moça. Quando chegou até ela, pegou imediatamente sua mão enluvada.

—Senhorita Starling, é um prazer vê-la de novo —a saudou com voz sensual. —Está tão deslumbrante como de costume.

Ela o contemplou com inquietação enquanto Max obsequiava a Carissa com um sorriso galante. Logo assinalou para seus camaradas.

— Me permitam que apresente a meus amigos, Rohan Kilburn, duque de Warrington, e Jordan Lennox, conde de Falconridge — disse com ar orgulhoso; — esta deusa Loire é a honorável senhorita Daphne Starling, de que tanto lhes falei. E sua encantadora acompanhante tem que ser... a senhorita Portland, equivoco-me?

Carissa piscou surpreendida ao ver que a reconhecia.

— Vá, não se equivoca, milord. Como sabia?

— Adivinhei — respondeu com voz suave.

— Milord? — Daphne se dirigiu a ele.

Max fez uma reverência e levou a mão ao coração.

— A seu serviço, meu amor.

Lançou um olhar admonitório como resposta ao descarado apelativo carinhoso que empregou.

— Precisamos falar.

— Não dançamos? Confio em que me tenha reservado a primeira valsa. Acredito recordar que tem uma dívida de honra a esse respeito.

— Não se inquiete por isso, patife; — sacudiu-se de cima uma pontada de culpabilidade pelo plano que idealizou e reparou no Albert Carew, que se encontrava a certa distância entre a multidão observando-os conversar com olhar curioso. — Seria tão amável de me acompanhar, milord?

— Até os limites da terra — declarou ele.

Seus amigos puseram-se a rir.

Daphne e Carissa trocaram um olhar sofrido.

— Contentaria-me com um passeio pelos jardins, se não for muito incômodo — disse. — Agora.

— Sim, senhorita. — Max obsequiou a seus amigos com um sorriso matreiro que parecia

dizer: —Deseja-me. — Daphne ignorou e se voltou para os dois homens.

—Excelência, lorde Falconridge... seria melhor que a senhorita Portland e vocês nos acompanhassem.

— Ora vá, senhorita Starling, o que tem mente, exatamente? — perguntou o loiro conde com um sorriso lúbrico nos lábios. O alto duque o olhou de esguelha com divertimento enquanto que Carissa contemplava a ambos com receio.

Daphne supôs que devia estar acostumando-se ao atrevido senso de humor do Max. Logo deixou escapar um bufado fingindo não entender a insinuação.

— Vamos, se forem tão amáveis, cavalheiros — disse jovialmente. —Preciso falar em particular com seu amigo.

— Não te emocione, Jord. Acredito que nossa função é a de ser sua acompanhante — apontou o duque de Warrington.

Estava certo. Daphne sabia que se dessem uma volta em grupo pelos jardins, sua conversa com o marquês poderia parecer menos suspeita.

— Bem, pois. Vamos? — Max lhe ofereceu seu braço, mas ela se conteve de aceitá-lo.

— Espera... Carissa?

— Sim?

— Vêem. — Empurrou a sua amiga para o Max. —Vá você com ele. Eu me ocuparei dos outros dois.

— Eu?

— Lorde Rotherstone — prosseguiu com um persistente sorriso, —recorda que o disse que desejava que conhecesse a Carissa?

— Isto é insólito — comentou, mas ofereceu o braço a amiga com expressão divertida. Carissa o aceitou com um sorriso desgostado e vacilante. —Me pergunto o que está acontecendo.

— Que me crucifiquem se sei — repôs o duque.

— Mais vale não perguntar — advertiu lorde Falconridge. — Tenho a impressão de que a dama sabe bem o que traz entre mãos.

— É você um homem de excepcional entendimento —disse Daphne com aprovação. — Cavalheiros, se tiverem a bondade?

Primeiro Warrington e logo Falconridge lhe ofereceram o braço e Daphne aceitou sem demora. Por fim saíram todos juntos aos jardins iluminados pela lua aparentando certo grau de decoro, algo que Daphne esperava de coração.

A jovem jogou uma olhada por cima do ombro a Albert e seus dois irmãos, que os estavam observando. Logo os separou de sua mente. Tinha coisas mais importantes em que pensar para preocupar-se com eles quando saíram a desfrutar da agradável noite.

— Bem, senhorita Starling — começou lorde Falconridge. —Ao fim nos conhecemos. Ultimamente desfrutamos sobremaneira escutando falar do muito que está torturando a nosso amigo.

— Desculpe? — murmurou.

Daphne aguçou o ouvido para tentar inteirar-se da conversa que acontecia adiante dela

entre o Max e Carissa.

— Bem, senhorita Portland, tenho entendido que é você uma espiã aficionada.

Vou matá-lo.

— Deve me mostrar a respeito das técnicas que lhe resultaram efetivas nesta cidade — dizia Max a Carissa.

— Lorde Rotherstone — exclamou a jovem, — insinua que sou uma fofoqueira?

— OH, essa é uma palavra muito severa! — Negou o marquês com suavidade. — Não, eu prefiro dizer que é uma dama informada. Ao que parece, recolher certa informação é um passatempo que também eu encontro divertido.

Se Max se propunha deslumbrar a Carissa, que o Senhor tivesse piedade da moça, pensou Daphne. Mas, enquanto isso, não ia muito melhor. Os dois inquisitivos amigos do marquês não estavam dispostos a deixar passar a breve oportunidade de interrogar à mulher que acreditavam ter jogado a luva a seu infame irmão do Clube Inferno.

— E bem, senhorita Starling, onde nasceu você?

— Quantos anos tem?

— Estudou em casa ou frequentou a uma academia para senhoritas?

— Fala francês? Toca o piano?

— Sim, que talentos possui?

— E o que é mais importante, que opinião tem que um cavalheiro mantenha laços com seus antigos amigos solteiros uma vez que contraiu matrimônio? — inquiriu o duque com mordacidade.

— Não somos partidários da tresnoitada, antiga e tediosa prática de que as esposas recém casadas obriguem a seus maridos a cortar todo vínculo com seus amigos solteiros.

— No fim das contas, nós conhecíamos o Max antes de você.

— Como se conheceram, cavalheiros? —replicou Daphne simplesmente para evitar que continuassem com o interrogatório.

Mas o lamentou assim que recordou, muito tarde, que já sabia a resposta.

— Em nosso clube— respondeu lorde Falconridge com secura.

— Ah, sim— repôs com voz baixa. — O Clube Inferno, não é assim?

— Confio em que não tenha objeções...

— Não somos tão amalucados como as pessoas dizem— assegurou o duque de forma não muito convincente.

Daphne o olhou com certa reserva.

— É certo! — Concordou o conde. — O que acontece é que difundimos esse rumor para impedir que entrassem todos nossos amigos aborrecidos.

— O importante é que não nos exclua da vida de Max uma vez estejam casados, fá-lo-á?

A Daphne dava voltas a cabeça ao pensar que Max já lhes contara que se casaria com ela, como se a questão estivesse resolvida!

Que mais lhes teria dito sobre o encontro de dias antes?

— Não têm de que preocupar-se— obrigou a dizer.

— De acordo então! — Declarou lorde Falconridge. — Me atrevo a afirmar que vamos nos

levar todos maravilhosamente.

— Vai tudo bem por aí atrás? — perguntou Max com indolência.

— Troquemos! — exclamou Daphne.

Tão logo chegaram ao bosquezinho delimitado por discos esculpidos e um salgueiro que havia na borda do lago, a jovem escapou do interrogatório daqueles dois homens e se trocou com a Carissa.

A baixa ruiva se aproximou dos dois altos e risonhos acompanhantes com absoluto sobressalto e um pouco de inquietação.

— Que demônios acontece? — perguntou Max em voz baixa quando ela tomou com impaciência do seu braço.

Ansiava saber se sentiria a mesma familiaridade ao estar de novo com ele, embora sua única intenção aquela noite era a de lhe fazer entender que não ia casar se com ele.

— Me escute — sussurrou, detendo-se ao pé de uma pequena passarela que cruzava o lago ornamental. — Aconteceu algo terrível.

O rosto do Max adotou uma expressão extremamente grave e preocupada.

— Do que se trata?

— Penelope tornou a cometer uma indiscrição e esta noite contou a alguns convidados que vamos nos casar.

— Ah, isso é tudo? — encolheu os ombros. — Por Deus, moça, pensei que se tratava de algo grave!

— E o é. Max, por favor. — Olhou-o aos olhos, certificando-se de que tinha toda sua atenção. A necessidade de o beijar era de todo inapropriada... e muito forte. — Max?

A luz da lua cinzelava o rosto do marquês, que a obsequiou com aquele irresistível sorriso.

— Daphne?

A jovem o tocou na lapela da jaqueta, permitindo-se aquele único e doloroso contato com ele.

— É crucial que se alguém tiver a impertinência de te perguntar esta noite se o que disse minha madrasta é certo... — Fez uma pausa e baixou a mão com pesar. — Deve rir e asseverar que não é mais que um absurdo rumor.

Max franziu o cenho.

— Eu farei o mesmo— adicionou ela —e, com um pouco de sorte, sempre e quando ambos coincidamos em nossas respostas, conseguiremos evitar o escândalo.

Rotherstone sacudiu a cabeça, sondando-a com olhos precavidos e penetrantes.

— Não o entendo. Por que teria que desatar um escândalo e por que deveríamos negar o que é certo? Estou disposto a anunciar quando você estiver pronta, Daphne.

Ela o olhou com seriedade durante comprido momento sem dizer nada. Não precisou fazê-lo. Soube pela expressão do Max o momento em que por fim compreendeu.

— Não — sussurrou o marquês.

Daphne precisou de todas suas forças, mas em seguida se aferrou a sua convicção.

— Como já lhe disse, meditei e a consciência e, infelizmente, devo... devo declinar.

Max negou com a cabeça.

— Não, não o aceito.

— Lorde Rotherstone... sou perfeitamente capaz de te ajudar a conseguir a aprovação da sociedade sendo sua amiga, sem necessidade da imposição de um matrimônio.

— Não necessito uma amiga; necessito uma esposa — lhe reprovou com brutalidade.

Os outros interromperam sua conversa ao sentir a tensão entre o marquês e a jovem.

Daphne viu pela extremidade do olho que os estavam observando com inquietação, escutando e presenciando aquele terrível momento. Os dois homens trocaram olhares sobressaltados, mas tanto eles como Carissa se mantiveram a distância.

Daphne agradecia que sua leal amiga se negasse a abandoná-la embora, sem dúvida, Carissa morria de vontades de escapar de tudo aquilo o antes possível.

— Acreditei que havíamos resolvido o assunto — disse Max lhe sustentando o olhar com crescente ira.

— Meus sentimentos são os mesmos. Participei de minha decisão. Por esse motivo te devolvi o colar, como bem recordará.

— Não é isso tudo o que ocorreu esse dia — sussurrou com grande intensidade. — Como pode recordar... senhorita Starling.

— Nada mudou. Isto termina aqui e agora, milord.

— Terminará quando eu o diga! — trovejou Max.

Daphne se armou de coragem enquanto recordava os retratos de todos aqueles marqueses de Rotherstone e caiu na conta de que estava enfrentando-se a vários séculos de autocrático poder masculino e a arrogante e privilegiado sangue que corria pelas veias do Max.

Ah, sim, era muito consciente de que os antepassados do marquês foram cavalheiros que acostumavam a tomar pela espada tudo aquilo que desejavam. Não obstante, embora Max devia parecer impensável não sair-se com a sua, Daphne não estava disposta a deixar-se intimidar. Jamais se respeitaria a si mesmo se se acovardasse ante ele.

— Max — brigou com serenidade; mas aquela quietude pareceu avivar sua ira.

— Não te compreendo! — inclinou-se para ela, estendendo os braços aos lados. — Fui paciente, não é assim? Mostrei-me justo. Maldita seja, Daphne! pus a seus pés tudo que possuo e você... — Interrompeu-se e mudou de estratégia. Deu um passo atrás e deixou cair os braços, encolhendo os ombros com desconcerto. —Por que finge não sentir nada por mim? É evidente que não é assim.

— Vá, vá, vá — interveio uma voz masculina com sarcasmo. —- Mas se não é o par feliz.

Ambos se voltaram naquela direção. Max foi às nuvens quando Albert e seus irmãos saíram da estufa uns poucos passos mais à frente da vereda. Por sua parte, Daphne pôs os olhos em branco.

Ai, Meu deus, estiveram escutando nossa conversa?

Com as mãos nos bolsos, o altivo e distinto dandi se dirigiu para eles com um desagradável sorriso zombador. Seus dois irmãos mais novos o seguiram um passo atrás, como de costume. Os irmãos Carew riam baixo. Daphne sentiu como se tivessem dado um murro no peito quando ficou

claro que presenciaram sua negativa à proposição de matrimônio do Max.

O remorso e o pavor se apoderaram imediatamente dela. O forte corpo do Max se esticou quando os Carew se aproximaram.

OH, não! O coração de Daphne começou a pulsar com força.

— Parte, Albert! — advertiu-lhe. — Isto não te incumbe.

— Ah, mas se é muito divertido! — aproximou-se com ar arrogante e um sorriso grotesco de orelha a orelha. — Lhe disse que era conflitiva, Max. Deveria ter me levado em conta.

Os olhos claros de Max se tornaram duas frestas iracundas que o olhavam de forma admonitória, mas o inconsciente de Albert continuou burlando-se.

— O poderoso marquês de Rotherstone vencido por uma jovenzinha! Ah, como pôde ocorrer algo assim? E a ti nada menos, Max. Que lástima! Não há justiça no mundo. Rico como Creso e com uma posição semelhante a do imbecil de meu irmão, e segue sem querer lhe. Pergunto-me por que!

Os irmãos Carew puseram-se a rir.

Max cravou o olhar em Albert sumido em um gélido silêncio, mas Daphne não pôde suportar o modo em que se estavam burlando dele.

— O que estava fazendo, Albert? Espiava-nos? Que imaturo!

— Ah, permita a este homem que tenha seu momento de glória. Poderia, ao menos, me conceder esse prazer.

Ela meneou a cabeça recordando com muita clareza a letal atuação do Max no Bucket Lane.

— Está sendo um estúpido, Albert. Eu não o provocaria se fosse você.

— Guarde seus conselhos, minha querida dama. — Albert se deteve perigosamente perto de Max e o brindou com um sorriso jactancioso. —Só vim a oferecer minhas condolências a Max.

Daphne ignorava se Albert não se dava conta de que estava o bastante perto para que Max o alcançasse ou se se sentia encorajado pela presença de seus irmãos, mas o marquês deixou a passarela e voltou para a borda coberta de erva do lago ornamental.

Preocupava-lhe o silêncio e a expressão cada vez mais colérica de Max, o qual a levou a dar uma olhada a Warrington e Falconridge. Ambos mantinham uma atitude indiferente, atentos ao desenvolvimento dos acontecimentos sem alterar-se pelos adversários. Os amigos de Rotherstone continuaram observando com desapaixonada diversão e Daphne percebeu a total confiança que aqueles homens tinham na destreza do Max para ocupar-se dos três irmãos Carew sem necessidade de ajuda.

— Bem-vindo ao clube dos admiradores rechaçados pela senhorita Starling, Max. O que acontece, Daphne? Acaso não encontra um homem que te convenha? Possivelmente prefira a Carissa.

Max avançou para ele, mas Albert retrocedeu com celeridade, rindo e o provocando.

— Quanto a ti, minha querida senhorita Starling, antes de que esta magnífica nova conquista te suba à cabeça, é justo que conte o verdadeiro motivo pelo qual te esteve perseguindo. Adiante, Max, fale de nosso pequeno desafio. Agora que perdeu bem pode conhecer a verdade.

— Do que está falando? — murmurou Daphne.

— É um embusteiro. Não o escute — respondeu Max com voz baixa.

— Eu sou um embusteiro? — burlou-se Albert. — O único que não diz a verdade aqui é você, velho amigo. Daphne, moça estúpida, a este homem importa muito pouco. A única razão pelo qual lorde Rotherstone te cortejou foi para tentar me demonstrar algo. Não é assim, Max?

A resposta do aludido foi um murro direto à cara de Albert. Um golpe certeiro que fez que se desabasse como uma árvore abatida.

Daphne sufocou um grito quando os irmãos de Carew arremeteram contra Max em um arranque de cólera. O marquês estampou o punho no nariz do segundo homem e deu um pontapé no estômago ao terceiro, fazendo-o cair no lago. Albert ficou em pé rapidamente e foi derrubado outra vez por Max com um par de murros dirigidos à mandíbula e ao abdômen. O segundo irmão, Richard, levantou-se, mas pôs-se a correr ao ver o olhar furioso do Rotherstone.

Daphne também olhou a Max, que se voltou para ela com os olhos acesos por uma ira candente contida, e só pôde sacudir a cabeça com incredulidade. Sem mediar mais palavra, desencaixada por como Max perdera o controle, a jovem deu meia volta e cruzou a pontezinha, abandonando o cenário da briga para dirigir-se com pressa para o outro extremo do jardim.

Carissa estaria bem com os amigos de Max e ela necessitava um momento para recompor-se. Aquela brutal demonstração simplesmente confirmava que terminaram.

Uns passos furiosos ressonaram sobre as pranchas de madeira a suas costas.

— Daphne, espera — lhe ordenou Max com voz tirante. Ela continuou seu caminho.

— Por Deus, Max! Um desafio! Deveria saber! Senhor, é ainda pior que ele. Me solte! — gritou-lhe quando ele a agarrou pelo braço. Daphne se voltou e o fulminou com o olhar. — Não vou me casar contigo!

— Não pode acreditar em suas mentiras!

— Já não sei em que acreditar! Se tentasse ser sincero comigo em vez de tentar me manipular... Ah, esquece-o, Max! Direi a meu pai imediatamente que não vou me casar contigo.

— Não acredito, Daphne.

— Bom, mais vale que reconsidere...

— Seu pai está arruinado — a interrompeu o marquês com voz acerada— e já paguei por ti.

Ela ficou aniquilada uma vez mais e Max a olhou fixamente na escuridão sem deixar que partisse.

— Me tire as mãos de cima — resmungou.

Max a soltou imediatamente, reparando só então na força com que a segurou.

Daphne tropeçou, afastando-se dele enquanto soluçava.

— Não se aproxime de mim.

Dito isto, deu meia volta e pôs-se a correr.

— Daphne! — gritou.

— Deixa-a, homem! — Lorde Falconridge se aproximou de seu lado. — Que demônios foi fazer, assustá-la? Será que não fez o suficiente por uma noite?

Daphne fugiu, incapaz de conter as lágrimas que rodavam por suas faces enquanto corria para o longo e tortuoso caminho onde aguardavam as carruagens estacionadas.

Que homem tão frio e cruel!

Não estava segura do que pretendia fazer, mas precisava sair dali.

Cega pelo pranto, procurou a carruagem da família entre a fileira de veículos. Estava segura de que William, o lacaio, a levaria para casa.

— Daphne! Daphne? Por favor, espera! — Escutou a Carissa chamá-la na distância.

Deteve-se e esperou secando-as lágrimas enquanto sua amiga corria para ela.

— OH, céu! Não fuja. Aonde vai?

— Para casa. Preciso encontrar a carruagem.

— Está bem?

— Desprezo-o. Desprezo os dois... A meu pai e a ele! Não posso acreditar que me façam isto, comprar... comprar e me vender como se fosse um saco de farinha. Não penso consenti-lo! —Bramou com crescente ira agora que ele não estava para aterrorizá-la. — Todos os seus estratagemas para me deslumbrar... Se não tinha opção, por que não me disseram isso claramente? Só estavam brincando comigo. OH, sinto-me como uma idiota. — Sacudiu a cabeça. — Um desafio? Como pode utilizar sua fortuna para aproveitar-se de papai?

— O que vai fazer?

— O que sei eu? Agora mesmo só quero ir para casa. Mas um momento... — Guardou silêncio. Os olhos lhe encheram outra vez de lágrimas. — Não posso ir. Ali estão todos contra mim.

— OH, como queria poder te ajudar. O que poderia fazer? Talvez se falasse com minhas primas...

— Não, não. — Daphne meneou a cabeça com firmeza, recordando a complicada situação que se vivia em casa da Carissa. Enxugou uma lágrima e recuperou a compostura o melhor que pôde. — Obrigado por ficar a meu lado. Acredito... pode ser que tenha uma ideia. — Começou a assentir de forma pausada. — Sim. Só existe uma pessoa a quem possa acudir.

Carissa a olhou de forma inquisitiva e ela tragou saliva.

— Apelarei à piedade de minha tia avó.

Os olhos de sua amiga se abriram desorbitadamente.

— Refere-te A...?

— Sim. Ao velho dragão. Agora ela é minha única esperança.

— Ai, Meu deus. — Carissa a olhou com certo pavor ante a só menção da inflexível duquesa viúva de Anselm.

Daphne assentiu de forma enérgica e prosseguiu em busca de William.

Carissa se apressou junto a ela.

— Sei que sua excelência me acolherá. Dada sua fortuna, possivelmente a duquesa possa me ajudar a cobrir a situação econômica de meu pai. Aconteça o que acontecer, sei que não consentirá que me obriguem a me casar. Devo ir vê-la em seguida. — Voltou-se para sua amiga. —Faça o que faça, não lhes diga aonde fui... nem a lorde Rotherstone nem a meu pai.

— Jamais! — Jurou Carissa levantando a mão direita. — Se vierem me perguntar me assegurarei de não estar em casa para responder a suas perguntas. Olhe! — Assinalou de repente para uma carruagem puxada por dois cavalos brancos que circulava nesses momentos pelo

caminho de entrada. Tarde, como de costume. — É Jonathon!

— Jono!

Devia estar convertendo-se em uma chorosa, pensou Daphne, pois ver seu despreocupado amigo da infância fez que os olhos lhe enchessem novamente de lágrimas. Nunca se sentiu tão agradecida de vê-lo como naquele instante, posicionado em seu faetón com um amplo sorriso na cara.

— Olá, jovenzinhas!

— Jonathon! — soluçou Daphne, apressando-se para um lado da carruagem que se deteve.

— OH, minha querida menina, o que acontece? — exclamou ele. Mal teve tempo de jogar o freio e desembarcar de um salto quando Daphne se jogou em seus braços e lhe rodeou com força. — Que demônios...? — Balbuciou, lhe devolvendo o abraço com incerteza. — Que diabo aconteceu?

— É uma longa história — lhe disse desconsolada contra seu ombro. — Carissa te porá à corrente. Jonathon, você me ama?

— É obvio que sim, minha menina.

— OH...!

Abraçou-o com maior força enquanto se preparava para lhe pedir aí mesmo, depois de tantos anos, que se casasse com ela.

— É como uma irmã para mim — adicionou Jono, lhe dando um apertozinho carinhoso.

— Uma irmã? — Daphne levantou irritada a cara cheia de lágrimas e olhou aqueles olhos azuis sem rastro de malícia.

Caiu a alma aos pés, mas era de todo óbvio que entre eles não havia nada nem remotamente parecido aos foguetes que experimentou nos braços de Max.

De repente compreendeu, com entristecedora clareza, que era obsceno por sua parte queixar-se porque Max desejasse casar-se por motivos equivocados, quando ela mesma estava disposta a fazer exatamente o mesmo ao amável e desventurado Jonathon sem ter em consideração nada mais. Sentiu-se confusa. Pensou que Max era o vilão e ela a vítima, mas agora... separou-se de Jono sentindo-se uma miserável hipócrita. Afinal, acaso seu vaidoso amigo não tinha direito a desfrutar da oportunidade de encontrar o amor verdadeiro que ela tanto afirmava desejar?

Nesses momentos parecia absolutamente evidente que esteve tão disposta a oferecer a Jono seu coração como Max a ela. Possivelmente inclusive menos. Certamente que desejou casar-se com seu amigo, mas só porque podia controlá-lo.

Controle, controle, controle.

Max não o consentiria. Era muito forte. Seria essa a razão de que seguisse fugindo dele?

— Pergunto a que se devem as lágrimas. — Jono olhou a Carissa com nervosismo. — Não é típico dela. Star, toma meu lenço antes de que me manche a jaqueta de mucos.

Ela o olhou carrancuda com os olhos nublados pelas lágrimas.

— Isso é uma vulgaridade, Jonathon. —- Mas o aceitou agradecida e se soou o nariz.

— Encontra-se bem? — perguntou o homem a Carissa, que cruzou os braços.

— Logo estará.

— OH, Jono. — Daphne sorveu pelo nariz e se separou de seu abraço fraterno.— Lamento muito o mal que me comportei contigo — se desculpou afligida e completamente arrependida pelo egoísmo involuntário de que fez uso. — Não pretendia te causar nenhum mal.

— De acordo. — O jovem franziu o cenho— Ignoro do que fala, mas não me cabe dúvida de que tudo está perdoado.

— Sempre foi muito bom comigo. — Olhou o lenço, que era um bom exemplo de suas palavras, e adicionou: — Te adoro.

— Ah, entendo. — Desviou o olhar para a Carissa. — Esteve bebendo, não é certo?

— Não — replicou esta. — É algo mais complicado que isso.

— Bem, então do que se trata? — exclamou. — Pelo que mais queiram, teriam a bondade de me explicar isso alguma das duas? Começo a me preocupar!

— Estou bem — disse Daphne choramingando. — Seriamente.

Carissa titubeou; logo desviou o olhar de Daphne para o Jonathon e murmurou:

— Está apaixonada por um homem ao qual não pode dirigir.

Daphne se voltou para ela absolutamente pasmada.

— Tenho olhos, querida — declarou sua amiga.

— Não! — Olhou a Carissa com inquisitivo temor. — Não! — gritou de novo negando-se a acreditá-lo.

Carissa apertou os lábios e baixou discretamente o olhar.

— Falamos outra vez de lorde Rotherstone? — inquiriu Jono sem o menor tato.

Daphne se voltou para ele, horrorizada.

— Você também?

— Certamente. — O jovem esboçou um amplo sorriso. —É quase da única coisa de que falaste desde o maldito baile dos Edgecombe.

Indignada, deixou escapar um grito abafado. Daphne, com o coração disparado, não estava disposta a reconhecê-lo.

— Isso não é certo!

— Ah, claro que o é — disseram Jono e Carissa ao uníssono.

— Não! Estão os dois equivocados... Equivocados, digo-lhes! Não sabem o que dizem!

Eles se limitaram a olhá-la fixamente.

Daphne sacudiu a cabeça e deu meia volta, mas então reparou no alto faetón de Jono.

— Jono, poderia te pedir um pequeno favor?

Ele a olhou com receio ao mesmo tempo que franzia o cenho.

Uns minutos depois a jovem conduzia o chamativo faetón de Jonathon à mesma velocidade a que fez o lunático do Max pelo Hyde Park a tarde do tristemente célebre passeio.

Expulsou ao descarado de sua cabeça... pela última vez.

Casar-se com ele? Antes preferia fazê-lo com um sapo. *Que estou apaixonada por Marquês Perverso?* — burlou-se. — *Nada mais longe.*

Foram se inteirar ele e o resto!

Nem sequer pensava voltar a lhe falar.

Capítulo 12

A manhã seguinte Max se encontrava em seu escritório, tomando uma taça de chá enquanto olhava sem prestar atenção os documentos do Tavistock que Virgil lhe entregou para que os examinasse. Resultava-lhe difícil concentrar-se porque estava convencido de que a relação entre Daphne e ele terminara e que, com toda a razão, foi banido de seu mundo.

Só ficava uma coisa por dizer: *sinto muito*. Mas não estava seguro de que ela desejasse ouvi-lo. Chegados a aquele ponto, poderia ser mais respeitoso deixá-la tranquila, tal e como ela levava lhe pedindo tanto tempo.

O pior de tudo foi dar-se conta, com arrepiante clareza, de que esteve empenhado cegamente em fazer a Daphne o mesmo que fizeram a ele quando não era mais que um menino, embora até então foi incapaz de vê-lo. De igual modo que seu pai o tinha entregue à Ordem em troca de dinheiro, Max se esforçou em pagar a lorde Starling para conseguir a Daphne com o fim de levar a termo seus próprios planos: comprar uma esposa.

Fechou os olhos, incapaz de dar crédito a seu próprio egoísmo e insensível cinismo. Quem se acreditava que era para impor sua vontade a Daphne? Por muito que desejasse ainda estar com ela, depois de examinar as coisas com frieza, soube que devia renunciar. Considerou de todos os pontos de vista possíveis, mas dado que era óbvio que ela não o desejava, devia deixá-la partir. Entretanto fazia que se perguntasse... Se tivesse mostrado consideração com seus sentimentos, se se tivesse comportado como um amante em vez de como um espião, poderia ter tido alguma possibilidade de ganhar seu amor?

Acabou-se.

Conseguiu a antipatia de Daphne graças à má educação que tinha. Arrependia-se de ter golpeado ao Albert, pois embora sempre pensou que isso lhe causaria uma grande satisfação, sentia justo o contrário. Deixar que o bastardo o atiçasse até lhe fazer perder o controle, como quando eram meninos, não foi uma vitória, mas sim mas bem uma derrota.

Ao menos o mais velho dos irmãos Carew, Hayden, duque de Holyfield, desfrutou vendo Alby saborear um pouco de sua própria medicina. Hayden parou o Max quando partia para lhe dizer com entusiasmo: *Bem feito, Rotherstone! Ambos sabemos que faz anos que o estava procurando.*

Muito certo. Entretanto Max sabia que zangou a Daphne, ofendido aos anfitriões e se rebaixou ao mesmo nível que Albert. Como podia ter acreditado que era digno de Daphne? O marquês suspirou, deixou a pluma e apoiou a testa na mão. Ela tinha razão, concluiu. Não era melhor que Albert. Não obstante, pensou abatido mas com a teima de costume, se não podia ter a Daphne, não desejava casar-se com ninguém.

Justo nesse instante chegaram até o escritório os ecos de uma furiosa chamada à porta principal. Max baixou a mão e levantou a cabeça quando Dodsley cruzou adiante da porta com passo sereno para ir abrir.

Ao fim de um momento escutou a voz de lorde Starling na entrada do vestíbulo.

Max se preparou.

— Rotherstone! Está aí? — O visconde deveu adiantar ao mordomo, pois apareceu de repente no despacho. Lorde Starling tinha um olhar enlouquecido. —Está aqui? Minha Daphne está com você?

Max franziu o cenho.

— Não. O que aconteceu?

— Minha filha... tem que estar aqui! Me diga a verdade, Rotherstone! Se veio a sua casa a noite passada para estar com você...

— Lorde Starling, me acredite... O que é que aconteceu?

— Daphne se foi! — resmungou o visconde.

— Como se foi? — Max ficou pálido. Levantou-se imediatamente de sua escrivaninha e o rodeou para aproximar-se do visconde. — Conte-me tudo o que saiba.

— Esta manhã pensamos que estava dormindo. Ontem à noite partiu cedo do baile alegando desconforto. Mas quando minha esposa foi dar uma olhada esta manhã, ela não estava! A cama nem sequer estava desfeita!

— Deixou alguma nota?

— Não, nada!

— Alguém viu algo?

— A instrutora de suas irmãs a ouviu chegar, mas também pensou que Daphne se recolheu. Nem sequer o lacaio sabe aonde foi... William é o irmão gêmeo da donzela de minha filha. Em geral os gêmeos são inseparáveis, mas esta vez Daphne só levou a Wilhelmina com ela. Nem sequer a donzela deixou uma nota contando a seu irmão aonde pensavam ir.

O coração de Max pulsava desordenadamente. Tudo aquilo era culpa dele.

— Não, vim aqui primeiro. Supus que minha filha se escapuliu para... isto... para estar com você!

— Comigo? Senhor, ela jamais faria tal coisa.

— OH, pelo amor de Deus, Rotherstone, eu também fui jovem — espetou. —Além disso, não há forma de saber o que uma jovenzinha apaixonada fará ou deixará de fazer.

— Apaixonada? — Aquela palavra lhe doía. — Senhor, devo ser franco. Nestes momentos sou *persona non grata* para sua filha. De fato, longe de estar apaixonada, estou seguro de que me odeia e com razão. — Max baixou a cabeça. — Ontem à noite tivemos uma forte discussão.

— Ah, bom. Possivelmente isso explique sua fuga.

— Em efeito. Milord, há algo mais. Sem querer lhe revelei os... aspectos econômicos de nosso acordo.

—Você fez o que? — Lorde Starling empalideceu e em seu rosto apareceu uma expressão culpada. — Não desejava que ela soubesse, Rotherstone! Não queria que se preocupasse!

Ou, talvez, o orgulhoso pai não queria que ela soubesse de sua vergonha, pensou Max.

— Entendo-o, milord. Lamento profundamente. Aconteça o que acontecer, saiba que sou seu amigo. Não desejo que me devolva nada. Ainda a avaliação e ajudando-o ajudo a ela, de modo que... assim seja. — Guardou silêncio recorrendo a sua força de vontade para fazer o correto. — Por muito que a admire, sua filha não me quer. Não posso continuar insistindo, já que isso só parece enfurecê-la. A encontrarei e lhe direi que não é necessário que fuja ou se esconda. Sei que não quer me ver, mas tenho certa experiência para encontrar as pessoas que não desejam que as encontrem. Devolverei-a a sua casa sã e salva.

O pobre e idoso cavalheiro parecia emocionado por tudo aquilo, de modo que Max se apressou a puxar uma cadeira para que se sentasse.

— Sente-se, lorde Starling. Dodsley! Traga algo de beber.

— Sim, milord.

O mordomo olhou fugazmente ao angustiado visconde com preocupação e se apressou a lhe servir uma taça de conhaque.

— Minha pobre menina. — Lorde Starling levou o lenço à fronte. — Aonde pode ter ido?

— Certamente a casa da senhorita Portland ou do senhor Jonathon White — Respondeu Max— é o que acredito.

— Ah, agora deve me odiar — se lamentou ele, em geral, afetuoso pai. —Acreditei de coração que pareciam um com o outro.

— Eu também — balbuciou Max, que clareou a garganta quando Dodsley se aproximou com a taça e adotou a típica conduta formal. — Está seguro de que não havia sinais de que tivesse entrado um intruso? — Particularizou.

— Não, certamente que não — replicou o visconde com impaciência.

— Examinou os jardins, as janelas?

— Levou consigo um considerável número de vestidos, Max. A moça fugiu, acredite. Ao menos agora posso adivinhar em parte o motivo.

Max assentiu aliviado.

— Procure então não inquietar-se. Logo encontrarei a sua filha. Sabe onde vive a senhorita Portland?

O homem encolheu os ombros.

— Acredito recordar que é sobrinha do conde de Denbury.

— Denbury House se encontra a leste de Belgrave Square — falou Dodsley.

Lorde Starling assentiu.

— E Jonathon White se aloja em uns apartamentos para solteiros no Althorpe, no Piccadilly.

— Então posso chegar rapidamente.

— Me avise assim que saiba algo, Max! Envie uma nota a minha casa. Penelope se encontra ali. Também ela está fora de si.

Dodsley despediu de seu senhor com o cenho franzido pela preocupação.

— Vá com Deus, senhor.

Max assentiu enquanto colocava a jaqueta e se deteve a caminho para a porta.

— Lorde Starling, não se preocupe. Prometo-lhe que a trarei o antes possível.

Max foi selar seu cavalo e em seguida pôs rumo ao Denbury House. Ao fim de um momento se encontrava batendo na porta da majestosa mansão urbana no Belgrave Square.

Um mordomo abriu a porta.

— No que posso lhe ajudar, senhor?

— Sou o marquês de Rotherstone. Preciso falar imediatamente com a senhorita Carissa Portland.

O mordomo abriu os olhos desmesuradamente e Max pôde ler neles suas reservas. Apressou-se às sossegar.

— Temo-me que se trata de uma emergência. A amiga da senhorita Portland, a senhorita Starling, desapareceu. A jovem poderia estar em perigo. Vim da parte de lorde Starling para tentar ajudá-lo a encontrar a sua filha. Encontra-se aqui a senhorita Starling? Por favor, preciso sabê-lo— disse com firmeza. — Sua família está desesperada.

— Não... Não sei, milord — respondeu o mordomo, que parecia um tanto desconcertado pelas notícias. — Não vi à senhorita por aqui hoje. Mas temo que a senhorita Portland não se encontra em casa.

— Não está? — desafiou-o.

— Digo a verdade! Saiu com suas primas!

Max o olhou com os olhos entrecerrados.

— Para onde?

— As compras.

Está se escondendo de mim, pensou. De modo que a pequena ruiva devia estar ciente.

— Sabe aonde?

— Não, senhor, as damas não me informam de tal coisa. Talvez ao Bond Street, à galeria Burlington. Não saberia lhe dizer.

— De acordo. Quando se espera que retorne?

— À hora do chá, conforme acredito, senhor.

— Quando voltar a senhorita Portland, tenha a bondade de lhe dar as indicações que lhe especificarei a seguir. Transmita que lorde Rotherstone há dito que envie qualquer informação sobre o paradeiro de Daphne a casa dos Starling. Como amiga íntima da senhorita Starling pode ser a única que saiba onde se encontra. Ah, e lhe advirta que se não tiver notícias delas, retornarei para interrogá-la pessoalmente. Entendeu-o?

O mordomo assentiu.

— Sim, milord, certamente.

— Obrigado. — Max se despediu do homem com um rígido assentimento e, ato seguido, deu meia volta e se dirigiu para seu cavalo para empreender novamente o caminho.

Seguinte parada: a deliciosa residência Althorpe.

Algumas averiguações na pequena portaria da entrada ao elegante recinto cercado revelaram qual dos apartamentos pertencia a Jonathon White.

Max esmurrou a porta. O futuro marido eleito por Daphne abriu sem demora, vestido

unicamente com uns laços de tecido que recolhiam seu cabelo enquanto esperava a que os impecáveis cachos ao estilo grego secassem.

O homem era todo um dandi.

— Rotherstone? — White franziu o cenho. — O que faz você aqui?

— Daphne desapareceu — disse sem rodeios. —Se tiver conhecimento de aonde foi, mais lhe vale que me diga isso agora.

— Quem desapareceu? — ficou pálido sob as sardas. — O que quer dizer?

— Quero dizer que desapareceu!

Max lhe explicou brevemente o que aconteceu e White começou a deixar-se levar pelo pânico.

—Vi-a ontem à noite. Estava chorando. Foi espantoso. De modo que lhe deixei minha carruagem. Pensei que ia partir a sua casa!

— Disse-lhe aonde ia?

— Não. Perguntou a Carissa?

— Não se encontrava em casa. Maldita seja, permitiu que conduzisse a carruagem enquanto chorava?

— Bom, não me venha com queixa, foi você quem a fez chorar! Deus bendito, espero que não sofreu um acidente no trajeto de volta. Era de noite e não tem muita experiência no manejo de uma carruagem.

— Que classe de veículo era? — perguntou Max.

— Um faetón leve —disse inquieto.

Maldito néscio, pensou Max olhando-o fixamente. Essas vasilhas viravam se fossem a grande velocidade.

— Não podia lhe dizer que não, principalmente quando estava chorando!

— Vai ajudar-me a procurá-la? — Jonathon piscou.

— Como, agora?

Max o escrutinou com os olhos entrecerrados.

— Quer casar-se com você, sabe? Poderia mostrar certa preocupação.

Jonathon emitiu um bufado.

— Para sua informação, Daphne pode cuidar-se sozinha. E, o que é mais importante, acredito que a estas alturas já sabe que simplesmente somos amigos.

Max pigarreou e deu meia volta para partir, mas se deteve.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Do que se trata?

— Você a conhece melhor que ninguém. Tenho... alguma possibilidade ainda com ela?

— Depende.

— Do que?

— Lhe cai bem arrastar-se?

Max assimilou aquilo e o olhou com expressão irônica.

— Se souber algo dela lhe diga que envie uma nota a seu pai. O pobre homem está

angustiado.

— O farei — respondeu Jonathon. — E se for você quem a vê primeiro, lhe diga que quero que me devolva minha maldita carruagem!

Max se despediu com a mão enquanto se dirigia para seu cavalo. Pensou em realizar o caminho que Daphne fez do lugar onde se celebrou o baile no Richmond-upon-Thames, mas o pai dela dissera que a instrutora das irmãs ouviu a jovem chegar à casa a noite anterior. Decidiu, portanto, retornar à vila dos Starling e ver se receberam notícias.

Por muito furiosa que estivesse, não parecia próprio de Daphne deixar que sua família se preocupasse. Enquanto galopava a lombos do semental pelos planos atalhos em direção a South Kensington, começou a sentir-se muito inquieto pela moça, sem mencionar a sensação de culpa que o corroía ao saber que ele era a causa de que tivesse fugido.

Quando por fim chegou ao imóvel dos Starling, o cavalo estava sedento. Max procurou não consumir-se em excesso nos remorsos, a final de contas precisaria ter a cabeça limpa. Logo se preparou para entrar na casa de Daphne e averiguar se sabiam de algo; possivelmente a jovem entrou em razão e retornou. Rezava para que assim fosse quando Penélope, lady Starling, abriu a porta.

A mulher era um molho de nervos, por isso Max não se incomodou em puxar imediatamente o tema do prematuro anúncio em sociedade do enlace. A bagunceira matrona complicou tudo, mas o marquês deixou isso a um lado no momento enquanto lady Starling confirmava que seu marido e o leal William seguiam fazendo averiguações e não haviam tornado ainda.

Enquanto falavam chegou um mensageiro que entregou uma nota dirigida a William. Ao Max deu um tombo o coração quando lady Starling anunciou que era de sua irmã gêmea, Wilhelmina.

Recordava aos gêmeos daquele dia no Bucket Lane.

Tomou a carta das mãos de Penélope enquanto pedia perdão mentalmente a William por isso e, com a permissão da senhora, abriu-a sem olhar e a leu com o coração lhe esmurrando com força:

Querido Will:

Diga à família que não se preocupe. Estamos bem. Em uma estalagem chamada Os Três Cisnes, no Great North Road, onde logo nos reuniremos com uma pessoa muito importante. Por favor, diga a lorde S. que sinto muito tudo isto. Como não podia impedir a marcha da senhorita D. pensei que era melhor que a acompanhasse para que não se metesse em problemas. Não sabia o que outra coisa fazer. Ela estava desenquadrada. Será melhor que vá. Caso se inteire de que te escrevi ficará furiosa, mas precisava fazê-lo com a esperança de que não nos despeçam.

Sua leal irmã,

W.

— Bendita seja, pequena Wilhelmina — murmurou com profundo alívio. — Não sabe escrever bem, mas tem um coração de ouro.

— Ah, milord — disse Penélope de forma melodramática, —o que é que diz?

— Justo o que precisava saber. Moça preparada.— Entregou-lhe a nota. — Se em algum momento acredita oportuno se despedir dos gêmeos, lady Starling, envie-me isso. Este par vale seu peso em ouro.

Dito aquilo, Max saiu pela porta e montou no cavalo pondo rumo à Great North Road para levar de volta a casa a jovem fugitiva.

Daphne se sentia enjaulada dentro do quarto da estalagem de Os Três Cisnes e era incapaz de deixar de olhar através da cortina da janela em busca de qualquer sinal de sua tia avó.

A noite passada chegou até ali no faetón de Jonathon, uma perspectiva arrepiante por si, mas se viu forçada a deter-se quando alcançou uma bifurcação e teve que tomar a decisão de que caminho seguir. A duquesa viúva de Anselm possuía quatro imóveis situados em distintas direções. Daphne não tinha nem ideia de em qual se encontrava nesses momentos sua tia avó. A formidável anciã gostava de viajar por suas terras quando se aproximava a época da colheita; mantinha audiências anuais com seus arrendatários, resolvia desacordos locais, conhecia os bebês nascidos no ano e vigiava com atenção o recolhimento da colheita.

Portanto, Daphne teve que ser prática e não ficou mais alternativa que deter-se e enviar mensagens às diversas residências de sua excelência para averiguar em qual delas se encontrava a duquesa. Logo era simplesmente questão de aguardar a que chegasse uma resposta, e isso podia levar alguns dias. Mas a espera começava a lhe crispar os nervos. Tampouco ajudava em nada que as dúvidas tivessem começado a acossá-la. Umas dúvidas estranhas. Sentia o coração tão vazio dentro de seu peito como se fosse um sino. Ainda estava furiosa com o Max por sua impassível prepotência, o qual fazia que resultasse difícil de explicar a tristeza que a embargava ante a perspectiva de não voltar a vê-lo.

Sentia-se vazia, como se tivesse perdido a um amigo.

Pugnando por tirar aquele homem da cabeça, derrubou novamente a atenção na tarefa mais premente que tinha entre mãos: saber o que ia dizer quando tivesse diante à temível dragão. Sem dúvida a repreenderia. Sua excelência não consentia comportamentos indecorosos e obviamente desaprovaria sua fuga, mas Daphne esperava que, uma vez lhe explicasse a tirania a que estava sendo submetida sua vontade, a grande dama desatasse seus poderes draconianos em seu benefício.

Além disso, pensou Daphne, a sua excelência tranquilizaria saber que não se lançou completamente só naquela aventura imprudente. Ao menos teve o bom julgamento de levar consigo a sua donzela. Embora, em realidade, não podia atribuir-se o mérito por isso, pois foi Wilhelmina que insistiu em acompanhá-la. A noite passada, ao chegar à vila dos Starling, Daphne chegou às escondidas para recolher alguns de seus pertences quando Wilhelmina entrou sonolenta, como de costume, para ajudar a sua senhora a despir-se a sua volta do baile.

Daphne soube então que sua pequena e humilde donzela a conhecia muito bem para acreditar em qualquer mentira que contasse. Desconsolada, confessou finalmente ante Willie que

fugia por causa de lorde Rotherstone. Quando a incondicional moça, *bendita fosse!* Não conseguiu dissuadi-la, informou-a que ia acompanhá-la. Sem dúvida alguma era um grande consolo ter a um fiel aliado a seu lado. A buliçosa presença da donzela deu um ar de certa normalidade aos momentos posteriores à impetuosa fuga. Por desgraça, esse dia, a pobre Willie parecia mais nervosa que a própria Daphne. A moça desfez já as malas e dobrava os objetos de sua senhora duas vezes para manter-se ocupada. Daphne compartilhava sua agitação.

As dificuldades para ficar sentada sem fazer nada aumentavam a cada instante que passava.

— OH, já não o suporto mais — declarou ao fim. — Preciso sair deste quarto.

— Aonde irá? — perguntou a donzela quase gritando.

— Só abaixo — lhe assegurou Daphne. — Talvez tenham algum jornal de Londres.

— Eu irei ver!

— Não acontece nada. Andar um pouco por aqui me fará bem.

Daphne lutou contra a lembrança de Max a cada passo enquanto percorria o corredor da estalagem e se dirigia ao concorrido vestíbulo.

O guarda de um dos carros do correio, vestido com um casaco comprido, estava tocando a corneta para avisar pela última vez a todos os passageiros com bilhete para que subissem ao veículo. Daphne observou com curiosidade o barulho organizado pelos viajantes que se apressavam a pagar a conta do jantar à esposa do hospedeiro. O vestíbulo ficou deserto ao fim de uns momentos e o caos se tornou silêncio uma vez que o abarrotado carro do correio empreendeu caminho pelo pátio pavimentado, puxado por seis cavalos cinzentos.

Daphne se aproximou então a alegre e animada proprietária da estalagem que estava ordenando os bancos do salão de jantar, limpando as mesas e, sem a menor duvida, gozando de uma trégua transitória que só duraria até a rápida parada no caminho da seguinte carruagem.

— Senhora?

A mulher de faces rosadas levantou a vista com um amplo sorriso.

— No que posso ajudá-la, querida?

— Chegou já alguma mensagem para mim? Sou a senhorita Starling, quarto quatorze.

— Não, senhorita. Não desde a última vez que perguntou. Avisaremo-la assim que chegue.

— Obrigado. — Daphne supôs que foi um tanto insistente. — Receberam o Post?

— Assim é. — A mulher assentiu e se aproximou até o mostrador da entrada.

Daphne comprou um exemplar do afamado jornal londrino, célebre por contar com a melhor seção de ecos de sociedade. Certamente nela se falaria algo sobre o baile do final do verão.

Precisava saber, mas, ao mesmo tempo, temia comprovar se os escritores de fofocas se inteiraram do rumor que Penélope estendeu sobre as supostas e iminentes núpcias entre o Max e ela. Quando se sentou e examinou a publicação, sentiu-se aliviada ao não descobrir menção alguma. Ainda! De fato, tampouco se comentava nada a respeito de que o incivilizado Marquês Perverso sujasse ainda mais sua própria reputação por ter dado um murro no nariz de Albert Carew. Levantou a vista do jornal, tentando reprimir um sorriso relutante ao recordar aquilo. Mas a rajada de prazer revanchista foi efêmera quando veio à mente o verdadeiro motivo pelo qual,

segundo Albert, Max a escolheu para ser sua futura esposa. O sorriso de Daphne se apagou rapidamente.

Todas aquelas mentiras que falou a respeito de suas encantadoras qualidades... e acreditou!

Max lhe disse que a queria porque era amável com os desconhecidos e se preocupava com os órfãos. Não eram mais que tolices. Em realidade se tratava de outro homem que desejava utilizá-la para seus próprios fins, passando por cima o fato de que era uma pessoa cujos sentimentos podiam ser feridos. Ficou em pé quando se sentiu de novo invadida pela ira e a inquietação. Ao menos já sabia por que Max não lhe abriu seu coração: obviamente o marquês carecia dele.

Dado que ainda dispunha de tempo, decidiu ir dar uma olhada nos cavalos de Jono. Afinal de contas era responsável pelos animais e, além disso, os cavalos sempre sortiam um efeito tranquilizador em um espírito humano aflito.

Saiu da estalagem e cruzou o sombreado alpendre, logo desceu os poucos degraus que levavam até o pátio pavimentado banhado pela luz do sol de meio dia. Aquele primeiro dia de outono a temperatura era agradável e corria uma suave brisa, e nenhuma só nuvem cobria o brilhante céu azul. Antes de entrar nos estábulos passeou até o final do pátio para dar uma olhada no caminho e ver se vislumbrava a algum lacaio com uma mensagem enviada pela duquesa ou, talvez, inclusive à majestosa dama em sua régia carruagem.

Havia apenas vinte e cinco por cento de possibilidades de que sua tia avó estivesse no Milton Keynes, a mais próxima de suas propriedades, e Daphne não queria que sua excelência aparecesse em pessoa se, em efeito, encontrava-se ali.

Mas, entretanto, a Great North Road estava deserta.

Daphne suspirou e encolheu os ombros para sacudir de cima a impaciência. Logo cruzou o pátio até as portas totalmente abertas dos enormes estábulos de troca. Mas ao entrar reparou imediatamente nos três aborrecidos moços. Estes a observaram ao passar com admiração e interesse, algo para o que a jovem não estava de humor. Ignorou-os enquanto entrava na penumbra do grande estábulo e procurava as duas baias numeradas onde foram alojados, um junto ao outro, o casal de cavalos brancos de Jonathon.

Assegurou-se de que foram alimentados e de que lhes deram água. Enquanto acariciava a um deles, jogou uma olhada e viu que os três moços se aproximavam devagar para ela, olhando-a fixamente com um sorriso nos lábios. Todos eles pareciam, a verdade, bastante tolos.

— Necessita ajuda, senhorita?

— Não, obrigado. Só desejava dar uma olhada neles. Parecem estar bem atendidos.

Para sua desgraça, os moços não partiram.

— Está segura de que não podemos fazer nada por você, senhorita? Seria um prazer ajudar a uma dama tão bo... bo... bonita — balbuciou um deles.

— Não, agradeço — respondeu Daphne com gravidade. —Estou bem, o asseguro.

— Sim, está mas que muito bem — balbuciou o desdentado que se encontrava ao fundo.

Os outros puseram-se a rir. Eram primos e todos eles tolos.

— Perdão, como diz? — Olhou-o indignada de costas à porta fechada da baia mais próxima.

— Perdoe a meu amigo, senhorita. O que acontece é que não estamos acostumados a ver frequentemente a mulheres de sua classe por aqui. É uma honra!

— De minha classe? — exclamou.

— Não acontece nada, quem somos nós para julgá-la!

Os moços começaram a assentir e a gargalhar com vontade e Daphne pensou que, se juntassem o cérebro dos três, teriam quase a inteligência de um dos cavalos de Jono.

— Fizemos uma aposta, sabe? Bones diz que é uma atriz de teatro, mas eu acredito que é bailarina. Quem tem razão?

Daphne ficou boquiaberta quando compreendeu as errôneas conclusões que chegaram sobre sua posição. Caiu na conta de que acreditavam que... não era uma dama! Fechou a boca com celeridade. Era muito certo que as jovens solteiras de boa família não tinham por costume viajar sozinhas em um vistoso faetón leve com a única ajuda de uma donzela. Em efeito, só existia uma classe de mulher livre para fazer tal coisa: refinada amante de um homem rico.

Algumas dessas mulheres eram bastante célebres e, bem sabia Deus, acostumavam a vestir-se com as custosas roupas de uma dama distinta. *Vá,* não era de se admirar que aqueles provincianos estivessem olhando-a com dissimulação! Sentia-se mortificada pelo equívoco, embora resultavam mais perturbadores os sorrisos lascivos e olhares luxuriosos que lhe dirigiam.

— Não acredito que a seu patrão agrade que falem comigo— declarou, fazendo caso omisso da fugaz pontada de culpabilidade que sentiu ao recordar aquelas coisas pecaminosas que permitira que lorde Rotherstone lhe fizesse.

Talvez ela não fosse uma cabeça-de-vento como uma mulher do teatro, mas tampouco era tão pura como a branca neve; já não, em qualquer caso. Supunha que tinha um indefinido tom rosa. Literalmente. A lembrança do acontecido no salão e as mãos errantes do marquês fizeram que se ruborizasse, dando a Daphne um aspecto que os moços tomaram como uma confirmação de sua profissão.

Santo céu, aquele libertino assíduo aos bordéis a converteu em uma prostituta e, de algum modo, esses broncos eram os primeiros em descobri-lo. O sorriso desses moços fedorentos, sujos e terrivelmente grosseiros se fez mais amplo quando começaram a encurralá-la.

— Com quem está? diga-nos isso.

— É preciosa!

— Como se chama? É famosa?

— Pois claro que o é. Olha-a.

— É uma das amiguinhas do regente? Talvez de Wellington?

— Não, é uma das irmãs de Harriet Wilson, verdade, senhorita? As empregadas como ela podem ter a qualquer tolo que desejem.

— Cavalheiros, equivocam-se comigo. —Considerou que eram inofensivos do mesmo instante em que abriram a boca, mas retrocedeu igualmente, sentindo-se mais mortificada que ameaçada.

Ah, que situação tão embaraçosa.

— Arrumado a que pisa nas pranchas do Drury Lane, verdade?

— Não, em realidade não sou atriz nem bailarina. Nem canto, temo...

— Modelo de um artista! — exclamou um. — A pintaram nua?

— Por favor. Sou uma pessoa normal! Bem, por muito que tenha desfrutado com isto, preciso ir. — Continuou retrocedendo para a porta dos estábulos, falando com calma e sorrindo. Como se isso tivesse sortido efeito com o bando do Bucket Lane!

Por que a estavam seguindo? Pareciam três escravos em transe, cada um deles mais tosco.

— Considero que seria melhor que vocês... bons moços, retornem a seus trabalhos...

— Se afastem dela.

A seca ordem se escutou uns passos por trás dela. Daphne ficou petrificada. O tom grave e cortante daquela voz familiar pareceu vibrar em todo seu corpo.

Estupefata, Daphne deu meia volta e viu Max entrar com passo firme, embora pausado, no estábulo. O casaco negro que levava se agitava a suas costas enquanto que a tensão lhe marcava no rosto e naqueles claros olhos verdes, frios como o mármore.

Através das portas abertas pôde ver por trás dele como outro moço se encarregava no pátio do semental negro do marquês.

— Max! — falou surpreendida. — O que faz aqui?

Os três moços que a estavam incomodando jogaram uma olhada ao homem e saíram fugindo. Também lhe pareceu uma ideia extremamente sensata quando Max se aproximou ao mesmo tempo que se despojava das luvas de montar.

— Olá, Daphne — disse. — Vim para te levar para casa.

Capítulo 13

OH, não, disso nada!

Atônita ao vê-lo ali, e com o coração pulsando com força, Daphne girou e fugiu dele. Ignorava como achou ela, mas como estava intimamente familiarizada com a natureza implacável e a inquebrável vontade daquele homem, não se atrevia a deixar que ele voltasse a assumir o controle.

— Daphne, volta!

Ela o olhou de soslaio, rilhando os dentes ao escutar a ordem.

— Não fuja de mim. — Os passos de Max se aproximavam com celeridade.

A jovem se concentrou em pôr mais distância entre eles, percorrendo o corredor do estábulo em direção contrária. Max a seguiu com passo veloz e impassível.

— Tenha a bondade de se deter e falar comigo?

— Não temos nada de que falar, milord.

— Me diga ao menos se está bem!

— Certamente que estou! — Respondeu por cima do ombro enquanto apertava o passo. —Acaso me acredita incapaz de cuidar de mim mesma sem sua ajuda? Estou bem!

— Pois seu pai não. Está muito preocupado.

— Não diga! — replicou ela. — O merece.

— Não culpe a ele, culpe a mim.

— Culpo aos dois! — Em sua pressa por manter-se afastada de Max, esteve a ponto de pisar a um gato do celeiro que cruzou em seu caminho. Lançou um olhar carrancudo por cima do ombro; o marquês estava ganhando terreno. — Me deixe em paz!

— Não. Não passei o dia te buscando para deixar que volte a sair correndo.

— Como soube onde estava?

— Isso é irrelevante.

— Foi Willie, verdade? Esta manhã atuava de um modo extremamente suspeito. Tinha a intuição de que me traiu! Imagino que escreveu para casa, não é assim?

— Daphne, a moça estava morta de medo... por seu meio de vida e pela segurança das duas. Todos estávamos. Como pôde fugir desse modo?

— Ah, te escapou a mercadoria? — Provocou-o enquanto passava apressadamente junto a um moço que conduzia um cavalo pintalgado para o pátio. — Não te inquiete. Recuperará seu dinheiro assim que fale com minha tia avó.

— Não quero que me devolvam nada. Maldita seja, quer ficar quieta e falar comigo?

— Não tenho nada mais que te dizer.

Max soltou um suspiro e deixou de segui-la.

O coração da jovem retumbava com força. Ao chegar ao que acreditou que era uma intercessão ao fundo do corredor, girou à esquerda, mas no ato se encontrou presa em um beco sem saída: O corredor acabava na sala dos arreios. Teria que voltar sobre seus passos, mas Max iniciou a marcha de novo. Podia ouvir seus passos, e ao dar uma olhada a suas costas, viu-o aproximar-se através dos barrotes das baias.

Rapidamente descartou a possibilidade de passar correndo junto a ele, pois sabia que a apanharia em seus braços. Afastou aquela lembrança sabendo quão agradável isso podia ser. Logo olhou a seu redor. Parecia que a única rota de escape era a escada que levava até o palheiro. Correu até ela, subiu a primeira travessa e começou a ascensão.

— Daphne, o que está fazendo? — perguntou ele com tom sofrido. — Desce daí.

— Me solte! — gritou quando o homem a agarrou pela cintura um segundo depois.

Max se dispôs a descê-la da escada, mas ela se aferrou as laterais enquanto o olhava com o cenho franzido. Logo deu um firme embora comedido pontapé, como o coice de um burro, no estômago para escapar dele.

Não empregou muita força para machucar pois, afinal, sabia de primeira mão que o formoso abdômen do Max estava cinzelado em pedra. Só o suficiente para liberar-se. Assim que ele a soltou, Daphne subiu pela escada até o celeiro. Em seguida jogou a escada para que Max não pudesse segui-la. Os cavalos próximos relincharam furiosamente, assustados em suas baias, quando a escada caiu com grande estrépito ao chão do estábulo.

Max proferiu uma maldição ao mesmo tempo que se afastava.

Daphne procurou com o olhar outro modo de descer. Se conseguisse chegar ao chão e correr do pátio à estalagem, certamente o dono e sua esposa a ajudariam a manter a raia ao arrumado demônio do Rotherstone. Ou, no mínimo, poderia encerrar-se com chave em seu

quarto até que ele se desse por vencido e voltasse para casa. Decidiu, não sem sentir certo remorso, assegurar-se de não lhe ter golpeado a cabeça com a escada.

Com o coração acelerado, apareceu a borda e abafou um grito quando viu que estava são e salvo e que corria para a escada mais próxima antes de que ela pudesse utilizá-la para descer.

— Maldição!

Avançou velozmente para tentar chegar antes que ele, mas Max foi mais rápido. Daphne se deteve em seco quando ele saltou da última travessa ao celeiro ficando a um par de metros dela. Com uma faísca maliciosa nos olhos, o marquês derrubou a outra escada tal e como ela fez.

Daphne ficou boquiaberta. Já nenhum dos dois tinha forma de escapar!

— Ah, isso foi brilhante, Rotherstone! Como vamos descer daqui agora? — exclamou.

— Não vamos descer — replicou. — Não até que arrumemos isto.

— Querem deixar de derrubar escadas? — Gritou um dos moços. —Estão assustando aos cavalos!

— Nos dê um minuto, moço! — Vociferou o marquês. —Há um guiné para cada um se deixarem essas escadas onde estão até que eu lhes peça isso. Minha amiga e eu temos um pequeno desacordo a resolver.

— Outra vez esbanjando dinheiro — o provocou ela, pois um guiné era certamente o equivalente ao pagamento de quinze dias de trabalho, no mínimo.

Daphne apertou os dentes e o fulminou com o olhar quando ouviu as conclusões murmuradas dos moços.

— Sabia que era a amiguinha de um homem rico!

Max arqueou uma sobrancelha.

— Isso é tudo, cavalheiros. Nos deixem a sós um momento, sim?

— Sim, senhor! — responderam os moços com entusiasmo.

— A por ela—brincou um em voz baixa, provocando as gargalhadas profanas de seus companheiros.

Daphne olhou a Max enquanto sacudia a cabeça enquanto que, abaixo, os moços se dispersavam para lhes dar privacidade. Parecia inútil protestar ou exigir que um dos moços colocasse a escada para que pudesse descer, pois o manto sombrio que cobria o rosto cinzelado do Max lhe dizia que ele a perseguiria até os limites da terra, até que não tivesse ficado satisfeito.

Pelo visto, a única opção que tinha era enfrentar a esse demônio.

Max se aproximou dela; alto, incrivelmente musculoso, vestido de negro dos pés a cabeça. O feno esparramado sob suas botas de pele. Aquele homem a olhava com olhos penetrantes. O enviesado feixe de luz que penetrava no celeiro através da abertura retangular pela qual podia jogar feno ao pátio, formava um halo dourado salpicado por partículas de pó que suavizavam ligeiramente os duros contornos da mandíbula e as maçãs do rosto do marquês.

— A única coisa que te peço, senhorita Starling, é que me conceda um momento e me escute.

— Estou segura de que já ouvi o suficiente ontem à noite —replicou enquanto cruzava os braços a altura do peito. — E não te ocorra me enrolar para que não me sinta como me sinto!

Tenho direito a estar furiosa. Se apostou seu descomunal ego a que fosse me conquistar, de quem é a culpa? Certamente não é minha. Ficou em ridículo ante a sociedade? É tua obra. Ontem à noite se comportou como uma besta selvagem, e sabe.

— Sei — reconheceu ele apertando os dentes. — Por isso estou aqui, para te dizer que o sinto.

A desculpa pegou Daphne de surpresa. Arqueou uma sobrancelha.

Max deixou escapar um suspiro e se deteve, imobilizando-a brevemente com um olhar torturado.

— Odeio-me mesmo por te fazer mal.

Daphne o escrutinou com receio.

— Lamenta-o?

— Sim.

— Por que deveria acreditar em você? — respondeu sem baixar a guarda, resistindo com todas suas forças à debilidade que sentia por ele. —Diria qualquer coisa desde que saia com a tua. Isso já o demonstrou. Como sei que não se trata de uma nova estratégia?

— É a verdade! — Bramou, logo baixou o olhar. — O lamento. Mais do que nunca chegará a saber. Acredite que não sei o que fiz, que estraguei tudo entre nós?

A Daphne lhe encolheu o coração e a alma começava a doer ao ver o véu de tristeza e desamparo que rodeava Max, mas lutou por não deixar-se arrastar de novo.

— De acordo. — Tragou saliva e elevou o queixo. — Aceitarei suas desculpas se for necessário, desde que vá embora.

— Obrigado — respondeu ele, levantando a cabeça. — Mas temo que não vou daqui sem você.

— O que?

— Prometi a seu pai que te encontraria e te levaria para casa sã e salva.

— Ah, seriamente? — gritou com fúria renovada e as faces avermelhadas. — Vá, vocês dois! Bem, pois podem ir ambos ao inferno, porque não penso ir a nenhum lado contigo, lorde Rotherstone. Não vou casar me contigo e jamais terá o direito a me dizer o que devo fazer!

— OH, Senhor — resmungou Max entre dentes, e a olhou com uma mescla de dor e humor mordaz. Vencido, sentou-se cansativamente em um fardo de feno.

Ela ficou de pé tremendo de indignação.

— Se me escutasse... Tentava te dizer que já não é necessário que fuja, senhorita Starling. Pode renunciar a este despropósito e voltar para casa.

— Por quê?

Max a olhou com dureza.

— Não vou te persegui mais. — Logo baixou a cabeça. — Ganhou, Daphne. Retiro minha proposta de casamento. Falei com seu pai e vamos solucionar seus problemas econômicos, estou seguro de que têm fácil solução, mas o caso é que você já não está implicada. Vim para lhe dizer isso pessoalmente. Tenha a segurança de que não estou aqui para te capturar nem para ganhar sua mão. Só vim porque me preocupa e porque prometi a sua família que te encontraria e te

levaria sã e salva para casa. Depois de tudo, eu tive a culpa de sua fuga.

Daphne necessitou de um prolongado momento para assimilar aquela revelação.

— Então, já não deseja se casar comigo?

Era exatamente isso o que Daphne desejou a noite passada quando rompeu o compromisso acertado, agora que por fim ele acessou começava a notar uma alarmante sensação de desequilíbrio.

— Não se trata do que eu queira — respondeu Max com um suspiro enfastiado.

— Ah, certo — repôs cética. —Quase o esquecia. Não era para mim a quem em princípio queria, verdade? Não fui mais que uma ferramenta para sua mesquinha vingança contra Albert.

— Pode acreditar nisso se te agradar.

— Agora compreendo por que não me contou a verdadeira razão de seu interesse por mim. Todas essas bonitas mentiras sobre por que me escolheu entre todas as jovens de Londres para ser sua marquesa...— Sacudiu a cabeça e lutou contra o nó que lhe estava formando na garganta. —Me sinto uma estúpida, Max, porque quase acreditei, sabe?

— E deveria fazê-lo! — ficou em pé, com o rosto tingido de cólera. — Todas as razões que te dei que minha admiração por ti eram certas.

— Mm.

— Vai acreditar nas palavras de Albert? — Exigiu saber. —Um homem que esteve contando mentiras sobre você? Pensa que ele sabe do que fala no que a meus sentimentos se refere?

— Não o negou. — Os olhos lhe encheram de lágrimas. — Quando disse que havia um desafio entre os dois com respeito a mim, o silêncio foi sua única resposta. Isso é igual a uma confirmação! E para mim tem sentido! — Insistiu ao ver a expressão frustrada do Max. — Sua proposta foi de todo inesperada. Escolheu-me principalmente por motivos frios e práticos; só contavam suas necessidades e desejos, ou no que poderia te ser de utilidade. E, logo, quando vi que me afastava igual a fazia com sua irmã...

— O que importa tudo isto? — interrompeu-a furioso. Passou os dedos pelo cabelo negro, como se estivesse armando-se de paciência. — Já estava me expulsando de sua vida quando Carew interveio, e sigo sem entender por que. Acreditei que tudo ia bem entre nós!

— OH, não é possível que acreditasse que o que me fez no salão solucionara as coisas! — sussurrou ruborizando-se ao recordar como a boca do Max passeou por todo seu corpo.

Ele a olhou fixamente, perplexo, e deixou cair os braços de novo.

Daphne sacudiu a cabeça e pressionou a testa com os dedos, tentando ser paciente.

— Max... francamente. Muito melhor teria sido se de princípio fosse sincero em vez de utilizar todas essas táticas e me enganar com seus jogos!

— Eu não jogo...

— Ah, sim que o faz! — Bramou a jovem. — Desde que te vi no Bucket Lane, quando enganou a aqueles rufiões fingindo estar bêbado...

— Para te salvar a pele, meu amor!

— Tudo tem que estar envolto em um halo de mistério. Não posso suportar mais! — gritou. — Além de luxúria, ignoro o que sente por mim! Por que não pode ser sincero para que saiba a

que consequências? Max... — Agarrou-lhe o rosto entre as mãos com frustrado afeto, muito a seu pesar. — Sempre estive disposta a gostar de você, posso dizê-lo com delicadeza, mas nunca me atrevi a deixar que meus sentimentos voassem livremente porque nunca senti que podia confiar em ti.

— Pode confiar em mim— sussurrou, posando uma mão sobre a dela contra a face. — Faria qualquer coisa por ti, Daphne.

— Exceto se arriscar a me abrir seu coração — replicou. — Agora sei por que. Porque seu interesse por mim tinha mais que ver com o Albert que comigo.

-—Senhor, me dê paciência! — Max se separou dela e se voltou, lhe dando as costas por um momento.

Daphne o olhou fixamente, percebendo a fúria que refletia a rigidez de seus ombros.

— De acordo — grunhiu Rotherstone ao fim de um momento. — Quer a verdade? Reconheço. — Voltou-se lentamente e enfrentou ao seu olhar com suma cautela. — É certo que a necessidade de ter herdeiros foi o que impulsionou a busca de uma esposa e que a funesta reputação de minha família me obrigou a pôr atenção em uma debutante formosa e de bom berço, criaturas que, por regra geral, aborrecem-me sem remédio. Quando descobri que existia uma jovem adequada chamada Daphne Starling que rechaçou a meu adversário da infância, admito que pensei que poderia resultar... divertido o chatear um pouco me dando o gosto, talvez, de flertar um pouco com ela. Mas, Por Deus, Daphne... então te vi.

Ela se estremeceu ante a intensidade da paixão que via em seus olhos e se ameaçou a não deixar-se vencer pelos primeiros sinais de fraqueza. Quando Max a olhava desse modo lhe tremiam os joelhos.

O marquês sacudiu a cabeça.

— Tudo mudou no preciso instante em que meus olhos se pousaram em ti. Tudo mudou... dentro de mim. Quanto mais sabia de ti... chegou a minha alma.

— Não diga isso — lhe advertiu com um fio de voz, aferrando-se aos últimos farrapos de sua resolução para desprezá-lo. — É muito tarde. Não acredito em você. Conheço suas mentiras.

— Juro-te por São Miguel que digo a verdade.

Daphne ficava aterrada em deixar-se arrastar de novo pelo encanto magnético daquele homem e, entretanto, a sinceridade daquelas prementes palavras reverberava por todo o celeiro.

— Não me refiro unicamente a sua beleza — adicionou ele de maneira significativa. — Conheci mulheres formosas antes, mas não eram como você. Não há ninguém como você. Nenhuma delas poderia ganhar jamais minha confiança.

— Confia em mim?

— Disse a você no primeiro dia que fui a sua casa.

— Então, por que te resulta tão difícil ser mais sincero comigo?

— O que sei eu —disse suavemente, sacudindo a cabeça. — Sempre fui assim. Só sei que me buscou no baile dos Edgecombe e que foi a única pessoa a quem importou se eu partisse ou ficasse. Falou comigo e te achei... encantadora. — Olhou-a uns instantes e logo baixou a vista. — Essa noite tive que partir, mas desde aquele momento soube que era a única mulher para mim. E

cada vez que estivemos juntos depois, serviu para reforçar minha certeza. — Fez uma pausa. — Me desculpe, mas não tenho por costume mostrar minhas emoções abertamente. Se as razões que te dei por que te quero não lhe parecem sinceras, como diz, talvez seja porque o que sinto por ti me assusta terrivelmente.

Surpreendida, Daphne fez quanto pôde por assimilar as palavras do Max.

— Você, assustado? — murmurou ainda duvidando. Max parecia não assustar-se nunca por nada. Ele assentiu devagar.

— Tentei procurar razões cordatas e lógicas que expliquem esta... obsessão que provocou em mim. Tentei dizer a mim mesmo que não é mais que um casamento de conveniência para engendrar herdeiros. Nada que possa resultar alarmante. Mas não é assim como me sinto.

— Como se sente, Max? — insistiu-o com voz baixa.

Max o considerou durante um prolongado momento, como se olhasse atentamente em seu interior.

— Perdido, Daphne... E não é um sentimento fácil de aguentar para um homem que sempre sabe a que ater se.

A jovem sentiu que as lágrimas começavam a arder nos olhos. Desejava estreitar entre seus braços aquele homem, tão perito em tantas coisas e tão desesperado no referente a assuntos do coração. Era evidente que Max a necessitava.

— Nunca experimentei nada semelhante, e experimentei muitas coisas, me acredite. Mas nunca isto. Jamais... conheci a alguém como você. É a primeira coisa no que penso quando me levanto pela manhã e a última coisa que vejo em minha cabeça quando durmo. Não me interprete mal, sentir-se perdido não é todo sofrimento—se corrigiu. —Porque quando estou contigo me sinto maravilhosamente ditoso. Se lutei com muito empenho por ti, Daphne, é só porque não quero perder isto nem te perder. Até agora não tive nada semelhante, sabe? Tem aberto novas portas dentro de mim que... OH, Deus, pareço ridículo.— Fechou os olhos e se voltou. —Por que não me expulsa e acabamos com isso, por favor?

— Não quero te expulsar. —As lágrimas que tentou conter lhe empanaram a visão. — E absolutamente acredito que pareça ridículo.

Daphne se sentou tremente em um fardo de feno, já que as pernas ameaçavam em não sustentá-la por mais tempo.

— Bem. — Max abriu os olhos, com as mãos apoiadas na cintura e a cabeça encurvada. — Por alguma razão acreditei que seus sentimentos eram os mesmos — disse com voz grave e profunda. — Mas a noite passada me disse que tínhamos terminado. Não entendi então e sigo sem entender agora. — encolheu os ombros com cansaço. — Não sei mais o que fazer ou dizer para te conquistar. Tentei e, obviamente, nada deu resultado. Ontem à noite, quando vi que ia te perder de verdade, suponho que me confundiu.

— É certo, Max, mas também vi que Albert não deixava de o provocar — o desculpou com cautela. — Ambos sabemos que, se quisesse, poderia ter feito algo muito pior aos três irmãos Carew.

Max encolheu os ombros, evitando seu olhar.

— Em uma ocasião te prometi que não consentiria que nenhum homem te faltasse ao respeito em minha presença, e o cumpri. Em qualquer caso, deveria ter me ocupado dele mais tarde e não diante de ti. Uf... basta já de falar disto — declarou como se se sacudisse de cima as perigosas emoções que carregavam o ambiente. — Não penso pôr desculpas. Tinha razão ao se desfazer de mim, e se acabou. Sobre tudo queria que soubesse que lamento todas as maneiras em que tentei... te pressionar para que fizesse algo que não desejava. O que importa é o que você deseja. — Respirou profundamente e prosseguiu com valentia: — Independente do que decidir com respeito a mim, aceitarei. Se só quiser um amigo, isso serei para ti. Se não quiser voltar a me falar, guardarei as distâncias. Se a única coisa que desejas for um cão guardião que em frente a qualquer néscio que te incomode, me avise. Respeitarei seus desejos, quaisquer que sejam. Sua felicidade, senhorita Starling, é a única coisa que me importa neste momento.

Daphne podia sentir que estava perdendo a batalha: os lábios lhe tremiam e as lágrimas alagavam os olhos. Chegou a hora de realizar uma última e dolorosa confissão. Assustava-lhe dizê-lo, mas que fosse o que Deus quisesse.

— Max, a única coisa que sempre desejei é me casar com alguém que me ame por mim mesma. E isso é pedir muito?

— Absolutamente! — Max se ajoelhou ante ela em um abrir e fechar de olhos. Tomou suas mãos e a olhou com gravidade. — Ainda pode.

— Max... —Baixou a cabeça. Um par de lágrimas rodou por suas faces até as mãos unidas dos dois.

Apoiou a testa contra a de Daphne e guardou silêncio por um instante, como se estivesse armando-se de valor.

— Daphne?

— Sim? — Conteve o fôlego enquanto esperava a que ele falasse.

— Se te amasse por ti mesma — sussurrou, — amaria-me você de igual modo? Não pelo título nem a fortuna que possuo. Sendo plenamente consciente de que, às vezes, atuo como um maldito bastardo. Poderia amar a alguém assim?

— OH, Max — acertou a dizer. — Já te amo.

Max se separou o suficiente para olhá-la aos olhos com atordoamento.

— Seriamente?

Daphne assentiu de forma categórica enquanto continha um soluço.

— Por esse motivo tentei pôr fim a nosso compromisso ontem à noite.

— Me desculpe, mas tentou romper o compromisso porque me ama? — Franziu o cenho.

— Sim, e por isso tudo isto foi tão duro para mim! Acaso não o vê? Você me excluiu e eu... queria que meu amor fosse correspondido! O que outra coisa podia fazer enquanto ainda restassem forças? Não desejo deixar arrastar a um pesadelo de vida, amar a alguém a cujo coração não pudesse chegar. Desejo que meu amor seja correspondido em igual medida.

— E o é. É — sussurrou Max enquanto lhe agarrava o rosto entre as mãos e limpava as lágrimas com os polegares. Logo se aproximou e depositou um beijo caloroso na testa de Daphne.

— Isso diz agora— repôs a jovem com cautela quando ele se separou, — mas e amanhã?

Quando se fechar como fez depois da visita de sua irmã, resulta difícil saber o que pensa; como vou, ou seja, o que sente? E se desconhecer seus sentimentos, sobre tudo para mim, como posso me entregar como é devido a um compromisso como o matrimônio? Espera-se que a esposa ceda ao marido o controle sobre sua vida, e como vou fazer tal coisa, muito menos entregar meu coração, se nem sequer te conheço?

Max a olhou aos olhos, absorto em cada uma de suas palavras.

— Max, se me entregar a ti em matrimônio, quero que você faça o mesmo. Possivelmente espero mais que a maioria das mulheres, mas não quero me arriscar a um futuro desgraçado sob seu domínio e controle enquanto que você se converte em um estranho para mim. Essa classe de matrimônios abundam na alta sociedade...

—Santo Deus, se assim for como acredita que será sua vida estando casada comigo, não é de se admirar que siga sem aceitar! Meu adorado anjo, é uma ideia errônea — brigou suavemente.

— Seriamente?

— Não tem por que ser assim. Daphne, me escute. — levou a mão da jovem aos lábios enquanto sustentava o olhar e lhe beijou os dedos. Logo prosseguiu: — Não desejo te controlar nem te dominar em modo algum. O que importa que o resto da sociedade viva dessa forma? Não estamos obrigados a seguir suas normas. Minha vida é prova disso, no mínimo. Podemos achar a maneira de viver que mais convenha aos dois.

— Refere-te A... um casamento nada convencional?

— Um casamento por amor — sussurrou ele com o olhar cheio de ternura. — Faremos nossa própria pátria e você será a rainha.

— OH, Max. — Olhou-o fixamente. Aquilo era justo o que esperava que dissesse.

Daphne adorava a alma daquele homem.

— Não desejo te dominar, céu. Só quero seu amor. — Sacudiu a cabeça. *Deus, não queria reconhecer isso.*

— Por quê?

— Ninguém nunca me amou — disse dúbio, com um fio de voz. — É um dos motivos pelos quais não sou muito franco, como você diz. Suponho que pensava que quanto menos soubesse de mim mais possibilidades teria de te conquistar.

— OH, Max! — exclamou, lhe reprovando meigamente. — Ai, que equivocado estava.

Ele insistiu um pouco mais, com expressão atormentada.

— Se me der outra oportunidade, passarei o resto de meus dias procurando formas diferentes de te fazer feliz.

Embargada pelas emoções, agarrou o rosto do Max entre as mãos e o beijou pondo todo seu coração nisso. Ele respondeu com um suave gemido, amoldando as mãos sobre a cintura da jovem.

A princípio se mostrou um tanto indeciso, pois queria deixar que fosse ela quem estabelecesse o ritmo. Mas Daphne era uma mulher ardente que se aferrava e acariciava ao marquês para atraí-lo mais perto. Ele a rodeou com os braços até que seus corpos se uniram sem que nem um só centímetro os separasse.

Daphne passou um braço ao redor do pescoço de Max e enroscou os dedos em seu cabelo enquanto lhe devolvia os beijos, lentos, profundos e mais maravilhosos do que jamais sonhou. O incrível roce da boca do homem a fazia ansiar muito mais. Baixou as mãos pelas musculosas costas masculina. Desejava-o com toda sua alma. Max só necessitou uma suave carícia para deixar-se convencer e a tombou, entre um sussurro, no feno, para colocar-se a seguir em cima dela, lhe deslizando o antebraço sob a cabeça para que a jovem se apoiasse.

A Daphne fervia o sangue quando elevou a vista para seus olhos. *Me faça o amor*.

— Embriaga-me— sussurrou Max, obrigando-se a deter-se.

— OH, Max. —- Apesar de que a fina capa de feno que cobria as tábuas de madeira do chão do celeiro não era, nem muito menos, uma cama, Daphne se deleitou sentindo o peso daquele homem sobre ela.

Então viu a preocupação que refletia seu cenho franzido.

— O que acontece, meu amor?

— Talvez estivesse melhor sem mim — disse Max, com a voz carregada de tristeza. — Fui um egoísta, mas possivelmente...

— Não seja ridículo! — Posou-lhe um dedo sobre os lábios para fazê-lo calar. — Falei que a decisão era minha. —Max a olhou nos olhos, dando-se conta de que Daphne estava falando do futuro de ambos... ali, naquele momento.

— Amo-te — sussurrou. — E estou preparada, Max.

No rosto dele se desenhou uma expressão de pura paixão.

Capturou imediatamente os lábios de Daphne e a beijou com desenfreado abandono, ansiando entregar-se a ela ali mesmo, naquele instante, antes que a jovem perdesse a coragem. Respondeu com o mesmo ardor, presa naqueles beijos devastadores, gozando ao sentir o calor da mão do Max sobre o seio.

Estava tão absorta que quando escutou o som das rodas de outra carruagem do correio que entrava no pátio da estalagem, não prestou a menor atenção.

Até que passaram dois minutos. Resultou que não se tratava de um carro do correio. O barulho de criados e o grande alvoroço que se produziu a seguir anunciavam a chegada de uma personalidade muito importante. A princípio, as vozes que chegavam de baixo não conseguiram penetrar no arrebatamento de êxtase carnal que envolvia o celeiro, tampouco interromper a encarniçada luta interna do Marquês Perverso, que se debatia entre cumprir os desejos de Daphne e desflorá-la ali mesmo ou esperar até que se encontrassem em um lugar e uma situação mais propícia para fazer amor pela primeira vez.

Entretanto, Daphne baixou a mão e o tocou sem pudor nesse lugar que ratificava suas preferências a respeito.

Mas, naquele instante, a voz retumbante do velho dragão rasgou o ar.

— Vim a ver minha sobrinha! Vá procurar à moça agora mesmo e informe que estou aqui.

Daphne abafou um grito, ficando completamente imóvel debaixo do Rotherstone.

— Maldita seja — sussurrou Max enquanto os dois dirigiam a vista para a portinha ao fundo do celeiro.

— O que significa isto? Deixei tudo para ir em ajuda do que, conforme fui informada, tratava-se de uma emergência. Levamos toda a noite viajando. Bem, onde está minha sobrinha?

A seguir se escutou a voz da Wilhelmina: —Peço-lhe mil perdões, duquesa de Anselm; a senhorita Daphne foi aos estábulos faz um momento.

— Mm, se fala da jovem com o cabelo loiro— interveio um dos moços, — está no celeiro. E... não acredito que deseje que a incomodem, milady.

— No celeiro? Por Deus! Daphne Starling! Está aí? Sai imediatamente!

Max e ela se olharam com os olhos como pratos.

— Está bem? — perguntou ele.

O marquês se levantou de cima da jovem e ela se ergueu, mas as faces rosadas, a roupa amassada e as fibras de palha que levava no cabelo não deixavam lugar a dúvidas do que esteve fazendo. Daphne exalou com dificuldade, tentando fazer que sua respiração se normalizasse. Logo olhou ao Max em busca dos impressionantes dotes de comando dos quais este fazia uso em meio de uma crise.

— O que fazemos?

— Você decide — respondeu ele de modo significativo.

A jovem considerou atentamente as palavras do Max durante um prolongado momento, depois do qual lhe obsequiou com um sorriso pormenorizado e agradecido e o beijou no nariz.

Uma vez que se armou de coragem, ficou em pé e se aproximou da abertura retangular para aparecer por ela.

— Olá, tia avó Anselm! Estou aqui em cima!

O velho dragão levantou a cabeça. Levava o cabelo grisalho recolhido em um apertado coque e seu rosto severo denotava estupor.

— Pelos pregos de Cristo, Daphne Starling! Desce daí antes que te caia e quebre o pescoço.

Havia uma considerável altura até o chão.

— Teria alguém a bondade de aproximar a escada? — solicitou Daphne.

A formidável duquesa se encontrava junto a magnífica carruagem de sua propriedade, com um número abundante de lacaios para assisti-la. Willie protegia os olhos com a mão enquanto olhava para a Daphne, perplexa. E Daphne voltou a vista por cima do ombro para o celeiro e, em seguida, estendeu a mão para o Max.

— O que está fazendo aí encima, Daphne? —Exigiu saber a duquesa enquanto os criados pareciam reprimir a risada.— Deus bendito! Quem é esse homem que está contigo? — gritou o velho dragão quando o marquês se aproximou e se colocou junto a Daphne na pequena porta.

O casal trocou um olhar. Daphne obsequiou a Max um sorriso e logo dirigiu a vista para a poderosa aristocrata.

— Tia Anselm — anunciou, — este é meu prometido!

De repente desejava gritá-lo aos quatro ventos e tornar a rir, apesar da expressão horrorizada de sua tia avó ao encontrá-la em semelhante situação.

Max se ruborizou ligeiramente, mas parecia que ambos resplandeciam.

— Bem, isso espero! — replicou a duquesa, erguendo-se de forma grandiosa, o qual indicava

que, na presente circunstâncias, sua excelência não toleraria nenhum outro desenlace.

Estava decidido, pois. Os dois se veriam ante o altar.

— De acordo, desce daí e faz as apresentações! — ordenou a idosa, deixando entrever o afeto que sentia debaixo daquela atitude severa.

— Sim, tia!

Daphne pegou ao Max pela mão quando deixaram o celeiro e, assim que estiveram fora da vista de todos, beijou-o de novo. Ele a rodeou com um braço.

— Obrigado— lhe sussurrou Rotherstone ao ouvido. —Me encarregarei de que jamais o lamente.

— Sei. —Fechou os olhos, sumida em um estado de maravilhada euforia. — De agora em diante, depositarei minha confiança em ti.

— E eu em ti, carinho. — escutou-se um estrépito a suas costas quando um dos moços colocou a escada em seu lugar. — Sua tia parece um formidável adversário a ter em conta.

— Ah, assim é — respondeu sorrindo. — Mas não se preocupe, não há mulher capaz de resistir a seu encanto, como bem sabe.

— Será melhor descermos. Uf, Daphne... — Max começou a rir, pois a jovem parecia incapaz de deixar de abraçá-lo.

Agora que ele a aprendera, Daphne não desejava deixá-lo partir.

Capítulo 14

Londres lhe resultava familiar.

Drake conhecia os nomes das ruas e os edifícios emblemáticos, mas não era capaz de recordar por que sabia. Embora sua memória continuasse seriamente danificada, estava recuperando as forças. Chegou fazia uns dias depois de uma dura viagem da Baviera e se instalou no suntuoso hotel Pulteney, onde James se alojava.

A primeira manhã, durante o café da manhã, James entregou a Drake um exemplar do Post e pediu que lesse o jornal todos os dias, assinalando qualquer nome que lhe resultasse familiar.

Drake acessou a isso de forma voluntária.

O que mais desejava era conhecer seu próprio nome.

Quando passaram uns dias sem que se produzisse nenhum progresso, James o abordou de noite com um amplo sorriso desenhado nos lábios.

— Moço, tenho um presente especial para esta noite. Me acompanhe.

— Aonde me leva? — apressou-se a perguntar. Uma expressão de alarme se refletiu em seus olhos angustiados. Ainda era presa do medo depois do calvário pelo que passou à mãos dos torturadores.

— Não te inquiete, Drake. Esteve encerrado durante muito tempo. Consideramos que não te viria mal desfrutar de uma... companhia agradável — disse James de forma sutil enquanto o fazia sair à escura rua iluminada pelas lanternas.

— A que se refere?

Talon esboçou um sorriso malévolo.

— Vamos conseguir para você uma mulher.

— Com que objetivo? — repôs Drake.

O ajudante de James pôs-se a rir.

— Esqueceu até mesmo o que fazer com uma mulher? Ei, não se preocupe, já o recordará.

Dito aquilo, empurrou-o dentro da carruagem de James.

Um momento depois iniciavam a marcha. Drake olhou a James com preocupação, mas seu ancião protetor se limitou a assentir com a cabeça para lhe dar ânimos.

Breve chegaram a Royal Opera House situada no Haymarket. O chofer deteve o veículo diante do magnífico teatro, onde aficionados à arte embelezadas com seus melhores vestidos passeavam em pequenos grupos de amigos ou em casais.

— Aguarda aqui — lhe ordenou James enquanto ele desembarcava da carruagem. — Vou te buscar uma acompanhante adequada para a velada. Talon, tenha a bondade de manter a cortina fechada.

James não desejava que ninguém visse Drake. Podia haver agentes da Ordem em qualquer parte. Por esse motivo cuidou de manter ao cativo encerrado na carruagem ou em seu quarto no hotel desde que chegaram à cidade. Não queria que os inimigos do Conselho acessassem a Drake antes de saber com certeza quem era esse homem.

Embora James se afeiçoasse em certo modo com seu dócil prisioneiro, estava esgotando a paciência com a incapacidade de Drake para recordar seu nome completo. Talon, como era natural, jamais acreditou de todo a perda de memória de Drake, mas, por desgraça, James concebeu outro modo de tentar averiguar a identidade real do agente capturado. O que precisava era encontrar a alguém que tivesse um interesse pessoal em saber quem eram todos os homens poderosos de Londres, meditou James enquanto percorria com a vista aos congregados fora do teatro.

Uma terceira pessoa desinteressada com dom para a discrição.

Concretamente uma das cortesãs destacadas da cidade.

Seu olhar recaiu sobre uma voluptuosa dama da noite embelezada com uma elaborada e pomposa peruca Loire e um vestido escarlate, com um decote tão profundo que deixava ver parte dos mamilos. Um colar de diamantes no pescoço e uma estola de visom sobre os ombros completavam seu traje. A mulher estava fumando um cigarro enquanto jogava com os afetos de três jovens janotas chegados de Oxford, provavelmente para os dias de feriado escolar da festividade de São Miguel.

James se aproximou com andar pausado à cortesã e interrompeu sua diversão. Como todas as de sua classe, conhecia bem o aroma do verdadeiro poder, e abandonou aos moços para agarrar o braço que James lhe oferecia, sem lhe importar que fosse um homem velho e frágil.

— O que posso fazer por você, senhor? — perguntou. Com descarado flerte, deu-lhe um toquezinho na face ao James com o leque de seda.

— São diamantes autênticos? —- perguntou divertido.

Ela sacudiu a cinza do charuto e disse:

— Ganhei isso.

James riu entre dentes com ar cortês, mas lhe tirou o charuto dos dedos e o jogou no pavimento, agitando a mão para limpar a fumaça.

— Pergunto-me se poderia persuadi-la para que passasse um par de horas com meu jovem amigo. Está na carruagem. Permite-me que os apresente?

A mulher ficou imóvel, olhando-o a ele e logo ao veículo com receio. *Senhor, essas damas da noite tinham o instinto de um gato vira-latas,* pensou James.

— Ninguém vai fazer-lhe dano — murmurou o ancião. — Verá, meu amigo resultou ferido gravidade na guerra. Faz tempo que não esteve com uma mulher.

— Ah. — A mulher de rosto pintado franziu o cenho com o que, acreditava James, era sincera compaixão. Ao que parece dera com uma prostituta com coração bondoso. — O pobre moço perdeu algum membro e por isso sua esposa não o aceita? Que cruel!

— Não, não. Foi uma pancada na cabeça, temo-me. Depois disso, se encontra... confuso. Acredito que o prazer de sua companhia poderia lhe fazer muito bem.

— Certamente que sim!

— Permite-me que os apresente?

— Bom, fica por discutir o assunto de minha tarifa.

James lhe colocou discretamente uma pequena bolsa com moedas na mão.

— Seja amável com ele. Sofreu muito.

— Compreendo-o bem, avô. Você primeiro.

— É você uma descarada, não é certo?

— Levo-o no sangue — respondeu ela.

James abriu a porta da carruagem para que subisse, mas a mulher deu uma olhada com cautela ao escuro interior a fim de certificar-se de que tudo estava em ordem antes de entrar.

— Olá, encanto. Posso me unir a você? Ouvi dizer que alguém necessita que o animem um pouco... OH, Meu deus! — Gritou de repente, cravando os olhos no Drake. — Westie!

Drake a olhou confuso.

— Westie, de verdade é você! Pelos pregos de Cristo, não posso acreditá-lo! —Jogou os braços ao pescoço enquanto dava gritinhos de alegria, sem reparar em que ele retrocedia rigidamente. —OH, carinho, o que te fez o malvado do Bonaparte? Nem sequer sabia que estava no exército! Mas votaste! OH, Westie, encanto, graças a Deus que está vivo.

— Westie? — disse Talon com indolência.

A cortesã o olhou com dureza por cima do ombro.

— É o diminutivo do conde de Westwood, naturalmente.

— Ah —repôs James, esboçando um sorriso pausado. Esteve contendo o fôlego, mas já pareciam ter a resposta.

Drake começou a menear a cabeça.

— Deve haver um engano. Nunca ouvi esse nome em minha vida. Não tenho nem ideia de quem é esta mulher.

— Westie, encanto, sou eu, sua gatinha Ginger! — Desconcertada, olhou ao James. — Não

sabe quem é?

— Isso me temo — respondeu.

— Lamento-o, senhora — conseguiu dizer Drake, com a cabeça encurvada e o corpo em tensão.

— Ah, pobrezinho, não passa nada. Deve ter vivido um autêntico calvário. Mas me acredite, passamos noites muito gratas os dois juntos. —Plantou-lhe um beijo na face que lhe deixou uma marca vermelha.

Drake a limpou com expressão nervosa.

— Por favor, levem-na, não a quero, James.

— Eu ficarei com ela — balbuciou Talon sorrindo.

A mulher o olhou carrancuda por cima do ombro.

— Sabe? Carinho — disse James à mulher, — poderia ajudar a acelerar sua recuperação se nos proporcionasse qualquer informação que tenha sobre ele. Quais poderiam ser seus amigos, por exemplo. Se nos der seus nomes, poderíamos enviá-lo com eles para que o cuidem.

— Pensava que vocês eram seus amigos — replicou a mulher com outra faísca de cautela e desconfiança nos olhos.

— E o somos, é obvio, mas deve haver outros. Companheiros dele?

Ela sacudiu a cabeça, como se começasse a pressentir que algo não ia bem.

— Se não desejam cuidar dele, deixem que venha comigo. Necessita os cuidados de uma mulher.

— Não acredito que esteja preparado para isso.

— Bom, eu não sou mais que uma rameira, velho — concluiu, encolhendo os ombros com descaramento. — O que querem saber, quais são as posturas que gosta? Estava acostumado a vir ao bordel a beber e a cantar, entre outras coisas. Assim era o velho Westie que conhecia. Espero que não esteja inválido — adicionou indiferente, como se tentasse distanciar-se de forma deliberada.

Talvez pressentisse o perigo que corria.

James fixou o olhar nela.

— Muito bem. Em tal caso, pode partir— despediu-a, suspeitava que estava mentindo.

Adeus e boa viagem, diziam os olhos da mulher, que devolveu a bolsa com dinheiro ao homem que a tinha dado.

— Fique— falou James.

— Não o quero. Inclusive as putas têm nosso orgulho, milord. — Desceu de um salto do veículo e fechou de uma portada.

— Não confio nela — disse Talon um momento depois, quando a cortesã se reunia de novo no lugar com os janotas de Oxford.

James observou como os três jovens a rodeavam.

— Aqui está, Ginger!

— Quase nos rompe o coração!

— Nos esqueçamos da ópera. Vamos ao clube!

Ela jogou uma olhada por cima do ombro para a carruagem de James quando partia com seus admiradores em busca dos prazeres da noite.

Talon olhou ao James.

— Vou atrás dela?

— Não. — Sacudiu a cabeça. —Temos o que precisamos no momento. Se queremos dar com ela de novo, não acredito que nos resulte complicado. Ginger a Gata não passa, precisamente, inadvertida. — Deu um golpe na carruagem como sinal para o chofer e, um instante depois, o veículo iniciou a marcha.

Drake não tinha ideia de por que importava tanto que aquela mulher tão maquiada pudesse partir. Manteve a cabeça baixada e guardou silêncio enquanto retornavam ao hotel Pulteney. Enquanto isso continuou dando voltas na cabeça com o nome com a qual lhe chamou. O conde de Westwood. Era ele esse homem? Não lhe resultava absolutamente familiar.

Quando chegaram a seu destino, James o encerrou em seu quarto para que dormisse. Drake suspirou. O esteve esperando.

Do outro lado, na sala de estar, James repartiu novas ordens a Talon em voz baixa:

— Agora que sabemos que é o conde de Westwood quero que encontre a mansão familiar e que infiltre a um de nossos espiões no pessoal de serviço. Uma vez que esteja na casa, quero que procure qualquer pista de sua passada relação com a Ordem. Além disso, ordena que informem de cada atividade que possa ser de interesse que aconteça.

-—Entendido. Quer que faça uma visita ao Dresden Bloodwell? Deve estar já em Londres. Acredito que Malcolm te deu a direção.

— Sim, aqui a tenho. —- Abriu a escrivaninha portátil e tirou um pedaço de papel com os dados do Dresden que entregou a Talon. — Passa por ali e joga uma olhada, mas não lhe aborde. Mantenha-se longe dele. Afinal, esse homem é um assassino lunático. Iremos vê-lo juntos logo e nos asseguraremos de que cause o menor dano possível. Enquanto te encarrega disso, eu preciso me ocupar de uma reunião amanhã no Newgate.

— Como, na prisão? — perguntou Talon, surpreso.

— Sim, faz vários meses recebi um despacho de um dos subordinados do Tavistock, um alcaide do Newgate. Falava de um sentenciado encerrado ali que reclamava ver o Tavistock. O nome do detento é O'Banyon. Afirma ter informação relacionada com a localização do tesouro perdido da tumba do alquimista.

Talon o olhou atônito.

— Seriamente?

James encolheu os ombros.

— Já veremos. Dado que Tavistock já não está entre nós, o desventurado senhor O'Banyon terá que conformar-se comigo. Escutarei-lhe amanhã e verei por mim mesmo se tem alguma credibilidade. Considerando onde se encontra, tenho minhas reservas.

— O tesouro perdido da tumba do alquimista... — murmurou Talon. — Não seria magnífico que resultasse ser certo? Que pudéssemos encontrar um dos pergaminhos perdidos?

— Poderia conter a chave de um poder inconcebível — repôs James em voz baixa. Justo o

que necessito para derrocar ao Malcolm.

Talon encolheu os ombros.

— Embora imagine que das palavras de O'Banyon só podemos acreditar a metade. Por que está no Newgate?

— Segundo o alcaide, O'Banyon é um ladrão e instigador de motins. Afirma que foi primeiro oficial de convés em um navio com patente de corso, mas o tribunal apresentou queixa por pirataria contra ele.

Talon soltou um bufado.

— Não é de se admirar que o descarado esteja disposto a dizer qualquer coisa se acredita que pode ajudá-lo a escapar da forca.

— Sem dúvida — concordou James, mas seus olhos brilharam ante a mera possibilidade de pôr as mãos em cima a um dos pergaminhos que continham segredos inimagináveis descobertos pelos primeiros prometeo, entre os que se incluía o maior mestre do ocultismo, o alquimista do Renascimento conhecido como Valerio.

— Bem, se ambos tivermos que nos ausentar amanhã, quem vai ocupar-se do gorila? — inquiriu Talon.

James o olhou com expressão irônica.

— Se te refere ao conde de Westwood, encarregarei-me de que meu chofer e um par de homens montem guarda.

O guarda-costas assentiu.

— Bem, irei jogar lhe uma olhada. Está muito calado. — Cruzou a suíte e abriu a porta do quarto do prisioneiro, aparecendo a cabeça sem a menor educação. — O que está fazendo?

Drake estava deitado na cama lendo o jornal, tal e como lhe ordenaram, e simplesmente levantou a vista para olhá-lo. Talon soltou um bufado e fechou a porta de novo, girando a chave.

Vete ao inferno, pensou Drake. *O bastardo do tapa-olho e ele não se tinham a menor afeição.*

Drake continuou olhando a coluna de sociedade e seus olhos se detiveram uma vez mais no detalhado anúncio de bodas de um dos casais, ao que parece, pertencentes à flor e nata da sociedade. Ia celebrar se ali, em Londres, e estava prevista para a manhã do dia seguinte.

O nome da noiva lhe era desconhecido, mas Drake não pôde afastar a vista do nome do noivo. Tinha a inexplicável certeza de conhecer aquele homem, a aquele marquês.

Em sua cabeça começou a tomar forma uma ideia.

Não dissera a James que reconhecia o nome, embora talvez o fizesse. Mas antes, em seu desespero por encontrar respostas sólidas, sentia-se obrigado a escapar às escondidas para ir a aquelas bodas e dar uma olhada de perto à cara do noivo... se é que conseguia fazê-lo. O nome lhe resultava familiar... *Rotherstone.*

Por fim chegou o grande dia.

O sol brilhava em todo seu esplendor aquela manhã cheia de promessas, mas sob o véu o semblante da jovem estava pálido por causa dos nervos que a afligiam. Desejava casar-se com o Max, embora sentia certo temor, pois uma vez terminasse o dia, não haveria volta atrás. A ideia fazia que aferrasse o ramo com tal força que sem dar-se conta estava esmagando os delicados caules das flores. O coração pulsava fortemente ao ritmo do alegre repicar dos sinos quando a pouco usada carruagem da família Starling, enfeitada com flores para a ocasião e levado por quatro cavalos tocados com plumas brancas, deteve-se diante do St. George em Hanover Square.

As colunas da igreja mais elegante do Mayfair estavam adornadas com espirais feitas com cintas de cor clara. Grandes urnas com flores flanqueavam o alvo tapete que foi estendido sobre o pavimento até o interior da ampla entrada da igreja.

Dentro, Daphne conseguiu ver uma numerosa multidão de pessoas as quais conhecia, usando suas melhores roupas. A jovem tragou saliva. Os temores de último momento fizeram ato de presença e se afundaram nela como golfinhos saltitantes enquanto considerava todas as incógnitas de uma vida futura com um homem ao que apelidavam o Marquês Perverso.

Com o coração apertado, desembarcou da carruagem ajudada por seu pai com quem, semanas atrás, resolvera suas diferenças. Wilhelmina a seguiu sem demora para lhe dar uma mão com o manejo das volumosas saias.

A música subiu até um crescendo... e logo se fez o silêncio.

Lorde Starling a brindou com um sorriso aberto e a conduziu ao interior da igreja. Ambos se prepararam para fazer a entrada enquanto que Penélope e as meninas, vestidas de arroxeado e rosa, apressavam-se a sentar-se. De novo soou a música e os presentes ficaram em pé.

Daphne esquadrinhou a abarrotada igreja com o pulso acelerado enquanto deixava que seu pai estivesse pendente do sinal do pastor para que avançassem. Divisou a lady Thurloe, a irmã de Max, junto a seus filhos e seu marido. A condessa interviu no planejamento das bodas. Também reparou nos amigos de seu futuro esposo, o duque de Warrington e lorde Falconridge, de pé junto a um gigantesco escocês de cabelo grisalho, vestido com o traje típico das Terras Altas.

Senhor, quem é aquele tipo tão impressionante? pensou. Logo seu olhar vagou até encontrar a sua tia avó Anselm sentada no primeiro banco a frente.

Jonathon estava junto a ela e, quando seus olhares se cruzaram, sorriu e saudou jovialmente com a mão. Daphne devolveu carinhosamente o sorriso, um pouco mais tranquila graças ao cômico senso de humor do jovem. Jamais esteve tão segura de ter tomado a decisão correta. Carissa se encontrava perto com suas altivas primas. A pequena ruiva animou a Daphne com uma firme inclinação de cabeça que, por sua vez, fez que a jovem conduzisse de novo sua atenção na tarefa que a ocupava.

Quando Max apareceu diante do altar, justo onde devia estar, todas as dúvidas que pôde ter albergado se evaporaram como o rocio da manhã. Ao vê-lo seu coração se inflamou com renovada certeza. Max a olhava fixamente do outro lado do corredor enquanto esperava que chegasse até ele. Ia vestido com uma jaqueta azul escuro, colete prateado e calção cor creme, com meias brancas e sapatos negros. As luvas eram também brancas e levava um botão de flor na lapela. Parecia o príncipe azul de um conto de fadas.

O suave empurrãozinho de seu pai foi o sinal para que avançasse, fazendo que deixasse de olhar embevecida a seu futuro marido. Daphne se recompôs e começou a andar com a graça e refinamento que desde menina se propôs a aprender com o fim de fazer que o espírito de sua mãe se sentisse orgulhoso. Continuou olhando fixamente a Max enquanto se encaminhava com passo lento e fluido para o altar. O coração de Daphne levantou o voo à medida que se aproximava dele. De acordo, ia casar-se com o Marquês Perverso e, uma vez que pronunciasse aqueles votos, jamais olharia para trás.

Essa manhã Max resplandecia em toda sua beleza: barbeou-se e penteou o cabelo negro para trás com um pouco de pomada. A Daphne resultava impossível afastar os olhos dele. Uma vez chegaram até o noivo, lorde Starling a entregou a Max sem mais preâmbulos. Estar a seu lado era uma pura delícia. Daphne se sentia exultante.

Ninguém me amou nunca, lhe dissera Max aquele dia no celeiro. Essas palavras ainda faziam que lhe encolhesse o coração.

Eu o farei — pensou. E naquele momento tomou uma decisão irrevogável: — *vou amar e te dar tudo o que tenho,* disse-lhe com o olhar carregado de sinceridade.

Max examinou seu rosto através do transparente véu nupcial, com expressão inquisitiva e uma faísca de curiosidade quando ofereceu a mão a Daphne. Ela se agarrou em seu braço e se aproximou mais a ele. *Espero que esteja preparado, Max, meu amor. Você procurou isso.*

A música cessou. Max a olhou de esguelha desconcertado e com certo receio e Daphne o brindou um sorriso espectador. A seguir ambos voltaram sua atenção ao calvo pastor, que levantou a vista do livro de orações aberto que tinha ante si.

O homem subiu os óculos redondos e esboçou um amplo sorriso, primeiro a eles e logo aos ali presente.

— Queridos irmãos — começou, — estamos hoje aqui reunidos para...

Estava casado. Assim de simples.

Um par de horas depois, na recepção, Max seguia quase sem acreditar que ao fim obteve seu objetivo e conseguiu à dama escolhida.

A jovem criou uma batalha campal, tal e como Max dissera a seus amigos, mesmo com seu meticuloso planejamento, aprendeu sem a menor duvida que o coração de uma mulher era uma força da natureza que nenhum homem podia controlar. Se tivesse albergado a menor duvida a respeito, o beijo que Daphne lhe deu no ponto alto da cerimônia o teria esquecido.

Quando o pastor disse ao Max que podia beijar à noiva, retirou o véu para reclamar seus lábios, encontrando-se com que Daphne lhe arrojou os braços ao redor do pescoço e o beijou apaixonadamente. Não esperava... e tampouco nenhum dos assistentes. Várias pessoas na igreja riram, mas a jovem não prestou nenhuma atenção. Daphne lhe plantou um beijo nos lábios que não demorou para suscitar os vivas e aplausos dos convidados, e do fundo da igreja se escutou o sonoro assobio de Rohan. Quando a noiva pôs fim ao beijo, inclusive Max se sentia um tanto

envergonhado.

Sem dúvida encontrou à Marquesa Perversa perfeita.

Encantados e impacientes pela noite de bodas, partiram para o Almack's, pois lorde Starling reservou aquele lugar para celebrar a recepção. Esse dia houve música; receberam um sem-fim de felicitações e parabéns, assim como presentes da nata sociedade londrina; e correram o vinho e os licores, quão melhores podiam encontrar-se no mundo. As mesas estavam repletas de comida e, ao final, os dois juntos pediram um desejo e cortaram o extravagante bolo branco de vários pisos elaborada no Gunter'S.

O dia estava passando a velocidade vertiginosa. Max achava bastante estranho que, mesmo estando apenas um par de horas casado começava a sentir-se como se formasse já parte do mundo. Finalmente foi convidado a se unir a seu sogro e a um grupo de idosos cavalheiros que formavam o círculo de amigos do visconde a fumar um charuto na rua. Para evitar que a fumaça penetrasse dentro e incomodasse às damas, reuniram-se no beco entre o Almack's e as cavalariças de aluguel situadas ao lado.

Enquanto Max fumava, sem deixar de sorrir amplamente enquanto que os idosos casados lhe aconselhavam em meio de um ambiente jocoso que devia ao menos aparentar cumprir todas as ordens de sua flamejante esposa, reparou em uma carruagem de aluguel que rodava lentamente até o King Street, perpendicularmente ao estreito beco onde estavam reunidos os homens.

A princípio não lhe deu maior importância. Havia quem sem dúvida sentia certa curiosidade por dar uma olhada a umas bodas da aristocracia, sobre tudo quando não se celebrava em alguma distante propriedade campestre. Nos ecos de sociedade se anunciou a data das iminentes núpcias e os jornalistas que ganhavam a vida mexericando a respeito da vida dos membros da alta sociedade, andariam rondando para ver o que podiam captar.

Mas quando o veículo passou por diante do beco, a plena vista, Max viu o passageiro que ia dentro. Atrás de uma opaca cortininha aberta apareceu um rosto... Um rosto que reconheceu imediatamente.

Max ficou petrificado.

Seu olhar se cruzou com os escuros e penetrantes olhos do homem durante um efêmero instante. Max permaneceu imóvel, incapaz de dar crédito ao que vira. Um fantasma? Uma alucinação? Viu o rosto de um irmão cansado. A carruagem passou, ganhando velocidade, e durante um segundo Max se manteve ali, olhando-o, completamente emocionado.

Drake.

Imediatamente jogou o charuto sem dar explicações a seu sogro nem a ninguém e saiu correndo do beco, dobrou à esquerda e começou a perseguir o veículo pela King Street.

— Rotherstone!

Max ouviu que lorde Starling o chamava, mas não voltou a vista. A carruagem, que tinha acelerado e lhe levava uma boa distância, estava já virando à esquerda, para a concorrida St. James Street.

Max correu mais depressa, questionando sua própria prudência mas negando-se a duvidar

dela. Sabia o que vira e, santo Deus, se Drake estava vivo... Nesses momentos não queria nem pensar nas repercussões que aquilo poderia ter. Precisava assegurar-se. Avançou a toda velocidade entre transeuntes que pululavam pelos diversos estabelecimentos, perseguindo a carruagem pelo St. James Street em direção ao Piccadilly. Sua mente se viu assaltada por dúvidas e inúmeras perguntas enquanto lutava contra o forte impulso de gritar o nome de seu amigo para fazer que se detivesse.

Se na verdade Drake estava vivo e tudo partia como era devido, se desejava que o encontrassem, já se teria detido. *Santo Deus, será possível que Drake se tornou um renegado?*

Talvez se tivesse equivocado e não fosse Drake. Max separou de sua cabeça a crescente sensação de pavor e acelerou o passo, embora os escorregadios saltos dos sapatos de etiqueta não eram de muita ajuda. Teria sorte se não acabasse dando com o traseiro no chão.

O abundante tráfico atrasara o passo da carruagem mas, apesar disso, indo a pé Max não era rival para os dois cavalos que levavam o veículo. De modo que quando este dobrou a esquina, perdeu contato visual durante um par de minutos. Ao chegar à esquina com o Piccadilly, parou a olhar entre fôlegos para a esquerda, a direção que o viu tomar. O veículo se perdeu rapidamente entre a maré de anódinas carruagens negras que transitavam pela grande avenida.

Maldita seja!

A ambos os lados da rua havia veículos estacionados esperando para recolher passageiros que iam e vinham pela avenida de elegantes lojas, clubes e cafeterias. Max inspecionou o pavimento em ambas as direções no caso de Drake ter desembarcado do carro de aluguel e contínuo a pé.

Logo se centrou nos pedestres varões, mas era complicado distingui-los uns de outros, já que todos eles levavam a cabeça coberta e o rosto ficava escurecido pela asa dos distintos tipos de cartolas, chapéus de feltro e bicórneos militares. Max começava a sentir que chegara a um beco sem saída quando reparou em um dos carros de aluguel na fila de veículos estacionados e lhe pareceu que os cavalos eram de uma cor similar ao tiro da carruagem que tinha estado perseguindo: um castanho desgrenhado e outro de um tom marrom mais escuro. Poderia tratar do mesmo.

Max correu até ele fazendo caso omisso dos olhares dos transeuntes. Imaginava que parecia um fantoche correndo pelas ruas de Londres embelezado com o traje mais elegante e formal que possuía. O que diria a alta sociedade de um noivo que parte como alma que leva o diabo da recepção de suas bodas? E, já postos, o que pensaria Daphne a respeito?

Não queria deter-se em pensar nisso agora. Se Drake estava vivo e se tornou um renegado, tinha problemas mais graves dos que ocupar-se que a simples desaprovação das patronas do Almack'S. Percorreu a rua sem perder um minuto até chegar à carruagem estacionada e abriu a porta sem prévio aviso. Estava vazia. Se Drake o tinha ocupado momentos antes, desvaneceu-se como a fumaça de um charuto.

— Posso lhe ajudar, senhor? — Perguntou o chofer da sua boleia. —Quer que o leve a algum sítio?

— Aonde foi esse homem? Seu passageiro!

O chofer sacudiu a cabeça e encolheu os ombros com desinteresse.

—Nem sei, nem me importa.

— Fique aqui, preciso falar com você! —ordenou-lhe Max, embora estava convencido de encontrar-se no bom caminho. Inspecionou velozmente as lojas adjacentes ao lugar onde se deteve a carruagem, jogando uma olhada às portas abertas de vários dos comércios. Uma chapelaria, uma confeitaria, uma loja de velas e outra de panos de linho. Não. Mas quando jogou uma olhada à abarrotada loja de artigos diversos, além dos corredores ao fundo do comprido e estreito espaço divisou fugazmente a um homem vestido de negro que desaparecia pela porta de trás.

Pôs-se a correr atrás dele, desobedecendo ao lojista.

— Ouça! Aonde vai?

Max abriu a porta traseira de repente e saiu ao jardim.

Ali não havia ninguém. Uma muro alto de tijolo circundava a horta do comerciante. O mais provável era que a família vivesse em cima da loja. Max reconheceu a zona com olhar turvo e aguçou o ouvido em busca de algum som. Nada. Não podia vê-lo nem ouvi-lo, mas lhe sentia muito perto.

— Drake! — gritou de repente. — Deixe-me vê-lo!

Em vez de seu camarada foi o lojista quem saiu naquele momento, como uma fúria.

— Ouça! Intruso! Aonde acredita que vai? Não pode estar aqui!

— Viu você a um homem sair por esta porta?

— Além de você? — replicou o robusto comerciante, vestido com um avental e com os braços em jarras. Malditos aristocratas, parecia dizer sua beligerante expressão carrancuda.

— Lamento — balbuciou Max, mas se afastou do homem e subiu no muro.— Vou chamar às autoridades se não sair de minha propriedade. Não tem nenhum direito a estar aqui.

— De acordo.

Max saltou ao outro lado e prosseguiu com a busca justo quando Warrington e Falconridge entravam rapidamente no jardim do lojista.

— Max!

— Quem demônios são vocês? —- gritou furioso o homem.

— Sentimo-lo, estamos procurando a nosso amigo.

— Foi-se por ali.

— Como, saltou o muro?

— Estou aqui — respondeu Max, contrariado ao não encontrar rastro algum do Drake. Voltou a saltar ao jardim e se reuniu com seus amigos.

— Vocês, movam-se ou enviarei a procurar as autoridades. Não quero seu dinheiro! — replicou o proprietário quando Warrington tentou lhe oferecer cinco guinés pelos incômodos.

— Que diabos aconteceu? — murmurou Jordan.

Os três abandonaram a loja.

— Vi Drake.

— O que?

Max os olhou com gravidade enquanto se afastavam do comerciante, que continuava na entrada do estabelecimento para assegurar-se de que não voltassem.

— Aqui?

— Vivo?

— Juro que era ele.

— Deve estar equivocado.

— Impossível!

— Sei. Afinal, se Drake estivesse vivo, por que não teria que nos avisar? Mas lhes asseguro que sei o que vi. Vim perseguindo-o até aqui, mas escapou.

— O buscaremos. Por onde foi?

— Desapareceu! Tal e como nos ensinaram a fazer— adicionou Max sombrio. —Neste momento... - Olhou a seu redor e sacudiu a cabeça. —Poderia estar em qualquer lugar.

— Bem, se Drake estiver vivo mais vale que o encontremos. E rápido.

— Sei. Não o entendo. — Max meneou novamente a cabeça, desconcertado— Acaso estou tendo visões?

— Poderia ser uma falha da mente, verdade? Saudade, a lembrança de velhos amigos? — sugeriu Jordan.

— Ou seu fantasma... — adicionou Rohan.

Os outros dois ficaram olhando-o.

— Cresci em um castelo encantado, moços. Até que um fantasma não tente lhes atirar pelas escadas, não terão vivido.

— Isso não ajuda, Rohan — disse Jordan, pondo uma mão no ombro do Max, de forma fraternal. — Possivelmente só se sinta culpado porque você retornou enquanto que ele não. Sei que todos padecemos nossa boa parte de culpa. E agora tem a uma moça encantadora, uma vida maravilhosa por diante...

— Não estou imaginando coisas, Jordan. — Max passou a mão pelo cabelo. — Ao menos... não acredito.

— Escuta, deixa que nos encarreguemos disto — murmurou Rohan. — Encontraremos ao Drake, seja homem ou fantasma. Você tem coisas melhores que fazer.

— Se assegurem de falar com o chofer do veículo de aluguel — disse. — Não acredito que saiba nada, mas o viu e poderia contribuir com uma descrição dele e de onde o recolheu. Averiguem o que puderem.

Jordan assentiu, mas logo trocou um olhar dúbio com o Rohan.

— Parece-me que será melhor que o digamos — disse o escocês ao Jordan em voz baixa.

— Me dizer o que? — O tom do Rohan fez que ao Max lhe gelasse o sangue de antemão.

— Jordan divisou ao Dresden Bloodwell no baile do final do verão.

— Dresden Bloodwell... o assassino? Que demônios está fazendo ele em Londres?

— Não faço nenhuma ideia.

— Onde o viu?

— Dentro da casa. Deve ter entrado acompanhando a um dos convidados. Estava apoiado

na parede do salão de baile e parecia estar tomando nota. Eu me encontrava dançando com uma mulher e quando pude me liberar dela, Dresden havia desaparecido.

— Por que demônios não me contou isso? — espetou Max.

— Já havia ido. Foi depois que partiu, depois da briga com o Carew.

— Isso aconteceu faz semanas!

— Estivemo-nos encarregando nós. Não se preocupe. Vamos, homem, não queríamos estragar este momento. Estava apaixonado loucamente e se preparava para o casamento — repôs Rohan. — E já que falamos disso, será melhor que volte. Provocou um bom alvoroço com sua partida.

—Maldita seja, o que vou dizer?

— Que viu como um ladrão de carteira roubava a bolsa a uma idosa e tomou conta do assunto — o informou Jordan como se tal coisa fosse normal. — Bem, vá colher a glória dos heróis. E descuida, que nós respaldaremos a história.

— De acordo. — Max sacudiu a cabeça com um suspiro furioso e um profundo desassossego nas vísceras. — É perfeito, simplesmente perfeito— resmungou. —Não levo nem um dia casado e já preciso mentir a Daphne.

Aquilo não augurava nada bom.

Conhece-me.

Drake penetrou às escondidas no hotel Pulteney com o coração ainda disparado, subindo pelo balcão pelo qual desceu. Precisava retornar antes que James voltasse de fazer seus recados. Graças a Deus, conforme lhe dissera, Talon não estaria de volta até ao fim de uns dias, mas não sabia aonde foi o homem do tapa-olho.

Resultou estranho caminhar livremente pela cidade e Drake se desorientou. Não conseguia encontrar um bom motivo pelo qual devesse voltar com seus captores, salvo que algo em seu interior lhe dizia que devia fazê-lo. Talvez acabasse acreditando realmente nos prometeo quando diziam que eram seus amigos. Drake só sabia que aí fora, nessa estranha cidade, não se sentia seguro sem o James, muito menos depois da aterradora perseguição da qual foi objeto. Necessitava a benévola bolha em que o envolvia seu ancião protetor.

De modo que se propôs penetrar de novo dentro do hotel Pulteney. Dava a impressão de que seu corpo sabia o que estava fazendo mesmo que o cérebro o ignorasse. Parecia ter um plano.

Talvez suas razões para retornar fossem outras. Talvez esse continente perdido, submerso dentro dele, sabia bem o que se fazia. Drake o ignorava. Mas no fundo de seu ser percebia que não devia contar a James o que fez. Ao menos no momento, até que averiguasse se Rotherstone era amigo ou inimigo.

Ainda não se explicava de onde procedia aquela habilidade para evitar ser capturado do qual fez uso. Certo era que não esperou que o vissem, mas quando Rotherstone começou a perseguí-lo, o instinto guiou a suas reações sem antes as prever. Aquilo fez que se perguntasse como

conseguiram capturá-lo na Baviera. Por que não conseguia lembrar-se? Quando entrou de novo pela janela do quarto que lhe foi atribuído se sentia esmagado uma vez mais.

Drake se serviu um copo de água da jarra, com as mãos trementes, depois do qual se sentou na cama para tentar recuperar o fôlego. Aquietou o tremor e se aferrou com todas suas forças a aqueles únicos indícios de reconhecimento.

Rotherstone o conhecia. A mulher da cara pintada da noite passada, Ginger, também o conhecia. E agora conseguiu escapar e voltar a entrar sem ser detectado. Todos esses eram sinais prometedores. Exalou pausadamente e os tremores terminaram.

Possivelmente, só possivelmente, havia esperança para ele.

Capítulo 15

O longo dia terminara. Daphne estava sentada em frente ao espelho da penteadeira, escovando o cabelo até deixá-lo brilhante. Livre ao fim do calção e do espartilho, a única coisa que usava debaixo do roupão azul de cetim era uma regata branca de linho. Era maravilhoso poder relaxar-se depois da tensão de ter que ser o centro das atenções durante tantas horas.

Desfrutava vendo como a luz da vela arrancava brilhos à aliança de ouro do dedo anelar com cada passada da escova. Procurou não prestar atenção aos nervos que lhe provocava saber que Max se uniria a ela de um momento a outro para passar a primeira noite juntos no que ia ser o dormitório conjugal. Naturalmente, levaria algum tempo para acostumar-se a essa nova vida, assim como à nova casa. Precisava recordar com frequência que agora era a senhora do opulento palacete de Max, com sua esplêndida galeria de retratos, o embelezado salão de jantar e todo o resto.

Era muito maior, imponente e grandioso que a acolhedora vila de seu pai, tanto que fazia que sentisse que devia comportar-se melhor que nunca. Até ali, no amplo e impressionante dormitório, o débil resplendor do candelabro não conseguia alcançar o escuro teto, de quatro metros e meio de altura. Uma casa tão enorme devia ser fria por força, mas o fogo que ardia na lareira fazia que a extensa antecâmara estivesse quente em excesso. Tendo em conta que muito em breve lhe pediriam que se despojasse da roupa, supunha que devia estar agradecida. No dia seguinte partiriam rumo à propriedade do Max, mas essa noite...

Plenamente consciente da enorme cama com dossel que se encontrava a uns metros dela, tomou outro gole de vinho e continuou tentando serenar-se e deixar a um lado outro ataque de nervos virginais.

Era lógico que a primeira noite juntos despertasse nela certa ansiedade, posto que desconhecia os detalhes do que ia acontecer, apenas o essencial. Mas estava decidida a começar sua vida matrimonial sem reservas e, além disso, não duvidava de que seu cavalheiresco marido faria quanto estivesse em suas mãos para conseguir que fosse o mais cômodo possível para ela.

Perguntava-se se ficaria naquela ansiedade só na primeira vez... A perspectiva era tão entristecedora que seus pensamentos se centraram, com certo humor, na imagem de seu já marido abandonando como um raio a recepção e atravessando as ruas de Londres atrás de um

ladrão de carteira. *Um herói da cabeça aos pés*, pensou enquanto se olhava no espelho com um sorriso cheio de orgulho. Max parecia incapaz de não fazer uso da valentia que o caracterizava. Aquele era um de seus traços mais adoráveis, considerou.

Daphne deu a volta ao escutar o clique da porta do outro extremo do imenso dormitório tenuemente iluminado, reprimindo um estremecimento de excitação quando se abriu e Max entrou no dormitório. Lhe sorriu enquanto fechava e ela curvou os lábios, com a escova ainda na mão. Seu coração acelerou quando Max cruzou o quarto, olhando-a com manifesta admiração.

— Aqui está meu tesouro — a saudou meigamente, com um murmúrio grave e rouco.

Daphne se ruborizou sob seu olhar adulador e baixou a cabeça uma vez que ele se deteve a seu lado.

— De verdade é minha? — sussurrou, passando com suavidade os dedos sobre o reluzente cabelo dourado de Daphne.

Ela levantou a vista e o olhou aos olhos, assentindo.

— Sabe que o sou.

Max se inclinou para depositar um beijo cheio de adoração em seus lábios.

— Sou o mais afortunado dos homens.

A boca de Daphne se curvou embaixo da dele e o agarrou a mão quando ele se endireitou, deixando que descansassem entrelaçadas entre eles. Max sustentou o olhar com ardor durante um prolongado momento.

O coração da jovem irradiava felicidade em meio daquele silêncio.

— Como se sente? —perguntou o marquês em voz baixa.

— Bem! Sou feliz.

— Esplêndido — sussurrou Max.

— E você?

— Feliz — repetiu com mesurada cautela, como se saboreasse a palavra com receio, deixando que ela fosse quem o guiasse. Daphne arqueou uma sobrancelha.

— Não está seguro?

— Não estou acostumado.

Ela apertou a mão do Max um pouco mais.

— Logo estará.

— Então, estamos casados — disse ele com uma entonação ligeiramente formal.

— Assim é — respondeu ela, e um amplo sorriso se desenhou em seus lábios. — Pode acreditar! Saíste com a tua.

Max franziu o cenho com expressão abatida.

— Não diga isso. Tem que ser mútuo, Daphne.

— Só estava brincando. Certamente que o é. Entretanto, que possibilidades tinha eu com alguém como você me perseguindo? Mas me pergunto uma coisa...

— O que?

Daphne se levantou da penteadeira e jogou os braços ao pescoço.

— Agora que me apanhou, Rotherstone, o que vai fazer comigo?

Max prorrompeu em uma gargalhada, baixando a cabeça para depois beijá-la com avidez. A jovem se sobressaltou quando o fogo crepitou ruidosamente na lareira, deixando assim entrever o nervosismo que a consumia.

Max pôs fim ao beijo e a olhou compassivo, com o cenho um tanto franzido, dando-se conta de que sua esposa estava sofrendo um ataque de nervos.

— Vamos, tranquila, céu. Não há motivo para que esteja tão alterada. Vêem aqui. Sente-se comigo. — Conduziu-a até a poltrona de pele marroquino, sentou-se e estendeu a mão a modo de convite.

Ela sorriu com acanhamento e aceitou, acomodando-se sobre seu colo. Logo alisou o tecido da regata e o roupão e o rodeou frouxamente o pescoço com os braços.

— Relaxe, verdade que se está bem aqui? — brincou, colocando os pés descalços de sua esposa de forma delicada sob sua coxa para mantê-los quentes.

Daphne sorriu agradecendo os esforços do Max por acalmá-la. Sustentou o olhar durante longo momento com expressão perplexa.

— Parece diferente— disse improvisadamente.

— Seriamente?

— Sim. Tem algo, não sei... um brilho nos olhos. Desde a cerimônia. Aquele beijo que me deu... — Vá! A jovem esboçou um amplo sorriso.

— Você gostou?

— Carinho, se gostasse de um pouco mais te teria tomado no altar e a ambos teria partido um raio. E bem? Confessa. A que se deve esse brilho pícaro?

— A ti. — Deixou escapar um suspiro com ar sonhador e lhe acariciou o rosto, mas recordou o peso que tinha sobre sua consciência. Não desejava que ficassem segredos entre eles antes de entregar-se a ele pela primeira vez. — Max?

— Sim.

— Devo... te confessar uma coisa.

— Ai, Meu deus. Escuto-te.

— Promete-me que não te zangará?

— É obvio. É o dia de nosso casamento. O que aconteceu, carinho?

Daphne baixou o olhar.

— Empenhei o colar de safiras para o orfanato. — Estremecendo-se, levantou a vista para ele por baixo das pestanas para calcular sua reação. — Recorda aquele edifício que queria comprar para as crianças? O internato que estava a venda?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Sim?

— Por desgraça, minhas esperanças de fazer o bem estão encontrando-se com obstáculos.

Max a observou atentamente mas, fiel a sua palavra, não parecia furioso.

— Que classe de impedimentos, querida minha? A soma não era suficiente?

— Não, o dinheiro bastava para cobrir o custo uma vez que lhe somei os donativos que tínhamos arrecadado.

— Que obstáculos? Acaso já o comprou alguém?

— Não. — Daphne não pôde dissimular seu ressentimento. — Não querem me vender o edifício porque sou uma mulher.

— Ah. —Arqueou ambas as sobrancelhas e repôs: —Bom, minha querida lady Rotherstone, teremos que nos ocupar disso. — Beijou-a no nariz e começou a rir suavemente. — Estiveste a ponto de fazer que me preocupasse.

— Não te incomoda que tenha vendido o colar? Quando o fiz não combinávamos muito. Se houvéssemos...

— Basta. Tenho a imensa sorte de estar casado com uma mulher que antepõe o bem-estar de um punhado de meninos esfarrapados ao seu próprio e, se gastar o que ganhou com a venda de um presente neles... É um anjo, Daphne. Não posso acreditar que seja minha.

Ela o abraçou.

— Obrigado por entender.

— Quer outro colar?

— Não. Preferiria camas e roupa nova para todas as crianças.

— Feito — sussurrou. — Será meu presente de casamento.

— OH, Max!

— Em realidade, Daphne, já que estamos despindo nossas almas, há algo que devo te contar.

A jovem franziu o cenho decidida a assimilar o segredo de seu marido tão bem como ele tomou o seu. Quando este cravou os olhos nela durante um momento, Daphne vislumbrou certo divertimento neles.

— Do que se trata, pedaço de vagabundo? — murmurou, estudando-o com receio.

— Aquele dia no Bucket Lane, recorda que me viu sair do... bordel?

Ela assentiu, procurando ocultar a repulsão que lhe provocava tão repugnante estabelecimento.

— Não me encontrava ali pelo motivo que você acredita— a informou. — Em realidade, estava ali unicamente para te dar uma olhada.

— O que?

— Como que Deus é minha testemunha... —Procedeu a lhe contar a história completa de como ordenou a seu advogado que confeccionasse uma lista de possíveis noivas antes mesmo de ter retornado da Europa.

Aquela absurda explicação fez rir e exclamar maravilhada a Daphne. Não pensava acreditar nenhuma palavra de tudo aquilo, até que Max se levantou e tirou a carta, entregando-lhe para que a lesse.

— Hypatia Glendale? Era essa minha rival? Ah, então sou problemática, né?

— Muito — concordou o marquês.

Daphne se pôs a rir porque, afinal, o que outra coisa podia fazer? Não ia zangar se com ele em sua noite de núpcias. Para falar a verdade, agradava-a em supremo grau escutar que seu marido não foi a aquele bordel para usar às mulheres que ali trabalhavam, a não ser para espiá-la.

Era uma explicação estranha, sem dúvida, mas a aceitou.

— Leva suficiente tempo se movendo na alta sociedade para saber que assim que um aristocrata solteiro mostra o mínimo interesse por uma jovem dama, começam a circular um sem-fim de rumores.

— Mesmo assim — o repreendeu, meneando a cabeça apesar de estar rindo-se, — não posso acreditar que fizesse uma lista pondo como requisito estas qualidades! Bom berço, beleza, dote, temperamento... que mais?

— Reputação irrepreensível.

— Ora! Pobre advogado! É um milagre que encontrasse a uma só jovem que pudesse cumprir com sua lista de valores. Muito mais a cinco. A verdade, Rotherstone, custa-me acreditar que virtualmente me pedisse por catálogo como se fosse um instrumento agrícola! — Riu com alegria depois da recriminação. — OH, foi bem merecido até o mais mínimo problema que te causei!

— Só sei que estou mais que contente com minha escolha.

— É incrível. —Rindo ainda, agarrou o rosto do Max entre as mãos e o beijou. — Tenho o pressentimento de que vais fazer que minha vida resulte muito interessante.

— Tentarei.

— Bem, me alegro de que me contou isso — disse sentando-se de novo sobre seu colo e jogando a um lado a carta de Oliver Smith.— Compreendo que tem pela frente um longo caminho a percorrer para aprender a ser mais sincero, meu amor, mas este é sem dúvida um passo na direção correta. Estou orgulhosa de ti.

— Obrigado por não me estrangular.

— Bom, ainda não consegui o que quero de ti! Pode ser que depois. Max?

Ele a obsequiou com um sorriso ardente.

— Sim, Daphne?

A jovem o olhou aos olhos com expressão grave.

— Vou ser uma esposa excelente.

— Não me cabe a menor duvida.

— Não, falo a sério. Lutei muito contra isto, mas agora... Estou absolutamente comprometida — sussurrou, brincando com o botão do colarinho da camisa dele.

— Parece-me esplêndido.

Daphne sorriu e aproximou a cabeça para lhe dar outro beijo nos lábios, fechando os olhos com um suave risinho.

— Hypatia Glendale, nada menos. Agora é meu, todo meu. Seus lábios, seu nariz, seus olhos e suas faces... — Beijou cada parte uma por uma. — O queixo, todo você. O pescoço... O que é isso? — Exclamou de repente, detendo-se e olhando a pálida cicatriz sob a orelha, em um lado do pescoço.

— OH, isso? Não é nada — disse ele. — Simplesmente que um desventurado tentou me matar.

— Quem tentou te matar? — gritou. —Por quê?

— Por diversão e por tirar um pedaço, principalmente. Além disso, tentou me roubar. Foi em Roma. Não se preocupe, aquilo passou faz muito.

— Carinho, poderiam ter te matado!

— Não, o destino tinha melhores planos reservados, minha preciosa dama. Você, por exemplo. Não se inquiete! Eu fui mais rápido. — Atraiu-a para ele e a beijou para dissipar sua surpresa.

Daphne se esqueceu da cicatriz e se aferrou a sua camisa, quase sem fôlego.

— Max?

— Sim, esposa minha?

— Já não necessita isto, verdade?

Viu a faísca de surpresa e prazer que brilhou nos olhos de Max quando cravou o olhar nela fascinado.

— Tem razão. — Assentiu vagamente e tirou o objeto pela cabeça.

— Mmm, que maravilha. — Acomodada em seu colo, apoiou a cabeça sobre o ombro nu de Max e se dedicou a passear os dedos por aquele esplêndido torso.

Mas de repente seus dedos se detiveram, uma vez mais.

— Max— disse com firmeza.

— Sim, amor? — respondeu ele. O desejo tingia de certa aspereza sua profunda entonação. Ao perceber o ar brincalhão de Daphne estava provocando um curioso efeito no marquês.

— Max, tem outra cicatriz aqui. No peito.

— Seriamente?

— Max! Acaso o ladrão te apunhalou também aí?

— Uf, me fez isso outro tipo.

— O outro tipo também tentou te matar?

— Não foi minha culpa.

— Deve aprender a se levar bem com outros, carinho! As pessoas tem por costume tentar te matar?

— Só de vez em quando. Mas não precisa temer por mim, meu amor. Acaso esqueceu que descendo de guerreiros e cruzados? — recordou-lhe de forma sardônica. — Inclusive houve alguns cavalheiros templários em minha família.

Daphne o olhou de esguelha embora emocionada ao escutar o apelativo carinhoso: *meu amor.* Guardou-o em seu coração como se de um tesouro se tratasse e se atreveu a abrigar a esperança de que por fim estivesse fazendo progressos com ele. Logo depositou um beijo na cicatriz.

— Algum dia terá que me falar disso.

— Acredito que não o farei — murmurou, sorrindo ao mesmo tempo que acariciava com os lábios ao longo do pescoço de sua esposa e a abraçava mais estreitamente. — É um assunto do mais desagradável.

— Muito bem — desistiu deixando escapar um suspiro sensual, desfrutando enquanto lhe mordiscava o lóbulo da orelha, — parece que é propenso a se colocar em problemas. Há alguma

outra cicatriz que eu deva conhecer? Já que agora sou sua esposa...

— Por que não continua olhando para ver se o descobre? — disse-lhe ao ouvido.

— É na verdade perverso, sabe?

— Nem tanto que não possa me redimir, verdade?

— Eu não disse que isso é um defeito.

Max proferiu uma profunda gargalhada. Logo deslizou os braços ao redor de sua cintura e a beijou apaixonadamente.

Daphne se entreteve com o acetinado roce de sua língua enquanto lhe acariciava por toda parte, cativada por seu sabor embriagador. Escutou e percebeu o roce da respiração acelerada do Max quando seus dedos avançaram sobre a pele nua, saboreando a cinzelasse dureza do abdômen e subindo pelo musculoso peito até agarrar-se aos poderosos ombros. Presa de uma luxuriosa admiração, suas unhas percorreram os enormes bíceps com provocadora leveza. Enquanto isso ele deslizava seus dedos destros sob a borda do roupão de cetim, descendo pelos ombros.

A seguir Max abandonou os lábios dela e riscou uma trilha de beijos lá por onde passavam suas mãos, lhe arrancando um suave gemido a jovem quando mordiscou o ombro nu. E uma vez sua boca se moveu pela curva do pescoço, baixou a mão para tomar nela um de seus seios por cima da regata. Daphne jogou a cabeça para trás ao sentir que o polegar do Max começava a brincar com o mamilo para pô-lo ereto. Deixou seus seios por um momento para lhe agarrar os quadris e fazer que ficasse escarranchado sobre seu regaço, depois do qual começou de novo a lhes prodigalizar sua atenção. O roupão pendurava agora dos cotovelos de Daphne apesar de que continuava completamente vestida com a regata de linho.

Estava impaciente por desprender-se do objeto que ficou grudado debaixo de seus joelhos, mas estar sentada escarranchada sobre ele, sentir o calor e aquela dureza no vértice das coxas, resultava muito prazeroso. Os seios de Daphne se apertavam contra o linho. Max procurou rodear a zona, beijando em seu lugar a pele que aparecia por cima do decote da regata e provocando uma dolorosa resposta neles através do fino tecido. A jovem enroscou os dedos no denso cabelo de seu marido uma vez que se movia sobre ele com um ritmo sutil enquanto seu corpo procurava moldar-se ao do Max.

Daphne não acreditava que pudesse conseguir naquela poltrona mas, por todos os Santos, aquele homem a estava deixando louca.

Fervia-lhe o sangue clamando por sentir-se profundamente cheia.

Daphne já não pôde suportar quando Max se aferrou aos quadris e a ajudou a apertar-se contra ele. *Deus bendito*, desejou aquele homem desde o instante em que pôs os olhos nele, quando saiu do bordel parecendo a viva estampa em carne e osso de sexo.

Essa noite desejava saber do que era capaz seu querido libertino.

Agarrou o queixo do Max enquanto se amontoavam em sua cabeça as doces e carnais lembranças daquela boca entre as pernas e pôs fim aos beijos que lhe dava com atenção nos seios.

— Max — sussurrou sem fôlego. — Necessito... um gole de vinho. — E com um olhar divertido, levantou-se de seu regaço e ficou em pé um tanto tremente.

A jovem encolheu os ombros preguiçosamente para deixar que o roupão azul de cetim escorregasse até o chão. O olhar voraz e sensual de Max a seguiu quando deu a volta para ir tomar um gole de vinho para acalmar os nervos.

Daphne podia sentir o peso de seus olhos nela e voltou a cabeça para dar uma olhada por cima do ombro antes de chegar a penteadeira onde deixou a taça. A expressão do marquês era quase de dor quando seus olhares se cruzaram.

Deteve-se e se voltou para ele.

— O que acontece?

— Sua regata é quase transparente quando está diante do fogo.

— Seriamente? — Baixou o olhar para seu corpo, ruborizando-se ligeiramente. — Bom, suponho que já não a necessito. — Com um ousado impulso atrevido, brindou um sorriso sedutor a Max e tirou o objeto pela cabeça.

Escutou o fraco gemido do Max quando sacudiu o cabelo e deixou cair a fina regata. Durante um momento não se moveu para permitir que ele a olhasse e logo, com ar indolente, girou e se dirigiu para a penteadeira para tomar sua taça de vinho.

No espelho pôde ver como Max devorava seu corpo nu com os olhos. Não sabia com certeza o que lhe acontecia, tão só sabia que o desejava.

Começava a dar-se conta de que o prazer físico lhe proporcionava um meio de chegar a ele a um nível mais profundo. Quando Max centrava toda sua atenção em oferecer e receber prazer, esquecia-se de manter-se em guarda. A máscara que sempre levava posta se derrubava. Inclusive nesses momentos, seu desejo parecia estender-se para ela do outro lado do quarto, como uma poderosa corrente de intenso calor.

Voltou-se para ele e o observou enquanto a olhava ao mesmo tempo que tomava o último gole de vinho. Depois disso se encaminhou pausadamente para a cama em vez de voltar para seu lado. O olhar de Max se tornou mais penetrante, mas se conteve como se estivesse preso com uma correia. Daphne retirou a roupa de cama e subiu para ela.

— Mmm — murmurou quando se deslizou entre os lençóis de seda cor creme, envolvendo-se no prazeroso calor que desprendia o cobertor aquecido pela lareira.

Reclinou-se nos almofadões dispostos contra a cabeceira e logo fez gestos com um dedo.

— Vêem aqui, marido.

Max se levantou e foi para ela, que estava apoiada sobre os cotovelos sem afastar o olhar do seu em nenhum instante. A expressão de seu rosto era a de um homem que tinha conseguido o que desejava e que sabia que, por fim, chegou o tão esperado momento de desfrutar de seu prêmio. Ele esteve contendo-se em consideração a sua sensibilidade, pensou Daphne, mas esperava que visse que era dele se a desejasse.

E sem dúvida a desejava.

Com o olhar fixo no dela, uniu-se lentamente a Daphne na cama colocando-se em cima apoiado em mãos e pernas. A jovem se estremeceu enquanto aguardava a que a beijasse na escuridão e inclinou a cabeça para lhe oferecer os lábios.

Max se inclinou e os reclamou como se não pudesse suportar um segundo mais sem fazer

nada. Devorou-lhe a boca, o fôlego, a alma, com uma necessidade voraz, lhe segurando a cabeça com uma mão enquanto que baixava a outra para liberar-se das calças. Daphne se deixou levar por seus beijos enquanto com as mãos percorria ambos os lados de seu suave torso. Logo o ajudou a baixar as calças, invadida por uma excitação quase insuportável.

Sentiu-o entre as pernas. Era plenamente consciente do duro abdômen esculpido contra seu suave ventre, do roce daquele torso musculoso sobre seus seios sedosos. Suas bocas estavam unidas como muito em breve o estariam seus corpos. Daphne entrelaçou os dedos no pescoço do Max, que a acariciou meigamente e gemeu quando descobriu que seu sexo já estava úmido e preparado para recebê-lo.

— Necessito-te — disse Max entre ofegos.

Daphne o atraiu para si como resposta enquanto o coração pulsava disparadamente. Em seguida, sentiu como ele a penetrava de forma pausada e cuidadosa. Fechou os olhos dominada por um desejo selvagem. Os ofegos febris do Max a roçavam na face quando transpassou a barreira de sua virgindade, e embora as mãos de Daphne se esticassem sobre seus ombros, não gritou.

Rotherstone se deteve, fundo profundamente nela, para lhe acariciar a testa com os lábios em um beijo. Agora só podia esperar a que seu corpo virginal aceitasse sua plena posse, a grossura de seu membro.

Daphne mal se atrevia a respirar.

— Boa garota, boa garota — resfolegou Max, tranquilizando a de forma sedutora.

A jovem procurou abrir seu corpo por completo a ele. Sentiu prazer. Sentiu dor. Sentiu-se absolutamente embriagada. A dor foi remetendo ao fim de uns segundos e ambos se viram imersos em uma nova onda de prazer que se apoderou deles.

Por fim Max começou a mover-se em seu interior, excitando-a com a deliciosa fricção de seus corpos, possuindo-a por inteiro com uma intensidade que foi aumentando até resultar quase dolorosa. Daphne o rodeou com as pernas, oferecendo uma rendição que conseguiu arrastá-lo mais profundamente dentro dela.

— OH, Deus, Daphne.

Ambos tremiam violentamente de necessidade. Os braços de Max a rodearam com força a cintura enquanto a reclamava para si, consumando a união em um esbanjamento de paixão. Ela se retorcia debaixo de seu corpo, desejando tudo que ele tinha para lhe dar, deixando que desatasse todo seu ardor, enchendo o dormitório com seus gemidos de prazer devastador.

Santo Deus, esse era o Max que queria: despojado por completo de seu férreo controle, faminto, desesperado inclusive, por ela. Um Max que não se escondia atrás de sua loquacidade, seu humor sardônico nem sua mente ágil.

Nesses momentos nenhum dos dois podia esconder-se dentro de uma couraça. A Daphne nem sequer importava que fosse tosco com ela porque, nesses instantes, ele era natural e totalmente real. A escuridão que tentava mascarar, as profundidades de sua alma que nunca se permitia expressar, todo isso se refletia em cada carícia, em cada beijo, em cada embate.

Seu corpo expressava o que seu consciente se negava a compartilhar.

Alcançaram o clímax ao mesmo tempo, unidos em uma febril dança, retorcendo-se, ardendo, fundidos em um beijo abrasador. Daphne levantou os quadris para sair ao encontro de cada terminante investida. Logo Max se deteve quando também ele chegou ao orgasmo, jogando a cabeça para trás e esticando os braços ao redor dela. Arqueou as costas, fundo por inteiro dentro de Daphne.

Prazer e realidade vibravam ao som do ritmo desmedido de seus corações. Aquele êxtase compartilhado apagou o mundo a seu redor. O gemido que saiu da garganta de Max quando a enchia poderosamente com sua semente a catapultou ao cosmos, onde sua mente, tão saciada como seu corpo, ficou flutuando durante um breve instante.

O tempo pareceu ficar suspenso...

Por fim, Max deixou escapar um profundo e estremecedor suspiro do fundo de sua alma.

— OH, Daphne — sussurrou e ato seguido a beijou meigamente na boca com os lábios trêmulos.

— Max. — Os braços lhe pesavam, mas rodeou a seu marido quando ele apoiou a cabeça no travesseiro justo sobre seu ombro.

A jovem voltou a cabeça a um lado para olhá-lo aos olhos. Não havia nada que dizer, pois as palavras eram desnecessárias. Era o mais perto dele que jamais havia sentido. Acariciou-o no cabelo sem fazer força e sorriu quando Max fechou os olhos com uma expressão de absoluto prazer. Continuou acariciando-o até que dormiu, atormentada pelas palavras que Max lhe dissera naquele estábulo: *Ninguém nunca me quis.*

Olhando-o docemente em silêncio, depositou um beijo em sua testa. *Meu amor, para tudo há uma primeira vez.*

Capítulo 16

— Acorda preguiçosa — lhe sussurrou Max no ouvido a manhã seguinte.

Daphne se moveu voluptuosamente junto a ele.

— É cedo.

— Temos que nos ocupar de uma coisa antes de partir da cidade.

Ela ficou de barriga para cima e o olhou.

— Do que se trata?

Max se limitou a sorrir.

— Vêem comigo.

Assim foi como começou o projeto do orfanato. Daphne e ele reuniram a uma equipe de ajudantes e em apenas uma semana conseguiram o que requereria um mês de trabalho.

Em primeiro lugar, Max fez contato com o Oliver Smith além do agente da propriedade encarregado do imóvel. Logo se aproximaram até o Islington para que sua senhoria pudesse inspecionar as instalações pessoalmente.

Max encontrou tudo em umas condições bastante boas, só era preciso realizar algumas reparações. Levou o agente à parte para negociar com ele e logo alcançaram um acordo, mas

antes que as crianças pudessem mudar-se, teriam que concluir uma considerável série de preparativos. E enquanto Daphne se encarregava de elaborar uma lista com o que necessitariam os pequenos, ele se ocupava da logística.

Organizou e reuniu um pequeno exército para ajudar a que o internato estivesse preparado para receber aos órfãos. Em primeira instância recrutou a seu mordomo, Dodsley, e aos responsáveis por todo seu serviço doméstico para limpar de cima abaixo o edifício. Mais tarde, e dado que os cuidadores dos meninos fazia tempo que estavam transbordados, Max procurou e contratou de novo a umas quantas amáveis solteironas que tinham trabalhado naquele lugar quando era um colégio.

Daphne reuniu aos moços e moças que foram colocados como aprendizes ou contratados por toda a cidade para que fossem trabalhar durante uma jornada para conseguir preparar o lugar.

Lorde Starling e seus amigos passaram todo um dia vendo como o lacaio William e um dos choferes do Max reparavam os dois velhos carros e a carreta da instrutora que contribuíram para a causa. Lorde Falconridge doou uma considerável soma para abastecer a despensa do orfanato com provisões de mantimentos imperecíveis. Também contribuiu com um montão de livros, gizes e quadros para as salas de aula. Do mesmo modo, o duque de Warrington contribuiu com um carregamento de carvão suficiente para esquentar o orfanato até o verão seguinte.

Jono e Carissa visitaram todas as lojas de brinquedos de Londres e enrolaram aos artesãos fabricantes de brinquedos a fim de que colaborassem com algumas de suas mercadorias para que as crianças tivessem com o que brincar: aros, bolas, carrinhos, bonecas e animais de pano.

A Oliver Smith se encomendou a tarefa de realizar as diligências pertinentes com um estabelecimento de costureiras e um grupo de sapateiros para vestir e calçar aos pequenos. A Daphne lhe ocorreu que Penelope dispunha do talento oportuno para ajudar a organizar todos os preparativos para o dia da mudança. Dado que a localização não entranhava o perigo do Bucket Lane, sua madrasta aceitou o encargo, e inclusive levou consigo a Sarah e a Anna para que dessem uma mão. A própria Penelope se encarregou de abastecer o armário dos remédios de ervas e poções para prevenir os resfriados das crianças.

Até mesmo o irmão mais velho de Albert Carew, Hayden, fez um donativo antes de partir rumo à França com sua esposa, grávida, para desfrutar dos prazeres de Paris antes do nascimento de seu primeiro filho.

No dia da mudança tudo estava preparado: os novos cuidadores se encontravam em seus postos, todos luzindo amplos sorrisos ante a chegada de seus tutelados; uma fileira de espectadoras costureiras e sapateiros aguardava no orfanato para tomar medidas de todos os meninos. Penelope ia de um lado a outro para certificar-se de que tudo estava em ordem, desfrutando de seu novo papel. Por fim os carros reparados e recém pintados entraram no Bucket Lane para transportar as crianças até seu novo lar. As imundas janelas se encheram de pequenas carinhas curiosas quando chegou o exército provisório de cidadãos preocupados: composto pela Daphne e Max, os dois Willies, Oliver Smith e Dodsley. Warrington e Falconridge também os acompanharam para manter a raia aos rufiões.

Ao fim de um breve espaço de tempo, deixaram atrás para sempre Bucket Lane. Quando os carros cheios de esperançados órfãos chegaram a seu novo lar, os olhos de Daphne se alagaram de lágrimas ao contemplar o eufórico bulício que se produziu. Os meninos, que nunca antes tiveram liberdade para mover-se por um prado, desfrutaram brincando de correr em qualquer parte. As costureiras passaram apuros para conseguir que os alvoroçados pequeninos se mantivessem quietos o tempo necessário para tomar medidas.

As meninas pequenas formaram redemoinhos imediatamente em torno dos mansos cavalos de carga para acariciá-los, enquanto que os moços se perseguiam uns aos outros pelo jardim cercado. Quando ao fim as energias fraquejaram, os meninos foram reunidos dentro de seu novo lar e conduzidos em fila ao dormitório sobre o que pendurava uma placa em que se podia ler:

Lar para órfãos Lady Emma Starling.

Foi ideia de Max dedicar o lugar à memória da mãe de Daphne. Depois de estar observando durante toda a semana, a jovem acreditava que era um homem extraordinário, mas o que mais a surpreendia era o bem que lhe davam as crianças. De fato, pensou, inclusive ele mesmo parecia estar surpreso. Quando uma risonha pequenina de dois anos escapou do sapateiro que estava medindo seus diminutos pezinhos, Max correu atrás da marota e a tomou nos braços.

A menina pendurava suspensa sobre o chão, arrastando os braços frouxamente e rindo sem parar enquanto Max a levava de novo com o sapateiro. Além disso, travou amizade com Jemmy, o moço de treze anos que escapou dos dois empregos como aprendiz que Daphne conseguiu para ele no passado. O menino estava tão impressionado com Max que aceitou acompanhá-los ao Worcestershire, onde certamente haveria um bom número de postos vagos para ele nos diversos projetos que seu marido tinha em curso.

À hora do chá, vendo que os meninos por fim começavam a adaptar-se a seu novo lar, Max rodeou a Daphne com o braço e depositou um beijo na cabeça da jovem.

— Como é possível que não compreendesse? — sussurrou enquanto enxugava a lágrima que Daphne derramou emocionada ao ver sua missão cumprida. —Como me ocorreu te dar de presente safiras? Não existe jóia alguma o bastante perfeita para realçar sua beleza.

Ela girou e o abraçou com força.

— Obrigado... por tudo isto.

— Alegra-me poder fazê-lo. — Guardou silêncio durante um instante. Daphne suspeitava que estava recordando o sofrimento que de menino lhe causaram privações. —Em qualquer caso, acredito que vai muito bem aqui.

— Sim, em efeito. Entre o Oliver Smith e minha madrasta, duvido muito que nunca descuidem nem o mínimo detalhe. — Inclinou a cabeça para trás e o olhou transbordante de amor. —Bem, agora podemos ir a Worcestershire.

E isso fizeram.

No dia seguinte saíram de Londres e tomaram a Oxford Road, passando de comprimento as célebres agulhas de sonho da cidade universitária. Prosseguiram rumo ao oeste, atravessando Cheltenham, onde contemplaram as novas e elegantes casa encostadas com um sortido de lojas tão distintas como qualquer das de Londres, e os balneários como os de Bath, nos que podiam

tomar águas medicinais. Dali, dirigiram-se ao norte, para a capital do condado de Max. Este lhe mostrou o esplendor medieval da catedral de Worcester e o Market Hall, que albergaram o comércio de todo tipo do Renascimento.

Não obstante, Daphne estava impaciente por ver seu novo lar, de forma que não se entretiveram na grande cidade, mas sim entraram na campina circundante.

O mês de outubro na região central da Inglaterra oferecia um desdobramento de onduladas paisagens de verdes pastos empapados pela chuva e um mosaico de fileiras de árvores pintadas com todas as cores da paleta outonal. As sebes cheias de bagos atraíam a grandes bandos de gralhas um tanto de perdizes, becadas e perus selvagens bicavam o milho esparso entre os restolhos. As aves silvestres, em troca, atraíam aos caçadores.

Viram os membros de rosadas faces das partidas de caça atravessar penosamente os campos com as peças cobradas em riste e os sabujos perdigueiros junto a eles, preparados para recuperar qualquer ave que abatessem seus amos para o jantar. Havia pitorescos povoados repartidos com a passagem do caminho flanqueados por fileiras de casinhas de pedra, com telhas de ardósia cinza ou a tradicional e acolhedora cobertura de palha.

Aqui e lá podia ver-se alguma casa com fitas de seda de madeira de estilo Tudor, bem preservadas da época de Shakespeare. Com o fim de passar o momento durante o longo trajeto, Max conversou com ela um pouco a respeito de seus investimentos em manufatura, têxteis locais, olarias que produziam cerâmica de grande qualidade, assim como participações em alguns canais e uma fundição de ferro mais ao norte, no George. Além disso, era o proprietário da terra em que uma importante criação de ovelha para a armazenagem de lã, que a sua vez produziam a lã para as empresas têxteis.

Escutá-lo falar com tanta desenvoltura e autoridade sobre questões que outros varões da aristocracia julgariam indigna a ajudou a compreender outro dos motivos pelos que, possivelmente, a alta sociedade o considerou um arrivista.

Daphne, entretanto, respeitava a iniciativa de seu marido e a fascinava o afeto que mostrava pela gente corrente, a quem qualificava como a coluna vertebral da Inglaterra. Max saudou ao passar com uma inclinação de cabeça a alguns camponeses que recolhiam maçãs em uma horta longínqua e a outros que estavam preparando os campos para a plantação invernal do trigo.

O campo era um incessante celeiro de atividades próprias em outro ano que se aproximava de seu término: os apicultores recolhiam o mel; um pastor cuidava de seu rebanho. O rústico moinho vermelho situado à borda do rio moía o grão com seu enorme triturador para fazer farinha, impulsionado pela roda que girava trabalhando e se afundava uma e outra vez nas águas tranquilas da incessante corrente.

— Quase chegamos — anunciou Max.

Assinalou para a frente com a cabeça quando o chofer virou, deixando atrás o caminho para atravessar um par de gigantescas grades de ferro forjado. Depois delas se estendia um longo caminho de entrada, flanqueado por altas e estilizadas, que conduzia até uma casa de proporções titânicas. O serviço, perfeitamente uniformizado, saiu em turba à esplêndida entrada da mansão e se apressou a colocar-se em formação para receber a seu senhor e à nova senhora da casa. Os

lacaios com perucas empoeiradas, embelezados com libré vermelho escuro e calção negro; as donzelas luzindo vestidos negros, com punhos, avental e touca de um branco níveo.

Uma vez que a carruagem se deteve, Max a ajudou a descer. Seguidamente a deu a conhecer serviço, apresentando-a a alguns membros relevantes e fazendo-a entrar a seguir no vestíbulo. O branco era a cor imperante. Alguns ladrilhos davam a forma de ondas de mármore negro e uns grandes vasos de barro do mesmo tom proporcionavam um impressionante e solene contraste com as paredes cor creme com nichos com conchas, em cada uma das quais se alojava uma escultura de bronze negro de tamanho natural.

Daphne não demorou para descobrir que o deslumbrante vestíbulo marcava o estilo de toda a casa: tetos pintados, tapetes de vistosas cores, móveis de primeira qualidade e cristaleiras repletas de porcelana. Viu a mesma cruz de Malte branco exposto na capela familiar, junto com o escudo e o elmo cerimonioso do primeiro barão Rotherstone, cuja espada se exibia na casa da cidade.

Max a levou depois ao terraço que dava para os jardins, cuidados de forma primorosa. Daphne ficou sobressaltada ao ver a vasta extensão e os precisos desenhos do delicioso jardim, com suas veredas de cascalho flanqueados por sebes de forma cônica e seus canteiros triangulares repletos de coloridos malmequeres, e diversas variedades de fores e plantas.

Mais à frente se estendia um campo delimitado por sua vez pelos bosques que se entrecruzavam e que, conforme lhe contou seu marido, estavam sulcados de agradáveis trilhas para passear. Max permaneceu de pé a seu lado e explicou que se tratava de um imóvel de trabalho que contava com três povoados, doze granjas, duas Igrejas, três colégios, duas cervejarias que elaboravam suas próprias e célebres variedades e um mercado. A antiga reitoria, adicionou, foi transformada em um albergue para veteranos de guerra feridos na luta contra Napoleão.

A colheita tinha serventia, mas o premiado ganho do imóvel, as roliças ovelhas e as dúzias de cavalos que povoavam os estábulos do Rotherstone enchiam os pastos. Informou-a que fomentava competições amistosas entre suas granjas para ver quem produzia o melhor gado.

O imóvel inteiro era uma reluzente jóia no campo inglês, pensou Daphne. O fato de que Max tivesse estado ausente tanto tempo fazia que resultasse ainda mais extraordinária o bom andamento das coisas; da administração das terras aos investimentos, sem esquecer que completou com suas obrigações na Câmara dos Lordes, e tudo enquanto viajava pela Europa, ampliando seus negócios e colecionando obras de arte. Ao menos agora Daphne achava lógico que tivesse preparado uma lista de possíveis noivas. Pelo visto nada passava por cima a esse homem. Nem sequer o menor detalhe.

Começava a pensar que seu flamejante marido era uma pessoa realmente extraordinária. Mas de acordo com tudo aquilo, a única coisa que cada vez fazia menos sentido era a infame reputação que lhe atribuíam. Nada de tudo aquilo encaixava com o habitual e irresponsável abandono de um pilantra. Voltaram para dentro e Daphne passeou sentindo-se intrigada com tudo o que via. Quem ia imaginar! Até esse momento, em que com seus próprios olhos via as posses do Rotherstone, jamais lhe teria ocorrido pensar que seriam uma espécie de governantes de um diminuto reino ou que viveria quase como uma princesa, tal e como seu pai lhe assegurou

quando comunicou as notícias de seu matrimônio acertado.

Uma vez no salão, Max a mostrou a magnífica lareira, sobre a qual havia um espaço vazio à espera de seu retrato oficial, conforme lhe disse.

— Meu retrato, aí? Mas, milord, nossos convidados acreditarão que sou incrivelmente presunçosa.

— Não, pensarão que é muito formosa e que eu estou em todo meu direito de me sentir orgulhoso por ter conseguido semelhante prêmio. Vêem comigo.

Continuaram com a visita da casa e chegaram a salinha, em que havia um reluzente piano-forte situado diante de uma série de janelas das que se apreciava uma bela vista dos prados onde pastavam os cavalos.

Daphne olhou o refinado instrumento com expressão melancólica.

— Outro piano-forte — comentou. — Vi um na sala da manhã.

— Já lhe disse, sou um ávido músico amador. — Max assinalou o piano-forte. — Por que não o prova?

— Mas se não sei tocar.

— Não foi isso o que me disse seu pai. — Max lhe lançou um olhar cúmplice e se afastou. — Deixa que te mostre os andares superiores.

— Estou segura de que me perderei aqui —comentou ela.

A cabeça dava voltas depois da vertiginosa ascensão pela escada saliente que parecia flutuar, leve, no ar.

— Quantos quartos tem a casa?

— Trinta dormitórios, milady — respondeu o senhor Chatters, o taciturno mordomo.

Daphne dirigiu a seu marido um olhar carregado de malícia e lhe sussurrou:

— Isso nos manterá ocupados durante um tempo.

— Nem sequer viu os jardins — repôs Max em voz baixa, com uma faísca lasciva nos olhos.

— Está seguro de que ninguém pode nos ver? — disse entre ofegos ao fim de um momento quando o passeio pelo jardim tomou uma travessa aparência.

— Nem podem nem se atreveriam a tentar.

Max reconheceu ter segundas intenções quando a levou além das sebes e canteiros de flores até um espaço cercado por arbustos de mais de três metros de altura ao que uma pereira decorativa dava sombra.

A principal atração do jardim privado era o sob lago de peixes de cores com sua fonte central. Daphne se inclinou para diante para contemplar as cuidadas carpas nadando sob as folhas dos nenúfares que flutuavam na superfície, e Max contemplou a apetitosa redondez de seu traseiro. Encontrava a sua preciosa esposa mais que tentadora. O marquês estendeu a jaqueta sobre o chão para que ela se ajoelhasse. Daphne assim o fez, apoiando as mãos na mureta de pedra que rodeava a fonte, aquecida pelo sol, e ele se situou de joelhos atrás dela.

— Desejo-te... justo assim— lhe sussurrou suavemente ao ouvido. —Quero te fazer o amor com o sol iluminando seu rosto. Que nossos corpos se unam em um só ser.

Então lhe levantou as saias e a tomou por trás. Daphne ficou sentada escarranchada sobre o

regaço do Max, que a sujeitava pela cintura. Com a vista à frente, a jovem desfrutou enquanto Max a possuía de maneira pausada e absoluta, deixando que ele guiasse seus movimentos. O cabelo da moça era um delicioso manto de seda dourada que lhe envolvia de forma deliciosa.

Um falcão sobrevoava o céu azul em círculos.

Max lhe mordiscou o lóbulo da orelha, e quando ela o deixou fazer, sentiu que a demolidora paixão que Daphne despertava nele se tornava ainda mais delirante. Percorreu o corpo de sua esposa com as mãos por cima do vestido, mas precisava sentir sua pele. Introduziu-as sob as saias e aferrou aquelas cremosas coxas para acomodá-las sobre as suas. Os músculos flexíveis de Daphne se contraíam enquanto se balançava sobre os joelhos, elevando os quadris e afundando-se nele a um ritmo frenético.

Max deixou escapar um grunhido preso de uma infinita necessidade e do desejo que avivava nele sua complacente e inocente esposa. Logo procurou os femininos cachos entre suas pernas e lhe acariciou o clitóris com ligeireza ao mesmo tempo que lhe beijava a orelha. Sentiu a resposta dela enquanto seus dedos não deixavam de brincar com o sexo de Daphne e aquele úmido vazio lhe rodeava como uma doce luva de seda.

Ela gemeu de prazer e Max se apressou a sossegá-la.

— Silêncio — lhe sussurrou ao ouvido, lhe pondo a mão sobre a boca.

Daphne obedeceu, mas aquilo só parecia excitá-la ainda mais e o marquês notou como aquela escorregadia e molhada passagem se estremecia contra seu palpitante membro. Um segundo soluço escapou dos lábios de sua esposa abrindo passagem entre seus próprios dedos. Ela lhe suplicava que a levasse ao orgasmo.

Agarrou o ombro de Daphne enquanto se empalava uma e outra vez nela, lentamente mas sem trégua, até que seus doces gemidos de prazer acabaram com o pouco controle que Max ainda conservava. Inclinou-se para frente, gozando da luxúria dilaceradora que se apoderou dele, reclamando-a, possuindo-a por inteiro. Jamais havia sentido nada parecido a ardente intensidade que agora o dominava, nunca experimentou uma sensação de satisfação tão plena. Quanto mais se entregava Daphne mais ansiava ele, como se ela tivesse destampado um poço de desesperada necessidade dentro dele, uma sede que só ela podia saciar. Assim que Daphne alcançou o clímax, Max sucumbiu a seu próprio e sublime orgasmo, que se abateu sobre ele como uma tormenta de fogo, esvaziando-se dentro dela com cada intensa convulsão.

Daphne era tudo.

Um pensamento nebuloso abriu passagem em sua estupefata mente e se estremeceu só de pensar como conseguiu sobreviver lorde Starling à morte de sua primeira esposa. Se aquele homem sentira algo que se assemelhasse minimamente à obsessão que ele sentia por Daphne, era de esperar que tivesse perdido a cabeça.

— OH, Max.

A jovem continuava sentada sobre seu regaço, desfrutando simplesmente da sensação de ter aquele membro ainda inflamado em seu interior. Então Daphne elevou a mão e, sem força, tocou o cabelo negro em uma carícia de sonho.

Max adorava sentir seu contato. Voltou o rosto e beijou seu pulso enquanto a acariciava na

cabeça. Desejava ficar para sempre dentro de seu corpo.

— Não posso acreditar que resisti a ti. Está em todo o direito de dizer que já me advertiu isso. Você nunca albergou dúvidas — murmurou ela em um tom tenro e confidencial.— Levei mais tempo compreendê-lo, mas agora sei que estava feita para ti. Você tinha razão e eu me equivocava.

— Minha querida Daphne — respondeu com um fio de voz, — só espero chegar a ser digno de ti algum dia.

— OH! — murmurou protestando meigamente ante aquelas palavras. Mas com sua rendição, Daphne conquistou outra fortaleza inexpugnável, até o momento, impenetrável coração de Max.

Quando outubro finalizou, as semanas que passaram foram um período de tempo emocionante durante o qual fizeram planos de futuro e conheceram as pessoas que viviam nos arredores. Daphne foi familiarizando-se com todos os aspectos de sua nova vida como lady Rotherstone. Em sua qualidade de marquesa devia ocupar-se de visitar os vizinhos, escrever notas de agradecimento aos convidados ao enlace que se encontravam na cidade e organizar a festa da colheita de uvas, em que se concediam três dias de feriado a todo mundo.

Muito em breve foi considerada uma autoridade local em todas as questões relacionadas com Londres e seus costumes. Daphne sabia que por então o Parlamento teria aberto de novo, e as arrastaria para a sessão de outono e se celebrariam atos sociais de caráter mais íntimo durante a temporada menor que estava em curso. Enquanto, entre a pequena nobreza local, falava-se sobre as inferências anuais do Parlamento ou sobre as audiências dos juízes do condado para escutar qualquer novo caso criminal ou outras disputas que tivessem tido lugar.

Em novembro receberam um convite para uma caçada, mas cada dia que passava demonstrava que a informação que lhe deram suas amigas foi errônea: a vida no campo não era absolutamente aborrecida. Todo o imóvel era um viveiro de atividade e havia coisas novas que ver e aprender. O moinho funcionava a pleno rendimento elaborando diversas classes de farinha: milho, centeio e trigo; os fornos da destilaria produziam sem cessar um sortido de potentes destilados. Daphne observava às mulheres a cozir em fogo lento as frutas amadurecidas do verão com grandes quantidades de açúcar para conseguir que fermentassem: cerejas, framboesas, groselhas. Tudo se fervia até que ficava reduzido a um xarope doce e espesso que era empregado na criação dos distintos sabores de conhaque e de vinho. O pessoal de cozinha estava imerso na preparação de embutidos e conservas; os peões do campo empilhavam o feno no celeiro para que secasse; os jardineiros recortavam as galhas perenes murchas e plantavam mais bulbos; encarregados das cavalariças cuidavam das éguas de cria prenhes dos potros que nasceriam na primavera.

Enquanto isso, para diversão de Max e desgosto de Daphne, a casa era tão grande que a jovem continuava perdendo-se nela, até que um bom dia, ao chegar ao vestíbulo principal,

encontrou-se com um pôster sinalizador que seu divertido marido fez para ela. Constava de grossas flechas pintadas que assinalavam em diversas direções: salão, sala de música, salão de jantar, e assim sucessivamente.

Muitos dos serventes olharam às escondidas para ver sua reação quando se deteve, rindo pela brincadeira e ruborizando-se de vergonha. Logo chamou o Max e, ao vê-lo, soube que ele estava por trás de tudo aquilo.

— Onde está esse descarado?

— Resolvi seu probleminha — replicou quando saiu sem pressa da biblioteca com um amplo sorriso desenhado nos lábios.

— Você!

Daphne correu atrás dele, rindo de boa vontade, mas Max se escondeu dela. Afinal, era uma casa excelente para brincar de esconde-esconde. Seguiu-lhe os passos até um dos dormitórios do piso superior e, quando ao fim deu com ele, Max a seduziu.

Aquilo se converteu em um jogo para eles, embora havia muitas outras atividades que realizar. Enquanto o marquês saía a praticar com a escopeta, ela escrevia cartas a sua família, que iria celebrar o Natal com eles.

Tinha um interesse especial em que suas duas jovens meio-irmãs conhecessem o que era a vida rural. Também escreveu a Carissa lhe narrando com certo humor todo o processo pelo que passou quando tomaram medida para confeccionar os trajes para a corte, em veludo vermelho debruados de arminho, assim como para a coroa que estavam criando para ela, com quatro contas de prata intercaladas com a mesma quantidade de folhas de morango de acordo com seu título.

Afinal, conforme havia dito Max, com a má saúde do Governante Jorge, que provavelmente passaria desta para a melhor a qualquer momento, ia necessitar o traje completo de sua nova posição para a coroação do regente, sempre que o Senhor tivesse a bem acolher ao pobre monarca louco em seu seio. Tal dia seria obrigatório que a aristocracia vestisse os tradicionais trajes formais, naturalmente. E sendo Max como era, insistiu em estar preparado de antemão para a inevitável ocasião. Também chegou a um acordo com o célebre retratista sir Thomas Lawrence, que já fixara sua visita para princípios de ano e ficaria com eles até que tivesse pintado à senhora da casa para a posteridade. Quando estivesse terminado, o retrato penduraria sobre o suporte da lareira do salão de jantar e, ao seu devido tempo, Daphne supunha que se adicionaria à galeria dos ilustres antepassados de seu marido.

Cada dia que passava se sentia mais orgulhosa de ter-se unido a augusta linhagem de Max. Era consciente de que o pai e o avô de seu marido foram homens desmedidos com uma nada saudável afeição às cartas e aos jogos de dados. Mas independentemente do que pudessem pensar em Londres sobre o chamado Marquês Perverso, Daphne via que ali, no campo, era alguém muito diferente. Talvez no campo ignorassem que era um distinto membro do Clube Inferno. Ou pode ser que ali se sentisse mais a gosto e pudesse ser ele mesmo.

Só sabia que por quilômetros ao redor as pessoas gostavam e tinham a seu marido em muito alta estima. O qual lhe suscitou certas dúvidas. Max era um enigma que aumentava com o curso dos dias, e quanto mais crescia seu amor por ele, mais decidida estava a resolvê-lo.

Outubro deu passagem a novembro e Daphne tinha a impressão de não compreendê-lo de todo. E, se lhe dava muitas voltas na cabeça, certamente a preocupava. Sabia que dispunha de toda uma vida para chegar a entendê-lo. Sem dúvida em uns anos um acabaria as frases do outro mas, no momento, por felizes que fossem juntos, Daphne se sentia como se tropeçasse continuamente contra uma barreira invisível que se elevava dentro dele. Percebia que Max a acolhia de bom grau em seu coração... mas só até certo ponto.

Desconhecia o que Max aninhava no mais recôndito de seu ser e daquilo não gostava. Inquietava-a porque, embora ainda fosse cedo para sabê-lo, era possível que carregasse a seu filho no ventre. Em qualquer caso, depois de ter visitado todos os vizinhos dos arredores, chegara o momento de corresponder à hospitalidade recebida. Daphne planejou sua primeira festa como mulher casada, que se celebraria a primeiro de dezembro, e começou por consultar de forma minuciosa o menu com o chefe de cozinha da casa antes de enviar os convites.

Durante o tempo que permaneceu nos domínios do chef nas cozinhas reparou em que enquanto discutiam quais eram os melhores pratos para o grande acontecimento, Wilhelmina e o jovem não podiam tirar os olhos de cima um do outro. Pelo visto estavam surgindo alguns laços de carinho. Outras senhoras poderiam enfurecer-se por isso, mas Daphne se alegrava. Desde que sabia o que era o amor, desejava que todo mundo pudesse experimentá-lo, sobre tudo uma jovem de tão bom coração como sua leal donzela. O chef parecia um homem íntegro e, afinal de contas, uma mulher casada com um cozinheiro jamais morreria de fome.

Uns dias mais tarde, quando Daphne pegou a Willie saboreando um pastelzinho de baunilha que o jovem e arrumado chefe de cozinha assara especialmente para ela e brincou, a jovem confessou com acanhamento que entre eles estava florescendo uma bonita amizade. Os dois gêmeos receberam uma calorosa bem-vinda, e sendo gente do campo dos pés à cabeça, adaptaram-se sem problemas. Daphne percebeu que a muitos dias as risonhas donzelas seguiam a William a todo lado.

E Jemmy, o jovem órfão, estava fazendo novos amigos e começava a esquecer-se pouco a pouco dos ares que se dava no Bucket Lane. Daphne o fez trabalhar firme junto a outros criados no gélido dia de dezembro em que se celebrou a festa.

Várias horas antes da chegada prevista dos convidados, Daphne corria de um lado a outro da casa certificando-se de que todos os preparativos progredissem sem contratempos. Ao cruzar o vestíbulo principal viu o mordomo pagar ao carteiro local e caiu na conta de que acabavam de lhes entregar o correio. Max recebeu com ele e terminava de abrir uma carta que recebeu.

A jovem se aproximou com celeridade a ele.

— Algum cancelamento de última hora?

— Não! — disse seu marido alegremente. — Mas chegou isto para ti de Londres. Outro folhetim da senhorita Portland — adicionou quando lhe entregava a última e volumosa carta da Carissa.

Ela pegou com repentina felicidade e a guardou no bolso do avental.

— Deixarei-a para mais tarde. Agora mesmo tenho muito que fazer.

— Está muito ocupada mesmo para mim? — perguntou Max com divertimento,

aproximando-se dela.

Daphne se ruborizou.

— Temo-me que assim é, lorde Rotherstone. — Deslizou a mão até seu ombro. — Pode esperar até depois da festa, verdade?

— Se não tiver mais remédio... — replicou ele com voz melosa ao mesmo tempo que a percorria com olhar ardente.

— Vejo que você também recebeu carta de Londres. —Daphne ficou nas pontas dos pés, jogando uma olhada à carta já aberta. — Vá, outra vez o velho e feroz escocês.

— Mantém-me ao dia de qualquer nova égua de cria de qualidade que chega ao Tattersall's — respondeu. — Lhe hei dito que estou interessado em ampliar nosso aras. É um perito em cavalos.

Olhou a breve missiva do Virgil e viu uma superficial descrição de uma égua negra árabe com as quatro patas brancas que custava duzentas libras.

Logo olhou a Max com certas dúvidas.

— Vai comprá-la?

— Talvez; acredito que lhe escreverei para lhe pedir que faça uma oferta em meu nome.

— Entendo. Assim, confia-lhe seu dinheiro? — perguntou-lhe irônica.

— Carinho, confiaria-lhe minha vida. —Inclinou-se e a beijou na face, cruzando em seguida o vestíbulo para ir responder a carta.

— Talvez quando lhe escrever poderia perguntar por que não o agrado—comentou Daphne quando ele se afastava.

— Quem não o agrada? — Exclamou Max, voltando a cabeça para olhá-la por cima do ombro ao mesmo tempo que se detinha ao pé da escada. — Que disparate.

— O dia de nossas bodas me olhou com expressão turva.

Max pôs-se a rir.

— Essa é a cara que põe sempre, Daphne. Não poderia alegrar-se mais de me ver casado, sobre tudo com uma jovem e formosa potranca como você.

Daphne proferiu um bufado, mas Max a brindou com um sorriso e correu escada acima para escapar, suspeitava ela, do controlado caos dos preparativos da festa. Viu-o partir com uma vaga sensação de desassossego até que desapareceu no piso de cima. Não acertava a elucidar o que era, mas conhecia seu marido o suficiente para detectar a mudança sutil que se produzia nele sempre que recebia uma carta do velho e taciturno escocês.

Esforçou-se na medida do possível por sacudir aquele inexplicável desgosto e decidiu tomar uma pequena pausa, tão só o tempo preciso para dar uma breve olhada à carta da Carissa. Ainda restavam uma centena de coisas que preparar, mas as duas amigas sentiam muitas saudades. Daphne se sentia culpada, como se a tivesse abandonado, pois era consciente de que Carissa estava passando mal ficando sozinha em Londres com suas odiosas primas e sem sua melhor amiga como aliada. Enquanto os criados levavam mais velas e um grande vaso de flores ao salão de jantar, Daphne se fez a um lado para ler a carta. Desejava que Carissa tivesse podido assistir à festa daquela noite.

Teria sido extremamente divertido e, além disso, a presença de sua amiga a teria ajudado a acalmar os nervos que estendiam ao enfrentar seu primeiro ato social representando o papel de anfitriã de Max. Havia momentos nos quais ainda sentia que não sabia como deveria se comportar uma marquesa. Seja como for, jurou que olharia só a primeira página da carta, mas não demorou para comprovar que Carissa escreveu em um estado tal de aflição que se apressou a lê-la até o final. Na ausência de Daphne, as primas da Carissa começaram a atormentá-la com forças renovadas e, o que era ainda pior, a recente amizade da jovem com os infames Warrington e Falconridge proporcionou ciúmes as arpías e uma fonte inesgotável de nova munição. Daphne não tinha problemas em imaginar que os sarcasmos e insinuações fariam perigar a reputação de qualquer jovem.

Quando chegou ao final deu lugar a uma profunda preocupação. Soube imediatamente que ou convidava a Carissa para passar com ela as férias, ou retornava a Londres o tempo necessário para resgatar a sua amiga. Distraída como estava pela inquietação que sentia pela Carissa, só desejava desfrutar de uns momentos em companhia do Max para acalmar a ansiedade e apaziguar sua mente. Correu acima para pedir a opinião de seu marido com respeito à situação, dando de caminho algumas instruções ao pessoal. Já não necessitava o pôster indicador para encontrar o dormitório.

Como de costume, utilizou a segunda porta para entrar, a qual dava a seus aposentos do dormitório principal. Uma pequena passagem coberta de espelhos comunicava as câmaras do senhor e a senhora da casa, com um vestidor, uma privada oculta a um lado e uma decadente banheira de estilo romano ao outro. Um verdadeiro milagre do progresso, cujas colunas de mármore emolduravam uma grande banheira niquelada que dispunha de água quente no grifo quase de forma constante. No dormitório reinava um silêncio absoluto.

A jovem franziu o cenho e se encaminhou para o quarto de Max perguntando-se se, talvez, era possível que ao final não tivesse subido ali. Justo então captou certo odorzinho, que juraria era de impregnado de enxofre com um pingo de vinagre, que provinha do fundo do quarto de seu marido.

Daphne se deteve fazendo uma careta quando aquele intenso aroma acre fez que lhe lacrimejassem os olhos. Uma vez no pequeno corredor se dispunha a perguntar ao Max o que era que estava fazendo quando viu seu reflexo no espelho.

Parou e, confusa, ficou olhando momentaneamente.

Sem necessidade de mover-se pôde ver o Max sentado na borda da cama utilizando um diminuto conta-gotas para verter umas gotas de alguma solução sobre a carta que Virgil lhe escreveu. Daphne ficou onde estava, embora conteve o fôlego enquanto observava como seu marido voltava a colocar em silêncio o conta-gotas dentro de um pequeno vidro com líquido que supôs era a fonte daquele horrível aroma. Sentiu uma gélida rajada de ar e percebeu que Max abrira uma janela de seu quarto para ajudar a dissipar as desagradáveis emanações.

Logo soprou a carta umedecida, como se quisesse secar as gotas que jogou na folha de papel. O coração de Daphne começou a pulsar com força quando viu que ele relia a carta com uma nova intensidade, como se visse informação que antes esteve oculta.

Tinta invisível? pensou completamente perturbada. *Que demônios está acontecendo?*

Se por acaso aquilo não fosse o bastante perturbador, a incredulidade cada vez maior a deixou boquiaberta ao ver o esconderijo de seu marido. Havia um pequeno nicho decorativo na parede, junto à cama, o qual estava normalmente ocupado por um vaso, em que, nesses momentos, via-se um buraco negro na parede.

Max pareceu ficar satisfeito com o que leu. Tomou a carta, junto com o misterioso vidro de líquido, e depositou os objetos dentro de uma espécie de vão no interior da parede. A seguir voltou a deslizar em seu lugar a parte arqueada do nicho, que encaixou com um clique, colocou o vaso e se levantou para fechar a janela. Daphne chegou a ver a expressão preocupada do Max quando este passou a frente de seu campo de visão e se apressou a abandonar o corredor que comunicava ambos os quartos. Algo a dizia que não devia deixar que ele a visse ali. Daphne estava emocionada pelo que presenciou. *O que posso fazer? Que demônios está me ocultando?*

Dentro de umas horas a casa estaria cheia de convidados e ainda restavam centenas de coisas por fazer. Daphne compreendeu que não tinha a coragem para o enfrentar nesse instante. Não queria começar uma briga justo antes que a nobreza rural dos arredores chegasse para desfrutar do primeiro ato social que organizava como anfitriã e mulher casada. Não desejava que todos os vizinhos se apresentassem justo depois de ter sofrido a primeira briga conjugal, sobre tudo quando tinha reflexos de alcançar proporções apocalípticas.

Meneou a cabeça tremendo de ira enquanto ouvia como seu marido abandonava o quarto pela porta que dava ao corredor naquele extremo da suíte. Daphne se apoiou contra a parede durante um momento para tentar serenar-se. Adoecia-a ter a confirmação de algo que presenciou sem chegar nunca, ou seja, do que se tratava: *que Max estava se mostrando mais reservado com ela, como de costume.*

Sentia-se enganada! Vivia com ele, passeava, dormia, comia e até mesmo se banhava com aquele homem, passavam os dias e as noites juntos e, mesmo assim, demorou todo um maldito mês para se dar conta de que seu marido tinha outra cara que ela desconhecia por completo.

A traição de Max era como uma punhalada no coração. Daphne se entregou de corpo e alma e ele, em troca, estava burlando a fé que depositou nele. A ira e o medo se apoderaram dela fazendo-a estremecer. Que turvos assuntos trazia entre mãos para ter que ser tão reservado? Devia se tratar de algo nefasto... por que se não optaria por ocultar-lhe? O pânico ameaçou apropriar-se dela quando percebeu que não tinha o menor controle sobre sua vida, mas sim se encontrava sob a absoluta autoridade do Max, mas conseguiu dominá-lo aferrando-se à força que a cólera lhe conferia.

De maneira que um maldito cavalo no Tattersall's? Deus santo, desejava empreendê-la a golpes com o muito embusteiro, despojar o desse ar de frio domínio que lhe envolvia.

Colocou a cabeça no corredor perguntando-se se devia entrar imediatamente, pôr o quarto de cabeça para baixo e averiguar o que acontecia. A seguir guardou silêncio, escutando com atenção qualquer som que indicasse que Max retornava ao dormitório, mas os passos que percebeu não podiam ser dele, pois eram muito ligeiros e pressurosos.

Justo naquele momento chamaram suavemente à porta de seu quarto, que estava

entreaberta.

— Sim? — obrigou-se a responder.

Uma donzela jogou uma olhada ao interior.

— Milady, o chef Joseph pergunta se lhe agradaria descer a dar sua opinião sobre a sopa de amêndoas.

Santo céu, mal conseguia concentrar-se já nos preparativos para a velada, mas, de algum modo, conseguiu assentir com a cabeça. Daphne se separou da parede enquanto guardava a carta de Carissa no bolso e seguiu à donzela até a cozinha pensando em qual seria o passo seguinte.

Talvez não seja nada, tentou convencer-se. Como seu senhor e marido, não era acaso prerrogativa do homem ocultar informação relevante que não se considerasse pertinente para a mulher? Mas todas as suas tentativas para diminuir a importância fracassaram miseravelmente. No fundo de seu ser sabia que se tratava de algo grave e era provável que fosse de todo infame, tendo em conta os extremos aos que seu marido chegou a fim de mantê-la na ignorância.

Quanto mais recordava a investigação exaustiva a que Max a submeteu antes de decidir-se a cortejá-la, mais aumentava o ressentimento que a invadia. Não cabia dúvida de que se encarregou de averiguar até o mínimo detalhe sobre ela antes de decidir se era ou não adequada para ele. E em troca a correspondeu com segredos e enganos. Daphne sacudiu a cabeça.

Demônio embusteiro e hipócrita!

Bem, era óbvio que não fazia sentido enfrentar Max com suas mentiras até que pudesse averiguar por si mesma o que era exatamente que ocultava. Não podia acreditar que lhe fez isso, mas por que esbanjar fôlego fazendo perguntas ou exigindo explicações?

O Marquês Perverso era escorregadio e se limitaria a mentir de novo, a menos que tivesse provas que podia o enfrentar. Aquele demônio hipócrita tinha o dom de livrar-se de tudo com seu encanto, mas esta vez foi muito longe. Cada vez o conhecia melhor, e se o que ao Max gostava era de levar as coisas de um modo oculto, assim seria.

Concluiu que era imensamente mais inteligente esperar a oportunidade para dar uma olhada naquele esconderijo secreto. Aterrava-a pensar no que poderia encontrar. No momento, decidiu não mencionar uma só palavra ou deixar entrever o mínimo sinal de que o tivesse pego por fim, até que tivesse ocasião de ver com seus próprios olhos o que era que estava acontecendo.

Capítulo 17

Virgil foi parco em detalhes, mas ao que parece, Drake foi visto de novo.

Como pivô de sua equipe, Max recebera ordens de visitar a propriedade do Westwood sem demora e surrupiar com o máximo de sutileza qualquer informação possível a lady Westwood, a encantadora e idosa mãe de Drake.

Seu objetivo concreto era descobrir se o suposto falecido se pôs em contato com a condessa. A final de contas, era factível que Drake, estando vivo, desejasse evitar que sua desconsolada mãe continuasse chorando sua morte. Max não sabia muito mais além disso. Simplesmente teria que ver o que poderia averiguar quando chegasse ali. Era um trajeto em

direção a Londres de umas três ou quatro horas. Enquanto isso teria que inventar uma história aceitável para contar a sua esposa e que explicasse sua iminente partida. Durante a velada Max deixou que sua mente calculadora elaborasse um modo de proceder enquanto desempenhava o papel de perfeito anfitrião.

Graças ao dom que possuía para separar as distintas facetas de sua vida foi capaz de deixar a um lado a missão do dia seguinte, da mesma maneira que afastou de sua cabeça o sentimento de culpa por mentir a sua amada desde o dia do casamento. Ele manteve toda à força de vontade, centrando a atenção na velada. Sabia o quanto significava para Daphne que aquela festa fosse um êxito. Até o momento tudo ia como a seda.

Quanto a lady Rotherstone, Max pensava que essa noite estava mais bela que nunca. Jamais a viu vestida de vermelho, e o efeito era impressionante.

Desde que era uma mulher casada parecia desfrutar experimentando com cores atrevidas que, pelo geral, consideravam-se inapropriados para as debutantes. Ia embelezada com um vestido de tafetá entre rosa e vermelho, de corte singelo e manga curta abobadada, e levava o brilhante cabelo loiro recolhido de forma e elegante. A beleza serena de Daphne contrastava com um provocador vestido que levava. Um colar de pérolas adornava seu pescoço e aplicou um leve toque de carmim nos lábios, como se tentasse evitar que sua pálida pele ficasse eclipsada pelo vermelho do traje. Seu aspecto resultava impactante e sofisticado, e fazia com que Max a desejasse de um modo novo e premente. Este sempre pensou que era formosa, certamente, uma moça sã e inocente de radiante beleza, mas essa noite parecia diferente, toda uma mulher que reivindicava sua valia e se adaptava a sua nova posição de marquesa.

Fazia uso de um versado encanto com os convidados mostrando, isso sim, algo menos daquela atrativa cordialidade típica nela em favor de uma pincelada de desenvolvida autoridade. A conversa e as risadas reverberavam na sala iluminada pelo resplendor dos candelabros. Todos pareciam estar divertindo-se e, em resumo, Max pensava que Daphne fazia um trabalho magnífico cuidando até o mais ínfimo detalhe da festa.

Os esplêndidos pratos eram o primor da perfeição, da sopa de amêndoas ao bolo de pombinho; o salmão grelhado, a perna de cordeiro e o pudim de ameixa, por nomear alguns até a lagosta assada, as ostras em torradas de pão, faisão com ervas e pêras ao vinho.

As sobremesas eram uma delícia, sobre tudo o imaginativo ouriço colocado no meio da mesa, e cujos espinhos estavam confeccionados com amêndoas brancas. Segundo Daphne explicou a todos, a primorosa escultura animal estava elaborada com uma mousse de claras de ovo, açúcar, manteiga e creme. Os olhos e o focinho eram pequenas peças de alcaçuz negro. A jovem considerava aquilo uma obra de arte e ao chef Joseph um gênio. Os convidados lamentaram ter que cortar o ouriço para poder degustá-lo, mas a vontades de saboreá-lo pesaram mais que o sentimento de culpa por ver-se obrigados a destrui-lo. Como era de esperar, resultou ser delicioso.

Serviu-se uma variedade de frutas e frutos secos, folhados de damasco, biscoitinhos, mingau e três classes distintas de bolo de queijo. Por último as damas passaram ao salão para tomar o chá enquanto que os homens continuaram sentados à mesa para desfrutar de um copo de porto ou

xerez.

Max, entretanto, estava impaciente por reunir-se de novo com Daphne. Jantaram separados, ocupando cada um seu lugar à cabeceira de uma mesa que parecia quase tão longa como um campo de críquete. Sentia falta da companhia de sua esposa e necessitava de sua conversa.

Negava-se a pensar muito no remorso que sentia por ter que mentir uma vez mais no dia seguinte. Conhecia bem o dever que tinha para com a Ordem e, além disso, a viagem não seria prolongada. Precisava reconhecer que ainda não descobriu como aguentar as complexidades de sua vida dupla de um ponto de vista emocional. Gelava o sangue cada vez que tentava imaginar a reação de Daphne se escutasse a verdadeira história de sua vida a essas alturas.

Mas mesmo que Virgil o tivesse permitido, como ia confiar lhe semelhantes revelações agora que estava tão ligado emocionalmente a ela? Principalmente quando fazia muito pouco tempo que a convenceu para que se casasse com ele? Se contasse a verdade Daphne poderia arrepender-se de ter aceitado e, então, arriscaria-se a perder seu amor. E se isso acontecesse, obviamente ele morreria. Ou, no mínimo, perderia a vontade de viver. Pensava que era melhor, mais honroso, que ela não se inteirasse, mas a luta interna o rasgava por dentro. Fez o que pôde para tirar tudo isso da cabeça. Era muito tarde para ficar a lhe contar o que deveria ter dito meses atrás, mas nem então nem no presente tinha liberdade para fazê-lo.

Simplesmente teria que ser mais precavido para evitar que as duas facetas de sua vida se mesclassem, disse-se. Mas a angústia que o consumia por dentro era cada vez maior. Poderia fazê-lo. Acaso não viveu desse modo durante anos? Sendo como era um embusteiro consumado, nunca teve problemas para separar a verdade de seu ser interno como agente da Ordem, da máscara exterior do ébrio e Distinto Viajante. Mas pela primeira vez em sua vida Max começava a sentir-se incômodo com seu dever. Muito incômodo.

Era injusto ter que viver dessa forma. E, o que era pior, começava a temer que podia ser um bom marido ou um bom agente, mas não as duas coisas. Não podia imaginar-se evitando seu dever para com a Ordem, pois era algo muito enraizado nele. O qual significava que era só uma questão de tempo que seu matrimônio, o compromisso que contraiu recentemente, atravessasse graves problemas. Talvez não deveria tê-la acossado sem trégua para que se casasse com ele, pensou. Possivelmente deveria ter evitado tudo aquilo e escolhido a outra mulher a quem não pudesse amar. Embora, por outro lado, não podia imaginar a vida sem sua querida Daphne. Era a pessoa mais importante do mundo para ele. Santo Deus, tudo aquilo poderia deixá-lo louco. Melhor seria que não pensasse mais nisso.

Não tinha mais alternativa que mentir e, além disso, não desejava que sua esposa se visse imersa nas intrigas da Ordem. Com certa persuasão conseguiu afinal conduzir aos varões ao salão para reunir-se de novo com as damas. Ao fim de um momento, os convidados passaram à sala de música, onde as senhoras se dispuseram a entretê-los com seus diversos dotes musicais.

Max recordou que seu sogro falou do quanto que Daphne gostava de tocar o piano-forte com sua mãe quando esta ainda vivia, de modo que se arriscou a lhe sugerir diante de todos que tocasse uma peça.

Ela o olhou fixamente e a seguir inclinou a cabeça como uma esposa modesta.

— Como deseja, milord — murmurou, mas quando passou junto a ele para dirigir-se para o instrumento, Max acreditou detectar certa frieza naqueles olhos azuis.

Daphne abriu a tampa do assento e tirou algumas partituras que apoiou devidamente no suporte de livro sobre o teclado. Logo ocupou seu lugar em frente ao piano-forte e provou a tocar algumas teclas, como se estivesse familiarizando-se com um amigo ao que fazia muito que não via.

A jovem inspirou profundamente e começou a tocar.

Tratava-se de uma peça simples e comovedora cheia de expressividade, que Max reconheceu como a adaptação para piano-forte de uma célebre partitura do Albinoni. A sala se encheu com a melancólica beleza do evocador adágio, que pouco a pouco foi cobrando intensidade até alcançar um crescendo ligeiramente sinistro.

Max franziu o cenho. Que escolha tão estranha para uma velada, pensou. Talvez fosse a única peça que conhecia mas, sem dúvida, depois de todas os incômodos que tomou para criar um clima agradável para os convidados, aquela música alterou a atmosfera, por dizê-lo suavemente.

Não demorou muito em dar-se conta de que podia tratar-se de algum tipo de mensagem dirigida a ele. Cravou os olhos em sua esposa enquanto tocava sentindo que, de certo modo, estava vendo-a pela primeira vez. Nem em um milhão de anos poderia ter imaginado a profundidade dos sentimentos que guardava em seu interior. E isso fez que se desse conta de que, face à minuciosa investigação prévia, possivelmente ainda havia facetas da jovem que desconhecia.

Cabiam duas possibilidades: ou acertou ao pedir que tocasse, ou Daphne, por motivos que só ela conhecia, estava preparada para compartilhar aquela parte de si mesma. O adágio e a inusitada paixão com que estava sendo executado tinham absorvido a todos os presente. A atuação chegou a seu termo de forma apoteótica oito minutos mais tarde. Os convidados guardaram silêncio durante uns segundos, cativados pela sublime composição musical. Então Max começou a aplaudir com o olhar cravado nela e todo mundo lhe seguiu.

— OH, vá!

— Realmente comovedor — exclamavam alguns convidados.

Uma vez concluída a peça, Daphne levantou lentamente a vista do piano como se acabasse de passar por um calvário. Enfrentou o olhar de Max e, enquanto outros continuavam aplaudindo-a e elogiando seu inesperado talento, ele se aproximou oferecendo a mão para ajudá-la a levantar-se.

Por um lado Max transbordava de orgulho pelo talento de sua esposa, mas por outro se perguntava que demônios estava acontecendo.

— É uma caixa de surpresas, milady— murmurou enquanto a ajudava a levantar do assento. — Há algum outro segredo que deva conhecer?

— Nenhum por minha parte, milord. E pela sua? — Não esperou a resposta, mas sim soltou a mão e se afastou para retornar com os convidados como uma perfeita anfitriã.

Max estava desconcertado.

Resultava curioso que fosse capaz de adivinhar os pensamentos de desconhecidos, mas, que

só agora começasse a precaver-se que a sua amada faltava pouco para surpreendê-lo por completo. Acaso fez algo? Talvez simplesmente estivesse dedicando sua atenção aos convidados. Não cabia a menor duvida de que essa velada deu uma experiência que ela era consciente de que requereu semanas de preparação.

Apesar disso, a reveladora e apaixonada atuação de Daphne o fez pensar em uma das passagens secretas que se ocultavam dentro de Dante House: a estante giratória do salão que só era possível abrir tocando uma série concreta de notas no poeirento e velho clavicordio situado no centro da sala. Ela se encontrava a uns passos de distância desdobrando seu encanto com o vigário e a esposa deste.

Max a estudou com fascinação renovada embora, possivelmente, deveria haver-se sentido preocupado. Só sabia que quanto mais Daphne mantinha a distância, mais ansiava ele estar a seu lado. Daphne parecia ter colocado alguma espécie de barreira invisível entre eles e, embora Max sabia que não tinha direito a queixar-se, não estava acostumado.

Aquilo não o agradava nem um pouco.

Durante um breve instante se perguntou se cabia a possibilidade de que sua esposa tivesse visto algo que não devesse ver. Poderia ter tropeçado com algum detalhe que tivesse escapado concernente ao papel que desempenhava para a Ordem? Não, isso era impossível. Era certo que se sentia muito cômodo com ela, algo contra o que Virgil o preveniu, mas era um agente com muita experiência para ter cometido algum deslize.

Não era capaz de imaginar que tivesse descoberto seu disfarce ante sua própria esposa. Devia tratar-se de outra coisa. Qualquer que fosse a causa daquela mudança quase imperceptível em seu comportamento, Max queria recuperar a Daphne de sempre. E o queria imediatamente.

Os convidados partiram umas horas mais tarde e o casal se encontrava por fim no dormitório.

— Seu pai me contou que você gostava da música, mas ignorava que tocasse tão bem — disse Max enquanto se despojava do traje de etiqueta.

Eram as duas da madrugada.

— Celebro ser capaz de te surpreender, milord.

Daphne estava sentada ante a penteadeira tirando as longas luvas de cetim quando seu marido entrou do quarto contiguo desatando o nó do lenço de pescoço.

Uma vez que o afrouxou se aproximou de seu lado e a olhou durante um momento.

— Daphne, está bem?

— Sim, por que pergunta?

— Parece... distraída — repôs cauteloso, colocando-se atrás dela e ocupando-se de desabotoar o fechamento do colar.

Ela baixou a cabeça e recolheu o cabelo para que nenhuma mecha se enganchasse na fileira de pérolas. Max a estudou no espelho enquanto aguardava sua resposta.

— Em realidade — disse por fim, — estou preocupada com a Carissa.

— Carissa? — Franziu o cenho e depositou o colar na mão dela. Esqueceu-se por completo da carta que sua esposa recebeu. — Por quê? Aconteceu algo?

— Suas primas voltam a ser cruéis com ela. Estou pensando em ir a Londres para lhe prestar apoio moral. Não se importará, verdade, carinho?

Max acreditou detectar certo tom gélido na pergunta.

— Quase terminou o ano e não é momento para estar em Londres. Por que não a convida a que venha aqui?

— Posso ir a Londres se assim me agradar. Não estou prisioneira aqui, verdade? — Obsequiou-o com um sorriso imperturbável, mas Max apreciou algo completamente diferente em seus olhos azuis.

Dirigiu-lhe um olhar turvo, ocultando que cada vez era mais consciente da tensão que atendia a Daphne.

— Certamente que não está prisioneira, carinho. Está-te cansando da vida campestre? Ou o que acontece é que te está cansando de mim?

Daphne o olhou de esguelha e deixou os brincos enquanto encolhia os ombros.

— Agora que a festa terminou, não sei o que vou fazer para me manter ocupada.

Max se inclinou para diante, encerrando-a entre seus braços quando apoiou as mãos a ambos os lados da penteadeira de madeira de cerejeira.

— Se de verdade quer voltar para a cidade para ver seus amigos, se isso te fizer feliz, eu mesmo te levarei. Mas terá que esperar uns dias até que retorne.

— Retornar de onde? —Olhou-o surpreendida no espelho, totalmente insatisfeita com sua resposta.

— Preciso me aproximar de George para realizar uma visita à fundição de ferro. Se não recordar mau, contei-te que sou acionista majoritário e tenho o controle da companhia.

— Controle, sim— resmungou ela.

— Agora que terminou a guerra não há muita demanda de canhões. Os homens que dirigem a fábrica querem me mostrar algumas ideias com as que substituir esse produto.

— Entendo.

— Não me levará mais de um par de dias. Irei e voltarei antes de que tenha tempo de sentir saudade. Quando retornar poderemos ir a Londres.

Daphne contemplou o reflexo do Max.

— Por que não te acompanho?

— A uma fundição? Se acredita que agora se aborrece comigo...

— Eu não disse que estou aborrecida.

Max manteve o calmo sorriso por pura força de vontade.

— Estará se me acompanhar. — Retrocedeu e começou a desabotoar o colete.

— Não acredito. Nunca vi uma fundição de ferro.

— É um lugar perigoso, Daphne, cheio de fornos ardentes e de gases nocivos. É melhor que não respire esse ar viciado, sobre tudo se estiver grávida.

A jovem baixou o olhar uma vez mais, como se compreendesse que era inútil discutir com ele. Max se sentiu aliviado porque não tinha planos de visitar a fundição.

— Muito bem, milord. Se isso for o que deseja...

— Sabe o que acredito? — Murmurou quando retornou junto a ela ao fim de um momento. — Acredito que ultimamente esteve submetida a muita pressão. Já passou. — Depositou um beijo em sua cabeça. — Por fim pode relaxar. Realizou um trabalho esplêndido. Nenhum homem poderia desejar uma esposa melhor. Embora a pedisse por catálogo.

Daphne foi incapaz de conter o indício de um sorriso reticente.

— Aí está — sussurrou Max. — Sei como te levantar o ânimo. Quer que prepare um agradável banho quente para os dois?

Ela suspirou e afastou o olhar.

— Não sei.

— Talvez não um banho, pois. Acredito saber o que necessita. — Introduziu o dedo na parte posterior do vestido de Daphne e o deslizou pela omoplata. —Que te faça o amor lenta e apaixonadamente.

Daphne cravou seus azuis olhos nos do Max através do espelho quando ele começou a massagear os pálidos ombros que o amplo decote do vestido deixava descoberto.

De maneira que a fundição, né? Daphne tinha dúvidas, por dizê-lo suavemente. Aquele homem não fazia nem ideia de quanto o desprezava nesse momento. Mas era muito estranho, pois, mesmo assim, seu contato podia excitá-la no ato.

OH, demônio! Sempre teve o dom de lhe fazer ferver o sangue até sendo consciente de que não devia o desejar. Daphne se negou a deixar escapar o suspiro que se elevou em sua garganta quando ele se inclinou e a beijou no pescoço de um modo extremamente tentador.

Esteve a ponto de oferecer alguma pobre desculpa, que estava muito cansada ou que tinha dor de cabeça, mas de repente recordou que seu marido dormia profundamente depois de fazer o amor.

Uma escandalosa ideia tomou forma em sua cabeça. Atreveria-se a pô-la em prática? Daphne ficou imóvel. Enquanto os lábios do Max se deslocavam lentamente para o lóbulo da orelha para mordiscá-lo, ela recordou de repente a briga que tiveram pelo colar de safiras umas semanas atrás e as técnicas que empregou para, conforme acreditava ele, conseguir seu consentimento.

Aquele dia Max se apresentou em casa de seu pai e a abordou no salão, negando-se a partir até não ter conquistado seus sentidos com um prazer como jamais experimentou. *Muito bem, carinho, onde as dão, tomam.* Fechou os olhos, desfrutando dos sensuais beijos do Max. Essa noite sentiu uma grande satisfação ao saber que conseguiu desconcertar a seu marido com sua interpretação ao piano.

Também surpreendeu a si mesma, mas Max lhe jogou a luva diante de todos os convidados, e ela não quis responder como o faria um covarde. Daphne se arriscou a ficar em ridículo tocando para os convidados depois de não ter praticado em anos, mas ver a cara de surpresa do Max e a ligeira preocupação que refletia enquanto presenciava a temperamental interpretação foi uma

magnífica vitória que bem valeu a pena. Graças a Deus que se saiu bem.

Era um verdadeiro prazer saber que, por uma vez, conseguiu que tremesse seu consumado autocontrole. Daphne pensou que talvez seria aconselhável que continuasse por esse caminho. Os lábios de Max desciam pelo pescoço deixando uma trilha de beijos atrás de si, lhe confirmando, sem a menor sombra de dúvida, que seu marido seguia acreditando erroneamente que era ele quem tinha o controle, como de costume. Isso o veremos.

Chegou o momento de ajustar as contas com o Marquês Perverso e o vencer em seu próprio jogo.

— Desejo-te — sussurrou Max fazendo que lhe arrepiasse o pelo. Daphne o obsequiou com um sorriso sedutor e disse:

— Eu também te desejo.

Quando Daphne se levantou e se voltou para ele, o brilho malicioso que iluminava seus olhos fez que Max se perguntasse se não estaria passando muito tempo com ele. Talvez fosse uma má influência para Daphne, pensou enquanto ela pousava a mão sobre seu torso e o fazia retroceder para a poltrona. Algo ao que Max acessou com supremo agrado.

Sustentou-lhe o olhar quando o empurrou para que se sentasse, aguardando com prazer enquanto o coração pulsava com força. O estranho estado de ânimo de sua esposa fazia que fosse mais excitante para ele. Essa noite ela era imprevisível, como se ambos estivessem entrando em uma nova faceta de Daphne que desconhecia completamente.

Talvez tivesse a ver com sua interpretação no piano-forte, mas era evidente que algo desatou a paixão de sua mulher até um ponto que nunca viu antes. Então lhe abriu o cinto das calças e ficou de joelhos, tomando-o na mão, acariciando-o com atenção. Daphne baixou a cabeça e o acolheu na boca o deixando sem fôlego. Aqueles úmidos lábios pintados de carmim receberam seu membro, lambendo-o com a língua em toda sua longitude e brincando com a ponta.

O discreto e sóbrio volante do punho da camisa do Max lhe roçava o cabelo dourado enquanto embalava a cabeça de Daphne sem deixar de observar avidamente. Logo sua mão desceu até aquele formoso semblante que fazia o amor a seu membro.

Jogou a cabeça para trás extasiado, deixando escapar um gemido de prazer, gozando com seus cuidados. Cada vez que ela o apertava em sua mão, cada carícia de sua sedosa boca, aproximava-o um pouco mais ao abismo. Max esticou as pernas, e quando estava a ponto de alcançar o clímax, Daphne se deteve de maneira cruel.

Ela elevou o olhar com os lábios úmidos e os olhos brilhantes.

— Vá a minha cama — sussurrou Daphne. — E tire a roupa.

Max a olhou com os olhos carregados de desejo. Aquelas ordens gostava de muito, certo, embora o surpreendessem um pouco vindo de sua decente esposa. Apesar de tudo, que homem em seu são julgamento se atreveria às questionar?

Sorriu com cautela e fez o que lhe pedia.

Talvez Daphne se sentia o bastante segura para lhe mostrar seu poder sexual. Naturalmente, se Max não soubesse que era impossível, teria imaginado que ela estava furiosa por algo. Mas, por outro lado, se estivesse furiosa, por que o estava deixando louco dessa maneira? Sua Daphne não

era uma mulher calculadora.

Mulheres!

Não desejava pôr em dúvida a atitude dela. Gostava daquela ardente intensidade que demonstrava sua esposa. Por muito que amasse a sua querida Daphne, aquela versão mais forte e embriagadora parecia dar resposta a algo no mais recôndito de sua alma. Uma necessidade que nunca compartilhou porque, simplesmente, supôs que um homem não podia pedir certas coisas a uma esposa. A uma amante, *possivelmente.* Mas Max já não desejava a ninguém que não fosse Daphne.

Ela se recostou para contemplá-lo enquanto se despia e se dirigia, nu, para a cama. Quando Max se deitou, Daphne ficou em pé e foi para ele, desprendendo languidamente dos pentes de prender cabelos de marfim dos cabelos e sacudindo aquela dourada juba.

Não tirou o vestido, mas sim subiu à cama com um delicado frufru de tafetá. O resplendor do fogo que ardia na lareira se deslizava sobre a suntuosa malha como uma fluida pátina de chamas dançarinas.

— Esta noite — lhe disse quando avançou para ele andando de quatro, — vou te usar a meu desejo, Rotherstone. Considero que deve sabê-lo.

— Adiante.

Max jazia de costas apoiado nos cotovelos, nu como Deus o trouxe para o mundo, convidando-a a ir a seu lado. Sua ereção se ergueu orgulhosa para saudá-la quando se aproximou.

Daphne passou a coxa por cima dos quadris para ficar escarranchada sobre ele, sacudindo as saias sobre aquele corpo espectador. Deus, com aquele vestido vermelho parecia uma das ajudantes de Satanás, perita nas artes da sedução. Talvez foi visitá-lo para convertê-lo em seu escravo, pensou Max, consciente de que não tinha a mínima possibilidade de resistir à tentação. A luxúria os dominava por igual. Max tremia de desejo quando Daphne se inclinou lentamente para lhe beijar enquanto baixava a mão entre seus corpos para tomar aquele membro e guiá-lo dentro dela.

Sentiu que aquela parte da anatomia do Rotherstone criada para satisfazê-la acariciava a fonte de sua excitação, lhe arrancando um gemido. O extraordinário tamanho dessa noite testemunhava quanto gostava da faceta atrevida de sua esposa. Uma vez o teve profundamente dentro, Daphne se ergueu e começou a montá-lo. O marquês podia ver o ardente prazer que se refletia em seu rosto e se perguntou quanto tempo ia ser capaz de aguentar, tendo em conta os cuidados que previamente sua esposa lhe deu na poltrona.

Daphne se movia cada vez com maior rapidez, entreabrindo a boca, jogando a cabeça para trás, fazendo amor apaixonadamente tal e como disse que faria. Max lhe aferrou as coxas e apoiou as mãos nas costelas, arqueando as costas, possuindo-o por inteiro. Desesperado de repente por sentir seus seios, Max tentou lhe desabotoar torpemente o sutiã sem consegui-lo. Aquilo o enfureceu e, com um grunhido, ergueu-se e não demorou nem dois segundos em rasgar o tecido do vestido. Logo chegou a vez do espartilho. E quando aqueles seios jovens e generosos estiveram ao fim livres, deu-se um festim com os mamilos como se fosse um homem a ponto de morrer de fome.

— Mmm.

Daphne se deteve para desfrutar enquanto a boca e as mãos de Max percorriam seus cremosos seios. Agarrou a cabeça de seu marido e o atraiu contra si. Os mamilos eretos ansiavam sentir o roce daquela língua e Daphne gemeu tremulamente de puro gozo quando ele mordiscou com suavidade um dos duros bicos.

— OH, Max.

Ao fim de um momento ela o empurrou contra o colchão cravando em seus olhos um olhar de paixão desmedida. Começou a acariciar-se com os dedos, fazendo-o perder a cabeça por completo, enquanto o possuía sem que ele pudesse fazer nada. Max podia sentir como seu controle se fazia em pedaços igual a um navio sacudido pelas tempestuosas águas do mar durante uma tormenta. Ela o beijava e mordiscava a mandíbula, em que aparecia já uma barba incipiente, enquanto dos lábios escapavam femininos grunhidos de prazer.

Max proferiu por sua vez um grunhido incapaz de seguir resistindo, e se deixou levar. Sentiu-se invadido pela ardente paixão de Daphne quando se afundou nele inundando-o em uma tumultuosa voragem de prazer. Rodeou-lhe com as sedosas pernas mantendo unidos ambos os corpos suarentos, esvaziando-o por completo, levando-o ao topo do êxtase.

Durante longo momento Max não pôde falar.

Não podia acreditar que sua mulherzinha possuísse tal ardor, mas lhe fez amor, deixando-o sumido em um contente estado de sonolência. Mal tinha forças, encontrava-se totalmente a mercê de Daphne, sob seu feitiço.

Ela se separou e desceu da cama, e Max supôs que ia tirar o vestido destroçado. Tampou-se com o lençol embora mal tinha vontade de mover-se. A olhou com os olhos pesados e um sorriso sonolento nos lábios quando ela deixou cair o vestido aos pés e se encaminhou nua até o vestidor para agarrar a vaporosa camisola. Essa noite sua doce Marquesa Perversa fez dele o que quis. Sentindo-se satisfeito, Max ficou profundamente adormecido.

Daphne esteve vendo Max dormir durante um bom momento. Deus, que formoso era o bastardo. Jamais em toda sua vida seduziu a ninguém, mas acreditava que tudo foi bem. Essa noite a luxúria, violenta e ardente, diferente a tudo que experimentara, aconteceu. Talvez se sentisse suja pelo que fez, mas não lamentava. Desfrutou imensamente, igual a Max e, afinal, era necessário combater o fogo com o fogo.

Agora ele dormiria com total placidez, como sempre que faziam o amor, o que proporcionava a oportunidade de averiguar o que estava escondendo seu marido. Era uma lástima que precisasse recorrer a isso, pensou. Se Max não se dava conta de que estavam brigando, possivelmente não estivessem liberando uma guerra. Mas quando se lutava com um competidor tão poderoso como o marquês de Rotherstone, teria que aproveitar qualquer vantagem que se apresentasse.

Se o Max não gostasse do que fez essa noite, a culpa era toda dele, pois foi dele que tirou a ideia. Completamente satisfeita e um tanto dolorida entre as coxas, aguardou um momento até que esteve segura de que estava dormindo e logo saiu em silêncio do quarto, vestida ainda com sua camisola azul. Com uma só vela em uma palmatória de estanho como iluminação, se escapuliu

pelo escuro corredor até o dormitório do Max.

Duvidava muito que houvesse algum assunto urgente na fundição, de modo que começou a perguntar-se em que mais estava mentindo. O ladrão de carteira do casamento? A verdadeira razão da inimizade entre os irmãos Carew e ele? O Clube Inferno? Suas viagens?

O amor que sentia por ela?

Os olhos se encheram de lágrimas com aquela última dúvida, mas meneou a cabeça. Por muitas mentiras que tivesse contado, não podia acreditar que não sentisse nada por ela. Por outra parte, se de verdade correspondesse a seus sentimentos tal e como ele afirmava, por que a enganava?

Se realmente a amava, por que não contava a verdade? O que podia ser tão terrível?

Mal se atrevia a imaginar o que encontraria quando fechou a porta do quarto sem fazer ruído e se preparou para enfrentar a quão segredos Max escondia. Talvez se arrependesse de averiguar a verdade, mas precisava saber o que estava acontecendo. O medo se apropriou de sua mente ante o que poderia descobrir. Vis assuntos de negócios? Um filho ilegítimo oculto em alguma parte? Alguma escura vingança pessoal? Pelo menos estava segura de que nada tinha que ver com outra mulher, por que se não estaria Virgil comprometido? Mas se se equivocava, se tinha uma amante em algum lugar, Daphne jurou que o faria pagar com acréscimo.

Cruzou o dormitório às escuras e uma vez que esteve diante do pequeno nicho pegou o vaso decorativo e o depositou sobre a cama. Continuando, aproximou a palmatória e apalpou o interior do nicho. Tentou empurrar a parte côncava para cima, pois era assim como o havia visto aberto, mas foi em vão. Ao fim de um momento recordou o mecanismo de mola da caixa de segurança dissimulada construída no armário e que resultava impossível de detectar. Empurrou suavemente o nicho com as pontas dos dedos e conteve o fôlego quando escutou um fraco clique dentro da parede.

Funcionou. Agora era possível deslizar a parte frontal para cima para que encaixasse na parte oca da parede. *Que engenhoso*, pensou. Sem o estorvo do painel, a pequena prateleira onde se colocava o vaso podia tirar-se como se fosse uma gaveta. Com o coração pulsando fortemente, deu uma olhada por cima do ombro para certificar-se de que os fracos ruidinhos que fez não tivessem despertado a seu marido. No outro quarto reinava o silêncio.

Chegou o momento da verdade e o medo a envolvia.

Mas Daphne se armou de coragem e introduziu a mão no reduzido e escuro esconderijo, decidida a ver o que encontrava. Tirou o vidro com a solução de cheiro acre que essa tarde impregnara o quarto. Deixou-o a um lado, longe da vela, consciente de que poderia ser inflamável. Colocou de novo a mão com ousadia e retirou um pote de tinta, mas por que esconder a tinta? A menos que fosse tinta invisível.

A seguir extraiu uma pequena pistola. Bom, a presença desse objeto tinha uma explicação muito simples, embora lhe surpreendeu que Max tivesse uma arma carregada em seu dormitório. Olhou-a preocupada e a deixou. A seguinte vez tirou do pequeno vão um estranho disco de cartão do tamanho de sua mão. Tinha letras de imprensa na borda, um segundo cartão circular fixado em cima do primeiro por uma tachinha metálica.

Examinou-o e descobriu que o disco superior podia girar-se de forma que as letras se alinhassem para formar distintas combinações. Daphne ignorava do que se tratava. Colocou de novo a mão no esconderijo e apalpou um pequeno objeto metálico. Quando o aproximou à luz da vela resultou ser um grosso anel de homem feito de ouro. Aproximou-o mais à vela para examinar a imagem que tinha gravada. *Ah, que estranho.*

O desenho do selo era idêntico à cruz de Malta que vira nos retratos dos antepassados do Max e a que pendurava na capela familiar.

Meu deus, no que me coloquei? Seguia sem respostas claras. Nesse instante a única coisa que tinha era a confirmação de seus piores medos: Max estava mentindo. Daphne não o entendia.

Se amava a uma pessoa, se a professava um mínimo de respeito, não lhe contava mentiras.

Daphne enxugou uma lágrima e introduziu a mão pela última vez naquele esconderijo que já estava quase vazio. No fundo tocou um papel. Com a boca seca pela inquietação tirou lentamente a carta do Virgil. O papel estava rígido e cheirava ainda à solução, a essas alturas seca, que Max aplicou. Desdobrou a folha com o pelo da nuca arrepiado.

No espaço em branco, debaixo da parca descrição da égua negra de raça árabe que estava a venda no Tattersall's, tinha escritas instruções para seu marido.

Daphne olhou com surpreso desconcerto as poucas e breves frases.

Em primeiro lugar, quem acreditava aquele escocês que era para lhe dar ordens a um par mais poderoso e de maior fila como Max? Em segundo, quem era Drake? E por último, e o mais importante, o que queriam da idosa e adorável lady Westwood?

Devido a sua ativa vida social, Daphne conhecia bem a pobre condessa viúva; uma mulher já mais velha, encantadora, abatida e frágil, do tipo garota necessitada. Pertenciam à mesma igreja e Daphne a viu todas as semanas durante anos, vestida de luto. Pensou que lady Westwood era um tanto estranha, pois parecia ser um molho de nervos e um pouco paranoica.

Certamente assim é como vou terminar eu se tiver que suportar estas intrigas toda a vida.

Nada daquilo tinha sentido. Ao princípio ficou aturdida mas, depois de olhar por volta do quarto onde seu marido dormia placidamente, sentiu-se invadida por uma intensa ira.

Quem era Max? O que significava tudo aquilo? Chegaria a conhecê-lo de verdade?

Fixou-se novamente na carta. Quase tinha vontade de ir despertar ao canalha e exigir que contasse o que estava acontecendo na realidade. Mas como podia ser tão inocente? Ele voltaria a mentir. Se tomou tantos incômodos para ocultar aquele enigma, o que o fazia pensar que agora ia sentir se obrigado, como por arte de magia, a lhe dar explicações?

Não, compreendeu. Teria que ver-se forçado a isso. Daphne sacudiu a cabeça fervendo de fúria. Já sabia o que ia fazer. Parecia que chegou o turno de investigar a ele, tal e como Max fez com ela durante várias semanas antes de se conhecerem. A sensação de traição encolheu sua alma, mas nada a deteria. Averiguaria quem era Max, o homem com quem se casou, e que maldades trazia entre as mãos. Não via outra opção, pois esse não era o tipo de matrimônio ao que se comprometeu. No celeiro da estalagem de Os Três Cisnes pediu a Rotherstone que fosse sincero com ela e acreditou em sua palavra quando respondeu que o seria. Mas, apesar de sua promessa, persistiu em seu engano.

Violou os termos do acordo a que chegaram, sem se preocupar que ela tivesse aceito ao fim sua proposição de matrimônio porque, precisamente, acreditou que ambos estariam em igualdade de condições. Aquilo não era equitativo. Max fazia dela uma parva.

Durante todo esse tempo em que o levou no fundo do coração, deu todo o amor que tinha para dar sem reter nada. Ele, em troca, esteve se ocultando cuidadosamente dela. Como de costume.

Deus, que estúpida se sentia. Reprimiu durante uns momentos as lágrimas que lhe produziam a dor e o medo. Estava farta de escutar mentiras. Daphne entrecerrou os olhos, furiosa. Posto que estava claro que Max não pensava em contar a verdade, não ficava mais alternativa que investigá-lo ela mesma. A ver se você gosta de experimentar de seu próprio remédio.

Jogou a carta de Virgil sobre a cama e se apressou para o armário para vestir-se. Amanheceria dentro de umas horas. De maneira que quer te andar com joguinhos comigo, meu marido? De acordo.

Eu não sou a cabeça de vento que pensa.

À manhã seguinte Max despertou mais tarde que o habitual. Se espreguiçou e bocejou, com uma persistente sensação de pura sorte.

Estava sozinho na cama e tudo indicava que sua encantadora sedutora já estava levantada, ocupando-se das tarefas diárias. A julgar pela luz que entrava, supôs que deviam ser nove. Queria tomar o café da manhã mas se fez lento, sentindo-se satisfeito e com a esperança de que, em qualquer momento, veria o rosto risonho de Daphne lhe dando bom dia.

Depois de uma noite como a passada sem dúvida teria desaparecido esse estranho estado de ânimo e voltado a mulher afável e adorável de costume.

— Daph? — Talvez estivesse tomando um banho no quarto situado entre ambos os dormitórios ou no guarda-roupa, escolhendo o que ia usar. — Céu, está aí?

Não houve resposta.

Max suspirou ao mesmo tempo em que tocava o cabelo, e decidiu descer a tomar o café da manhã. Era provável que sua esposa estivesse ali, embora não gostava nada de despertar só.

Acostumou-se a dormir com ela entre seus braços e era muito incomum que Daphne escapulisse sem despertá-lo. Max o achava estranho.

Olhou com expressão irônica a roupa dispersa pelo quarto, assim como o vestido vermelho de tafetá que jazia amontoado no chão onde ela o deixou. Logo se levantou da cama e se encaminhou nu até o corredor recoberto de espelhos que unia ambos os dormitórios. Ao passar reparou fugazmente na barba incipiente que sombreava sua mandíbula, e que devia barbear-se, ao mesmo tempo que coçava o peito. Jogou uma olhada a casa de banho e a seguir ao guarda-roupa, certificando-se de que ela não estava em nenhum dos dois lugares.

Quando se dispunha a entrar em seu quarto Max ficou gelado na soleira, preso do horror.

O que viu fez com que o coração se detivesse por um segundo e que o ar abandonasse de repente seus pulmões.

Sobre a cama estavam pulverizados todos os equipamentos relacionados com seu trabalho como espião que ocultava em seu esconderijo secreto. O vaso se encontrava a um lado e o nicho estava aberto. Com o coração na garganta girou e viu o espelho situado sobre a cômoda. Em cima da imagem de seu próprio rosto, pálido e aturdido, pôde ler a única palavra, escrita em carmim vermelho, que Daphne lhe deixou como mensagem.

MENTIROSO.

Capítulo 18

— É você muito amável por me visitar, senhorita Starling... desculpe-me, queria dizer lady Rotherstone— se corrigiu a frágil e anciã condessa de Westwood, esboçando um sorriso afetuoso.

Daphne estava sentada com ela na majestosa salinha aguardando a que o criado levasse o chá.

— Bom, já sabe, passava por aqui e fiquei admirando a casa a distância, e quando um dos camponeses locais me disse que se tratava de Westwood Manor, não quis desperdiçar a oportunidade de vir apresentar meus respeitos.

— Que moça tão atenciosa.

— Tem uma casa realmente magnífica. Obrigado por mostrá-la— disse Daphne. — Os jardins são uma maravilha.

— Agora estão um tanto nus com a queda das folhas — aduziu a anciã suspirando quando olhou pela janela que dava ao terraço. — Ah, me diga, como se encontra sua querida tia avó Anselm?

Daphne sorriu e procedeu a lhe contar, de forma cordial, as últimas notícias do velho dragão, mas sua mente se desviava uma e outra vez para o Max. A jovem não perdia de vista o relógio do suporte. Mesmo não tendo deixado uma pista clara, não duvidava nem por um instante que Max não demoraria para chegar, e não de muito bom humor.

Estava impaciente por ver seu rosto quando aparecesse e se desse conta de que, por uma vez, foi mais esperta que ele.

Ah, como ia saborear a cólera de seu marido.

Ao menos nesta ocasião não comprometeu aos dois Willies na maldade. Agora que Max era tecnicamente o senhor dos gêmeos, Daphne não desejava correr o risco de que ele os despedisse para castigá-la por ter fugido de novo.

Quando chegou às cavalariças da casa descobriu que seu marido possuía um faetón leve parecido ao de Jono. E dado que tinha acumulado bastante experiência conduzindo esse tipo de veículo, pediu aos moços que o preparassem, alegando que desejava dar um passeio para tomar um pouco de ar fresco matutino. Dessa forma nenhum deles teria como saber aonde se dirigia.

Daphne confiava em que Max fosse o bastante inteligente para averiguá-lo por si mesmo.

Em qualquer caso, o fresco dia de finais de outono era perfeito para dar um passeio pelo

campo. Daphne empreendeu a rota habitual até o Westwood Manor, detendo-se para perguntar cada vez que precisava de indicações concretas.

— Ah — disse lady Westwood, — aqui vem John com o chá.

O alto lacaio, vestido com libré, entrou levando uma bandeja de prata com o serviço de chá, que depositou com cuidado sobre a refinada mesinha que havia entre as duas mulheres.

O criado fez uma reverência formal a lady Westwood.

— Necessita alguma outra coisa, senhora?

— Sim, teria a bondade de retirar a tela da lareira, John? A sala tem alguma corrente de ar. E me traga um almofadão para as costas.

— Sim, milady. — aproximou-se até a tela ornamentada e a retirou para que o calor chegasse até a idosa sem impedimentos. Depois lhe levou uma almofada que tirou da poltrona de leitura junto à janela e o colocou quase com ternura nas costas da mulher.

Desde sua chegada, Daphne reparou que aquele alto e robusto criado cuidava da condessa com a mesma consideração como se se tratasse de sua própria mãe. Mal perdia de vista à idosa e tudo isso era comovedor.

Durante a visita à casa, John esteve sempre pendente de lady Westwood, que caminhava ajudando-se com uma bengala e tinha certas dificuldades para deslocar-se por causa da artrite. A pobre anciã padecia de verdadeiros apuros para mover-se e, ao vê-lo, Daphne detestou que tivesse que acontecer aquilo. Mas lady Westwood estava encantada de ter a uma jovem de visita, de forma que, com ar orgulhoso, levou-a para ver a esplêndida mansão senhorial, com seu delicioso mobiliário e suas magníficas obras de arte.

Aquele passeio não teria sido possível se não fosse pela solícita presença do lacaio John, que seguia à condessa para ajudá-la a subir e descer as escadas, abria-lhe a porta quando ela o requeria e se apressava a lhe prestar apoio físico, às vezes uma mão firme e outras um forte braço em que apoiar-se.

— Isso é tudo, John.

— Sim, milady. — O criado fez uma reverência quando ela o despediu e se retirou por uma porta ao fundo da sala até que o necessitasse de novo, o qual, segundo tudo parecia indicar, seria logo.

Daphne se inclinou para diante ao perceber que lady Westwood esfregava as mãos com o cenho franzido.

— Prefere você que seja eu quem sirva, milady?

— OH, querida, tenha a bondade de fazer as honras. Este frio não faz nada bem a minhas articulações. — Deixou escapar outro suspiro de tristeza. — Embora temo que só poderia piorar. Antes de nos darmos conta teremos o inverno em cima. E, com ele, a neve. — Fez uma careta enquanto Daphne servia o chá nas taças.

— Bom, ao menos não tem problemas com o serviço — comentou. — Aquele criado parece cuidá-la bem.

— Refere-se ao John, o lacaio? Sim, bom, simplesmente se esforça em ser amável comigo com a esperança de que lhe deixe algumas libras quando morra. — Suspirou carrancuda. — É

muito ardiloso de sua parte, pois duvido que aguente até a primavera.

— Milady, não diga isso.

— Ah, mas se é certo. Embora você tenha razão. É muito melhor que seu predecessor, tendo em conta que só leva umas semanas trabalhando aqui. O último descarado saiu correndo assim que paguei seu salário. Pode imaginar? Partiu sem dizer uma só palavra depois que esteve anos a meu serviço.

— Vá.

— Peter nunca foi muito útil. John é uma enorme melhora, embora nunca sorri.

— Em qualquer caso, não tem má aparência — brincou Daphne em voz baixa.

Lady Westwood soltou uma gargalhada deixando, por um instante, a tristeza a um lado.

— Muito certo! Um rosto atraente nunca é um inconveniente neste mundo, pertença a um criado ou a um príncipe.

As duas mulheres riram de maneira conspirativa. Daphne olhou discretamente o retrato sobre a lareira enquanto entregava uma taça de chá a lady Westwood.

— E falando de rostos atraentes, permite-me que lhe pergunte quem é o cavalheiro do quadro?

— Ah. —Os ossudos ombros da condessa se encurvaram e as risadas se apagaram momentaneamente. —É meu Drake. Meu filho.

— É muito arrumado.

— Era-o, querida. Foi reunir se com o Senhor.

— OH... sinto muito!

— Sim, aquela urna contém suas cinzas.

— Rogo-lhe que me perdoe! Não sabia.

— Não se incomode. — Lady Westwood baixou a cabeça.

Entretanto Daphne se sentiu confusa em seguida. Na carta que Virgil escreveu ao Max, mencionou o Drake, mas o escocês informava que alguém o viu... vivo.

— Quando faleceu? — perguntou com voz baixa.

— Faz quase um ano.

— Foi em... se me permite perguntá-lo... na guerra?

— Não, não, a meu Drake nunca interessou a política. Há quem o considerava um pilantra, querida, e francamente não se equivocavam muito. — Estremeceu e apoiou a taça sobre o regaço. —Lamento dizer que passou a maior parte de sua vida procurando o prazer. Morreu no estrangeiro. O disse que não se fosse, mas não era capaz de permanecer muito tempo em um mesmo lugar. OH, foi tão horrível... Agora os dois ramos da família brigam por ver quem fica com o título. Ao menos me permitem viver aqui até que os advogados possam determinar qual de meus sobrinhos tem mais direito.

— Lamento enormemente sua perda. — Daphne alargou a mão e a posou sobre o magro antebraço da dama. — Deve lhe resultar insuportável aguentar tudo isto. Não sabia nada.

— Rogo a Deus que nunca tenha que conhecer a dor de perder a um filho, querida, ou de ver que seu querido broto vai pelo mau caminho. Embora temo que é um pouco generalizado.

Daphne sentiu que um gélido punho lhe apertava o coração.

— Há algo que possa fazer por você? — perguntou com voz suave.

A idosa esboçou um sorriso afligido.

— Já o fez ao me visitar. Gostaria que meu Drake conhecesse uma jovem como você. Por desgraça desperdiçou sua vida com mulheres de duvidosa moral e morreu antes de ter podido apaixonar-se.

Daphne sorriu a lady Westwood com tristeza e se recostou na cadeira. Ao menos já começava a elucidar um possível motivo pelo que Virgil quereria que Max fosse a aquela casa ver a mulher.

Levando em conta o tempo que seu marido passou na Europa, era possível que tivesse conhecido ao Drake. Daphne ignorava por completo o que estava acontecendo, mas, pelo bem da condessa, esperava de todo coração que aquele pilantra que a dama teve por filho estivesse ainda com vida.

— Lady Westwood, acredita... que seu filho conheceu meu marido?

A condessa se voltou para olhá-la fixamente.

— Sim, querida, estou segura de que se conheciam.

Naquele momento Daphne sentiu que alguém a observava. Jogou uma olhada de forma pausada e viu que o lacaio John tinha os olhos cravados nela. *Santo céu*, ao diligente criado parecia não lhe agradar que fizesse perguntas que pudessem desgostar a sua frágil senhora.

Um movimento do outro lado da janela captou sua atenção nesse preciso instante. Quando dirigiu a vista para ali, pôde ver o Max galopando a lombos de seu cavalo pelo caminho de entrada.

— Bom, parece que meu marido me encontrou por fim —comentou com entonação displicente. — É extremamente protetor. Tinha a sensação de que talvez me estivesse procurando.

— Recém casados... — Lady Westwood esboçou um sorriso.

— Se me dispensar uns momentos, sairei a saudá-lo e lhe assegurarei que estou bem, para que quando entre não pareça um urso arisco.

A condessa riu entre dentes.

— Como deseja, lady Rotherstone.

Daphne deixou a taça de chá sobre a mesa e abandonou a salinha, dirigindo-se à porta principal. Vai ser interessante, pensou, e se preparou para sentir o temporal.

Cruzou as magníficas colunas da entrada e desceu lentamente a escada do pórtico principal ao mesmo tempo que Max chegava à casa, vestido de negro da cabeça aos pés como aquele dia no Bucket Lane. Não usava chapéu e levava o cabelo despenteado e as faces avermelhadas pelo vento e o sol. Seus claros olhos eram duas chamas coléricas quando os dirigiu com ferocidade para ela ao deter o cavalo, que estava sem fôlego, e desceu da sela.

Um dos moços de estábulo de lady Westwood se apressou a se encarregar do animal. Max nem sequer dirigiu um olhar ao moço, pois o tinha fixo em sua esposa. Quando se aproximou irado, Daphne se estremeceu, em parte temerosa ante sua reação e em parte aliviada ao comprovar que lhe importava o suficiente para ir procurá-la.

Como boa esposa, reparou distraidamente em que não se barbeou antes de sair de casa. Devia ter partido a toda pressa tão logo viu a direta mensagem que deixou no espelho. Isso proporcionou certa satisfação a Daphne. Mas aquela barba incipiente lhe conferia um aspecto mais selvagem e perigoso que de costume. Embora em vez de temê-lo sua mente se encheu com as imagens do ato amoroso selvagem da noite anterior.

Apesar da dor, da cólera e da vontade de estrangulá-lo, uma alarmante onda de luxúria se apossou repentinamente de Daphne quando Max chegou até ela.

— Olá, carinho — a saudou Rotherstone com frieza.

Daphne o obsequiou com um sorriso e um pulo quando ele se inclinou para beijá-la na face, com os olhos carregados de recriminação.

— Alegra-me verte aqui.

— Lady Westwood frequenta à mesma igreja que eu na cidade — respondeu. — Sabia?

— Bom, minha jovenzinha de sociedade, você conhece todo mundo, verdade? — replicou enquanto se olhavam um ao outro.

— Parece que a todos menos a ti, milord.

Max estremeceu mas não deu amostras de ceder.

— Não deveria estar aqui.

— Por quê? O que é que acontece?

— Cala — lhe ordenou em um áspero sussurro quando o mordomo lhes abriu a porta.

— Me cale? — replicou indignada baixando a voz como o fez ele. — Como te atreve a me dizer algo assim? Me permita que te recorde que não está em condições de me dar ordens!

— Sou seu marido! E quanto a ti — sussurrou furioso enquanto a puxava pelo cotovelo e a conduzia de novo para dentro, — está com a água pelo pescoço e não tem nem ideia do que enfrenta. Se atrapalhar esta investigação, poderia pôr em perigo a toda a Inglaterra, de modo que te sugiro que mantenha os olhos abertos e a boca fechada. Segue minhas indicações; mantenha a calma aconteça o que acontecer, e mais tarde arrumaremos as coisas entre nós.

— Bom, não compreendo como uma frágil anciã poderia representar tão terrível ameaça para o reino — disse a jovem entre dentes enquanto entrava de novo na casa.

— Lhe advirto — respondeu Max com uma entonação grave e afável justo quando passaram junto ao lacaio John e entravam na sala.

— Lady Westwood — saudou Max à condessa empregando aquele condenado encanto.

Daphne fez as apresentações.

— Rogo-lhe que desculpe meu aspecto! — disse Max. Esboçou um deslumbrante e divertido sorriso ao mesmo tempo que sacudia o ligeiro pó do caminho. — Me preocupei quando minha esposa não retornou de seu passeio depois de um par de horas e me pus a procurá-la.

— OH, mas lhe disse que estaria bem. Meu marido pensa que sou uma cabeça de vento.

— Absolutamente, carinho! — Beijou-a na mão e sorriu de novo a sua anfitriã. —É dever do marido preocupar-se. Não penso consentir que saia correndo alegremente, querida minha. Não vou tolerar.

Lady Westwood riu entre dentes ao presenciar a conversa do casal, alheia a forte tensão que

existia entre eles.

— Como contava a sua senhoria — disse Daphne, — simplesmente passei por aqui e fui incapaz de resistir a lhe fazer uma visita.

Max a olhou de esguelha e a turva expressão de impaciência de seus olhos indicou a Daphne o que pensava do álibi que contou à idosa. Mas claro, ela não era uma mentirosa consumada como Max. Daphne lhe brindou um sorriso falso como resposta.

— Em qualquer caso, espero não importunar — lhe, disse à condessa. — É típico de minha diligente esposa aproveitar a mínima oportunidade para saborear sua ração de escândalos. —Assinalou o serviço de chá com ar afável.

— Que vergonha, milord, não estivemos mexericando. Muito menos sobre ti — lhe assegurou Daphne de forma cortante.

— Estava começando a aborrecer a sua querida esposa com histórias sobre meu Drake.

— Me aborrecer? Que disparate! — replicou Daphne.

— Drake? — repetiu Max com inocência.

Daphne o olhou de soslaio.

— Meu filho — respondeu lady Westwood. — Tinha a impressão de que você o conhecia.

Max guardou silêncio um instante.

— Não consigo recordar — repôs em um tom cordial, e encolheu os ombros.

— Esse é seu retrato— disse Daphne, começando a suspeitar. —Não te resulta familiar?

— Bom, pode ser que tenha ido ao colégio com ele — aduziu o marquês pausadamente. — Mas a pessoa que recordaria seria um menino. Tem algum retrato de quando era mais jovem?

Lady Westwood se animou.

— OH, sim! Gostaria de vê-lo?

— Muito, senhora. Não se incomode, milady — se apressou a responder quando a idosa se dispôs a levantar-se. Max reparou na dificuldade de movimentos da condessa e meneou a cabeça. — Me Indique o caminho e eu o trarei.

— OH, mas se encontra em seu antigo quarto do piso superior.

Max a obsequiou com seu sorriso mais deslumbrante.

— Que porta?

— A primeira à direita. Mas pedirei ao John que...

— Não é necessário. — Inclinou a cabeça com um cálido sorriso. —Volto em um abrir e fechar de olhos.

Daphne estava fascinada. *Que demônios trazia entre mãos?*

A explicação de Max parecia muito simples, mas o teor da carta de Virgil, alcançou a compreender que seu marido queria entrar no dormitório de Drake, sabia Deus para que. De acordo. Supunha que a melhor maneira de conseguir respostas era ajudá-lo.

Procurou entreter a lady Westwood enquanto ele estava ausente, mas talvez devesse se preocupar mais pelo lacaio John. O criado estava de pé junto à entrada com aspecto irritado, olhando carrancudo na direção que Max tomou.

— É um encanto. — Lady Westwood falava afetuosamente daquele homem desconcertante

e exasperador, daquela incógnita chamada lorde Rotherstone.

— De vez em quando — reconheceu Daphne. — Vejo que seu lacaio é tão protetor como o meu marido. — Assinalou com a cabeça para o John, que escutou também essas palavras.

Lady Westwood sorriu.

— Não é necessário que se preocupe tanto, John. — Daphne elevou a voz com sarcasmo. — Que eu saiba, meu marido não é um ladrão. Só um mentiroso.

Mas, para sua surpresa, John não deu amostras de que sua frívola brincadeira fizesse graça alguma. O criado devolveu o sorriso com um olhar gélido e, em seguida, abandonou a sala para ir atrás de Max.

De acordo, precisava reconhecer. Poderia estrangular a sua esposa por ter ido a essa casa, mas a visita cordial de Daphne à solitária anciã parecia muito menos suspeita que se ele se apresentasse sem mais, tal e como planejou.

Era lógico que conhecesse lady Westwood. Sua condenada esposa parecia conhecer todo mundo na Inglaterra. Várias eram as coisas que preocuparam a Max. A principal, era a segurança de Daphne. Entretanto, assim que a viu ali, de pé no pórtico, passou a um primeiro plano aquilo que mais o inquietava depois disso: a compreensível cólera que sentia por ele.

As duas facetas independentes de sua vida começavam a colidir e a destruir-se mutuamente, e Max não tinha nem ideia do que devia fazer. Não, corrigiu-se. Sabia exatamente o que devia fazer. O problema era que isso podia lhe custar tudo que possuía. Depois de subir com sigilo a escada e encontrar as dependências de Drake, compostas por uma salinha, um dormitório e um vestidor, Max iniciou a revista de forma metódica em busca de algo útil.

Era possível que durante sua última visita Drake pudesse ter deixado algum sinal revelador a respeito das pistas que poderia ter estado seguindo quando desapareceu. Enquanto Max percorria os aposentos procurando pistas por toda parte, continuava debatendo consigo mesmo sobre quanto devia revelar a Daphne, se é que ao final lhe contava algo.

Falar a respeito da Ordem mudaria por completo a imagem que ela tinha e Max não contava com que fosse agradá-la. Talvez piorasse as coisas. Possivelmente fosse melhor para ela não saber nada sobre a carga que recaía pesadamente sobre a família da que já formava parte. Não queria nem imaginar como reagiria quando contasse que, um bom dia, deveriam entregar o seu próprio filho a algum futuro Buscador, como ele foi entregue a Virgil fazia vinte anos.

Além disso, falar com Daphne sobre a Ordem significava indevidamente depositar nela a segurança da rede secreta. Cada novo membro que acessava a aquele mundo de falsidades se convertia em um novo risco para todos. Confiar sua própria vida à mulher a que amava não era difícil, mas revelar a existência da Ordem significaria colocar também as vidas de Rohan, Jordan e Virgil em suas mãos; e através deles, as do resto de agentes de campo. Eles estavam adestrados para guardar segredos, o tinham inculcado com sangue, mas ela não. Os prometeo poderiam capturá-la e utilizar o medo e as ameaças para surrupiar qualquer informação que lhe confiasse.

Só precisava de um único elo fraco na corrente para que a causa estivesse perdida. OH, Deus, não podia contar-lhe sobre Seus mais íntimos amigos, quão únicos em realidade tinha, poderiam chegar a odiá-lo por isso. Mas, por outra parte, se não revelasse a verdade a respeito de si mesmo arruinaria seu matrimônio e perderia o coração da única mulher a quem amou.

Max se aferrava à esperança como se fosse o último fio de uma corda de salvamento desfiada que poderia tirá-lo do atoleiro. Possivelmente Daphne aceitasse não conhecer toda a verdade, como uma esposa normal e comum. Mas Max era consciente de que essa não era a classe de matrimônio a que ela aceitou no celeiro da estalagem de Os Três Cisnes. Finalmente ganhou sua mão prometendo que poderiam fazer uma pátria própria, estabelecer suas próprias regras. E também prometeu ser sincero com ela, tanto como o fosse possível.

Debatendo-se com angústia, guardou aquele confuso assunto em um canto de sua mente no momento e atacou com ímpeto a missão que tinha entre mãos.

Até que ponto os agentes de gerações passadas da Ordem contaram a verdade a suas esposas a respeito de suas atividades? Essa questão fazia que Max se perguntasse se a anciã lady Westwood sabia algo sobre os verdadeiros motivos que levaram Drake a partir para a Europa.

Sua própria mãe mal sabia de nada. Era costume não implicar às mulheres.

Deus, estava furioso consigo mesmo por ter sido tão descuidado, por ter permitido que Daphne descobrisse que levava uma vida dupla. Como podia ter sido tão estúpido? Não era habitual nele; dava a impressão de que uma pequena e obstinada parte dele desejou que o pilhassem. Que ideia tão alarmante. Contra toda lógica, parecia que sabotou a si mesmo para que sua querida Daphne pudesse por fim o conhecer a fundo e que o amor que compartilhavam conseguisse ser completo...

Max sentiu uma presença do outro lado da porta do dormitório de Drake, a qual fechou. Ficou imóvel e em seguido olhou a parte inferior. Através da franja de luz que penetrava pela fresta pôde distinguir a sombra de uns pés. Alguém estava espiando seus movimentos dentro do dormitório. Max era consciente de que não se encontrava sozinho quando a porta se abriu de repente ao fim de um momento, como se queriam pegá-lo de surpresa.

O alto lacaio fez uma reverência com comedido respeito, mas o olhar beligerante que davam esses olhos revelava desaprovação.

— Posso o ajudar, senhor?

— Ah, sim, magnífico. — Max tingiu sua voz de despreocupação, mas ao lacaio não parecia lhe agradar que bisbilhotasse. — Lady Westwood me pediu que procurasse um... retrato infantil de seu filho. Não consigo encontrar.

O criado se encaminhou até a estante e agarrou um quadro em miniatura com um marco dourado. Max simulou um sorriso envergonhado.

— Ah... naturalmente. Tinha-o justo diante dos olhos.

— Deseja alguma outra coisa, milord? — inquiriu o homem com certa rabugice.

— Não, não. Isto... obrigado por sua ajuda.

O lacaio continuou sem mover-se de onde estava, deixando claro que não pensava partir até que Max o fizesse. Olhava os bolsos do marquês como se os estudasse para comprovar se havia

levado algo do quarto. Max era consciente de que seu comportamento devia parecer um tanto estranho. Dado que não lhe ocorria nenhuma outra desculpa que explicasse que estivesse bisbilhotando entre os pertences do filho de lady Westwood, supostamente falecido, esboçou um sorriso altivo e saiu do quarto com o retrato infantil do agente na mão.

Maldição, onde poderia ter ocultado Drake as pistas concludentes que possivelmente tivesse deixado para trás antes de sua captura?

O irritado lacaio o seguiu como se fosse sua sombra de volta à sala, onde Rotherstone entregou educadamente a lady Westwood o retrato.

A condessa o pegou e passou a mão por ele com devoção.

— Encomendamos este retrato antes de que partisse ao colégio.

— Era um moço muito bonito — comentou Daphne.

— Parecia-se com seu pai. E bem, conhecia você a meu Drake, lorde Rotherstone?

— Sim, acredito que uma vez nos encetamos em uma brutal briga a murros no colégio. — Sorriu. Lady Westwood pôs-se a rir.

— Sim, parece típico dele. Recorda por que motivo discrepavam?

— Por alguma questão menor relacionada com a honra, parece-me. Embora não consigo recordar os detalhes. Aconteceu a muito tempo. — Max notou que o lacaio continuava olhando-o fixamente da soleira da porta.— Opa. Estive a ponto de não encontrá-lo, mas seu criado teve a bondade de me indicar isso.

— O lacaio John — o informou Daphne.

— Veja, justamente estava contando a sua esposa que este homem se fez indispensável mesmo que só leva dois meses aqui. Não sei como pude me arrumar antes sem ele.

— Dois meses. — Aproximadamente o mesmo tempo que passou-se desde suas bodas, o dia em que viu o Drake. Max fixou o olhar no homem. — É isso certo?

O lacaio John, ao que parece sem poder remediá-lo, enfrentou o seu olhar de um modo em que nenhum criado normal se atreveria a fazê-lo.

— Onde serviu antes? — inquiriu Max, aproximando-se dele e colocando às duas mulheres atrás.

— Estive trabalhando para uma família perto de Cambridge, milord.

— Como se chamavam?

— Os Lamb.

— Entendo. Lady Westwood, o que a fez contratar a este tipo? Uma repentina e inesperada vaga em seu pessoal talvez?

— Exatamente, assim é, milord. Como o soube?

Max entreabriu os olhos sem afastar a vista do homem.

— Hei-o... adivinhado.

John saiu correndo sem prévio aviso, mas Max, que já o esperava, agiu rapidamente e foi atrás do lacaio... ou melhor, o espião prometeo.

Daphne ficou boquiaberta quando seu marido saiu disparado da sala atrás do lacaio.

— Santo céu! — balbuciou lady Westwood a certa distância por trás de Daphne enquanto

esta aparecia sem demora ao corredor para ver onde foram.

— Fique aí! — bramou Max por cima do ombro. A ordem ia deste modo dirigida ao resto dos criados, que também se apressaram para a cena com alarmante celeridade.

O lacaio John saiu a toda pressa por uma porta traseira com o Max lhe pisando os calcanhares.

Daphne entrou de novo na sala e se aproximou da janela sem perder um minuto, bem a tempo de ver o criado cruzando como um raio o terraço elevado. Saltou a baixa balaustrada de pedra e se deixou cair à grama no momento em que Max aparecia a escassa distância por trás dele. John mal dera dois ou três passos quando Max saltou também e caiu sobre ele, derrubando-o.

Ambos os homens rodaram pela verde superfície justo por baixo da janela e trocaram vários murros antes de ficar em pé e dar voltas em círculos como um par de leões rivais.

Daphne abafou um grito quando o lacaio tirou um punhal. *Senhor*, por furiosa que estivesse com seu marido, não desejava ver como o apunhalavam ante seus olhos.

John se equilibrou grosseiramente sobre o Max, que se fez a um lado ao mesmo tempo que arremetia contra o braço do homem e aproveitava depois o impulso do ataque para jogá-lo de barriga para baixo ao chão. Max tirou sua pistola antes que o lacaio pudesse levantar-se e o mirou com ela na parte posterior da cabeça enquanto lhe advertia que não se movesse.

Daphne se separou da janela e pôs-se a correr sem dirigir uma só palavra a lady Westwood, que ficou sentada ali, pálida e presa da comoção. Quando saiu apressadamente pela porta traseira que Max utilizou, se encontrou com os demais criados varões que se apresentaram em turba no terraço e parecia que a violência que se desatou provocou algo semelhante a uma rebelião.

— Que todo mundo mantenha a calma, por favor! — Ordenou Max. — Tudo está sob controle! Tragam uma corda para atá-lo.

— O que foi que fez? — exigiu saber outro lacaio.

— Este homem é um fugitivo — proclamou Max ante outros criados. — Conseguiu o emprego de maneira criminosa. Apostaria meu melhor cavalo a que seu predecessor no posto jaz em alguma parte destes jardins, em uma cova pouco profunda.

— Mente! — gritou John do chão.

— Não se mova e mantenha as mãos atrás da cabeça!

— Peter? Assassinou ao Peter? — murmuraram os criados entre si.

— Por que o fez? — perguntou gritando a roliça governanta.

— Está comprometido no desaparecimento de lorde Westwood — declarou Max.— Já o prendi. Bem, vão trazer me essa corda?

— Façam o que lhes diz! — ordenou Daphne com olhar duro.

Um dos moços de estábulo de lady Westwood se aproximou sem demora com uma correia de couro de quase um metro de comprimento.

— Servirá isto?

Max assentiu e a agarrou.

— Daphne?

— Sim, milord?

— Vêem aqui.

A jovem se aproximou com o coração disparado.

— Não deixe de apontar com a pistola. Se te disser que díspares, disparas. Pode fazê-lo?

Daphne parecia emocionada quando o olhou, mas logo baixou a vista para o homem que tentou apunhalar a seu marido e assentiu. Max lhe entregou a pistola e ela apontou ao tipo, sujeitando-a com ambas as mãos, enquanto seu marido atava rapidamente os pulsos do John à costas com um destro nó que teria impressionado até mesmo o almirante Nelson.

— Seu marido está louco, lady Rotherstone. O suplico, o detenha!

— Não se atreva a se dirigir a ela.

— Não sei o que está acontecendo! — insistiu o falso lacaio.

— Ah, seriamente? — Com um gesto sucinto, Max indicou a Daphne que retrocedesse um par de passos. A seguir puxou o homem para pô-lo de pé.

Daphne não deixou de apontar a John enquanto ouvia o ensurdecedor batimento do seu coração. Rotherstone fez o homem dar a volta bruscamente para olhá-lo à cara. Em seguida o agarrou pelas lapelas e, sem prévio aviso, arrancou-lhe os botões superiores da casaca revelando a zona do coração. Daphne chegou a ver uma marca redonda no peito do lacaio que bem podia estar marcada a fogo ou tratar-se de uma tatuagem.

No rosto do marquês apareceu uma expressão de repulsa.

— De maneira que é um lacaio, né? Que estranha profissão para alguém que leva o *Non serviam*[8].

John lhe cuspiu como resposta, mas, embora Daphne ficasse aniquilada, Max se negou a morder o anzol. Em seu lugar dirigiu um frio sorriso zombador ao prisioneiro enquanto tirava o lenço e limpava o cuspe da jaqueta.

— Talvez te convenha cuidar de suas maneiras de agora em diante — lhe aconselhou. —Ali aonde vai não veem com bons olhos esta classe de rabugices.

— A isso se rebaixa agora a Ordem? — Perguntou depreciativo o falso lacaio. —A utilizar a suas mulheres como distração? São um rebanho de covardes.

— Ao menos não tomamos a idosas como reféns em suas próprias casas — respondeu em voz baixa, olhando depois aos outros. — Vocês, voltem para o trabalho! Comprovem como se encontra lady Westwood! Devem protegê-la até que possa conseguir proteção a sua senhoria.

— Protegê-la? Milord, está em perigo nossa senhora? —inquiriu o desconcertado primeiro lacaio.

— Simplesmente estejam alerta e não deixem que entrem mais desconhecidos na casa.

A condessa se reuniu com eles nesse momento ajudada pela bengala.

— Lorde Rotherstone, o que significa tudo isto?

— Senhora, sua senhoria diz que John matou ao lacaio Peter para conseguir seu emprego e

[8] ***Non serviam*** *palavra oriunda do Latin cujo significado é "Eu não vou servir". A frase é geralmente atribuída a Lúcifer, que disse ter dito estas palavras para expressar rejeição a servir seu Deus no reino celestial.*

que poderia ter que ver com o desaparecimento de lorde Westwood! — comunicou-lhe o primeiro lacaio.

Daphne se apressou a segurar à dama, mas em vez de parecer afligida, a idosa condessa dava a impressão de poder esclarecer tudo aquilo melhor que ela.

Lady Westwood ergueu os ossudos ombros enquanto se apoiava na bengala.

— Façam tudo o que disser lorde Rotherstone! — Ordenou ao pessoal. — O obedeçam... por meu bem.

Ao menos havia uma mulher naquele lugar que confiava em seu marido, pensou Daphne confusa. Max assentiu agradecido. Depois de imobilizar bem ao prisioneiro, encarregou a alguns dos criados que vigiassem a John para que pudesse falar com a mãe de Drake.

Ao fim de um momento os três retornaram à sala, onde o chá ficou frio.

— Lady Westwood, desculpo-me pelo acontecido hoje. Mas não deve perder a esperança — disse Max quando ela tomou assento de novo. — Temos motivos para acreditar que Drake possa estar vivo.

— Vivo? — sussurrou a idosa.

— Max! — balbuciou Daphne.

A condessa se agarrou aos braços da cadeira.

— OH, Meu Deus, no fundo de meu coração sabia. — Olhou para o suporte da lareira. — Sabia que essas cinzas não podiam ser dele. Sabia que, de algum modo, em alguma parte, meu filho seguia com vida.

— Bem, seu instinto maternal resultou ser tão acertado como sua memória. Tinha razão quando disse que eu conhecia seu filho. Conhecia-o bem, quando jovens fomos como irmãos. A questão é que acredito ter visto o Drake em Londres faz aproximadamente seis semanas.

Ambas as mulheres ficaram assombradas.

— Não sabemos por que se nega a fazer contato com a Ordem —prosseguiu Max com expressão tensa. — Supomos que corre algum tipo de perigo, mas nosso objetivo é descobrir quem o retém e recuperá-lo são e salvo. Compreende o que lhe digo?

— Sim — sussurrou a idosa. — OH, sim.

— Eu não! — interveio Daphne, fulminando-o com o olhar.

Max ignorou a sua esposa, pois os olhos de lady Westwood se encheram de lágrimas.

— OH, se meu filho estiver vivo, lorde Rotherstone... O que querem Virgil ou você que faça? Farei o que seja!

— Se Drake tenta comunicar-se com você, envie alguém para me buscar antes de o responder, pode se tratar de uma armadilha —lhe informou Max. —Deve me escrever a esta direção. —aproximou-se até a escrivaninha, pegou uma folha de papel e escreveu umas poucas linhas. — Meu contato neste lugar se assegurará de que receba sua mensagem ao fim de vinte e quatro horas. Não responda até que tenha minhas notícias. Fará-o?

— Sim, sim. — Tomou a folha, leu-a e logo elevou a vista confusa. — Uma chapelaria?

Max esboçou um sorriso constrangido.

— Uma loja concorrida ajuda a encobrir nossas idas e vindas.

— Posso falar contigo? —interrompeu por fim Daphne, uma vez que a conversa entre a condessa e seu marido pareceu terminar.

Max a olhou com cautela e assentiu. Daphne entrou na escura e deserta sala de música que se encontrava ao lado seguida por seu marido. Desejava com todas suas forças lhe dar um murro, mas quando se voltou para ele, foi incapaz de escapar da emoção mais premente: *a preocupação.*

— O que está acontecendo? O que é a Ordem de que fala?

Ele a olhou fixamente.

— Resultou ferida na briga?

— Encontro-me bem.

Daphne meneou a cabeça, confusa.

— Quem é Drake, por que te atacou o lacaio e como pode dar esperanças a uma pobre idosa antes de saber com certeza se seu filho está vivo?

— Estou tão seguro como posso está-lo neste momento, e acredito que a esperança é o único que fica para seguir aferrando-se à vida. Viu esse santuário daí... o retrato? O que contém a urna não são suas cinzas.

— Como sabe?

— Isso não importa. Preciso ir a Londres. Se as pessoas que infiltrou a John no Westwood Manor atua de novo contra a condessa, a mulher precisa ser consciente do que enfrenta.

— E eu não? — A rápida réplica pareceu tomar ao Max de surpresa. — Pretende me manter na ignorância, marido?

Ele baixou a cabeça, em duvida.

— Tenho alguma outra alternativa?

— Não se ainda quer que tenhamos um futuro juntos.

Max levantou a vista furioso.

— Está me ameaçando? Com o que? Com o divórcio?

As lágrimas empanaram os olhos de Daphne.

— Como vamos ter uma vida em comum se não me disser o que está passando?

Max a agarrou, suplicante, pelo antebraço.

— Precisa confiar em mim. Daphne, por favor.

— Como vou fazê-lo? — gritou, escapando dele. — Nem sequer te conheço! Como se atreve a me pedir que confie em você quando não sabe contar mais que mentiras!

— Não entende... Tenho um dever a cumprir!

— Que, ao que parece, é mais importante do que eu! — gritou-lhe na cara enquanto as lágrimas rolavam por suas faces.

— Não! — Agarrou-lhe os braços. —Daphne, para mim você é o mais importante neste mundo. Tentava te proteger te mantendo fora de tudo isto! Precisa me acreditar. Por favor — sussurrou.

Daphne se liberou daquelas mãos.

— Não. Já passamos por isso, Max. Lamento-o. Não pode ter tudo. Cheguei muito longe contigo para que me feche a porta no nariz. Não o consentirei. Neste momento não sei quem é em

realidade e não posso suportá-lo. É meu marido e atua como um estranho. Tentava te amar, mas deve decidir. Pode ter o que compartilhamos ontem à noite — lhe disse pausadamente, o recordando de propósito como o seduziu, — ou pode voltar a ficar sozinho. A decisão é tua.

— É desumana — sussurrou, sacudindo a cabeça enquanto a olhava fixamente. — Aprendeu bem, milady.

— Ensinou-me o melhor — replicou. — Bem, o que escolhe?

Max cravou os olhos nela durante um longo momento. Daphne se negava a ceder. Seu marido precisava saber que o amor que compartilhavam pendia de um fio... e que esse fio estava em suas mãos. Finalmente ele assentiu com tristeza de forma quase imperceptível.

— De acordo. De todos os modos estará mais segura comigo. Esperemos que não tenhamos que lamentá-lo.

— O que vais fazer com esse homem?

— Vamos levá-lo a Londres.

— Com que objetivo?

— O de costume, Daphne. Para poder lhe dar uma surra até que ceda e nos diga o que sabe... Neste caso, onde está Drake. — Olhou-a com dureza. —Se alegra de ter perguntado, senhorita curiosa?

Capítulo 19

— Não fale diante do prisioneiro a menos que seja absolutamente imprescindível — lhe ordenou Max no início da longa e silenciosa viagem a Londres.

Haviam trocado o veículo com lady Westwood de forma temporária, deixando o faetón que Daphne conduziu até o Westwood Manor e tomando a carruagem fechada da condessa para ocultar e reter melhor ao agente inimigo que Max capturou.

Lady Westwood também emprestou os serviços do leal chofer que, ao contrário de John, levava vinte anos a serviço da família. O suposto lacaio estava sentado junto a Max, preso, amordaçado e com os olhos vendados. Daphne estava acomodada no assento em frente ao deles. O marquês e ela passaram a maior parte do longo trajeto olhando-se com mútuo receio. Os três ocupantes do veículo viajaram em silêncio durante horas, chegando a Londres ao entardecer.

Daphne não sabia com certeza que instruções Max deu ao chofer, mas este os levou por um embarcadouro solitário que ficava a um tiro de pedra do Strand. Ali se detiveram e trocaram a carruagem por um pequeno bote de remos que os estava esperando.

— Sente-se na frente — lhe ordenou Max.

Então o fornido chofer desceu da boleia e ajudou a transladar ao prisioneiro moço até o ondulante barco. Max conduziu John a empurrões até o centro do bote e o cobriu com uma lona.

— Não te mova. — Max se sentou na parte posterior e fez um sinal a Daphne com expressão severa. — Se agarre bem.

Um remo ajudou a separar o barco do ancoradouro, deixando ao chofer esperando sua volta no mole. Empreenderam o caminho descendo rio abaixo pelo Támesis. O coração de Daphne

pulsava com força e a brisa fresca produzida pelo movimento agitava o cabelo as suas costas.

Segurando as laterais de madeira do bote, deu uma olhada para trás e viu a áspera resolução que transparecia no semblante de seu marido. Max remava nas onduladas águas, diminuindo a velocidade quando se encontravam a pouco menos de um quilômetro rio abaixo. Uma vez percorreram outros cem metros, Max os conduziu até a parte posterior de um dos velhos edifícios à beira do rio. Passaram sob uma arcada de tijolo de escassa altura e a seguir chegaram a uma pesada comporta de madeira.

O bote se balançou quando Max se aproximou de um cabo molhado que pendurava com um peso preso ao extremo. O prisioneiro não deixava de grunhir e protestar debaixo da lona. Parecia um pouco enjoado. Daphne olhou preocupada por cima do ombro, mas Max optou por fazer caso omisso do sofrimento do homem com glacial indiferença. Puxou pela corda uma série de vezes firmemente. Daphne caiu na conta de que devia tratar-se do sinal para que alguém do interior abrisse a comporta.

A resposta não se fez esperar. Escutou-se um forte ruído que sobressaltou a Daphne, seguido de um estrépito e um rangido. Logo, a comporta de madeira começou a elevar-se como um restelo gotejando água do Támesis.

Max o cruzou rapidamente, entrando em uma escura zona cavernosa debaixo do edifício. O portão começou a fechar-se atrás deles ao fim de um momento e Daphne olhou maravilhada a seu redor. *Que lugar é esse?*

Sem a força da corrente, as tranquilas águas formavam redemoinhos ao redor do bote. Max continuou remando até que rapidamente se aproximaram de um ancoradouro de pedra iluminado por uma só lanterna acesa.

— Onde estamos? — perguntou a jovem, mas, assim que falou, o escuro e vazio espaço se encheu de uns ferozes latidos e do som metálico de um portão. Um cão enorme surgiu por entre as sombras, ladrando como um possesso, grunhindo e mostrando os dentes como se fosse primo de Cerbero, o cão de três cabeças que guardava a entrada do Hades.

A besta se acalmou imediatamente uma vez que Max gritou algo em um idioma desconhecido, e quando o falou de novo, trocou por completo seu comportamento.

Daphne contemplou boquiaberta como o cão se sacudia e começava a menear o rabo, saltando alegremente para o Max. O coração ainda o martelava pelo medo, entretanto o animal se sentou mansamente, tal e como lhe ordenaram.

Max lançou a Daphne outro olhar firme e tranquilizador.

— Fique aqui enquanto me ocupo dele. Não se mova.

Daphne olhou ao cão com inquietação. Não tencionava cruzar-se no caminho dessa besta.

— Não se preocupe, não o farei.

Max retirou a lona de cima de John.

— Levanta.

A seguir tirou a venda dos olhos para que pudesse ver por onde ia e não caísse à água, mas o deixou atado. A jovem procurou ser útil e tentou estabilizar o bote contra o ancoradouro quando os dois homens desceram. O cão se encrespou e olhou fixamente ao desconhecido enquanto

grunhia, mas Max lhe deu outra ordem e a besta se deitou e começou a ofegar.

Max avançou com o John pelo pequeno embarcadouro para um túnel que foi perfurado sob a casa, ou o que fosse que houvesse em cima. Tremendo, a jovem olhou para o escuro lugar por onde partiram. Seguia sem ter uma ideia clara do que acontecia. Estava se esforçando por manter o terror a raia, mas começava a perguntar-se com que classe de homem se casou em realidade.

O cão estirou as orelhas quando se ouviu um forte estrépito metálico nas vísceras da escuridão e Daphne tragou saliva com força. Ao fim de um momento, Max surgiu de entre as sombras, todo vestido de negro, com a luz da tocha esculpindo seu rosto anguloso.

Seu marido deu outra ordem ao cão ao mesmo tempo que assinalava para a parede. O animal se levantou e retornou trotando para onde indicou. Então Max se aproximou da borda do ancoradouro e lhe estendeu a mão.

Daphne a tomou com receio e desceu do bote.

— O que fez com o lacaio? — perguntou olhando inquieta a seu redor.

— Está em uma cela. Vamos. — Quando empreendeu uma vez mais o caminho pelo túnel de calcário, Daphne não teve outro remédio que segui-lo na escuridão.

— O que é este lugar? — sussurrou.

— Está dentro, ou melhor, debaixo de Dante House.

— Dante House — murmurou quando o túnel acabou em uma reduzida câmara de pedra com uma mesa de madeira tosca; um vistoso chão de mosaico com a imagem do arcanjo São Miguel, como o da vidraça, e uma cruz de Malta suspenso de uma corrente na rocha viva, idêntica a que havia nos retratos dos Rotherstone, na capela familiar e no selo que encontrara.

Daphne se voltou para ele de repente.

— O Clube Inferno?

— Sim.

— Max...

— Terá as respostas que busca, Daphne, mas antes devo falar com o Virgil. — separou-se dela e cruzou a úmida câmara escassamente iluminada. — Pode subir? — Pôs a mão sobre uma escada que entrava em uma rampa escura.

Ela assentiu e subiu o primeiro degrau.

Com Max uns degraus abaixo dela, subiram até o escuro final da escada. A luz era muito escassa, por isso Daphne só pôde distinguir uma abertura ovalada, uma espécie de entrada. Rotherstone lhe disse que descesse da escada e a atravessasse. Conseguiu encontrar o caminho tateando na escuridão com os nervos a flor da pele. Continuando, desceu da escada e cruzou a abertura até uma passagem estreita e negra.

Max a puxou pela mão quando chegou a seu lado.

— Me siga.

Ela assim o fez mantendo-se apegada a ele. Seu marido a guiou por uma espécie de labirinto e, por fim, quando abriu outra porta secreta, Daphne pôde suspirar de alívio. Ao fim de um momento, saíram pelo que resultou ser um armário situado em uma espécie de dormitório. Max fechou a porta oculta e em seguida a do armário. Logo deu um olhar a sua esposa.

— Por aqui.

Abandonaram o dormitório. A passagem da escuridão para a luz do dia lhes fez pestanejar levemente, embora esta se extinguia com celeridade. Percorreram o corredor e desceram a escada esculpida do interior da casa mais vulgar que Daphne jamais viu em sua vida.

Dante House parecia criada com um mau gosto deliberado ou, possivelmente, por um arquiteto bêbado. Seu carregado estilo rococó resultava florido, perturbador e cabeça-de-vento, como se alguém se propôs a construir um lugar com a intenção de desorientar ao visitante.

— O que te parece? — perguntou Max olhando a de esguelha.

— É horrenda — respondeu ela.

— Essa é a intenção. Já chegamos. Pode esperar no salão. Ah, olá — disse quando olhou no interior do quarto. O salão já estava ocupado.

— Olá! — Uma mulher muito maquiada se levantou de repente do divã onde, até um momento, esteve recostada abanando-se em uma atitude de absoluto aborrecimento. Vestia com um estilo chamativo que harmonizava à perfeição com a casa. — Tenho permissão para ir?

— Hum?

— Posso partir?

Max estalou os dedos.

— Lamento-o. Não consigo recordar seu nome.

— Sou Ginger!

— Ah, certamente. Ginger a ruiva! O que faz aqui em pleno dia? — perguntou com uma entonação amável.

— Esse louco escocês não me deixa sair daqui! — Disse pondo em branco os olhos pintados. — Não permite que vá. Diz que é para minha própria segurança. Retém-me aqui contra minha vontade desde que vim a lhe contar que vi o Westie.

— Ah, foi você quem viu o Drake?

— Sim! Ia em uma carruagem com outros dois tipos. Não se comportava como sempre. Ah, tentei que viesse comigo, mas nem sequer recorda quem é! E não sei nada mais. O disse ao escocês, mas segue sem deixar que me vá. E preciso ganhar a vida!

— Bom, querida, se Virgil disser que deve ficar, mais vale que se ponha cômoda. — Max olhou divertido a Daphne. —Senhoritas, por que não se entretêm conversando um momento? Eu não demorarei muito.

— Max!

— Em seguida volto, Daphne. Te acalme enquanto espera.

— Vá, o que te parece? — Comentou Ginger, que se compadeceu de Daphne e lhe pôs o braço sobre os ombros. — Ah, encanto, a ti também vão encerrar aqui?

— Não. Bom, espero que não. Vim com meu marido.

— Marido? —Exclamou Ginger.—OH, que bem! Que me crucifiquem! apanhaste ao Rotherstone? Bem feito, moça.

Aquela colorida linguagem fez que Daphne caísse na conta de que se encontrava em presença de uma mulher de vida alegre.

Ai, Senhor! Em seguida lhe veio à cabeça o velho dragão. Sua tia avó não aprovaria semelhante companhia para uma dama de boa família. Por outra parte, que típico do Max deixá-la com uma prostituta de bordel. *Maldito fosse,* estava a colocando a prova... outra vez.

Va! pensou.

— Bom... Ginger, verdade?

— Sim, encanto. E você é?

— Daphne. Nunca há... entretido a meu homem, certo? — Olhou à mulher com curiosidade, arqueando uma sobrancelha.

— OH, não. Infelizmente, não. Mas esse Warrington... — Ela piscou os olhos e olhou a Daphne com muita ênfase. — Sei por que o chamam a Besta. Encanto, esse arrumado bruto lhe põe tanto ímpeto ao assunto que pode deixar maltratada a qualquer uma.

Daphne abriu os olhos como pratos e Ginger caiu na gargalhada, como se desejasse escandalizar a decente dama de forma deliberada. Mas Daphne não demorou para rir com ela, desafogando a tensão nervosa produzida pelos violentos acontecimentos do dia. A sala se encheu com as risadas compartilhadas de ambas as mulheres. Uma sensação de regozijo estranhamente liberadora a invadiu ao pensar em como se comportou com seu marido a passada noite.

Face à desaprovação que sempre inspiraram aquelas mulheres, Daphne pensou que, depois de tudo, possivelmente a descarada fulana e ela tinham um par de coisas em comum.

Max estava tenso, pois temia o que seu velho mentor ia dizer por ter levado Daphne a Clube Inferno. Percorreu o corredor em busca de Virgil mas, quando deu com ele, compreendeu imediatamente que o escocês já estava à corrente. Devia ter visto Daphne ou os ouviu entrar.

Viu o envelhecido guerreiro das terras altas no salão de jantar, servindo um bom gole de uísque. Max entrou com cautela na sala repleta de floridos murais.

Virgil não o olhou, mas sim tomou outro gole de licor e logo meneou a cabeça.

— Cometeu uma grande estupidez, Max. Como pudeste trazê-la aqui?

Rotherstone se encaminhou com certo receio para ele.

— Pode confiar nela, Virgil. Não teria corrido o risco se tivesse alguma dúvida.

O escocês soltou um bufado.

— Confiar em uma mulher.

— É minha esposa. Merece saber no que está metida. Pode arrumar-lhe.

Virgil meneou a cabeça.

— É um maldito estúpido. Pôs em perigo nossas vidas e a dela. Não deveria havê-la metido nisto.

— Não tive alternativa — disse cansado. —Descobriu os esconderijos de minha casa.

Virgil deixou a taça de repente sobre a mesa.

— Sabia que te voltaria descuidado como consequência de todas estas... suscetibilidades!

— Suscetibilidades? — Max cravou o olhar nele com a cólera bulindo em suas veias. — A

amo, homem.

— Se seriamente a amasse a levaria a casa e lhe diria que esquecesse o que viu!

— É muito tarde para isso.

— Não tem direito a fazer isto, Max.

— Não, Virgil, é você quem não tem direito a me pedir que minta à mulher a quem amo durante o resto de minha existência! Que mais quer de mim? Entreguei-te vinte anos de minha vida. Pode ir ao inferno se você não gostar. Maldito seja você e tudo isto. O que não daria para lavar as mãos e me esquecer de tudo!

— OH, é um sacrifício muito duro para ti? —burlou-se o velho escocês. — Te gaba de ter entregue vinte anos? Pois bem, eu entreguei quarenta, mucoso ingrato. —Virgil sacudiu sua descabelada cabeça durante longo momento. — Agora terá seu sangue em suas mãos se chegarem até ela... e se fizerem que se derrube, também a nós.

Rotherstone fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Não deixarei que nada lhe aconteça. Jamais.

— Isso mesmo disse eu faz muito tempo, mas minha amada já não está entre nós. —Virgil guardou silêncio de repente e deu a volta.

O marquês conhecia a história. Olhou fixamente as costas de seu velho mentor.

— Virgil, sei que seu irmão Malcolm arrebatou a sua mulher, mas isso...

— Silêncio! — Trovejou, virando-se como um raio para fulminar ao Max com o olhar. — Não me fale dela!

Jordan entrou justo quando Max baixou a vista e o grito de Virgil reverberava ainda entre aquelas paredes. Rotherstone se armou de valor antes de voltar a olhar para julgar a reação de seu amigo por ter levado a Daphne a sua guarida secreta.

— Bom dia, lorde Falconridge. A fila para aqueles que querem me transpassar com uma espada começa por ali. — Assinalou ao Virgil.

Jordan o olhou irônico, mas meneou a cabeça com certa preocupação refletida nos olhos.

— Confio em sua avaliação do assunto, Max. Se disser que é de confiar, para mim basta com isso. — O marquês assentiu pausadamente sem afastar a vista dele.

— Obrigado, Jord.

— Quanto lhe contaste?

— Nada ainda. Havia um espião dentro de Westwood Manor quando cheguei ali. Daphne me viu apanhar ao prometeo. Contemplou a marca iniciática quando confirmei sua fila. Além disso, não sabe nada.

— Que seja o menos possível, de acordo? Pelo bem de todos.

Max baixou o olhar.

— Só quero lhe contar quem sou.

Rohan apareceu de repente na entrada, apoiando as mãos no arco.

— Sinto interromper esta reunião para tomar o chá, moços, mas as coisas se acabam de pôr mais interessantes.

— Do que se trata? — apressou-se a inquirir Max.

— Há um rumor correndo como a pólvora por aí, isso é o que acontece. Acaba de conhecer-se em Londres a notícia de que seu afável vizinho, o duque do Holyfield, e sua grávida esposa estão mortos. Faleceram na França.

— O que? — Rotherstone se separou do aparador em que esteve apoiado.

— Aconteceu faz dois dias, no que determinaram como um acidente de navio — informou Rohan em resposta à expressão atônita de todos eles, entrando no quarto.— Parece que o casal alugou uma pequena embarcação para dar um passeio pelo Loire para ver todos os castelos. O navio se afundou e o casal se afogou.

— No Loire? — Repetiu Max. — A propriedade do Malcolm não está à beira desse rio?

Virgil se crispou ao escutar o nome de seu odiado irmão.

— Como pode alguém afogar-se no maldito Loire? — Perguntou Jordan. — É um rio tranquilo.

— Talvez tiveram ajuda.

Max sacudiu a cabeça de causar pena e francamente aturdido pelas notícias.

— Quem quereria matar ao inofensivo Hayden Carew? Albert é o único que sai beneficiado, mas inclusive eu sei que não é tão ambicioso. Como segundo filho tem uns bons ganhos, um fundo fiduciário e nenhuma responsabilidade.

— Tampouco tem poder real — aduziu Rohan.

— Acaso um acidente não pode ser só um acidente? — inquiriu Max cansativamente. — Quero dizer que, olhem ao Hayden, um tipo humilde. Não me resulta difícil acreditar que pudesse afogar-se no Loire, sobre tudo se estava mais preocupado por tentar resgatar a sua esposa grávida.

— E a tripulação do navio? Também se afogou? — interessou-se Jordan.

— Desconheço-o ainda. — Rohan sacudiu a cabeça. —O que acontece é que me parece suspeito.

— Estou de acordo. Talvez tenha algo a ver com a recente presença do Dresden Bloodwell em Londres.

— Mas por quê? O que conseguiriam matando ao duque de Holyfield e a sua esposa, além de que Albert Carew se faça com o ducado?

Rohan encolheu os ombros, impassível.

— Pode ser que tenham planos para ele. Deve reconhecer que tem sua graça, Max. Seu inimigo de infância possui um título mais elevado que o teu.

— Simplesmente perfeito — balbuciou. — Daphne lamentará não ter se casado com ele. Onde estava Albert quando teve lugar esse acidente do outro lado do Canal? Sabemos?

— Estava aqui mesmo, em Londres. De acordo com os rumores, chorou como uma carpideira quando se inteirou das notícias e tiveram que ajudá-lo a chegar a casa.

— Ah, que comovedor — resmungou Max.

— Proponho que o vigiemos — sugeriu Jordan.

— Certamente.

— Jordan, você se encarregará de vigiar ao Carew— disse Virgil. — Eu me ocuparei do

prisioneiro que trouxe Max. Rohan, você segue com o assunto do Dresden Bloodwell.

— Em realidade, velho amigo, isso poderia ser um problema — alegou Warrington. — Temo que tenho que tomar uma pequena pausa para resolver uns graves conflitos que se estão gerando em minha propriedade na Cornualles. Sinto muito. É algo inadiável.

— O que aconteceu? — perguntou Max.

—Lembra-te daqueles contrabandistas que permito que operem em minhas terras? Proporcionam-me informação útil dos portos e dos submundos. Em ocasiões entregaram mensagens secretas por mim em troca de que eu faça a vista grossa em relação a suas atividades. Bem, sabem que tenho certas regras, limites que não estou disposto a que sejam transpassados. Em suma, mantiveram as coisas dentro do razoável, mas agora cruzaram a linha. O guarda costeiro se pôs em contato comigo para me informar de que, em minha ausência, os contrabandistas recorreram ao velho hábito de provocar naufrágios e recolher o botin[9] que foi arrastado até a beira-mar.

— OH, isso é grave— murmurou Jordan. — O que é que fazem? Utilizam luzes para simular um farol? Atraem assim aos navios até as rochas?

— Exatamente. Inteirei-me que em minha ausência estiveram se divertindo do antigo costume. Se não vou e restabelecer a ordem, vários de meus arrendatários serão detidos e provavelmente enviados à forca, coisa que bem poderiam merecer mas que poria fim a uma fonte muito valiosa de informação que não deve desperdiçar-se.

Virgil assentiu.

— Isso sem mencionar que detenções tão públicas poderiam nos reportar uma atenção que não desejamos. Te ocupe com a maior discrição possível antes de que o guarda costeiro faça algo a respeito.

— Farei-o. Em realidade não são má gente. Só que, com o final da guerra, o mercado negro graças ao que prosperaram estes bandidos da costa deixou de existir. De forma que agora parece que recorreram a táticas mais vis.

— Necessita ajuda? — perguntou Max.

— Por Deus, não. — Rohan sorriu amplamente. — Sentem mais medo à Besta local que ao guarda costeiro, isso lhe asseguro.

— E bem que fazem, Besta — replicou Jordan com expressão sardônica.

— Assim, já que não posso me ocupar, pode pedir a outro que procure o Dresden? — perguntou o duque ao Virgil.

— Eu o farei — disse Max com semblante grave.

— Quer ir atrás do Dresden? — replicou Virgil cético.

— Escuta, se o pensar bem, que sentido tem procurar o Dresden Bloodwell em sua guarida? — Interveio Jordan. — Esperemos a que se deixe ver de novo em sociedade, tal e como fez, e partamos daí.

— Esperar a que ataque?

[9] Conjunto de posses que se concedia aos soldados do inimigo vencido.

Jordan encolheu os ombros.

— Dadas as circunstâncias, e sem conhecer a situação de Drake, não vejo no que nos beneficia nos arriscar a chamar a atenção sem necessidade.

— Tem razão — concordou Rohan. — Nossa principal vantagem é que sabemos quem é sem que ele saiba quem somos.

— De acordo — acessou Virgil assentindo com a cabeça. — Poremos até o último agente a vigiar ao Bloodwell, e assim que se deixe ver, asseguraremo-nos de seguir a pista desse bastardo.

— Possivelmente possamos idealizar alguma armadilha — sugeriu Max.

— Talvez, mas vamos necessitar que trabalhem conosco mais homens — aduziu Jordan.

Virgil assentiu.

— A equipe do Beauchamp não demorará para retornar.

— Puderam averiguar algo sobre o Rupert Tavistock? — perguntou Max.

— Em realidade, sim. Alguns de meus agentes ainda fazem o que lhes peço — repôs o escocês com sarcasmo.

— Virgil.

— Tavistock está morto — grunhiu o Buscador.

— E o que aconteceu com o dinheiro que transferiu às contas do Prometeo?

— Desapareceu. Malcolm o escondeu.

— Não posso dizer que me surpreenda— murmurou Max.

A seguir relatou a seus amigos o acontecido no Westwood Manor e, por sua vez, inteirou-se do que a prostituta, Ginger, contou sobre seu encontro com o Drake.

Max escutou com atenção enquanto lhe narravam que a mulher viu o Drake em uma carruagem junto com outros dois homens em frente à Royal Opera House. Esses indivíduos disseram a Ginger que Drake sofrera uma ferida na cabeça. À ruiva pareceu que Drake estava fora de si, que não era o de sempre. Ele não a reconheceu embora, para o caso, até mesmo Max esquecera o nome da fulana não fazia tanto. Mas os dois tipos que a mulher viu com ele encaixavam com a descrição do James Falkirk, um membro da elite do Conselho, e seu ajudante, o agente caolho chamado Talon.

Max considerou tudo aquilo com o cenho franzido.

— Se James Falkirk tiver o Drake, por que nós seguimos com vida? Se Drake pretendesse revelar nossas identidades, os prometeo já nos teriam atacado, sobre tudo quando o assassino predileto do Conselho está na cidade para organizar o trabalho. Falkirk só precisa surrupiar nossos nomes com Drake e entregar a informação ao Dresden.

— Deus, não quero nem imaginar pelo que passou — murmurou Jordan olhando ao chão.

— Possivelmente a prostituta tenha razão no que diz. Talvez não possa nos recordar. Teve sua mãe notícias dele?

— Não.

— É possível que tampouco recorde dela.

— Talvez nem sequer recorda quem é — disse Virgil em voz baixa enquanto todos refletiam.

— Bom, os prometeo sim sabem quem é Drake, do contrário não teriam infiltrado a um

espião na casa familiar.

— Devemos enviar alguns guardas a Westwood Manor — adicionou Max, preocupado pela segurança da anciã condessa. — É seguro que contamos com a vantagem de que os prometeo não sabem que capturei a seu homem. Possivelmente o presumido lacaio que trouxe hoje possa confirmar se é Falkirk que tem o Drake e onde o retêm.

Jordan sacudiu a cabeça com expressão de angústia temendo pelo bem-estar de seu camarada.

— Deus, temos que o ajudar.

— Antes que consigam que se derrube — murmurou Rohan.

— E se já o conseguiram? Se se voltar contra nós temos um grave problema.

— Não o fará— declararam Max e Virgil ao uníssono.

Todos guardaram silêncio.

— Voltamos ao começo — balbuciou finalmente Rohan.

— Senhor, espero que não — sussurrou Jordan. — Pois se de verdade tiverem o Drake, nossas vidas estão em suas mãos. Incluída a de Daphne — adicionou dirigindo o olhar para o Max.

— Deveria voltar com ela. — manteve-se calado, sacudindo o calafrio que se produziu saber que agora sua esposa corria o mesmo perigo. — Sabem, só quero dizer que eu não pretendia trazê-la aqui. Tentei mantê-la fora disto, pelo bem de todos, mas quando se está casado... As mentiras eram muitas.

— Acredito que todos lhe compreendemos, Max. — Rohan assentiu abatido, gesto que Max correspondeu com uma expressão agradecida.

— De acordo, este é o plano — disse mal humoradamente o escocês: — Max, vigia ao Albert Carew. Isso é o mais lógico, já que conhece a família a muito tempo. Eu farei cargo do espião capturado e continuarei procurando o Drake com esforço. Jordan, toca-te vigiar se por acaso Dresden aparece em sociedade como sugeriu, e Warrington, te encarregue dos contrabandistas e retorna à cidade assim que possa.

— Feito — respondeu Max.

Os outros também assentiram.

Rotherstone deixou escapar um grave suspiro de alívio por ter arrumado tudo e foi recolher a Daphne no salão onde a deixou. A situação estava sob controle; tinha chegado a hora da verdade. Ia arrastá-la consigo ao inferno, ao coração da escuridão.

Capítulo 20

Daphne estava esperando pacientemente no salão quando Max retornou. Fez-lhe gestos para que fosse com ele e ela se levantou e o seguiu, reparando que sua expressão seguia sendo sombria e algo apreensiva. Conduziu-a sem mediar palavra até uma sala de uma agressiva cor vermelha. Uma vez dentro, Max se aproximou do clavicordio, tocou algumas notas concretas no instrumento e, para assombro da jovem, a estante que ocupava a parede rodou até abrir-se, deixando ver outra escura passagem secreta.

— Vamos.

Daphne entrou no labirinto atrás dele e juntos se dirigiram de novo à escada pela qual subiram.

Nesta ocasião seu marido ia adiante para ajudá-la em caso de escorregar. Uma vez em baixo, Daphne se encontrou novamente na misteriosa câmara de pedra abaixo de Dante House.

— Pode se sentar se assim o desejar. — Max assinalou para a tosca mesa de madeira. — Gostaria de beber algo?

Sem esperar resposta, serviu-lhe uma taça de vinho tinto da poeirenta garrafa que havia sobre a mesa. Ela a aceitou sem dizer nada, talvez ele acreditasse que ia necessitar. Logo Max a olhou durante longo momento.

— Recorda quando me perguntou sobre o que Albert disse a respeito de que desapareci quando erámos crianças?

Ela assentiu devagar.

— O colégio ao qual me enviaram sim se encontra na Escócia, mas não é uma academia normal e corrente. — A jovem o olhou fixamente enquanto continha a respiração. Max escrutinou seus olhos. — Pertenço a uma ordem de cavalaria hereditária que recebe o nome de São Miguel Arcanjo. — Assinalou o mosaico do chão. — Estou seguro de que conhece sua história: o anjo guerreiro de Deus que expulsou Satanás do céu com sua espada flamejante. O castelo em Escócia é, em realidade, o quartel geral da Ordem, e aí é onde me enviaram para cumprir um juramento feito pelo primeiro lorde Rotherstone.

— O proprietário original da espada que se exibe em sua galeria? — murmurou Daphne.

Max assentiu.

— Este dever foi irradiado por minha família. Não todos meus antepassados foram chamados ao serviço; a ameaça varia de um século a outro e muitos conseguiram escapar, mas eu não pude. Quando tinha treze anos, Virgil veio a nossa casa e o arrumou tudo com meu pai para que me entregasse à Ordem e me levassem a Escócia com o fim de começar meu adestramento como agente. Ali foi onde conheci o Rohan e ao Jordan... E ao Drake, entre outros. O Clube Inferno não é mais que uma camuflagem.

Max baixou a vista, o resplendor da vela esculpia seu rosto anguloso.

— O lema da Ordem foi tirada do livro dos Hebreus: O faz a seus anjos espíritos e a seus ministros chama de fogo. A Ordem leva o nome de São Miguel porque, como ele, dedicamo-nos a combater um pernicioso mal. Lutamos por liberar ao mundo dele, embora não parece que o fim esteja perto.

— Qual é esse mau? — sussurrou Daphne.

— O Conselho de Prometeo. Uma sociedade secreta de homens muito poderosos empenhados em escravizar à humanidade. Suas ânsias de poder são inquebráveis, só os nomes trocam. Infiltraram-se em todos os governos da Terra... mas tudo isto data de seis séculos atrás.

Daphne sacudiu a cabeça com assombro.

— A luta se remonta a finais do século XII — prosseguiu seu marido. — Faz muito, o primeiro lorde Rotherstone, junto com os antepassados medievais de meus amigos, uniram-se ao rei

Ricardo Coração de Leão na Terra Santa em sua cruzada por liberar Jerusalém dos exércitos de Saladino. Foi na terceira cruzada, e posto que resultou um fracasso, se não se esqueceu as aulas de história, uns anos mais tarde empreenderam a quarta cruzada, mais sangrenta ainda que a anterior. Nossos antepassados ficaram na Terra Santa para lutar também nela.

— Entendo — sussurrou, e tomou um gole de vinho.

Max a olhou.

— Diz a história que, um dia, o rei Ricardo enviou uma expedição de aproximadamente vinte cavalheiros para determinar a posição do inimigo. No deserto começou a formar uma tormenta de areia, de modo que os cavalheiros se protegeram com seus cavalos em uma caverna que avistaram em meio das rochas. Inspecionaram o interior desta em busca de alguma fonte para dar de beber a seus cavalos, mas, em vez disso, toparam com umas antigas ânforas de argila. Quando olharam dentro, os cruzados descobriram que continham um misterioso conjunto de rolos de pergaminho. Um dos cavalheiros, o antepassado do Falconridge, era um erudito que passou alguns anos de oração em um monastério. De forma que, com seus vastos conhecimentos, pôde dar sentido ao escrito nos pergaminhos. Os rolos já tinham um par de séculos de antiguidade quando os cruzados os acharam; textos apócrifos escritos em sírio em torno de 900 antes de Cristo. A primeira coisa que o erudito cavalheiro compreendeu foi que o pergaminho asseverava ser uma das escassas cópias existentes de um antigo documento, cujo original se queimou no grande incêndio que destruiu a antiga biblioteca de Alexandria.

Daphne escutava a história maravilhada.

— O que continham esses pergaminhos?

— Algo muito escuro. Uma espécie de Bíblia profana de um estranho culto de origens variadas, dedicada a Prometeo. Seus fundamentos se apoiam em uma história do Antigo Testamento, relacionada com o José, o grande patriarca da Bíblia. Já sabe, aquele que foi vendido como escravo no Egito por seus irmãos.

— Ah, sim — disse ela. — Os irmãos estavam invejosos porque seu pai gostava mais do José e lhe deu uma túnica de cores enquanto que eles não possuíam objeto algum que simbolizasse o favor de seu progenitor.

— Exatamente — replicou Max. —Seguro que recorda que o José foi bastante bem no Egito apesar da traição de seus irmãos. Interpretando de forma correta os sonhos do faraó, conseguiu salvar o Egito de uma terrível fome. Agora bem, a parte menos conhecida da história é que o agradecido faraó desejava recompensar ao José por seus serviços, de modo que acertou um vantajoso matrimônio para ele. Entregou-lhe por esposa à formosa Asenat, filha do supremo sacerdote de Heliópolis que tinha sangue real. Os dois se casaram — continuou. — Hebreu e egípcia, e daquele início um culto jogou raízes, combinando os mistérios da Cabala judia com o dom da adivinhação e os ritos dos supremos sacerdotes egípcios. Os primeiros praticantes do culto de José e Asenat tinham um interesse especial nas práticas egípcias dedicadas a preparar a alma para a imortalidade, o mesmo objetivo pelo que seu povo construiu as pirâmides nas quais davam sepultura a seus faraós dourados. Mas a coisa não acabou aí. Conforme esta seita secreta se propagava, incorporaram de maneira regular novas crenças e rituais, procurando habilidades

sobrenaturais, como aquelas que se dizia que supostamente possuíam os três Reis Magos que apareceram em Belém, no berço. Parecia que os primeiros prometeo tentariam algo na busca dos poderes ocultos. As crenças da antiga Grécia também foram absorvidas; o uso de oráculos como o do Delfos, por exemplo. Havia, além disso, práticas mais obscuras, ocasionais sacrifícios humanos. Este último tomaram supostamente de Giz, o lar do Minotauro.

— Que horror! — Daphne estremeceu na úmida escuridão da câmara de pedra. Quase podia imaginar ao monstro com cabeça de touro emergindo de um dos túneis escavados em pedra.

— Atroz, sim, para nós ou para qualquer pessoa em seu são julgamento. Mas não para eles. Os prometeo saboreiam o derramamento de sangue, e não temem morrer porque não acreditam que a morte seja o final. Em essência, acreditam que estão acima da morte e que mediante a magia negra que praticam, os processos da morte e a regeneração podem ser controlados. Não é de se admirar que, por conseguinte, foi o mito grego de Prometeo o que inspirou o nome pelo qual os conhece.

— Prometeo, aquele que roubou o fogo dos deuses — disse Daphne.

— Sim. E como ele, estes se vêem como os salvadores da humanidade, os responsáveis por levar a luz ao mundo.

— Espere um momento. — Daphne franziu o cenho. — Acreditava que levar a luz ao mundo era a missão de Jesus.

— Para eles não. Sabia que o nome Lúcifer significa Portador de Luz?

A jovem o olhou atônita.

— Está me dizendo que podem fazer magia negra?

— Só sei que eles acreditam que é real. Até tal ponto que estão dispostos a matar por isso. Escolheram ao titã Prometeo como ícone porque, mesmo com a sua horrível tortura, todas as noites a águia vai a devorar seu fígado, e no dia seguinte acorda completamente ileso. Isso, por si mesmo, poderia ter sido inofensivo. Mas, por desgraça, as ânsias de imortalidade têm como fim último o controle total da humanidade. Não me cabe dúvida de que sabe a quem chamava Jesus o professor deste mundo.

— A Satanás.

— Esse é seu verdadeiro Deus — disse assentindo sombrio. — Como é natural, não o reconhecem abertamente. Preferem fingir que atuam pelo bem da humanidade. Se for necessário empregar a força bruta para que a humanidade alcance a verdadeira iluminação, que assim seja. Mas vamos antes à conclusão da história dos cruzados e a tentação no deserto.

— Sim, o que aconteceu com eles?

— Quando a tormenta de areia passou, houve divisão de opiniões entre os cavalheiros com respeito aos pergaminhos. A metade pensava que os rolos eram malignos e profanos, e que estavam a serviço do demônio. Afinal de contas, tratava-se de homens medievais. Quiseram lhes tocar fogo sem demora... jogá-los no inferno, se o preferir. O outro grupo tinha uma ideia muito diferente. Possivelmente concordassem no perigo dessa antiga magia, mas, independentemente disso, era informação útil. Alguns quiseram levar os rolos ao rei Ricardo e utilizar a magia negra que continha como possível arma secreta capaz de derrotar Saladino e seus ferozes exércitos de

mamelucos. Afinal, a cruzada não ia bem, e tendo em conta que o objetivo era uma nobre causa, liberar Jerusalém, o fim justificava os meios segundo seu ponto de vista.

— Sempre uma crença perigosa — murmurou Daphne.

— Em efeito. A discussão dos cavalheiros não demorou para esquentar-se. O caos se impôs e, como eram guerreiros medievais, a violência fez em seguida ato de presença. Um dos homens caiu. Ao ver que assassinaram a um dos seus, os cavalheiros a favor de pôr em prática a magia escaparam com alguns dos rolos. Sabiam que não podiam voltar com o rei Ricardo sem sofrer graves consequências por ter matado a um camarada.

Max fez uma pausa.

— Ao menos os vilãos não partiram com todos os pergaminhos. Na refrega, os cavalheiros que se mantiveram leais foram capazes de impedir que certo número de documentos caíssem em suas mãos. Mas desde tão sangrento princípio, em que se voltaram uns contra outros, amigos contra amigos, os perniciosos efeitos destes antigos escritos ficaram muito claros. Até onde sabemos, os outros acabaram por abordar ao astrólogo da corte do rei Ricardo para comprovar se sua majestade queria utilizar a magia negra dos rolos contra Saladino. Segundo conta a lenda, nosso guerreiro rei cristão não se atreveu a incursionar em tal campo. Ao menos — adicionou Max de maneira pausada, — não no princípio. Mas com o fracasso da terceira cruzada, e tendo esvaziado as arcas da Inglaterra para custear sua guerra, diz-se que Ricardo permitiu que o astrólogo da corte tentasse quando a quarta cruzada se avizinhava. Houve rumores que o uso dos rolos teve como consequência não só as vitórias da quarta cruzada, mas também que a campanha fosse terrivelmente sangrenta, inclusive para o critério medieval. Tanto se a magia é real como se não o é, a maldade que contêm esses pergaminhos exerce esse efeito sobre os homens.

Daphne o olhou sobressaltada.

— Os cruzados que abraçaram esses escuros e antigos escritos retornaram finalmente a Europa, trazendo consigo o culto recém descoberto como se fosse a peste. — Max sacudiu a cabeça.

— Não lhes importava o quão longe foram nem o retorcidos que se tornaram. A única coisa que os interessava era utilizar seu novo credo para conseguir poder. Naturalmente, a Igreja não demorou para declarar heréticas suas crenças, de modo que se viram obrigados a praticar seus rituais na clandestinidade. Foi então quando se fundou a Ordem de São Miguel com o fim de erradicá-los.

— Contando com a bênção do Papa, o rei Ricardo fundou nossa ordem para perseguir esse culto, destruir os rolos e pôr fim a aquela maldade. Meu antepassado, o primeiro barão Rotherstone, e os de Warrington e Falconridge, juraram com sangue que não só eles, mas também seus descendentes, lutariam. Por desgraça, nossos inimigos demonstraram estar tão resolvidos a perseverar como nós a frustrar suas tentativas. Uma vez que esta maldade joga raízes, nunca retrocede no empenho de alcançar seus objetivos.

— Quais são exatamente esses objetivos? — perguntou Daphne com uma entonação sinistra.

— No princípio os prometeo afirmavam que, tendo presenciado o derramamento de sangue

na Terra Santa e em toda a Europa Bárbara da Idade Média, seu principal desejo era empregar os rolos para pôr fim a toda guerra futura estabelecendo um vasto reino que se estenderia por todo mundo. Descreviam-se como benévolos quando, em realidade, eram justamente o contrário. Durante anos afirmaram que o que tentavam instaurar não era mais que o Reino dos Céus na Terra.

— Mas Jesus disse que o Reino dos Céus está perto — murmurou Daphne. — E nada tem que ver com o poder mundano.

— Justamente. Era tudo mentira. E a pouco tempo inclusive os próprios prometeo deixaram de fingir. O que procuravam era o poder puro e duro, e assim segue sendo em nossos dias.

Max baixou a cabeça.

— Tudo o que te contei sobre minha vida, as viagens a Europa, os investimentos internacionais, a coleção de arte... tudo isso é verdade só na aparência. Em realidade, a verdadeira razão de minhas viagens, o que deu sentido a minha vida até que te conheci, era este dever contraído por minha linhagem, não retroceder no empenho de vencê-los. Nos últimos anos ficaram poderosos. Certos membros de sua sociedade conseguiram introduzir-se pouco a pouco em postos importantes do círculo do Napoleão, assim como em outras cortes europeias. Considerando o gênio do Napoleão e a extensão do império que estabelecera, acreditaram que poderiam utilizá-lo para impor seu sonho de um único poder que governasse a Terra. Estiveram a ponto de consegui-lo.

— OH, Meu deus.

— Uma vez me perguntou como acabei na batalha de Waterloo. A verdade é que recebi uma mensagem de Jordan em que me avisava de que os prometeo enviaram um assassino para acabar com o duque de Wellington. Conseguiram colocar um espião como o que acabamos de desmascarar no quartel general. De antemão planejaram que se as coisas fossem mal para Napoleão, Wellington receberia um disparo no campo de batalha. Isso teria semeado o caos entre os aliados o tempo necessário para que Bonaparte se reagrupasse. Minha missão era identificar e destruir ao agente inimigo que se infiltrou no quartel general de Wellington, e isto é exatamente o que fui fazer em Waterloo.

— Matou ao assassino? — perguntou Daphne com voz firme.

— Sim — respondeu Max com uma calma fria e imperturbável. — A máscara de aristocrata libertino não era mais que uma estratégia que utilizava para afastar as suspeitas de meus inimigos e do resto. A máscara me permitia viajar livremente a minhas diversas missões. Só meus companheiros agentes, meus irmãos, sabem quem sou em realidade. Para mim é muito importante que você, Daphne, também saiba.

— OH, Max. — levantou-se da mesa e a rodeou para ir abraçá-lo.

Max a estreitou fortemente entre seus braços.

—Meu céu. —Fechou os olhos e a beijou na fronte. —Deus, depois de Waterloo, pensei seriamente que tudo tivesse acabado, que ao menos os tínhamos contido até dentro de outros cinquenta anos— sussurrou. —Se tivesse a mínima dúvida jamais teria procurado uma esposa. Nem por todo o ouro do mundo teria te colocado em perigo. Mas agora que está metida nisto,

acredito que é mais seguro que conheça a natureza do mal ao qual nos enfrentamos. Eu te ensinarei. De acordo?

Separou-se ligeiramente e lhe agarrou o rosto entre as mãos, olhando-a nos olhos com paixão. Uma preocupada intensidade obscurecia os dele.

— Ensinarei-te como te manter a salvo para que mesmo que eu esteja ausente... OH, jamais poderia deixar que nada te acontecesse. Mas, acima de tudo, Daphne, agora deve compartilhar nosso voto de silêncio, aconteça o que acontecer. Não pode contar a ninguém. Nem a Carissa, nem ao Jonathon, nem sequer a seu pai. Deve te conduzir nisto igual como fiz eu, e compreender o que agora te separa do resto do mundo do mesmo modo que separou a todos nós.

— OH, Max. Farei o que for preciso, desde que não me afaste de ti.

Max a atraiu de novo contra si.

— Carinho, ignorava que formasse parte de algo que se remonta a tantos séculos atrás. Alegra-me que me contou isso. Não posso imaginar o que teria sido de nosso amor se não tivesse compartilhado isto comigo. É muito grande, muito importante, para deixar que se interponha entre os dois durante o resto de nossas vidas. — Fez uma pausa tentando abranger em sua mente tudo que ele contou. — E agora diz que um de seus agentes desapareceu. Trata-se de Drake?

— Sim.

— O filho de lady Westwood — murmurou Daphne.

— O resto de sua equipe foi assassinada—disse Max. —Acreditávamos que Drake também tivesse morrido. Isso teria sido horrível por si. Mas então... vi-o no dia de nossas bodas.

Daphne o olhou surpreendida.

— Eu estava fora fumando um charuto com seu pai. Drake passou em frente em um maldito carro de aluguel. Acreditava que vi um fantasma. Foi quase como se tivesse ido me buscar. A notícia de nosso enlace foi publicada em todos os jornais. Mas ele não se deteve. — Max sacudiu a cabeça. —E isso não pressagia nada bom.

— Assim era esse o ladrão de carteira ao qual perseguiu.

Max assentiu lentamente.

— Não pode imaginar quanto odiei ter que mentir... o dia de nosso casamento, nada menos.

Ela o olhou com expressão afligida.

— Fui incapaz de dar com ele. — Max encolheu os ombros. — Nem sequer estava seguro de que a mente não me estivesse pregando uma peça. Mas então Ginger, essa mulher de cima, também o viu. Ela frequentou a algumas de nossas festas, de modo que conhece os moços. Esperou um tempo por medo, mas ao final foi contá-lo ao Virgil. Foi então quando ele me escreveu dando instruções para que visitasse lady Westwood.

— De modo que seu filho está vivo em algum lugar?

— Sim, certamente o deixam cativo, como nós ao John, o lacaio. Se Drake lhes der nossos nomes a quem o deixa preso, será só questão de tempo que venham atrás de nós.

— O que faremos, Max?

Ele a escrutinou durante um longo momento.

— Nos manter unidos — disse suavemente. — Mantenha-se alerta e não se descuide,

embora te avisarei se chegar o momento em que deva temer. Até então te prometo que estaremos bem. — Sacudiu a cabeça olhando-a aos olhos com tristeza. — Não queria te contar todas estas coisas. Não queria que tivesse que viver com medo. Como norma geral mantemos às mulheres fora disto.

— Bom — repôs ela de maneira pausada, —você e eu concordamos seguir nossas próprias regras. Mas, Max, quero que saiba que pode confiar em mim. Nada nem ninguém, por horrível que seja, poderá jamais me induzir a te trair ou a revelar as coisas que me confiaste. Nem que minha vida dependa disso.

Max a olhou com os olhos cheios de desejo.

— Amo-te, Daphne.

— Eu também te amo. — Quando a abraçou de novo, Daphne se aconchegou em seus braços até que de repente em sua cabeça surgiu uma ideia que lhe gelou o sangue. — Max? — separou-se subitamente, pálida como a cera. — Significa isto que algum dia virão a levar a nosso filho?

Max se estremeceu, mas não o negou. Daphne se separou dele, desolada.

— Como pôde me ocultar isso?

— Me perdoe — sussurrou ele, e logo baixou a cabeça.

Daphne voltou para a mesa, apoiando-se contra ela para não cair ao chão ao pensar naquela aterradora perspectiva de futuro. Guardou silêncio durante longo momento.

— Termina com isto, Max. Faz o que for preciso fazer. O escocês, Warrington, Falconridge e você, e quantos homens sejam necessários. Ponham fim a esta guerra de uma vez por todas para que não devam fazê-lo nossos filhos.

— Farei tudo que esteja em minhas mãos. — colocou-se atrás dela com indecisão e lhe rodeou a cintura com os braços.

O coração de Daphne era um torvelinho de emoções. Deu a volta e lhe devolveu o abraço, ocultando o rosto contra seu peito durante um momento. Daphne se obrigou a armar-se de coragem e apertou os olhos com força.

— Acredito em ti — sussurrou apaixonadamente. — E te apoiarei sempre que puder. Amo-te, Max.

— Isso é tudo o que precisava escutar. — A voz baixa de Max soava trêmula pela emoção. Abraçou-a fortemente. — Virgil pensa que a causa por si só basta para nos inspirar, mas eu lutaria com maior firmeza por ti do que pela humanidade em geral. É tudo para mim, Daphne.

Inclinou a cabeça quando duas lágrimas se derramaram dos olhos de Daphne, e a beijou.

— Obrigado, milord —sussurrou a jovem contra seus lábios. —Obrigado pelo que tem feito. Mantém às pessoas a salvo e eles nem sequer sabem. — Acariciou-o com adoração reverente. — Não têm nem ideia de seu sacrifício.

— Basta-me que você saiba. — Apoiou a fronte sobre a dela e fechou os olhos. — Nunca quis ter segredos contigo, Daphne.

Lhe agarrou o rosto entre as mãos.

— Isso já não importa. O que importa agora é que estamos de acordo e que, ao fim, deixaste

que te veja tal como é: o homem ao que de verdade amo. Por fim te compreendo, sei onde esteve e o que te impulsionava. Amo-te, Max. Amo-te e sempre te amarei.

— Daphne... — Inclinou a cabeça e a beijou com feroz ternura.

Agora que a verdade estava sobre a mesa e que as sombras entre eles desapareceram, de repente Daphne morria de vontades de tê-lo dentro dela. Só queria fundir-se por completo em um só ser com ele. Acariciou-lhe os ombros e o abraçou com possessiva paixão enquanto o beijava avidamente. O instinto masculino de Max não demorou para compreender a mensagem.

Sentou-a sobre a borda da mesa e continuou lhe dando beijos. Daphne arqueou as costas quando agarrou seus seios nas mãos.

— Max?

— Mmm?

— E o que aconteceria se tivéssemos uma filha? — murmurou entre um beijo e outro. — Também a reclamaria a Ordem?

— Não. Embora, pensando-o melhor, talvez devesse. Porque se nossa filha se parece com a mãe, certamente seria ainda mais perigosa que nosso filho.

— Perigosa eu? — replicou Daphne com um olhar inocente.

Max se deteve e um sorriso preguiçoso se desenhou em seus lábios, que quase roçavam os dela.

— Claro que sim, meu amor. Sabe quanto eu gostei ontem à noite?

Ela riu e se tornou para trás para lhe brindar com um sorriso descarado.

— Eu também gostei. Naturalmente, estava furiosa contigo — adicionou.

— Pode te zangar comigo sempre que quiser — lhe disse ele com voz ronronante antes de afundar os lábios em seu pescoço.

— Bom, acredito que é hora de fazer as pazes — respondeu a jovem, percorrendo seu torso com os dedos.

— Não poderia estar mais de acordo contigo. Deus, faz que me distraia.

— Tome.

Max se colocou entre as coxas de Daphne, sentada no extremo da longa mesa de madeira. Estavam completamente vestidos, mas levantou as saias e se aproximou para que ela pudesse o liberar das calças. Um momento depois, e com o coração disparado, Daphne o acolheu em seu interior. Conteve a respiração e deu a bem-vinda de forma sensual quando Max a penetrou com um sonoro grunhido.

O amor uniu seus corpos uma vez mais consumindo-os por inteiro em um ditoso alívio. Um gutural gemido de prazer escapou dos lábios de Daphne enquanto ele a balançava lentamente, com ternura, saboreando a união. A luz da lanterna dançava brincalhona sobre as irregulares paredes de pedra do Inferno. Max fazia o amor meigamente, alagando os sentidos de Daphne de puro gozo. Ela apoiou as costas lentamente sobre a mesa, entregando-se como oferenda ao desejo de seu marido.

Então Max se inclinou sobre ela e a penetrou profundamente, excitado como nunca pela submissão voluntária de Daphne, que o rodeou com as pernas e enganchou os calcanhares atrás

dos quadris dele. Ele a reclamava para si com beijos febris, embriagando a de paixão, abrasando-a com vertiginoso prazer. Passou os dedos pelo despenteado cabelo do Max até que resfolegou sem fôlego, pondo fim ao beijo, ofegando enquanto percorria avidamente com as mãos o corpo masculino, marcando-o como dela.

— Amo-te — sussurrou Daphne contra sua face áspera.

Entregou-se a ele não com fé cega, a não ser com pleno conhecimento de quem e o que era, o amando mais se fosse possível pela nobreza que sempre pressentiu nele mas que, só agora, por fim descobriu. Max apoiou os cotovelos a cada lado da cabeça de sua esposa sobre a tosca mesa de madeira e a olhou aos olhos por um longo momento com expressão ofegante.

Assombrava-o descobrir que ao fim alguém o conhecia sem disfarces, amava-o de coração e o aceitava sem condições.

— Amo-te, Daphne — sussurrou enquanto capturava uma mecha de seu cabelo e o esfregava amorosamente contra seu rosto. — É muito mais do que sempre sonhei. Por favor, não me deixe de novo. Fugiu de mim em duas ocasiões e não acredito que pudesse suportar uma terceira. Se partir, sabe que te seguirei.

— Não vou a nenhuma parte, amor. Agora sou tua para sempre.

De puro êxtase, Max gemeu suavemente contra o pescoço de sua amada ao escutar aquelas palavras. Por fim conhecia o significado da palavra lar. Talvez não tivesse todas as respostas, e possivelmente a guerra contra o mal que estavam obrigados a combater devia prosseguir ainda, mas ele encontrou, por fim, certa paz. Depois de todos os anos passados vagando em solidão, sempre à caça, como um estranho em terra estranha, por fim já não estava sozinho. Agora tinha a ela e os dois eram um só ser, em corpo e alma, completos de novo; como se cada um tivesse achado no outro as peças de si mesmo que lhes faltavam.

Isso dava um novo sentido a sua força; ele dava amparo a seu bondoso coração.

Max a abraçou com mais força enquanto a amava, lhe sussurrando sua devoção ao ouvido.

Se algo o ensinou todos aqueles anos errando de um lado a outro era que o coração tem seu próprio lugar, seu próprio país... e, para ele, Daphne era sua rainha. Não existia outro local onde preferisse estar que justo onde se encontrava, nos braços da mulher em quem confiava e a que amava. Sua companheira, sua esposa, seu anjo.

Juntos poderiam compartilhar seu próprio paraíso secreto, mesmo que as tormentas aumentassem lá fora.

Epílogo

Duas semanas depois.

— Alegra-me muito que esteja de volta na cidade — disse Carissa enquanto Daphne e ela perambulavam juntas pelo lotado salão de baile, tal e como estavam acostumadas a fazer.

— Bom, eu também me alegro de ver que suas primas estão se comportando de novo.

— Sim, é surpreendente a celeridade com que mudam — repôs com secura. — Devo

reconhecer o muito que desfrutei as vendo te fazer reverências e arrastar-se ante ti, marquesa.

Daphne riu entre dentes.

— Talvez possa encontrar um marquês para ti, querida. Por descontado, terá que ter sempre presente ao novo e solteiro duque de Holyfield. — Daphne assinalou sutilmente com a cabeça para o Albert Carew, que estava apoiado em uma das colunas do salão, com o mesmo aspecto insatisfeito de costume.

Albert parecia muito diferente desde a morte de seu irmão: substituíra as vistosas cores do estilo dandi pelo sóbrio negro de luto. Quando viu Daphne, lhe dirigiu um depreciativo sorriso falso e deu meia volta. A jovem sacudiu de cima o desagrado que provocava seu antigo pretendente e deu um empurrãozinho a Carissa.

— Quer visitar comigo os órfãos antes que partamos para o Worcestershire? Deixaremos que as crianças decorem a casa para o Natal.

— Não perderia isso por nada do mundo.

— Max comprou um piano-forte usado para os pequenos, lhe contou isso? Vamos cantar canções de natal e, inclusive, pode lhes dar primeira lição de música às meninas mais velhas.

— Ainda não posso acreditar quão bem tocas.

— Eu adoro. Oxalá não tivesse deixado de fazê-lo durante todos estes anos. Antes me resultava muito doloroso. Sempre foi algo que compartilhava com minha mãe.

— Bom, é óbvio que não perdeu seu dom. Ah, olhe, aí está seu marido. Ai, Deus. —Carissa franziu o cenho. — O que faz falando com outra dama naquele canto afastado?

Daphne seguiu o olhar de Carissa e sorriu em seguida.

— É sua irmã, lady Thurloe.

— Acompanhamo-os?

Daphne sacudiu a cabeça, comovida ao ver que seu marido por fim estendeu a mão a sua devota irmã.

— É melhor que os deixemos tranquilos por agora. Têm muito do que falar.

— Faz tempo que tenho uma mensagem de nosso pai que te transmitir, Max. Algo que disse em seu leito de morte e que desejava que você soubesse.

Max olhou fixamente aos olhos a sua irmã. Depois de ver quão dolorosa a lady Westwood resultava a ausência de Drake, começou a dar-se conta de que sua própria família poderia ter padecido um sofrimento semelhante por causa de sua partida. De modo que, não sem certa cautela, procurou Beatrice. Supunha que estava preparado para escutar o que ela tivesse a dizer.

— Max, não tem ideia de quão orgulhoso papai estava de ti. Estive com ele vários dias no final de sua vida. Falamos muitíssimo. Precisa saber que estava furiosa contigo por não estar ali quando estava morrendo. Sentia que nos abandonou em sua busca de riqueza ou prazer. Mas papai não queria que estivesse furiosa contigo. Fez que jurasse que guardaria o segredo e então, em seu leito de morte, contou-me a verdadeira razão de que sempre estivesse ausente. Disse-me

quão nobre era o que estava fazendo e me fez prometer que nunca renunciaria a ti. Não se preocupe, não contei a ninguém. Nem sequer a meu Paul. Nosso pai me fez jurá-lo e cumpri com minha palavra. Bem... Max, o mais importante é que, quando lhe perguntei se se arrependia de algo, disse-me que só de uma coisa, que o que mais lhe pesava era não ter-se permitido aproximar-se de ti —declarou em voz baixa.

— Disse que foi o melhor filho que podia ter um homem, mas que nunca te demonstrou seu amor porque sabia que viriam te levar. Sabia que teria que renunciar a ti e quanto menos laços unissem a nós, menos doloroso seria para ti quando chegasse o momento de partir.

Max fechou os olhos durante um longo momento.

— Também precisa saber quanto envergonhava a papai o dinheiro que a Ordem nos deu para pôr nossos assuntos em ordem. Mas o aceitou pelo bem de mamãe e pelo meu. Isso foi um duro golpe para seu orgulho, mas não tanto como saber que não tinha forma de te proteger desta carga que pesa sobre nossa linhagem. Não podia fazer nada a respeito e se sentia impotente. Acredito que era um dos principais motivos de que bebesse.

Max assentiu com gravidade. Não lhe custava acreditar. Até o momento não foi capaz de ficar na pele de seu pai, mas como pai protetor de um futuro agente da Ordem, já podia compreender como deve ter se sentido seu pai ao ter que deixar que Virgil o levasse consigo. Deve ter sido ainda pior para seu pai, pensou Max, porque ao menos ele tinha o adestramento e os meios para plantar batalha e, desse modo, Deus ajudando, poder lhe evitar aquilo a seu filho.

— Seguro que recorda que o hábito de beber de papai se agravou depois que partiu. Encerrava-se em si mesmo cada vez mais. Só eu, então em todo meu esplendor infantil, era capaz de tirá-lo de sua depressão de vez em quando. Mas ao menos já não jogava. Disse-me que os altos cargos da Ordem estabeleceram esses termos com ele e que se alguma vez os violasse e jogasse de novo, jamais voltaria a vê-lo. Nem sequer permitiram que retornasse a casa durante as breves férias escolares que tinha às vezes.

Max a olhou assombrado.

— Deixou de jogar por mim?

Ela assentiu.

—Ele te amava, Max. Algumas pessoas não sabem demonstrar, e não é que o esteja desculpando, mas nosso pai possuía um coração bondoso. — Fez uma pausa. — Nem sequer alcanço a imaginar tudo o que passou, ou o que deve ter sentido quando, sendo menino, arrancaram-lhe de seu lar para ser convertido em guerreiro sabendo que sua família recebeu um pagamento em troca. Deve pensar que o tínhamos vendido. E talvez fosse assim, não sei. Não acredito que seu amigo o escocês desse a nossos pais muito o que escolher. Mas quero que saiba que seu sacrifício não foi em vão.

— A que te refere? — obrigou-se a perguntar, quase sem poder falar pelo nó que lhe fechava a garganta.

— Quando fiz dezessete anos, o dinheiro que tínhamos recebido custeou minha temporada em Londres. Graças a qual conheci meu Paul, o amor de minha vida. E agora temos dois preciosos filhos, pelos quais sentimos verdadeira adoração, e esperamos que venham mais. Meu querido

irmão, deu-me a oportunidade de encontrar a felicidade e tenho que te agradecer por tudo.

Beatrice sacudiu à cabeça.

— Santo céu, se não o tivesse feito, se não tivesse ido com a Ordem... se não nos tivessem dado esse dinheiro e tivéssemos continuado na pobreza, jamais teria tido minha temporada nem conhecido a meu marido. Teria sido obrigada a ficar no campo, no Worcestershire, e certamente teria acabado me casando com algum dos filhos de nossos vizinhos. Com um dos irmãos Carew!

Max franziu o cenho e compreendeu a verdade de suas palavras.

— Devido a minha posição, possivelmente me teria casado com o mais velho, Hayden. Não o entende? Sua esposa, a que se afogou na França... de não ser por ti, irmão, poderia ter sido eu.

Max inspirou bruscamente, aturdido por aquela revelação.

Beatrice o abraçou e, esta vez, ele devolveu o abraço, estreitando-a com maior força ao fim de um momento. A cabeça lhe dava voltas enquanto o passado, que sempre viu de uma forma, adotava uma aparência de tudo novo e diferente. Sempre interpretou a atitude distante de seu pai como decepção ou desaprovação.

Agora compreendia que esse não era necessariamente o caso.

— Obrigado por me contar tudo isto. Muda realmente tudo.

— Acreditava que não importava a ninguém?

Ele assentiu em silêncio.

Lady Thurloe sacudiu a cabeça e lhe sorriu com os olhos cheios pelas lágrimas.

— Bom — choramingou, pondo as emoções sob controle.—Ao menos não preciso me preocupar tanto por ti agora que se casaste com a Daphne. — Beatrice dirigiu o olhar para o salão de baile. — Certamente estará perguntando para onde fugiste.

Max divisou a sua formosa dama, que olhava para eles com manifesta curiosidade pelo que estavam falando. Compartilharia-o com ela mais tarde. Brindou-lhe um sorriso do outro lado da sala quando ela o saudou de forma coquete.

— Sim — murmurou, — parece que me requerem.

Aquelas palavras na aparência despreocupadas encerravam uma verdade que ressonou nas profundidades de sua alma.

— Ah! Vá com ela. — B o deixou ir e lhe deu um tapinha afetuoso na face. — A chata de sua irmã já te monopolizou bastante no momento. — Dito isso, girou e saudou Daphne com a mão.

— Chata. Suponho que sim. — Max riu suavemente e deu a sua irmã um beijo na testa, dizendo que a veria mais tarde. Rotherstone foi reunir-se de novo com sua encantadora esposa.

Daphne deixou escapar uma exclamação muda quando Max se inclinou de repente e lhe beijou os nódulos com uma florida reverencia ao estilo europeu.

— Milady! — declarou com uma entonação formal. — Segundo lembro, deve-me um baile há algum tempo.

Um radiante sorriso se desenhou no semblante de Daphne. Max podia ver a emoção que se apropriou dela ao sentir sua proximidade e soube que era amado.

— Dívida que saldarei com prazer, milord — concordou com igual entusiasmo.

Os risonhos e sempre atentos membros da alta sociedade lhes abriram o caminho quando o

marquês escoltou a sua dama até a pista de baile. Daphne pousara seus delicados dedos enluvados sobre a mão de Max, que mantinha a outra mão fechada frouxamente nas costas com uma atitude formal. A jovem ergueu a cabeça e avançou com passo gracioso. O vaporoso vestido de cor azul real que levava moldava as esbeltas curvas de seu corpo.

Os demais presentes nem sequer se incomodaram em unir-se a eles, mas sim se mantiveram afastados observando enquanto a orquestra começava a tocar uma valsa. No centro da reluzente pista de baile, Daphne lhe fez uma reverência a seu casal que Max correspondeu com outra. A jovem pousou a delicada mão direita sobre o ombro esquerdo do Rotherstone, com os olhos azuis brilhando com adoração. Do mesmo modo, Max colocou a mão esquerda na cintura de sua esposa e, enquanto a olhava fixamente, estirou o braço direito e abriu a mão como fez com seu coração.

Ela deslizou a mão na palma de seu marido com uma leve carícia. Aquela maravilhosa familiaridade, o mero contato de Daphne, o fazia sentir como se tivesse retornado ao lar, estremecendo seu corpo de desejo. A vibrante e graciosa música os envolveu e começaram a dançar. Deixaram-se levar, giraram e deram voltas em baixo da luz dos lustres. Ela o olhava com ternura e Max cravou os olhos em sua esposa até que tudo a seu redor deixou de existir. Só existia Daphne, a autêntica luz de sua vida, seu verdadeiro amor.

Enquanto a guiava por todo o salão de baile em uma valsa eterna, Max soube que ambos estavam de acordo em que esse baile, ao fim, valeu a espera.

OH, põem-me doente, pensou Albert Carew.

Ao menos nesse momento ostentava um título mais elevado que o do Rotherstone embora, de algum modo, mesmo o ducado recém obtido era um pobre consolo comparado com a irritante felicidade que se refletia no semblante do casal.

Me vou daqui.

Abandonou o salão de baile com a cabeça bem erguida, como de costume, desfrutando ao ver que outros ofereciam as reverências que agora lhe deviam. Mas, na verdade, aquilo estava voltando-se monótono.

Foi para casa, mas segundos antes de entrar no escritório tenuemente iluminado para servir um cálice de conhaque, sentiu de repente uma presença. Deu meia volta e viu a figura de um homem sentado tranquilamente, com os pés apoiados sobre sua escrivaninha.

— Você?

— Olá, excelência.

O coração de Albert começou a retumbar imediatamente. O desconhecido o abordou brevemente em uma ocasião, meses atrás, no baile do final do verão.

— C... como entrou aqui?

— Desfrutando de seu novo título?

— O que faz em minha casa?

— OH, não seja ingênuo. — A silhueta se moveu, magra e mortífera. O homem baixou os pés

ao chão e se levantou da poltrona. Albert tragou saliva com dificuldade.

— O que é que quer?

— Simplesmente sua cooperação, tal e como falamos. — Um sorriso matreiro relampejou na penumbra.

— Não tenho nem ideia ao que se refere.

— Não finja que não sabe do que falo ou o que fiz por você. É hora de pagar o preço, meu distinto amigo.

Dresden Bloodwell saiu de entre as sombras.

Albert retrocedeu com o coração pulsando disparado no peito.

— Eu nunca o pedi que matasse a meu irmão!

— Não esbanje meu tempo — se burlou o desconhecido. — Sabia perfeitamente o que pretendia fazer e, segundo lembro, não pôs uma só objeção. Assim cale-se. E não esqueça, excelência, que tem três irmãos menores. Não tenho o menor inconveniente em acabar um por um com todos até dar com algum que finalmente coopere. Bem, se deseja seguir com sua miserável vida e em posse de seu bonito ducado, sugiro que se sente, feche o bico e faça exatamente o que eu lhe disser.

Alargou o braço sem prévio aviso e o agarrou pelo cangote. Albert proferiu um gemido enquanto tentava soltar essa implacável mão. O assassino aproximou o rosto para olhar ao Albert nos olhos. Os do Bloodwell eram tão negros como a morte e tão profundos como um poço sem fundo.

— Me escute. Converti-lhe em duque por um motivo e agora você é meu. Assim são as coisas... excelência. Atenha-se às consequências se se esquecer disso. — Dito aquilo, empurrou ao Albert à poltrona de pele mais próxima e procedeu a lhe explicar.

— O que quer de mim? — sussurrou Albert tremendo como uma folha.

— É muito simples — respondeu Dresden enquanto puxava o punho da camisa para ajustá-lo. — Quando nos conhecemos se gabou de ser amigo do regente; é hora de que estreite essa amizade. Agora que é duque não deverá ter problemas para acessar ao Carlton House...

Drake podia escutar as vozes de James e de Talon do outro lado da porta de seu quarto no hotel Pulteney, encetados em uma conversa não muito amistosa com o sentenciado que tiraram do Newgate, alguém chamado O'Banyon. O tipo era uma espécie de corsário.

— Parece — dizia O'Banyon. — A garota está bem guardada.

— Tem-na? — perguntou Talon com firmeza.

— Sim. Não foi difícil.

— E bem, onde está? supunha-se que devia trazê-la aqui — disse James indignado.

— Sim, pensei nisso— replicou O'Banyon com certa nota de insolência em sua rouca voz. — Mas me ocorreu que uma vez que tenham à garota já não me necessitam, verdade, cavalheiros? Não queria correr o risco de que me enviassem de volta a prisão assim que tivesse completado

com minha parte.

— O que fez com ela? — exigiu saber James.

— Já o hei dito, está bem guardada.

—Envolveu alguém para que o ajude sem nossa autorização?

— Não se preocupem! Só é um velho camarada de meus dias como marinheiro. Vamos fazê-lo a minha maneira.

— Como se atreve!

— Me escute, velho.

Drake ficou tenso atrás da porta, desejando ir em auxílio de James se O'Banyon o ameaçasse.

— Parece que não se dão conta de que me precisam — disse o feroz sentenciado. — Sobre tudo quando o pai da garota volta por mar para pagar seu resgate. Pode se acreditar muito mau, caolho, mas nunca tratou com alguém como o capitão Fox. Por que acredita que tinha a sua filhinha vivendo encerrada? Roubar o tesouro a um pirata é mau por si — lhes advertiu O'Banyon.— Sequestraram a sua filha e terão graves consequências. Confiem em mim, sou o único que sei como tratar com o pai, e o capitão é o único que sabe onde se encontra a tumba do alquimista.

— Então, o que sugere que façamos? — inquiriu James, que parecia estar perdendo a paciência.

— Esperar, fundamentalmente. Como temos que fazer no mar. Passará um tempo até que a mensagem chegue ao pai e mais tempo ainda até que a velha raposa do mar retorne a Inglaterra — disse, fazendo alusão ao sobrenome do capitão.— Por não falar do fato de que o guarda costeiro quererá detê-lo assim que ponha o pé em chão inglês. Enquanto isso, tenciono desfrutar de minha liberdade.

Drake viu Talon agarrar ao imundo O'Banyon pela camisa através da fresta da porta.

— Acreditas que nos pode jogar isso e te sair com a tua?

— Me tire as mãos de cima, caolho. Para chegar até o tesouro do alquimista necessita ao capitão Fox; e para atrair ao capitão necessita a sua preciosa filha. E para lhe pôr as mãos em cima da moça, necessita-me, já que sou o único que sabe onde está encerrada agora a preciosa empregada.

James fez um sinal a Talon, que soltou o O'Banyon furioso.

— Eu não alteraria ao senhor Talon se fosse você, O'Banyon. Matou a homens por muito menos, o posso assegurar.

— Bom, também eu, velho amigo, me acredite. Também eu.

— Ao menos me diga se a senhorita Fox está a salvo. Carecerá de valor como refém se estiver morta.

— Sim, está a salvo. A jovem senhorita Kate não se encontra muito cômoda, isso é seguro, mas não corre perigo.

—Confia naquele que a retém?

O'Banyon sorriu de orelha a orelha.

— Francamente, senhor, não confio em ninguém.

A moça estava sentada em um frio chão de pedra, como um novelo e tremendo. Não podia ver nada devido à venda que lhe cobria os olhos. Tinha as mãos atadas, com os pulsos unidos diante, apoiadas sobre os joelhos dobrados.

Kate se negava a chorar, obrigando-se em seu lugar a aumentar os sentidos disponíveis para captar algo, o que fosse. Uns pesados passos por cima dela. Vozes broncas, principalmente masculinas. Um armazém concorrido. Gente arrastando caixas ou gavetas no piso de cima. Quais eram? Comerciantes correntes não. *Contrabandistas?*

O aroma salobre que impregnava o frio ar fez que sua memória se remontasse a anos e anos atrás, a mastros balançando-se contra o céu azul. O sorriso audaz de seu pai enquanto fazia dela um contramestre, lhe dizendo as ordens que devia gritar à tripulação com sua aguda voz infantil. Orientem a gavia, preguiçosos bastardos! Endireitem e mantenham o curso!

De repente escutou que uma porta rangia no alto da escada de madeira sobre o úmido e gélido porão onde seus captores a depositaram. Alguém se aproximava. Kate ficou imóvel escutando com tanta atenção como pôde. Tinha-lhes ouvido falar antes, mas nesses momentos suas vozes soavam inesperadamente agitadas.

— Importa-me um corno o que disse O'Banyon! A volta a casa do duque muda tudo!

— O que vamos fazer?

— Não sei, mas temos que nos desfazer dela antes de que Warrington retorne!

— O que quer dizer nos desfazer dela? Que a matemos? Que a soltemos?

Kate conteve o fôlego, aguçando o ouvido. *Pequena escolha!* O retumbar de seu coração mal a deixava ouvir.

Fez-se o silêncio.

— Não sei — respondeu o contrabandista que parecia estar no comando. — Poderíamos dizer a O'Banyon que a moça escapou.

— Mas e o dinheiro?

— A quem prefere zangar, a O'Banyon ou à Besta?

A Besta? pensou Kate com crescente pânico.

— Bom, isso nem se pergunta.

— Me vais dizer isso!

— Oxalá nos tivessem avisado antes de que sua excelência ia vir.

— Cedo ou tarde tinha que vir. Este maldito lugar, e tudo o que há em quilômetros, é dele.

— O que vamos fazer com ela quando ele estiver aqui? Esse gigantesco demônio vai assar-nos vivos pelo naufrágio do mês passado. Se se inteira de que agora tomamos parte em um sequestro...

— Sim — disse o primeiro de forma sombria. — Bom... possivelmente haja um modo de que possamos matar dois pássaros com um tiro.

— A que se refere?

— Se O'Banyon quer à moça, deixemos que ele seja quem se enfrente ao duque de Warrington.

— Quer dizer que... entreguemos a garota à Besta?

— Sim! Como um pequeno presente. Já sabe, um presentinho de bem-vinda da parte dos moços, né?

— Sim, é brilhante! Pode ser que assim não nos sacuda muito!

— Isso! É o bastante bonita para ele. Já sabe como é com as mulheres. Um presentinho de bem-vinda como ela teria que aplacar parte de sua cólera.

— Certo, e jogar com ela o manterá ocupado ao menos durante uma noite ou duas, enquanto nós concluímos nossos assuntos.

— Poderia funcionar.

— Ouviste isso, moça? Causas um bom montão de problemas — disse o líder, que sem dúvida tinha dolorida a entreperna pelo pontapé que lhe dera quando chegou. — A ver que tal te dá com a Besta! Como te ocorra ser uma desbocada com ele, desejará estar de novo neste porão.

— Ai, não chore, garota —se burlou o outro. — Há coisas piores que converter-se na concubina da Besta. Claro que não me ocorre nenhuma agora mesmo...

Kate sentia sua cabeça dar voltas, enquanto as gargalhadas dos contrabandistas ressonavam em qualquer parte na escuridão. Estremeceu-se de pavor.

Não tenho medo — pensou Kate uma e outra vez. — *Não tenho medo...*

Fim

